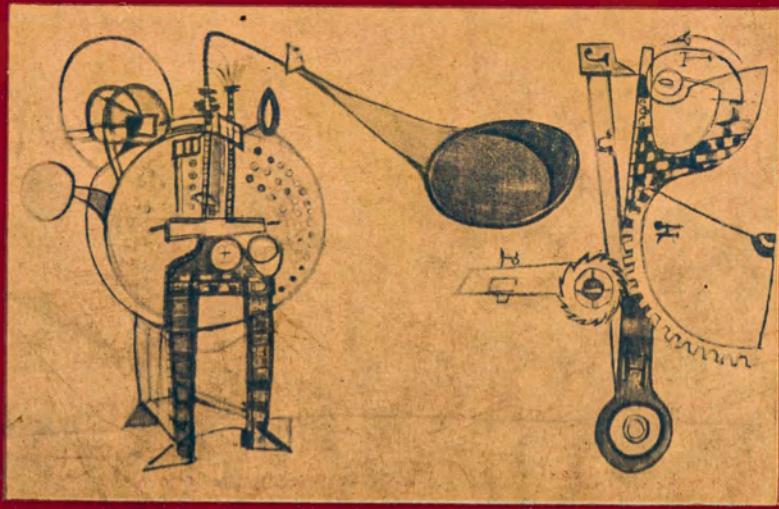


9

HABITAT

revista das artes no Brasil

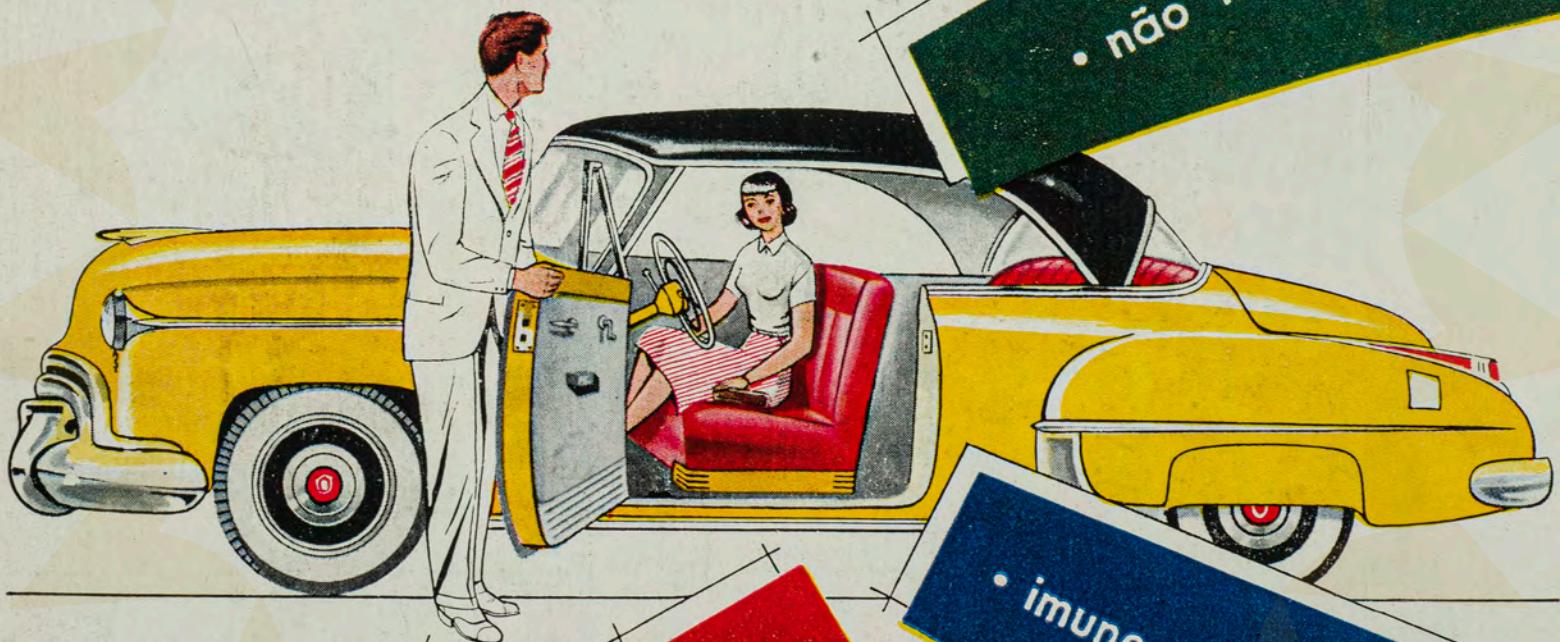


PARA ESTOFAMENTOS



• cores firmes

COURO-PLÁSTICO PLAVINIL



• não mofam

À VENDA
EM TODAS
AS BOAS
CASAS
DO RAMO.

• não mancham

• higiênicos

• imunes aos insetos

**o máximo
em qualidade**

PLÁSTICOS PLAVINIL S. A.
Caixa Postal 12862 End. Teleg. "PLAVINIL" São Paulo

KNOEDLER

Established 1846



Rembrandt, Autoretrato, Gravura, 1639

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
COMTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

Restoring

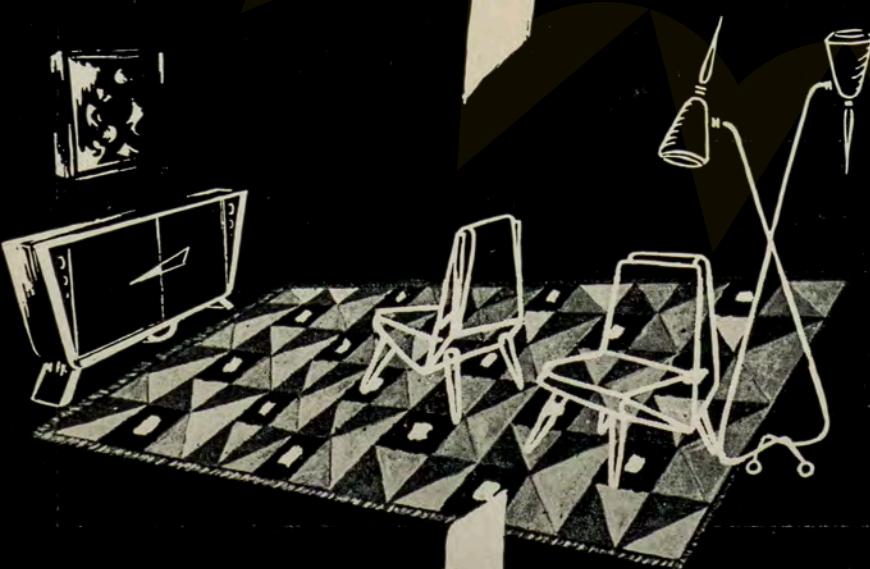
NEW YORK CITY
14 East 57 th Street

LONDON
14 Old Bond Street

PARIS
22 Rue des Capucines

home

studio arte
decorativa
home ltda
rua santa izabel
58 66 fone 367354



Cosmopolita

TRADIÇÃO /
QUALIDADE!

ARTIGOS SANITÁRIOS
VÁLVULAS • FOGÕES
AQUECEDORES
BALANÇAS • METAIS
PARA VARIOS FINS

55
Anos
vivendo de perto
a história da
indústria nacional

METALÚRGICA PAULISTA S.A.



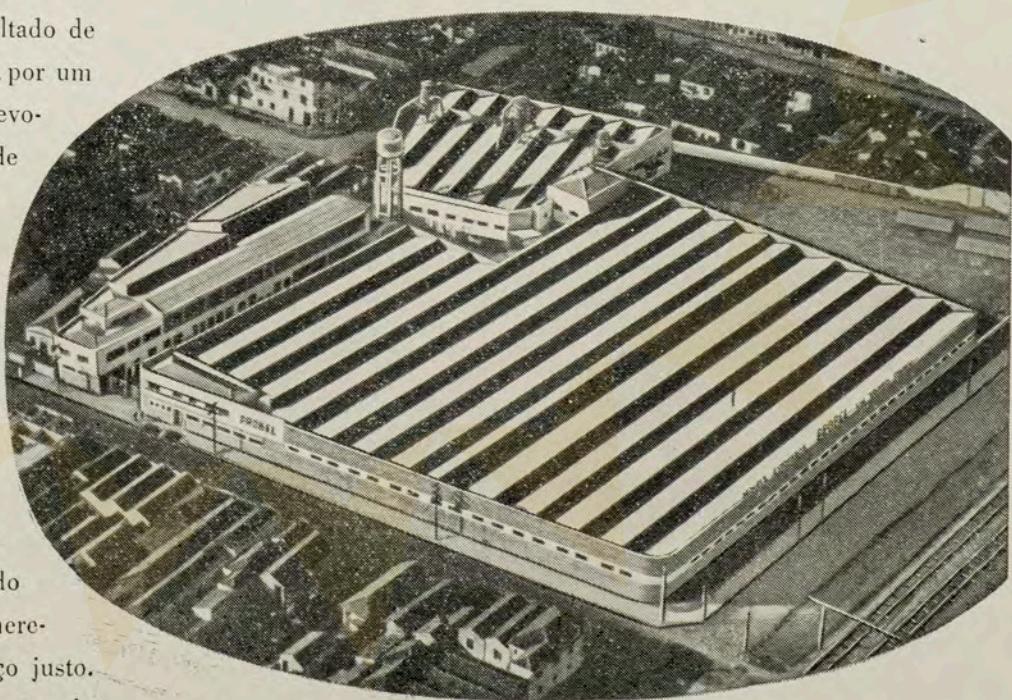
A Mola Mágica



Reprodução do painel de 4 mts. de largura, por 2,10 de altura, do consagrado pintor brasileiro DI CAVALCANTI, no hall da fábrica Probel, em S. Paulo, simbolizando o corpo de uma indústria — as molas — e sua alma — o Homem!

que construiu PROBEL — uma grande indústria!

É uma história simples: foi tudo resultado de uma mola mágica, concebida, certa vez, por um cérebro inventivo. Ela trazia novos e revolucionários rumos para a indústria de colchões e móveis estofados. O público aprovou-a... preferiu-a. E a indústria cresceu. Claro, que essa pequenina mola apoiava-se numa filosofia: o princípio de que uma indústria não é composta apenas de máquinas, nem visa apenas vender. Ela está antes de tudo, a serviço do Homem. Do Homem que nela trabalha e merece conforto, segurança e dignidade. E do Homem para o qual ela trabalha, que merece produtos de qualidade, por um preço justo. E esta foi sempre a filosofia de Armações de Aço Probel S. A. — a filosofia que a transformou, de pequenina organização, na maior indústria do gênero na América do Sul!



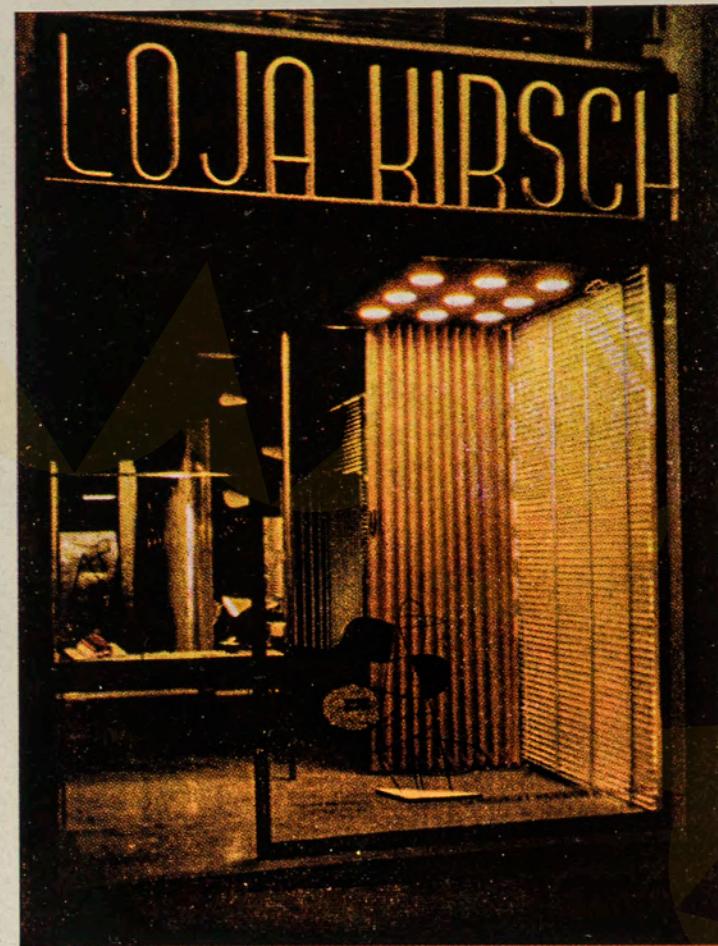
Vista aérea da moderníssima Fábrica Probel em S. Paulo, a maior indústria de colchões de molas e móveis estofados, na América do Sul

ARMAÇÕES DE AÇO PROBEL S. A.

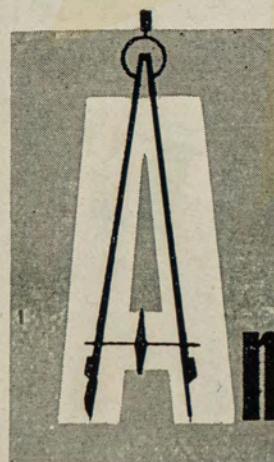
Pioneira da industrialização do conforto no País

Fábrica: Rua Vilela, 307 (Tatuapé) - Caixa Postal, 1711 - FONE 9-0927 (P. B. X.)
Exposição: Av. Ipiranga, 442 - Esq. Rua São Luís - FONE 36-5597 - São Paulo

PROJETO E EXECUÇÃO DA "AMBIENTE"
SEÇÃO DE INSTALAÇÕES



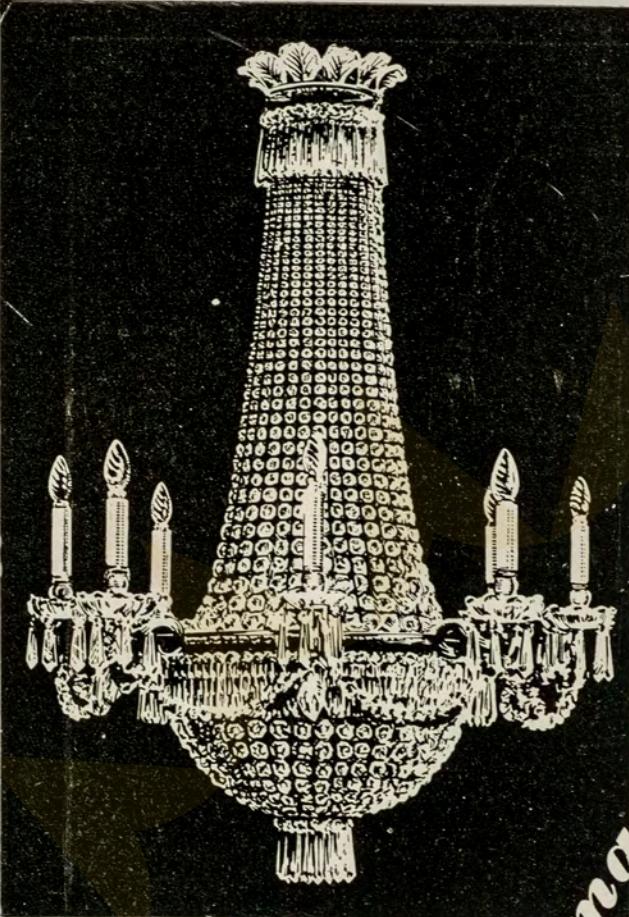
INSTALAÇÃO E DECORAÇÃO DE UMA LOJA
DE PERSIANAS E "MODERN FOLDS",
CONCEPÇÃO MODERNA, UTILIZANDO COMO ELEMENTO
DECORATIVO OS PRÓPRIOS PRODUTOS DE REVENDA



ambiente

soc. comercial de móveis ltda.

móveis modernos
decorações
tapeçarias
instalações
objéto de arte

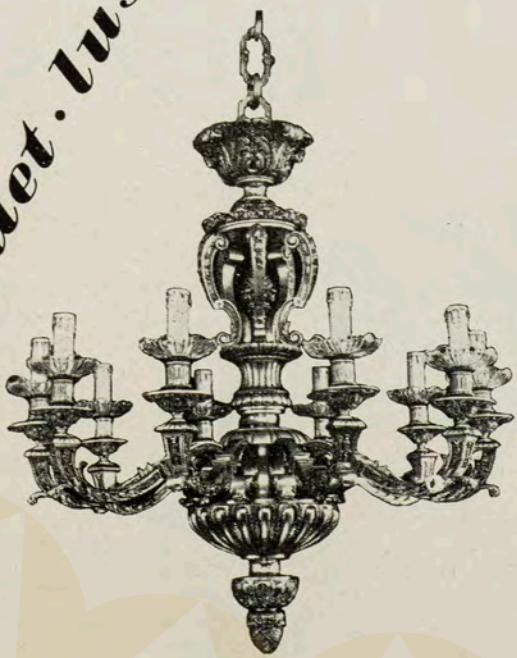


LUSTRES

IMPORTADOR DIRETO

DAS MELHORES FABRICAS

DA EUROPA

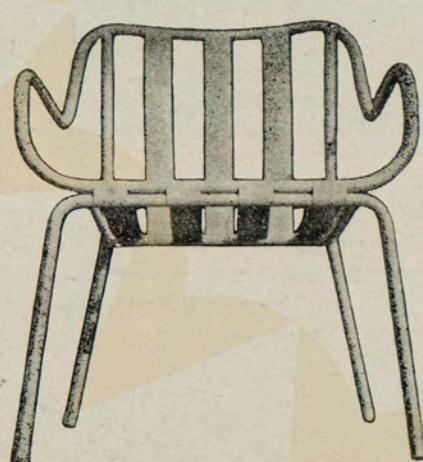


nasuet lustres masuet. lustres masuet. lustres masuet. lustres masuet.

MASUET

av. brasil, 216 - tel. 8-2958

A maior exposição do Brasil em lustres finos. Permanentemente se recebem os modelos mais originais das produções europeias: Lustres, plafons e arandelas em cristal Bohemia, porcelana francesa, bronze artístico e cristal colorido. Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua Residencia. Especialidade em grandes lustres sob encomenda para finas Residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. - Colocação gratuita por pessoal especializado.



m o v e i s a r t e s a n a l l t d a .

m o v e i s m o d e r n o s d e a l t a q u a l i d a d e

são paulo, rua arnaldo, 13, itaim; caixa postal, 6510, telefone 8-5635

NOVAS CRIAÇÕES

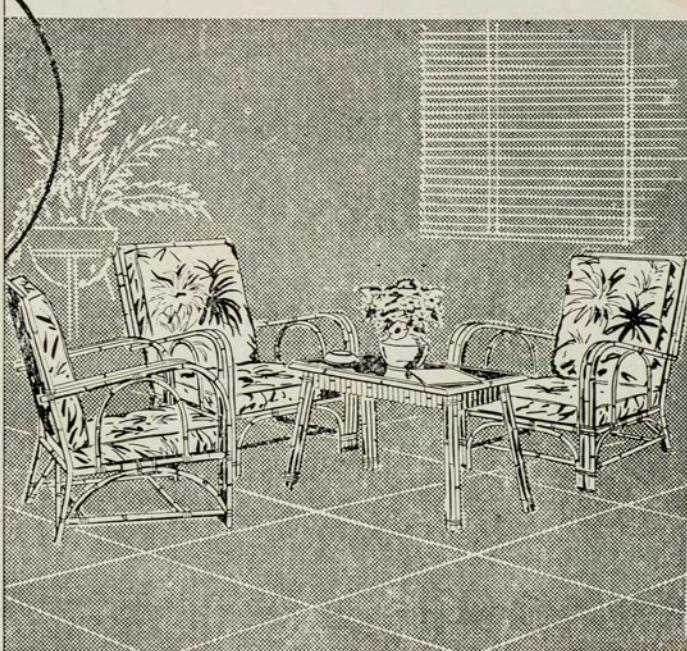
Copa Cabana

em móveis
para ambientes modernos,
residências, clubes e
escritórios.

Artistas de apurado gôsto
idealizaram e nossas
oficinas executaram
estes originais e lindos móveis,
dignos das comemorações
do nosso 4º aniversário.
Visite as novas e moderníssimas
instalações **Copa-Cabana**.

Venha conhecer nossa soberba coleção
de móveis estofados e também
os tradicionais conjuntos em ferro,
juncos, cana da índia e madeira.
Criações exclusivas.

4º



Poltronas de cana da índia,
tipo Bahia com almofadas em tecido
estampado Cr \$ 1.150,00.
Mesa com tampo de formica
ou vidro Cr \$ 980,00.

ANIVERSÁRIO

VENDAS A PRAZO

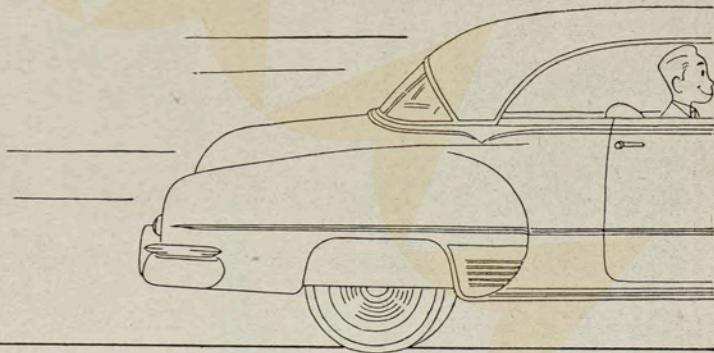


AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 378 - TEL. 32-7847 - S. PAULO

Às 2as. e 6as. feiras, aberta até 22 horas

★ SIRIUS - 1016

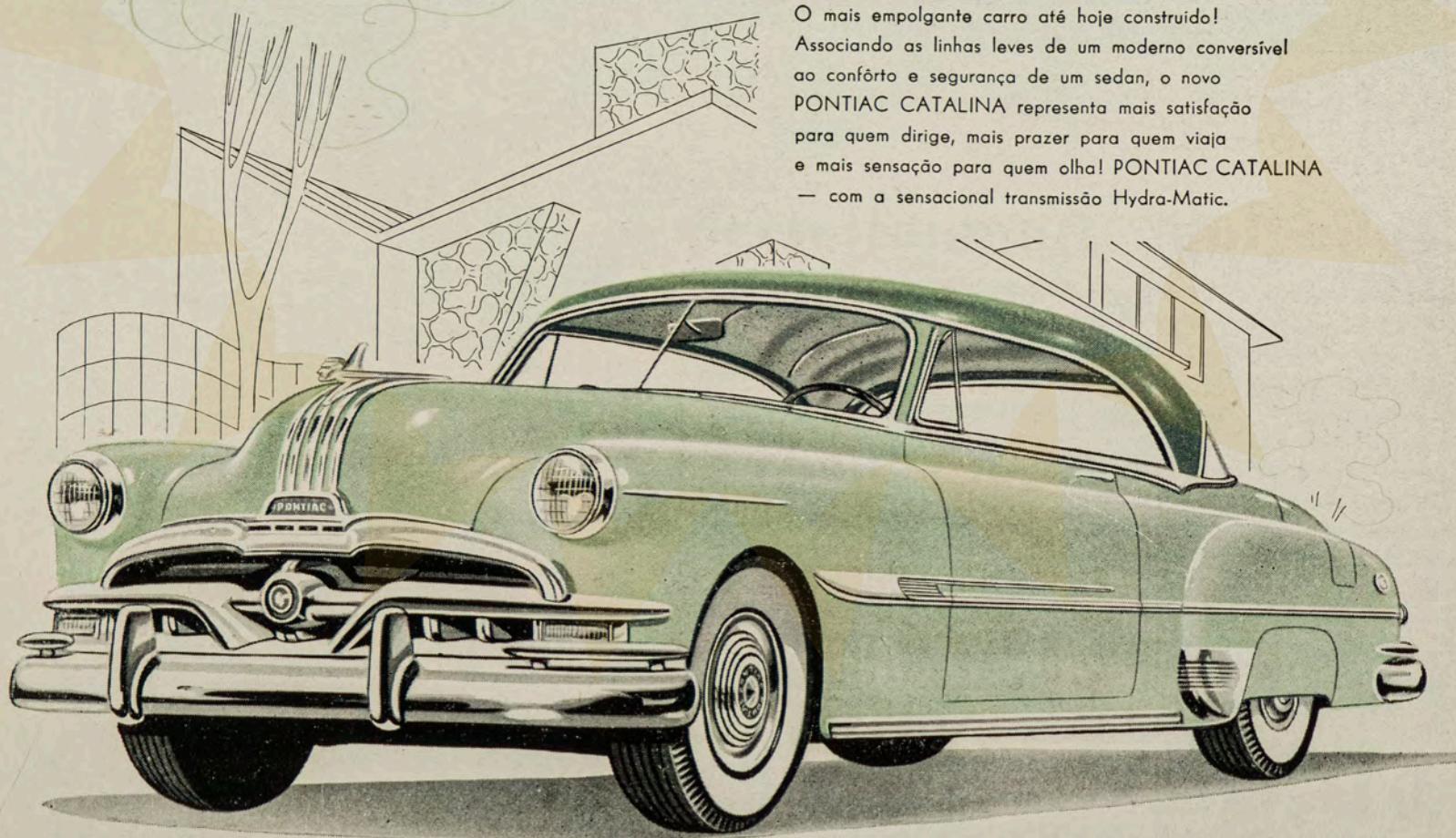
**Todos
param
para
olhar**



o novo
PONTIAC

Catalina

O mais empolgante carro até hoje construído!
Associando as linhas leves de um moderno conversível
ao conforto e segurança de um sedan, o novo
PONTIAC CATALINA representa mais satisfação
para quem dirige, mais prazer para quem viaja
e mais sensação para quem olha! PONTIAC CATALINA
— com a sensacional transmissão Hydra-Matic.



PRODUTO DA **GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.**
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS



Painel de Roberto Burle Marx. Edifício "Antonio Ceppas", Rio de Janeiro

MOSAICO
VIDROSO

«VIDROTIL»

VENDAS:

SÃO PAULO: S/A DECORAÇOES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 – Telefone, 32-2326

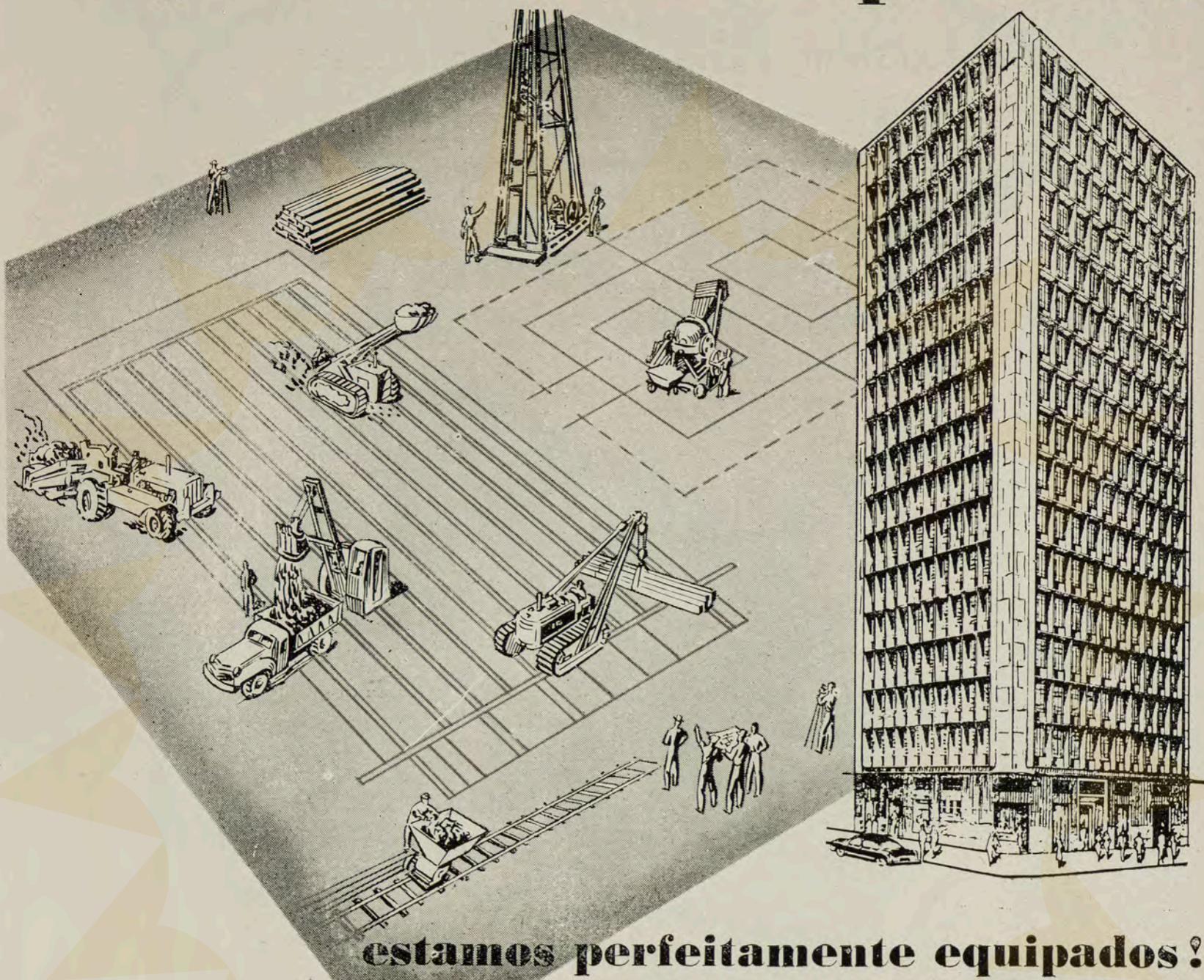
RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Almirante Alexandrino, 200, S. 202 – Fone, 22-4394

PORTO ALEGRE: C. TORRES S. A. - Rua Voluntários da Pátria, 338 – Fone, 7144

SALVADOR: GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8

BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Av. Amazonas, 266, 12.º andar, Sala 1218 – Fone, 2-6354

da planta ao edifício pronto...



estamos perfeitamente equipados !

Especializados, há mais de 6 anos, em engenharia civil, tivemos o cuidado, desde o inicio, de dotar todos os nossos departamentos dos mais modernos e indispensáveis requisitos técnicos. Nossos 15 especialistas estudam e executam todos os nossos compromissos, projetando, calculando, orçando, construindo, a par disso, entra em função nossa maquinaria, movimentando-se as betoneiras, ba'e-estacas, compressores de ar, perfuratrizes, bombas, serras elétricas, guinchos e outros equipamentos indispensáveis à perfeição, rapidez e economia das construções que nos são confiadas. Nossa tirocínio é baseado no grande número de construções já levadas a efeito, em várias cidades do Paraná e Santa Catarina, destacando-se especialmente grandes edifícios, hospitais, fábricas e conjuntos residenciais, com os mais modernos traçados ! No exclusivo interesse dos nossos clientes — possuimos fábricas de esquadrias metálicas e inúmeras britadoras — mantemos depósitos de materiais, adquiridos sempre nas próprias fontes de produção! Para auxiliá-lo na solução de problemas de projeto e construção, estamos sempre ao seu dispor, sem compromisso



IWERSEN, LOYOLA & PIERRI S. A.

Escrítorio: R. Dr. Murici, 739 — 3º andar — Cx. Postal, 1143
Endereço Telegráfico: "ILOPI" — Telefones, 124 e 2355
Curitiba — Paraná — Brasil

Existem milhares de imitações...
Mas apenas do rótulo!



Não há outra com
o mesmo sabor,
refrescante e
saudável
como a

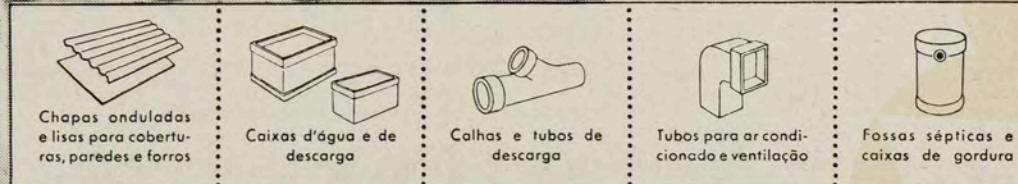
**ÁGUA
TÔNICA
DE QUININO
ANTARCTICA**

PRIMEIRO NA IDADE... E NA QUALIDADE!

CIMENTO-AMIANTO
Eternit preferido pela sua alta resistência

MARCA REGISTRADA

Primeiro material de cimento-amianto obtido por processo moderno, ETERNIT é fabricado exclusivamente com amianto de fibras rigorosamente selecionadas e cimento "Portland" da melhor qualidade. Por isso pode garantir 100% a sua extraordinária resistência e durabilidade — características que o tornaram preferido nas mais variadas construções. De peso reduzido, ETERNIT alivia as estruturas, facilita o transporte e reduz o custo da mão de obra. Aprovado e preferido pela Engenharia Brasileira, ETERNIT confirma a sua fama de ser o melhor cimento-amianto usado em todo o mundo.



Standard-ES-R-17



- INCOMBUSTÍVEL
- TERMO-ISOLANTE
- IMPERMEÁVEL
- INOXIDÁVEL
- RESISTENTE

Distribuidores em todo o Brasil

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S/A

MATRIZ: São Paulo — Fábrica em Osasco — São Paulo — Telefones: 57 e 58
 Caixa Postal, 7044 — São Paulo — Enderéço Telegráfico: "Eternit São Paulo"

FILIAL: Rio (D. F.) — Fábrica em Honório Gurgel — Rio — Esc. Praça Pio X, 78
 9.º and. — Tel. 23-0427 - Cx. Postal, 3338 — End. Teleg.: "Eternit Rio de Janeiro"

VENDAS NO RIO E EM SÃO PAULO:

MONTANA S.A. ENGENHARIA E COMÉRCIO — Rio: Rua Visconde de Inhaúma, 64 - 4.º andar - Telefone 43-8861 — São Paulo: Rua Conselheiro Crispiniano, 20 - 4.º andar - Telefone 34-5116
 SOCIEDADE TÉCNICA E COMERCIAL SERVA RIBEIRO S.A. — São Paulo: Rua Florêncio de Abreu, 779 - Telefone 33-7101 — Rio: Rua Teófilo Otoni, 123-A - 6.º andar - Telefone 43-1952
 TÉCNICA E MERC. DE MATERIAIS GERAIS "TEMAG" S.A. — São Paulo: R. Cons. Crispiniano, 398 - 6.º - Tel. 34-0069 — CIA. INDUSTRIAL E MERCANTIL - CASA FRACALANZA - Rio: R. Teófilo Otoni, 123 - Tel. 23-4869

Espaçoso refrigerador de seis pés cúbicos, da mais alta qualidade, contendo todas as conveniências essenciais para a dona-de-casa. É o modelo ideal para a copa ou cozinha onde o espaço é limitado.

1. PRATELEIRA PARA PEQUENOS ENVÓLUCROS

Ideal para pacotes de manteiga, queijo e outros, ficando esses envólucros ao alcance fácil da mão.

2. PRATELEIRA GRANDE PARA GARRAFAS

Contém espaço bastante para litros de leite e garrafas de bebidas. Conserva o líquido na temperatura conveniente. A abertura na pequena prateleira de cima, proporciona lugar para garrafas altas.

3. SUPER CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO

Amplo espaço entre as largas prateleiras, proporciona lugar suficiente para toda espécie de comestíveis de tamanho grande, como presunto e metade de uma melância.

4. CONGELADOR DE GRANDES PROPORÇÕES

Espaço para 9 quilos de alimentos a serem frigorificados. Duas gavetas para fazer gelo com 28 cubos, totalizando 2 quilos. Estas gavetas estão providas de alavanca extratora para facilitar a retirada dos cubos. Espaço adicional para mais alimentos frigorificados.

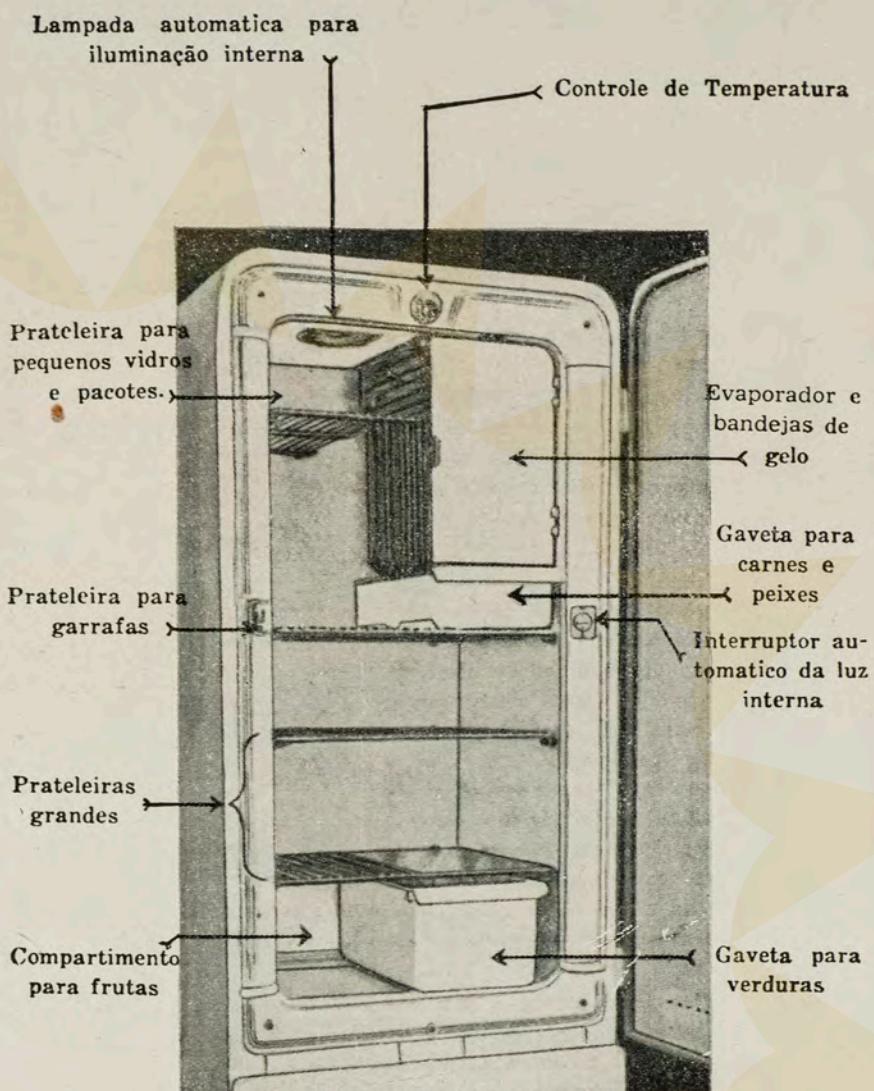
5. GAVETA PARA CARNE

De tamanho grande, localizada diretamente em baixo do congelador, com bastante espaço para carne fresca, conservando-a na temperatura certa, quase congelada. Nesta gaveta podem-se também armazenar cubos de gelo adicionais.

6. GAVETA PARA VERDURAS

Conserva verduras e frutas na temperatura conveniente sem desidratá-las. As verduras se mantêm frescas e orvalhadas. Esta gaveta desliza facilmente sob a tampa de vidro.

CONHEÇA O SEU REFRIGERADOR NORGE



MODÉLO S-650 B

CONVENIÊNCIAS ADICIONAIS

● **PARTE EXTERNA:** A prova de umidade, gabinete de aço estampado, soldado elétricamente. Pintura com esmalte sintético, branco brilhante. Painel interno da porta, de "Norgite" de calafetação integral, com vedadores de borracha tubular. Trinco de manejo fácil e macio. Isolação interna do refrigerador com lã-de-vidro. Base com parafusos niveladores.

● **PARTE INTERNA:** Interna, de porcelana branca e lustrosa. Prateleiras de aço cadmeados à prova de ferrugem. Controle de temperatura ajustável, e luz interna. Guarnições frontais internas de "Polyesterene".

● **UNIDADE SELADA:** Composta pelo famoso mecanismo refrigerador "Rollator", contendo apenas 3 peças móveis, trabalhando em banho de óleo permanente; 1/2 de H. P., 110 volts, 50 ou 60 ciclos, motor monofásico, corrente alternada, suspenso com borracha para operar silenciosamente. Refrigerante: gás Freon 12. Plano de garantia de cinco anos.

CAPACIDADE E DIMENSÕES:

Capacidade de armazenamento 6,1 pés cúbicos

Área das prateleiras 10,9 pés quadrados

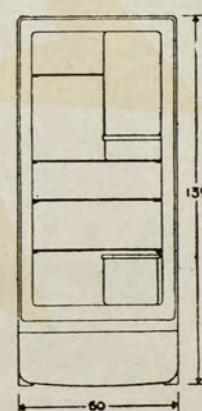
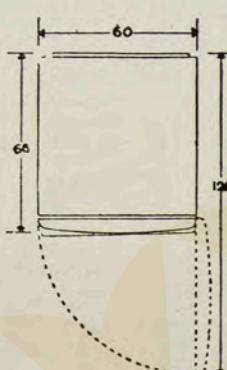
Capacidade do congelador 9 quilos

Altura do refrigerador 139 centímetros

Largura do refrigerador 60 centímetros

Fundamental do refrigerador 66 centímetros

Peso 96 quilos



CONCESSIONÁRIO AUTORIZADO

AO MOVELHEIRO LTDA.

Casa fundada em 1900

MATRIZ: AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 289 — **FONES:** 32-2214, 33-2324, 33-7922, 35-2942

FILIAIS: Rua Quintino Bocaiuva, 261 — Fone 36-9722
Rua Santa Efigênia, 227 — Fone 34-8461
Largo do Arouche, 285 — Fone 52-3488

DEPÓSITO: Rua Americo de Campos, 9



HA UMA MESA FIEL

para cada necessidade
de uma organização moderna
MÁXIMA PERFEIÇÃO NOS MÍNIMOS DETALHES

Cofres — Arquivos
Fichários — Mesas
Armários — Guarda-roupas



Conjuntos completos de
móveis e implementos
de aço para escritório:

MÓVEIS DE AÇO FIEL S.A.

R. Cachoeira, 670 - Tel. 9-5544 e 9-5545 - S. Paulo

ARTGRAF

unidos para sempre...



Cia. Brasileira de Artefatos de Metais
Caixa Postal 8113 - São Paulo

Corações que se adoram e são felizes...
Encantamento... Núpcias... Presentes...
Entre as mais finas dádivas resplandece a beleza
soberba de um faqueiro Wolff — que os
acompanhará através do tempo marcando para
sempre a doce lembrança desse dia venturoso...
Wolff — tradicional símbolo de qualidade
em talheres e faqueiros dos mais variados estilos.
Tudo é perfeito! Para um presente feliz
— Wolff é a melhor escolha!

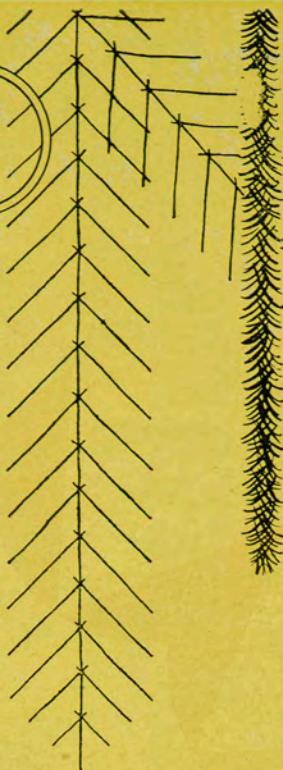
TALHERES E BAIXELAS

WOLFF

ALPACA * AÇO INOXIDÁVEL * PRATA

Presentes modernos

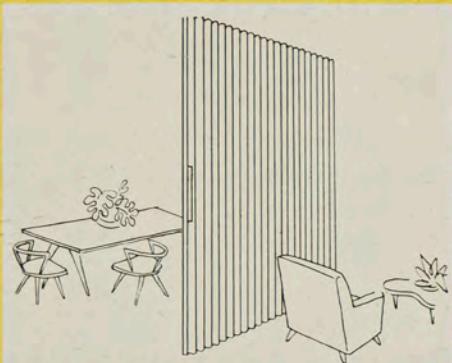
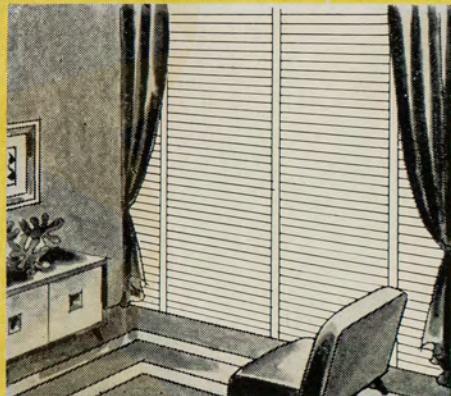
PARA OS LARES MODERNOS!



PERSIANAS

sun-aire **Hirsch***

Lâminas em forma de "S"



DIVISÕES SANFONADAS *

modernfold

DIVIDE - SEPARA E FECHA

- a solução ideal para todos os problemas de espaço !

PERSIANAS

flex-o-lite
SUPER - LUXO

Lâminas em forma de arco

* EM LINDAS CORES



FERRAGENS DE EXTENSÃO

Hirsch

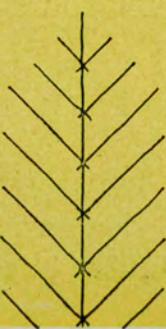
A maior novidade para colocação de cortinas. Decorativas e práticas

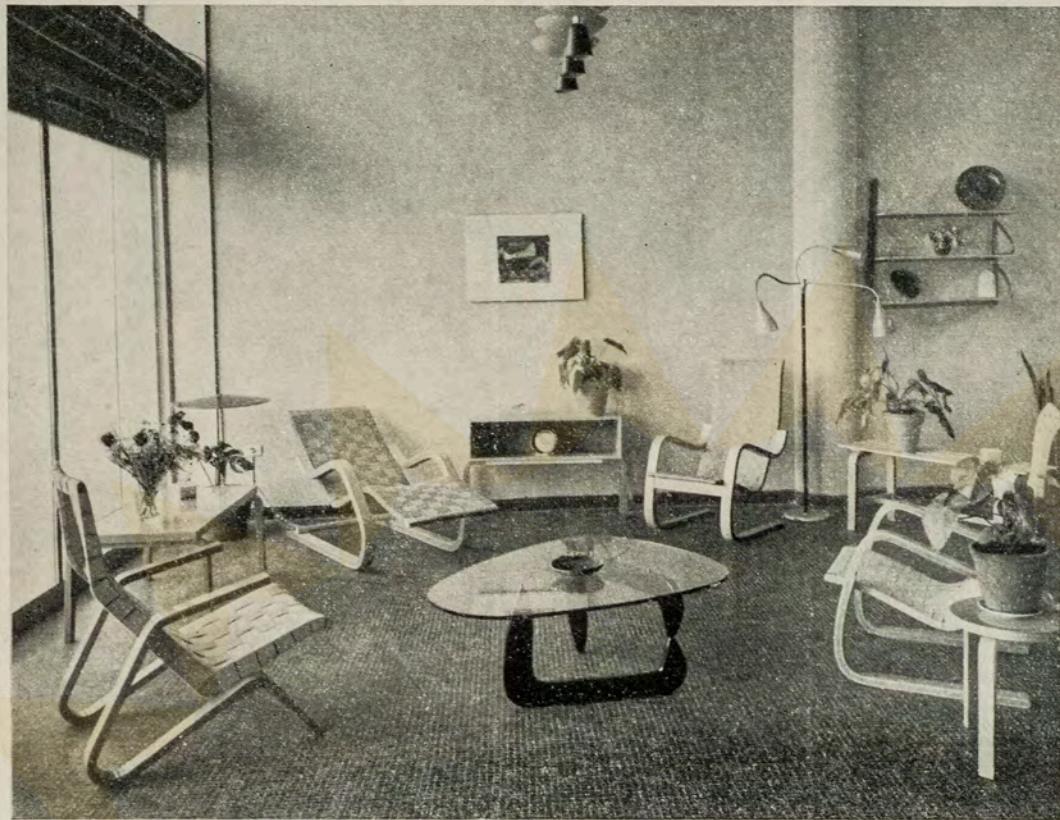
LOJA

Hirsch

S. PAULO: Rua Cons. Crispiniano, 115 - Fone 32-6041
SANTOS: Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - sala 408

COMPANHIA MECÂNICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO





Decorações Iluminação Moderna

Único Representante e
Distribuidor dos Móveis
Patenteados Modernos
do Prof. Aalto



Modelos diversos de
outros arquitetos

MOVEIS SUECOS ARTODOS LTDA.

São Paulo: Rua Major Sertório, 96
Rio de Janeiro: Av. N. S. Copacabana, 291 F - Telef. 37-0513



APARELHOS DE ILUMINAÇÃO EM GERAL — MÓVEIS E DECORAÇÕES EM FERRO BATIDO
PROJETO E EXECUÇÃO SOB DESENHO — SERVIÇO DE SERRALHERIA ARTÍSTICA



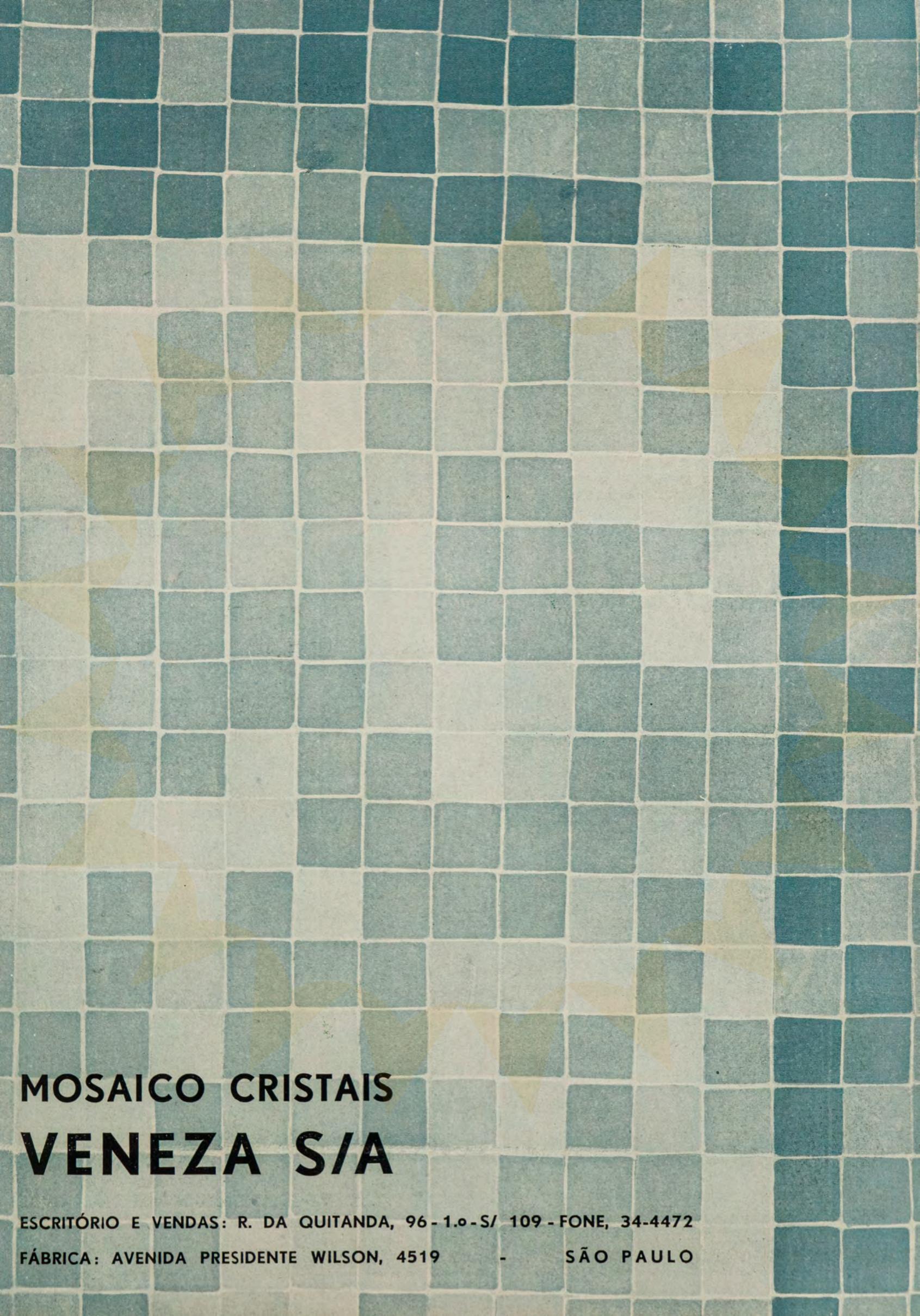
LUSTRES, LANTERNAS,
LUZ INDIRETA, PLAFONIERS
em CRISTAL, BRONZE e ALABASTRO

2.ºs e 6.ºs Feiras: Aberto até as 22 horas

MESAS, CADEIRAS,
POLTRONAS, LAREIRAS,
CONSOLOS



Loja - Exposição - Escritório: Rua Augusta, 520 — Fone 34-6495 — End. Teleg. "PRESERVIT"
Fábrica: Rua Augusta, 847 — Fone 34-6624 — São Paulo

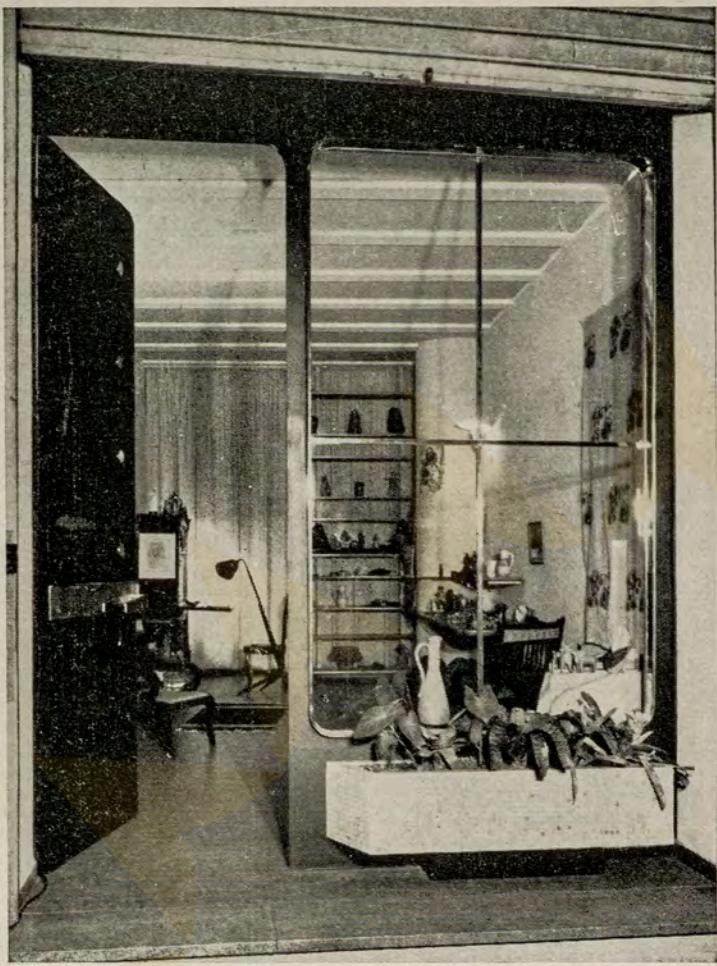


MOSAICO CRISTAIS VENEZA S/A

ESCRITÓRIO E VENDAS: R. DA QUITANDA, 96 - 1º - S/ 109 - FONE, 34-4472

FÁBRICA: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 4519

SÃO PAULO



antigoroso

OBJETOS DE
ANTIGUIDADES
ARTE MODERNA

RUA BASILIO DA GAMA, 86
TRAVESSA AV. IPIRANGA
E PARALELA Á R. 7 DE ABRIL



Galeria instalada por JEAN MULLER — Decorador

DOMINICI
APARELHOS
DE ILUMINAÇÃO
MODERNA

RUA 13 DE MAIO, 53 • TELEF. 33-9372

GOONTEX



a capa que veste o Brasil

TERRAPLENAGEM
LOTEAMENTOS
CONSTRUÇÕES CIVIS
PARQUES E JARDINS

HABITAT
ENGENHARIA S/A

RUA LIBERO BADARÓ, 595
3.º ANDAR - SALAS 301 A 303
36-1953 E 36-0734 — SÃO PAULO

haar studios

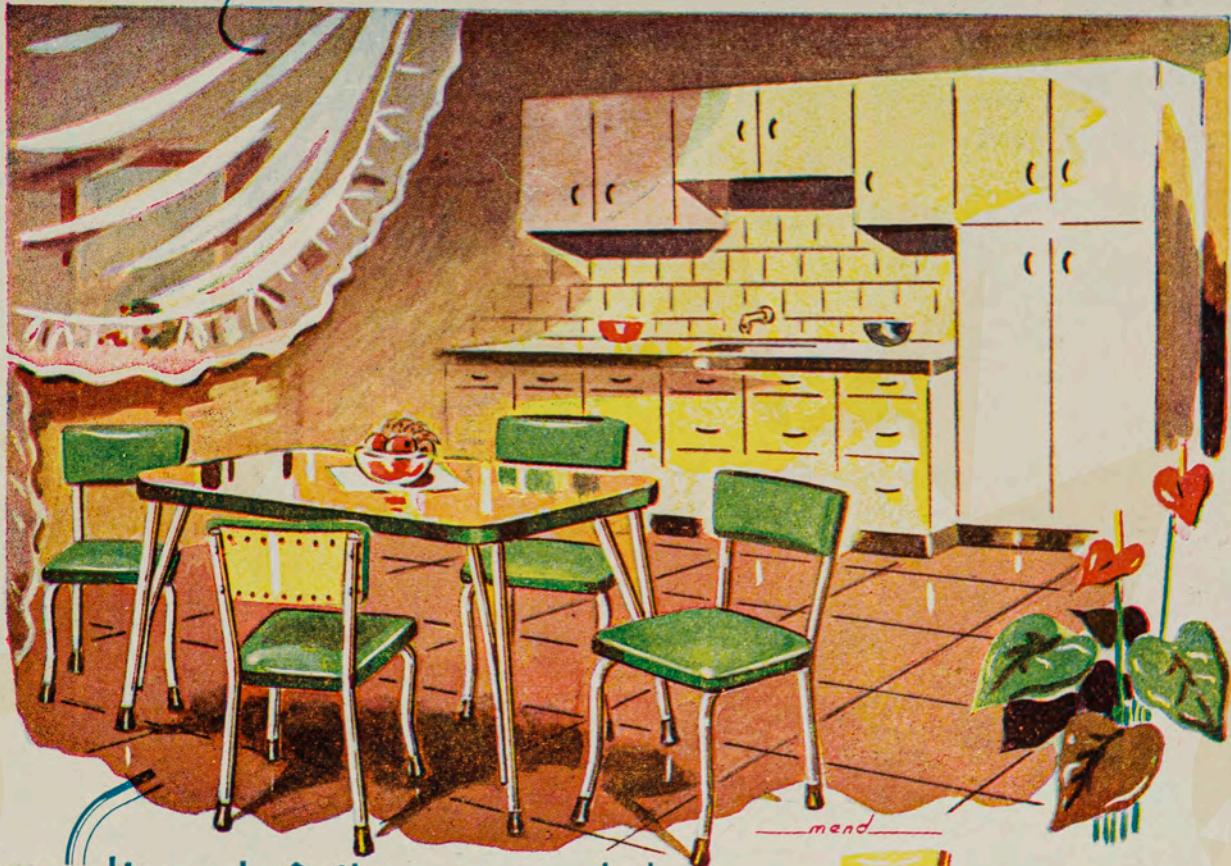
desenhos

fotografias

2976

rua cons. crispiniano, 344
são paulo • telefone: 35-5632

..... ambiente de encanto em sua COPA-COSINHA!



2 motivos de êxito nos produtos
tubularte

FÓRMICA
e
LAMINADOS
PLAVINÍLICOS

Instalações
completas.
tubularte



tubularte

UM PRODUTO DA

IND. COM. SIDERAUTO LTDA.

TUBULARTE

MOVEIS CROMADOS
PARA TODOS OS FINS

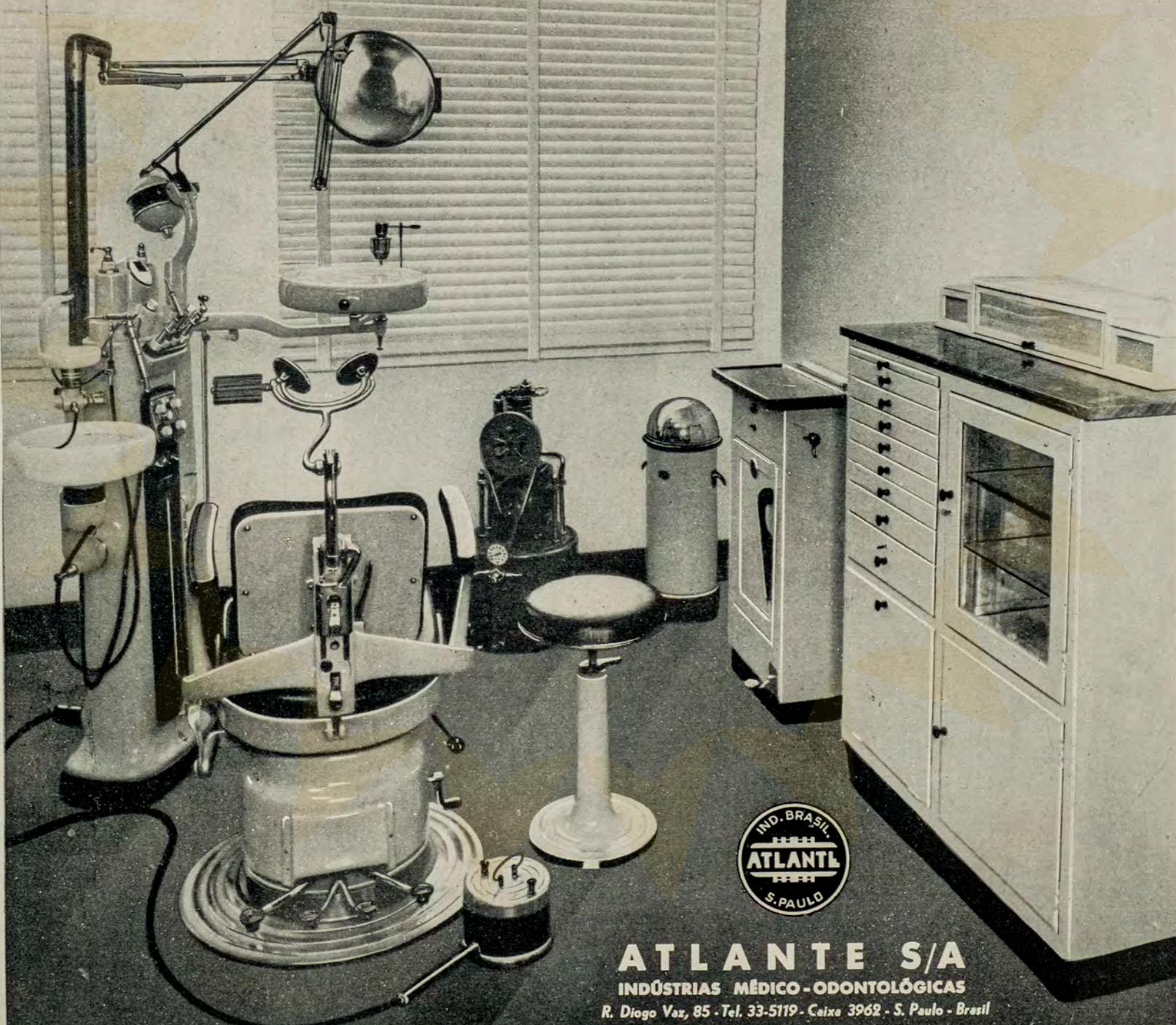
Exposição e Vendas: Rua Bresser, 1163
Brás - (á 50 m. da Av. Celso Garcia)
Fone, 9-3449 - São Paulo

Indústria: R. Bairão, 42 - Fone 9-9441

A maior indústria Sul Americana de equipamentos odontológicos

ATLANTE S/A

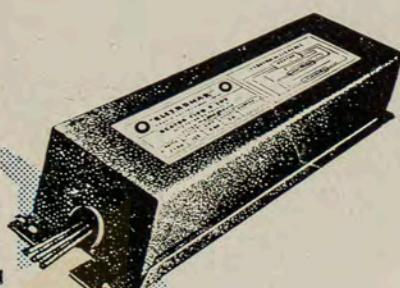
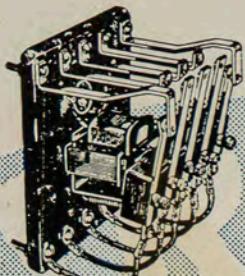
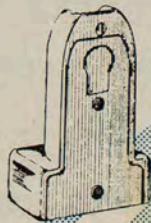
apresenta um dos modernos consultórios de sua fabricação



ATLANTE S/A

INDÚSTRIAS MÉDICO - ODONTOLÓGICAS

R. Diogo Vaz, 85 - Tel. 33-5119 - Caixa 3962 - S. Paulo - Brasil



RELES
MAGNETICOS

BOTOEIRAS

REATORES
PARA LAMPADAS FLUORESCENTES

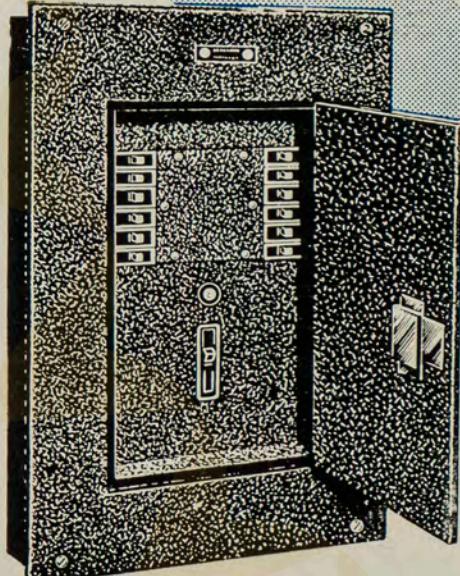
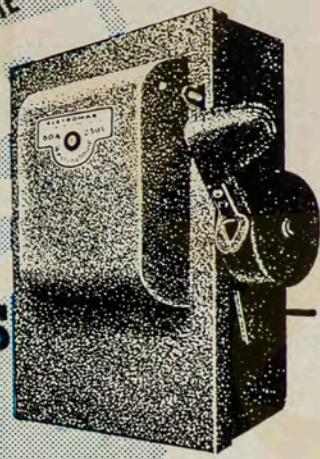


CENTROS
DE DISTRIBUIÇÃO

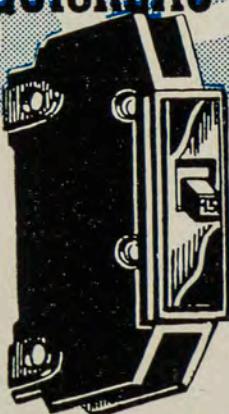
QUADROS
DE DISTRIBUIÇÃO

CHAVES
BLINDADAS

GUARDA
MOTORES



UNIDADES
"QUICKLAG"



PRODUÇÃO

DA

ELETROMAR

INDÚSTRIA ELÉTRICA BRASILEIRA S. A.

Concessionários e distribuidores da Westinghouse Electric International Co.

RIO DE JANEIRO

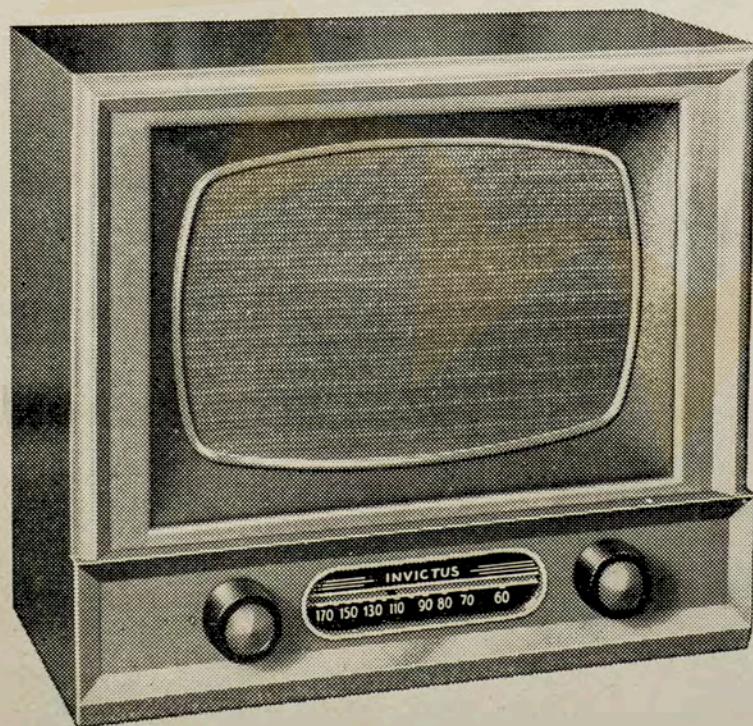
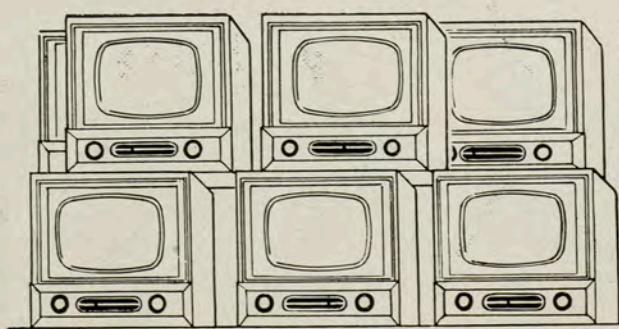
Rua México, 90 - 1.º and.
Telefone: 32-8103

FILIAL SÃO PAULO

Rua Major Sertório, 92 - 4.º and.
Telefone: 36-2745

-um padrão de qualidade na indústria de rádio!

-um
verdadeiro
presente de
Papai Noel!



soberba apresentação
dum receptor de "cabeceira"
em linhas de grande atualidade.
TELEVISINHO é um verdadeiro
presente do Papai Noel, obra dos labo-
ratórios **INVICTUS**.

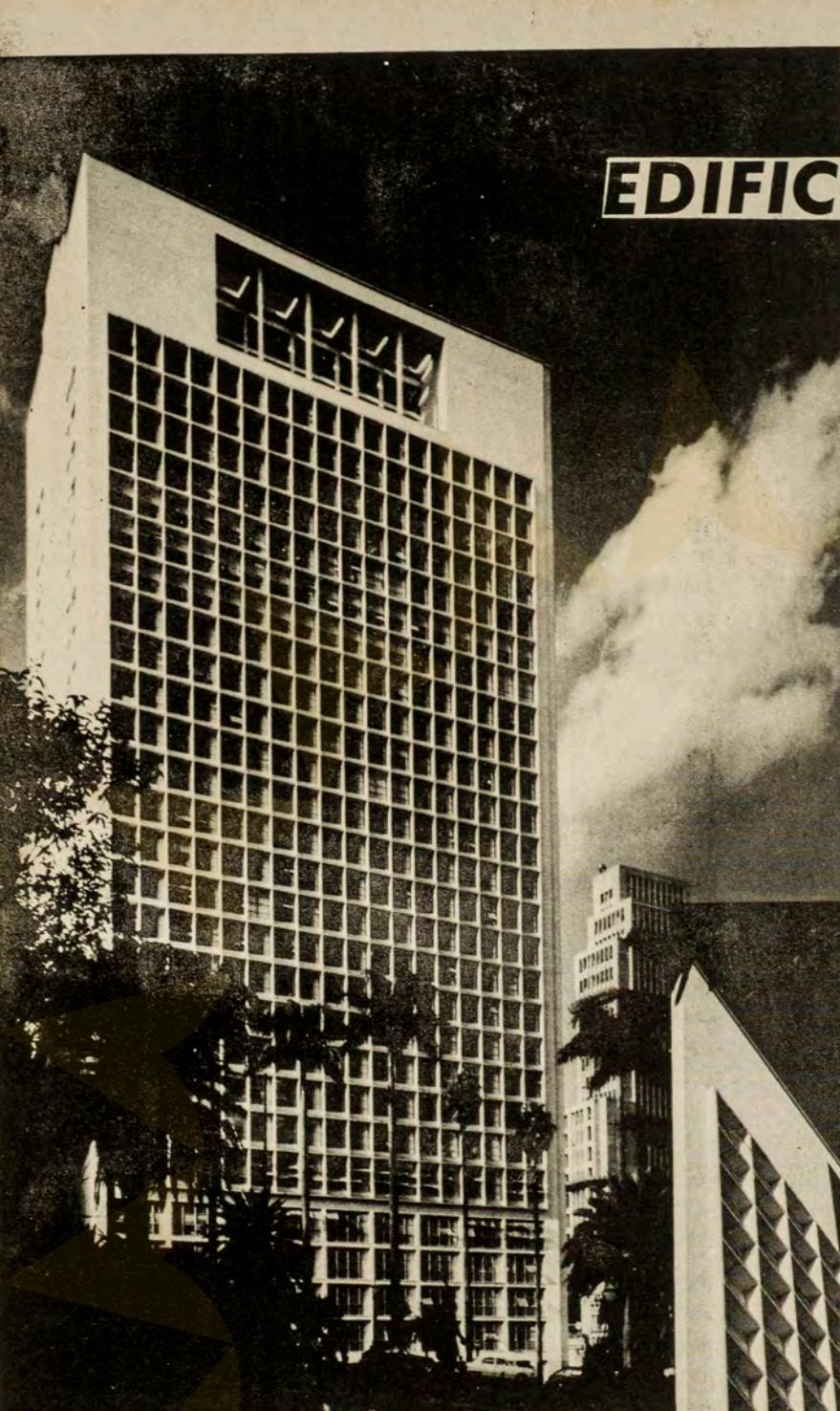


CARACTERISTICAS DO **TELEVISINHO**

- ONDAS MEDIAS — 1.700 - 550 Kc.
- 5 VALVULAS de grande rendimento
- VARIAVEL 2x452 mfd.
- 2 transf. FI de ferrocarril
- ALTO FALANTE de 4 pol.
- DIAL LUMINOSO
- Dimensões: 17 x 15 x 6 cms.

RÁDIO
INVICTUS
TELEVISÃO

ELEVADORES
ATLAS



EDIFÍCIO

C B I **ESPLANADA**

SÃO PAULO

33 PAVIMENTOS

50.000 m²

12 ELEVADORES ATLAS

CAPACIDADE 20 PESSÔAS

VELOCIDADE 210 m p / m

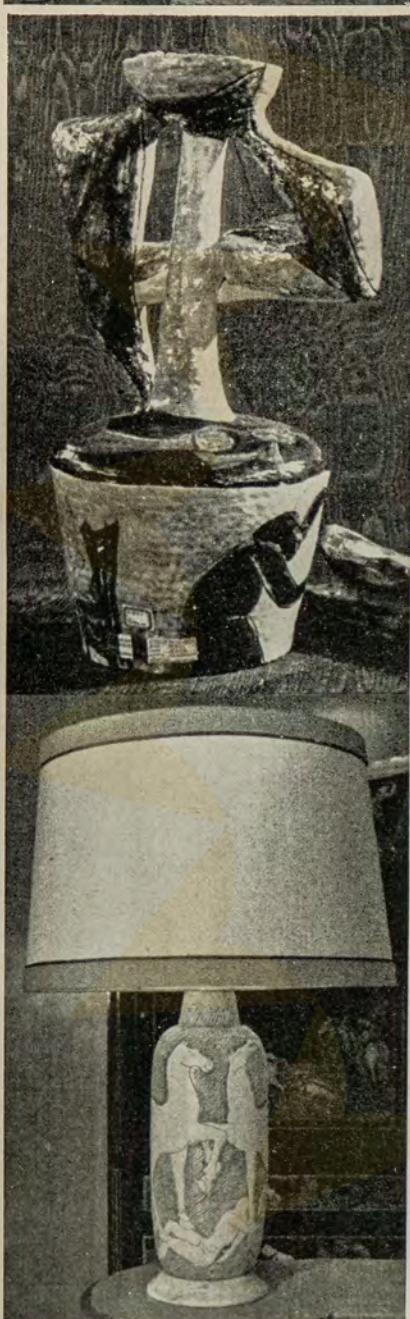
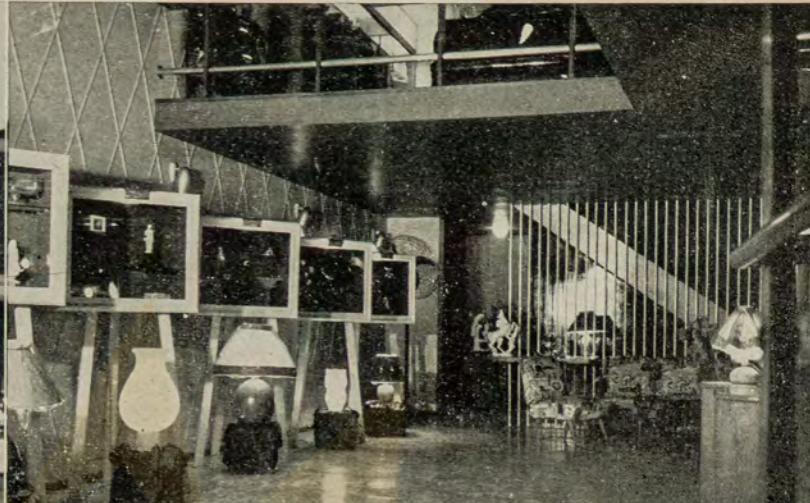
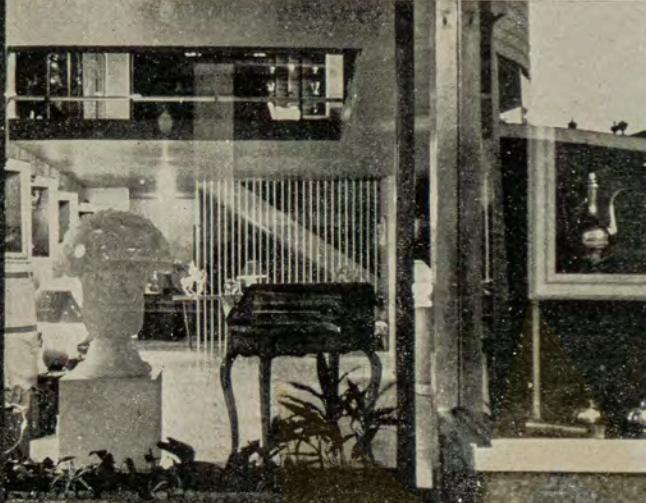
**SELECTOMATIC
CONTROL**

ARQUITETO: LUCJAN KORNGOLD

ELEVADORES ATLAS S.A.

São Paulo - Rio de Janeiro - Belo
Horizonte - Santos - Campinas - Recife
Porto Alegre - Salvador - Curitiba





O Prestígio do Artesanato

Nesta época de intensa industrialização de tudo; nesta quadra da vida da humanidade em que muita coisa é produzida em série, nas chamadas linhas de montagem, falar-se de artesanato é o mesmo que dar vários saltos para traz, nos caminhos tortuosos da história.

Entretanto, ainda hoje, o artesanato italiano que tanto prestígio teve no passado, continua inalterável.

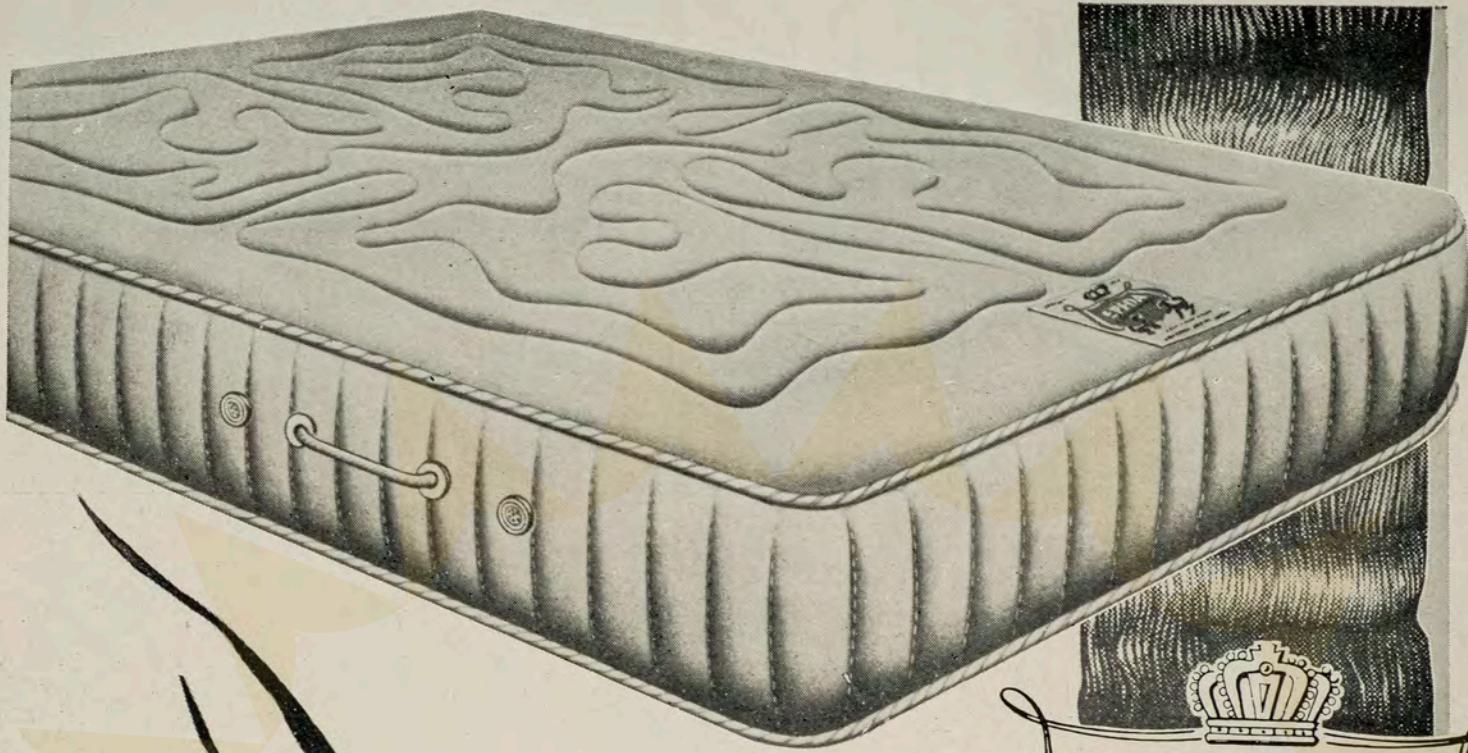
Têm uma prova disto, quem visita, no Rio de Janeiro, à Rua Evaristo da Veiga, 19, a Exposição Permanente do Artesanato Italiano. Os elementos utilizados para serem transformados em pequenas ou grandes obras de arte, como a pedra, o couro, o marfim, o barro, os vidros, as madeiras, os tecidos, etc., são motivos para respeitar e admirar o artesão, pelo seu engenho, pelo seu gênio, pela sua habilidade. Do seu gênio criador e da habilidade de suas mãos prodigiosas, saem peças que vão guarnecer e emoldurar as residências dos que sabem apreciar o bom, o belo.

A Exposição Permanente do Artesanato Italiano, organizada pelos Artesanatos Unidos Representações Ltda., do Rio de Janeiro e graças ao espírito empreendedor dos seus dirigentes, os irmãos Andréa e Mario Savio, vem pondo ao alcance dos brasileiros uma belíssima coleção do que o gênio criador peninsular vem produzindo.

As fotos que ilustram esta página dão bem uma amostra do que a artesania peninsular vem realizando, numa magnífica demonstração de trabalho, arte e boa vontade, honrando, assim, a grandeza da gente italiana.

**ARTEZANATOS UNIDOS REPRESENTAÇÕES LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 19 — RIO DE JANEIRO**





*Esperado
Ansiosamente...*

Erga bem alto seu ideal de conforto...
eleva ao máximo seu bom gôsto... e aí
então você verá que só EPEDA Luxuosíssimo
poderá satisfazê-lo.

EPEDA Luxuosíssimo é o novo colchão de molas
que todos aguardavam. Confeccionado com a mais
requitada técnica, EPEDA Luxuosíssimo é o único Colchão de
Molas a apresentar "fofias" camadas de pasta-feltro formando
um verdadeiro "edredon" sobre o qual é um privilégio repousar...

Mas, não é só. Falta dizer que recobre EPEDA Luxuosíssimo,
fina cobertura de tecido — assetinado, toda trabalhada em
bordado "cordônet" um adorno no mais rico dormitório.

E EPEDA Luxuosíssimo "guarda dentro de si" um
molejo internacionalmente famoso e apurado.



EM EXPOSIÇÃO E VENDA
NAS BOAS CASAS DO RAMO

Em medidas padronizadas e sob medida: Preço desde Cr\$ 1.900,00

EPEDA

COLCHÃO DE MOLAS DE ALTA CLASSE DE REHOMÉ MUNDIAL

LOJA-EXPOSIÇÃO: R. Vieira de Carvalho, 169 - Tel.: 34-1691

Um produto das INDÚSTRIAS RAPHAEL MUSSETTI S. A.

R. Catarina Braida, 79 - Telefones: 9-2486 e 9-3857 - S. Paulo



TAPETES STA. HELENA

FEITOS A MÃO



Stand da Manufatura de Tapetes Sta. Helena S.A., na Exposição Industrial, organizada pelo Departamento da Produção Industrial

Grande variedade de tapetes em estoque para entrega imediata.

Executam-se tapetes sob encomenda em qualquer estilo e formato, com entrega rápida.

SÃO PAULO

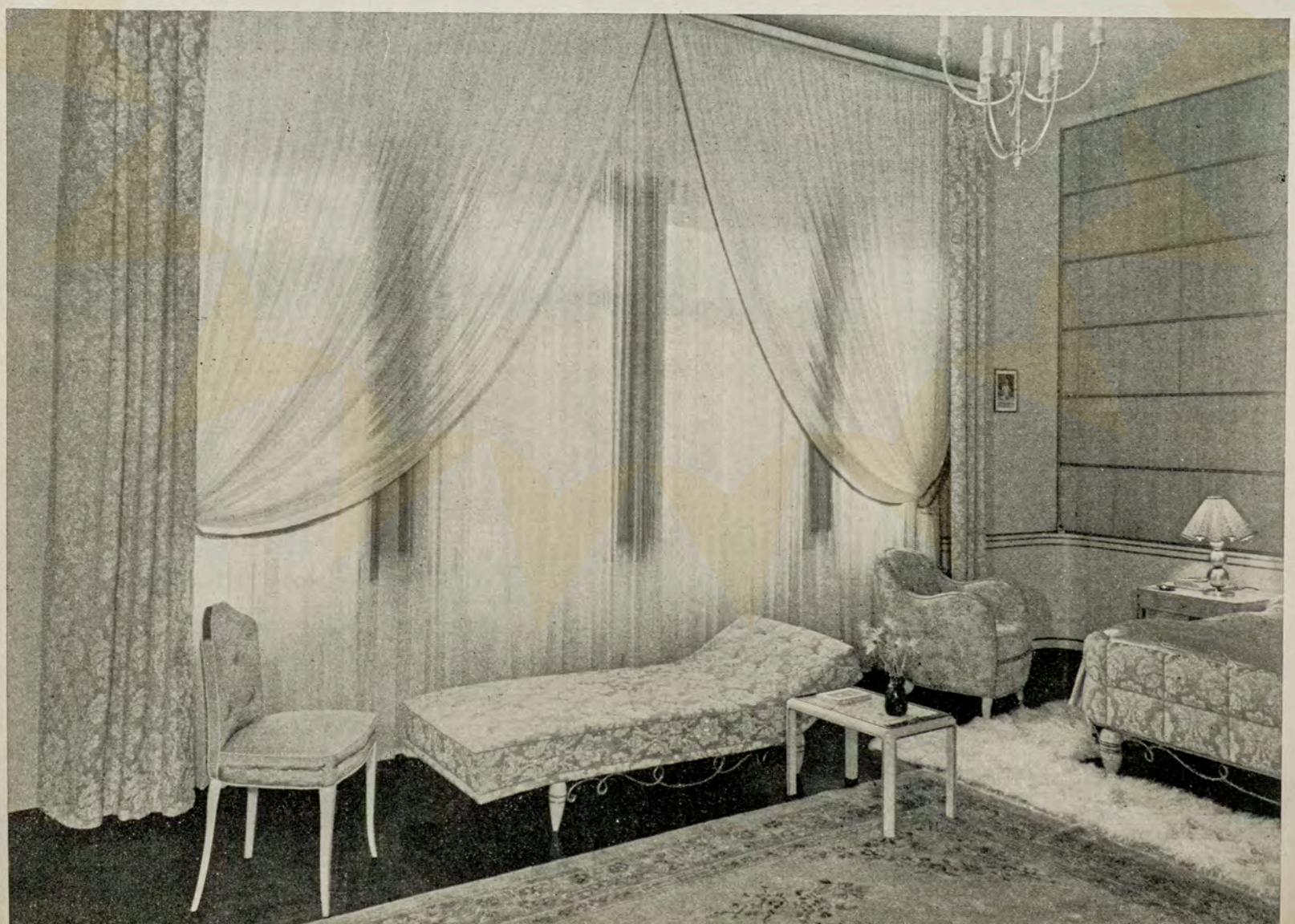
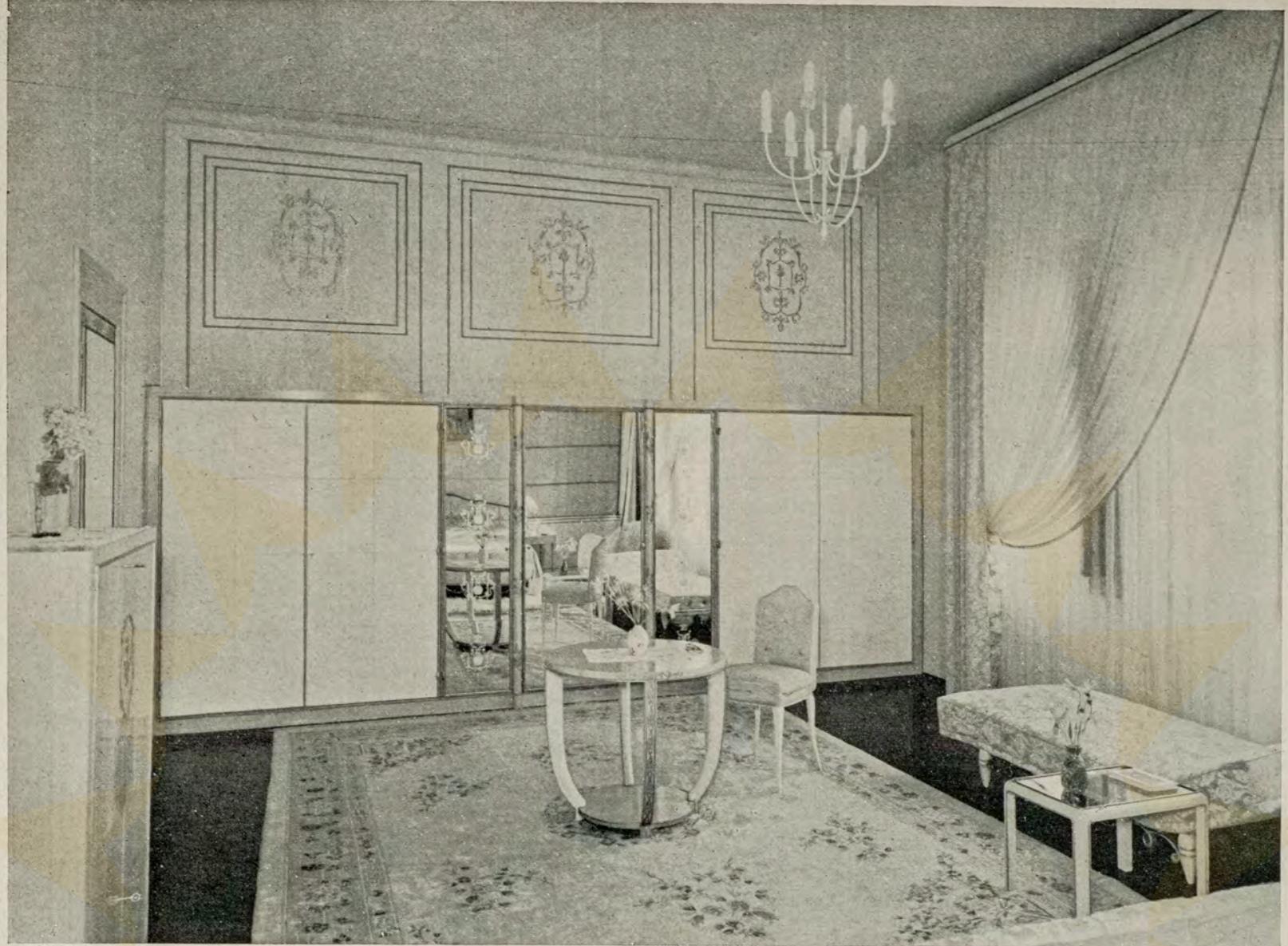
Rua Antonia de Queiroz, 183

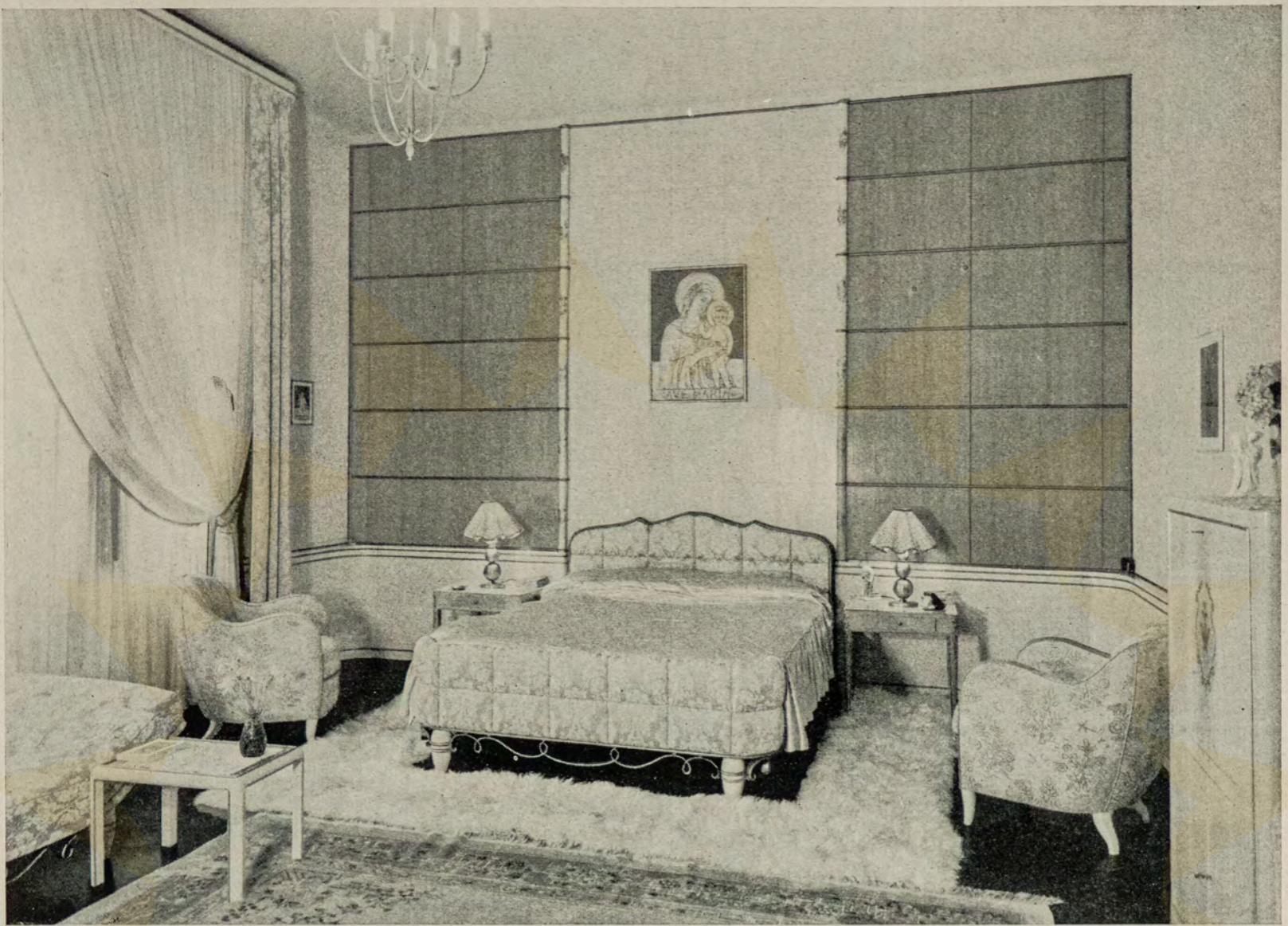
Tels.: 34-1522 e 36-7372

RIO DE JANEIRO

Rua Chile, 35

2.º and. - Tel.: 22-9054





Fotografia: Leon Liberman



DINUCCI DECORAÇÃO DE INTERIORES

DECORAÇÃO ARQUITETONICA - MÓVEIS - ESTOFAMENTOS - CORTINAS

RUA AUGUSTA, 762 À 770 - FONE: 34-8718 - SÃO PAULO

REPRESENTANTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL E DA ARGENTINA

NÃO TEMOS FILIAIS

Representantes:

Concedemos representação para toda a cidade do Paiz, onde hajam possibilidades de colocação para nossos produtos.

VITRAIS CONRADO SORGENICHT S. A.

"UMA CASA TRADICIONAL MAS SEMPRE NA VANGUARDA"



Alguns dos grandes cristalartes executados para o salão do novo edifício do Banco Comércio e Indústria de S. Paulo S. A., representando a "lavoura" e a "mineração".

R. BELA CINTRA, 67 - TELS. 34-5649 e 36-4091 - S. PAULO

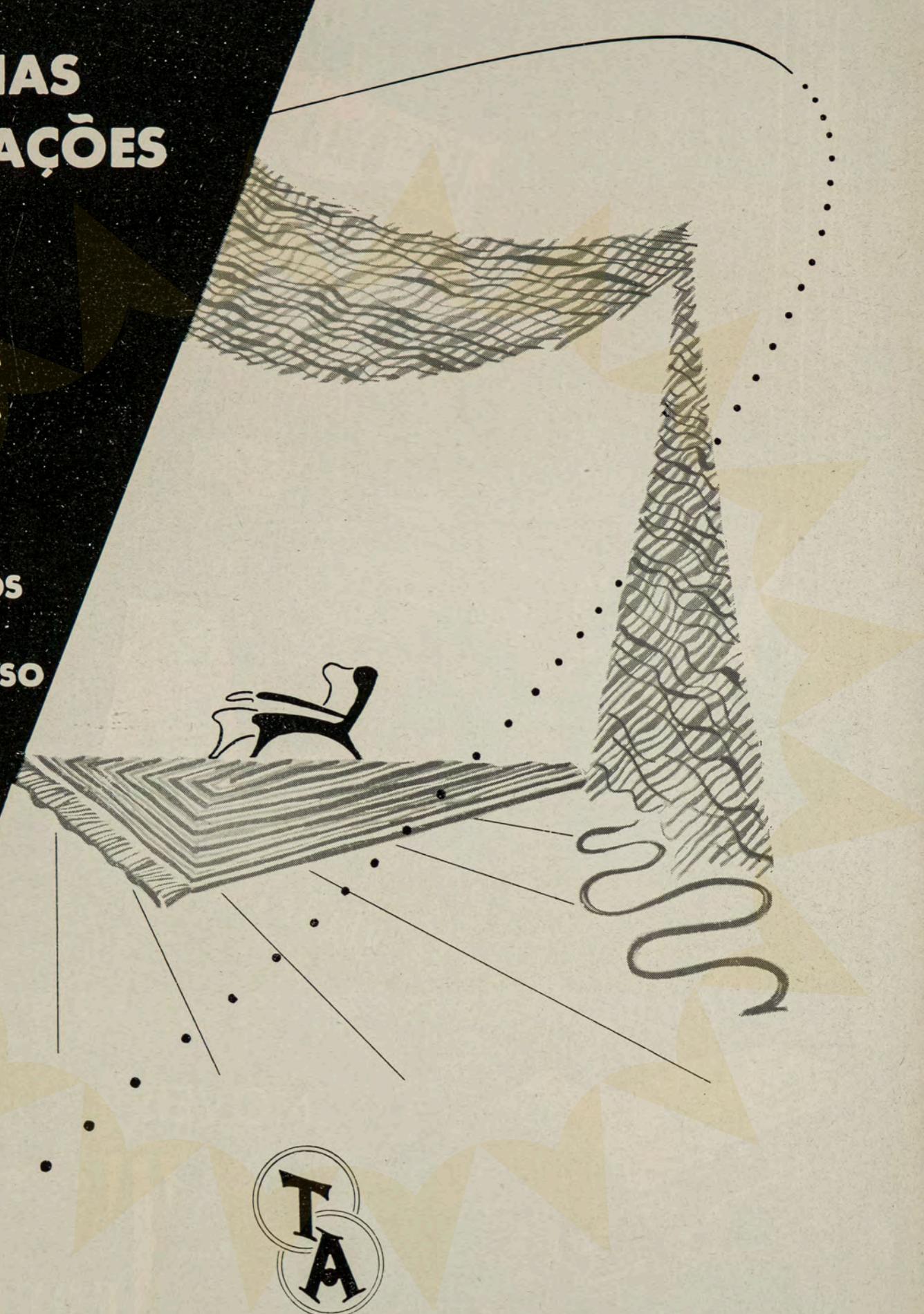
AGÊNCIAS: RIO - CAMPINAS - PÔRTO ALEGRE - SALVADOR - RECIFE



CORTINAS DECORAÇÕES

OFICINA
PRÓPRIA

ESTUDOS
E
ORÇAMENTOS
SEM
COMPROMISSO



• • TAPEÇARIA ALFREDO

Rua Santo Antônio N.º 811
Telefone: 34-7472

São Paulo

Dê uma nota artística...

NA DECORAÇÃO DE SEU LAR!

MÓVEIS



★ Tapetes

★ Cortinas

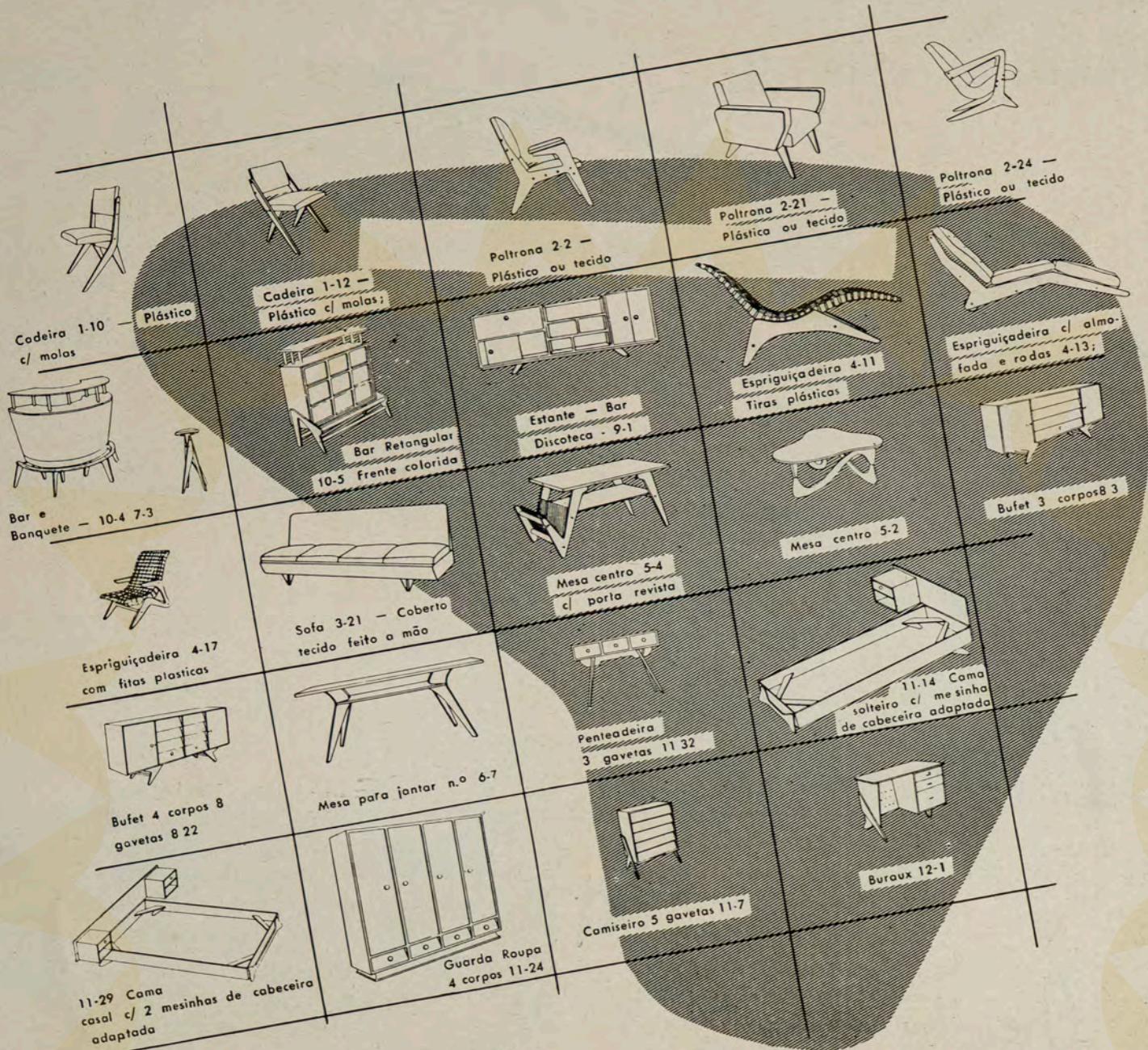
LEPERMAN

AV. RANGEL PESTANA, 2109

Tel.: 9-5205

Não tem filiais

móveis funcionais



Confortáveis e originais, os móveis artísticos ZANINI representam a máxima conquista do artesanato mobiliário brasileiro. Acentuando suas qualidades próprias, os móveis ZANINI incorporam em seu conjunto outros excelentes e modernos materiais: — Molas ^{NOVAZ} — Plásticos PLAVINIL e Compensados Impermeáveis MADEIRIT. Isso lhes assegura a perfeição e a inestimável utilidade que os distinguem cada dia mais!





O orgulho
de expor... de ofertar...

Cristais Prado

Na beleza e
distinção dos Cristais
Prado, a senhora
encontra o máximo
de satisfação para quem
sabe recepcionar!

Realmente, o orgulho de
expor os Cristais Prado, só é
comparável a distinção
de quem os oferece!

Oriundos de artífices
altamente especializados
que, como os antigos
Venezianos, trabalham peça
por peça, os Cristais
Prado emprestam aos
ambientes um toque de
requintada elegância e
expressiva fidalguia.

Visite as Exposições de Cristais Prado, nas bôas Casas do ramo ou nas

LOJAS PRAZO

Rua 24 de Maio, 57 — Telefone, 34-8472
Rua do Arouche, 107 — Telefone, 34-2613
e brevemente à Avenida Celso Garcia, 429

A instalação de sua loja



DO PROJETO

À EXECUÇÃO...



é seu melhor cartão de visita!



Modernize seu estabelecimento e lucrará mais. INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE", com seu corpo de técnicos experimentados no ramo, estão aptos a criar e executar os mais lindos trabalhos, tornando seu estabelecimento um verdadeiro atrativo para seus clientes. INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE" e seus técnicos estão prontos a apresentar projetos sem compromisso, para qualquer parte do país.

INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE"

"*J. T. O. E.*"

MÓVEIS — DECORAÇÕES

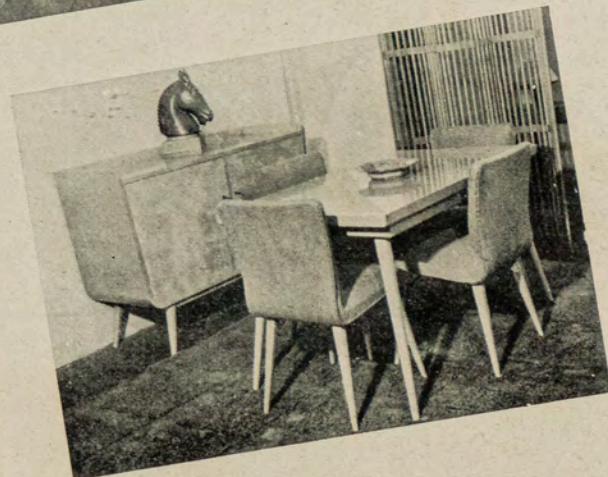
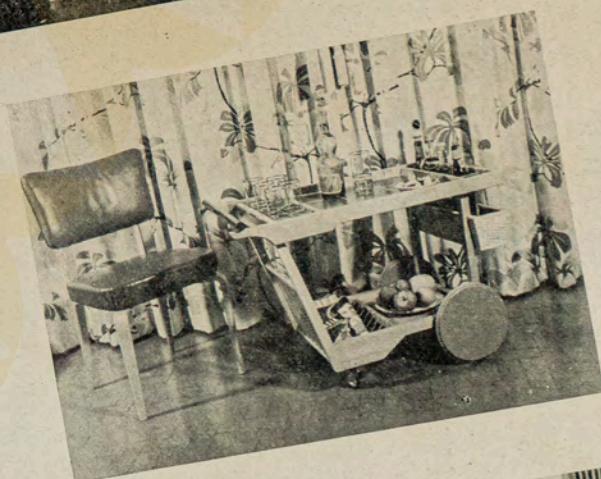
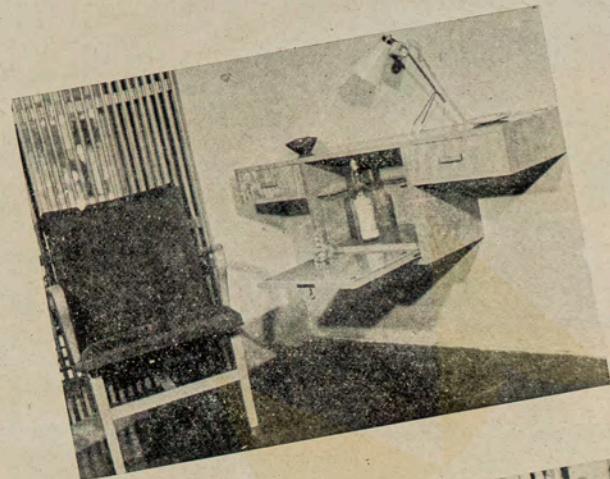
Rua Lavapés, 225; Fones: 36-4745 e 36-1699
SÃO PAULO

Porcelanas Finais



*Fabricantes de porcelanas finíssimas em aparelhos
de jantar, chá e café, artigos de adorno,
bibelots, porcelana para hoteis, hospitais, etc.*

CASA SUECIA



ONDE

A LINHA

FUNCIONAL

É BELEZA

MOVEIS MODERNOS

DE ESTILO SUECO

ABAT-JOURS — LUSTRES

TECIDOS PARA MOVEIS

E ESTOFAMENTOS

INDUSTRIA E COMERCIO DE MOVEIS LTD.

LOJA:

AV. N. S. COPACABANA, 838
RIO DE JANEIRO

FÁBRICA:

RUA DOS INVÁLIDOS, 123
TEL. 32-9241

Crescendo...

SERVINDO!

Bastante expressivo tem sido o desenvolvimento do BANCO NACIONAL IMOBILIÁRIO, nestes últimos 5 anos.

Entretanto, o progresso de uma Instituição bancária não se mede apenas pelos algarismos constantes do seu balanço.

No nosso caso, mais expressivos ainda do que os números, são os bons serviços e a responsabilidade com que temos procurado atender a uma enorme clientela, que constantemente nos honra com sua confiança.

A fim de continuarmos merecendo essa confiança, tudo faremos para alcançar um alto índice de evolução, sempre através de melhores e eficientes serviços.

RESUMO DO BALANCETE

Em 30 de Setembro de 1952

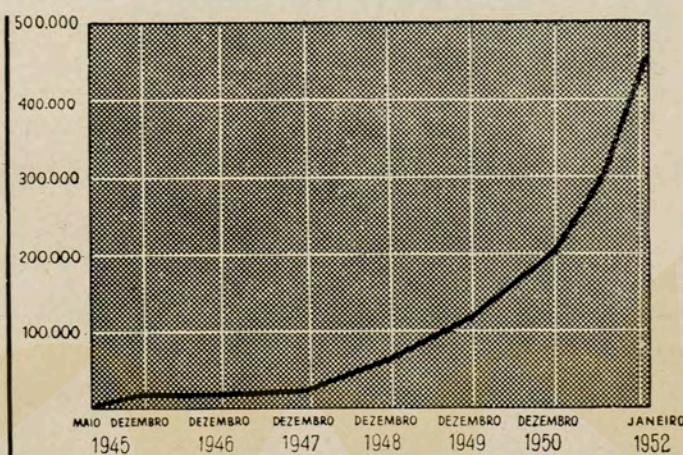
DISPONIBILIDADES E APLICAÇÕES

Dinheiro em Caixa, no Banco do Brasil e em Bancos	
Correspondentes	94.504.009,90
Empréstimos	345.665.047,50
Empreendimentos Imobiliários.....	83.923.5 6,80
Edifício Sede e Instalações.....	36.290.585,80
Outras Aplicações	262.764.898,10
Contas de Compensação	942.610.842,90
Total	<hr/> 1.765.758.891,00

RECURSOS PRÓPRIOS E RESPONSABILIDADES

Capital, Reservas e Lucros Suspensos.....	84.389.426,70
Depósitos	504.586.195,00
Diversas Responsabilidades.....	234.172.426,40
Contas de Compensação	942.610.842,90
Total	<hr/> 1.765.758.891,00

ASCENÇÃO DOS DEPÓSITOS



Banco Nacional Imobiliário S.A.

— UMA INSTITUIÇÃO PARA SERVIR AO PÚBLICO —

SEDE CENTRAL: Rua 15 de Novembro, 137 - Telefone: 35-6131

E AGÊNCIAS

São João: Av. São João, 1183 - Telefone 52-8327
Penha: Rua da Penha, 371 - Telefone 9-0273
Pinheiros: Rua Teodoro Sampaio, 2347 - Tel. 8-1604
Braz: Av. Rangel Pestana, 2121 - Tel. 9-7700
Paraíso: Rua Paraíso, 915 - Telefone 31-3234
Paula Souza: Rua Paula Souza, 62 - Tel. 34-4952
Marechal Deodoro: Av. S. João, 2176 - Tel. 52-7064
Tatuapé: Av. Celso Garcia, 3760 - Tel. 9-0056
Jabaquara: Av. Jabaquara, 812 - Telefone 70-2932
Bom Retiro: Rua José Paulino, 390 - Tel. 52-6250
Mercado: Rua Senador Queiroz, 637 - Tel. 35-3248

Consolação: Av. Ipiranga, 367 - Telefone 35-5780
Luz: Rua São Caetano, 554 - Telefone 34-2012
Santa Ifigênia: Rua Santa Ifigênia, 733 - Tel. 34-8656
Rangel Pestana: Av. Rangel Pestana, 1384 - Tel. 33-3321
Liberdade: Rua da Liberdade, 121
S. Caetano do Sul: Rua João Pessoa, 126 - Tel. 207
Paiçandu: Rua Capitão Salomão, 101
Santana: Rua Voluntários da Pátria, 2176
Celso Garcia: Avenida Celso Garcia, 549
Perdizes: Avenida General Olímpio da Silveira, 399
Nossa Senhora do Ó: Avenida Santa Marina, 2705



PEÇAM ESTUDOS E
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

*

TÉCNICOS ESPECIALISADOS

Cortinas Ludovico

NO CENTRO: Largo do Arouche, 99

Fones: { 36-2126
51-6862 -São Paulo

FILIAL: Rua Augusta, 2699

Fone: 52-5354 - São Paulo



Quentin Massys, Painel, 152 x 157 cm.,
da Coleção Clément Bayard; mencionado repetidamente e reproduzido na literatura; exibido no Rijksmuseum, Amsterdam, em 1936
e no Museu da Orangerie, de Paris, em 1947.

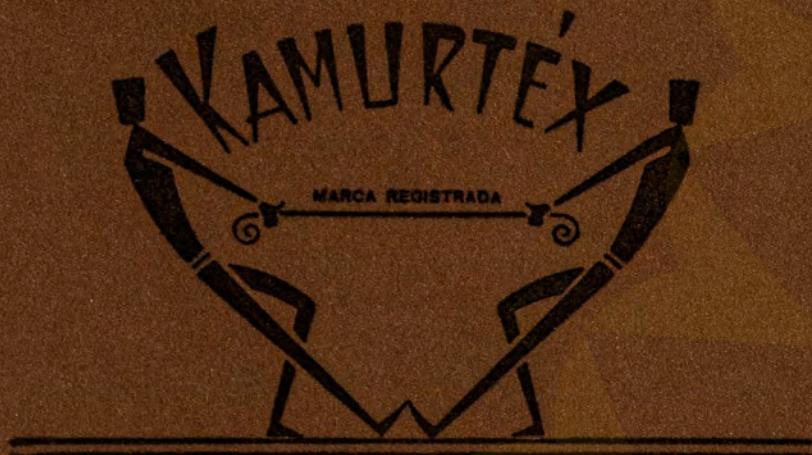
THE MATTHIESSEN GALLERY

PAINTINGS AND DRAWINGS BY
OLD MASTERS
AND
IMPRESSIONISTS

LONDON (ENGLAND) 142 NEW BOND STREET, W. I.

Cables: MATTHIART, WESDO, LONDON

- PAPÉL ACAMURÇADO, PARA REVESTIMENTO DE PAREDES E DECORAÇÕES EM GERAL.
- FÁCIL APLICAÇÃO, 100 % MAIS PRÁTICO QUE A PINTURA COMUM E ANTI-PARASITÁRIO.
- EM CORES VARIADAS E MODERNAS.



FÁBRICA:

Rua Izidro Tinoco, 69
São Paulo — Brasil

REPRESENTANTES :

São Paulo — Fones: 25-0445 e 80-3978
Rio de Janeiro — Fone: 23-2761
Porto Alegre — Fones: 5192 e 3-2553

HABITAT 9

ENGLISH SUMMARY

changed his Venetian waiters of St. Mark's square into birds and pigeons into human beings. Steinberg talks little. He learned many things in Italy including what he does not use, that is architecture. But he did not learn to talk or gesticulate. Only his right hand tentatively gesticulates as if it were holding a pencil. We say tentatively because when he begins to gesticulate he does hold a pencil in his hand. Then he draws. His movement runs freely and surprisingly. People do not know where the line will take them. We laugh then, surprised by his gestures and by their absurdity. We are children again playing hide and seek. Steinberg amuses himself, he goes on moving loosely, keeping us and the world in constant cheerfulness. At this point, we pledge what could be called "hegemony of indolence". What a delight are those unrestrained lines, the inventiveness of this man, the irresponsibility — hygienic irresponsibility — of his characters who do not take heroes and heroines and the saviors of our civilization seriously. Everything and all are equal. Everything and all become childish. The world of Steinberg could be a kind of democracy originated in Milan and fulfilled in New York — originated in Milan because he studied there, because in the most industrial Italian city Steinberg lived the conflict between industrialization and the great tradition of the past. He learned to cherish the remnants of a world of craftsmen, to value them with a new critical and satirical understanding. This is a peculiar "Milanese" emotion slightly charged with the atmosphere of retrospective pages devoted to the "fin de siècle" which are becoming systematic in magazines such as "Oggi", "L'Europeo", "Candido". Thus attempting to destroy the last remnants of the "fin de siècle" humor and of Dannunzian epic. Having overthrown bad taste and replaced it with the dread of the decorative, the personal, the temperamental, and the romantic, man, in this case a "Milanese", ends his days outspokenly joining the technical, impersonal, "rational", industrial and anti-romantic. He then lands in New York: mass-production, action for action's sake, dynamism, healthiness, international language, practical sense, objectivity, victory of the anti-romantic, victory over the great remnants of Occidental culture; victory over the "Milanese" spirit. That is why — as many Neapolitans say — Milan is not Italy. It is the São Paulo of Italy. And São Paulo is not Brazil. It is, in fact, the Milan of Brazil. In the end, we are all brothers. And we fight, according to this spirit, for what we call democracy. Steinberg is happy in this world of loose lines. He does not work to order. He lives free, free as a bird, because he has found his world. We, of course, identify ourselves with this feeling of freedom and live instants of happiness. But, later, we go back to our world.

Saul Steinberg in Brazil

Pag. 17

Steinberg came to Brazil to the opening of his exhibition at the Museu de Arte of São Paulo. There was a certain curiosity to meet the author of well-known drawings. Some do not consider the presence of the artist essential when his art is shown. Steinberg himself avoids interviews saying he is only a match — "Naturally he says — my person is not interesting. You could put a match in front of the camera and it would be the same". Nevertheless he is not right. His person, his aspect are interesting. He looks like his drawings. Thick lenses conceal his eyes, he changes into one of his characters with pupil-less look, those characters with empty eyes who do not see anything. He walks with a hand in his pocket, his coat forms a kind of wing. With raised shoulders, in the center of the exhibition room watching the public, Steinberg looks like a bird. People go by contaminated by his way of thinking. It was he who taught us to change men into animals, because it was he who

Hedda Sterne and her machines

Page 21

Modern man is still bewildered by his relation with the machine in the history of the complex destiny of contemporary humanity. Machines have always existed, since the very existence of man: utensils, trappings, harnesses, tools are machines.

But in recent times the machine has become a startling object, an active character of an ironic and hellish world. Some glorify it, while others hate it as if it were a devil. This problem has attracted the attention of all, from philosophers to artists and industrialists: nobody agrees on the way of handling this creature, which in the meantime keeps growing and developing, threatening the very existence of the world. Machines are overwhelming our civilization, stronger than man who in less unhappy epochs has declared himself the absolute champion of the universe. If this situation is to continue, man will become an insignificant figure of the world. But this problem does not interest us at present. We wanted only to point out that an American artist, Hedda Sterne, has chosen the machine as the fundamental object of her attention. Hedda Sterne has shown her paintings in the Museu de Arte along with the works of Saul Steinberg. She considers the machine as a creature which should be studied and understood as a whole. She attempts unknown balances, lights which are not real, unimagined energies, forces not existing in mechanics, absurd atmospheres. Her machine is throughout a dream, a mere spiritual adventure. This challenge between biological and mechanical elements is to be regarded as a constant occurrence in contemporary North-American painting. The works of Hedda Sterne show unmistakable proofs of the North-American artistic international, the international of the so-called "irascibles". From an historical point of view it is easy to understand how New York is slowly substituting for Paris through its association of pictorial and poetical instincts directed toward a vital and stylistic aim. The "irascibles" grew up there: anguish, exile, despair, frenzy and idyls are in North-American painting which has not rejected daring contacts with psychoanalysis and oneiric diagrams. It is a reality of contemporary painting, even more solemn and touching. Hedda Sterne occupies an authentic and qualified position in North-American poetics.

Psychiatry and painting

Pag. 27

Psychiatry, besides being an observation system of mental processes, is a deep and rich emotional experience. Psychiatrists use scientific information and data when observing their patients: the relation between their knowledge "a priori" and the facts given them by their patients, lead them to a conclusion, that is, to diagnosis of the specific case. Nevertheless, this kind of work is accompanied by a profound emotional response to each case, as the object of their observation is a human being. This kind of relation between psychiatrist and patient, involving a comprehension of human situations on the part of the doctor, awakens in him a special form of sensibility which is the object of this article.

Starting from this point of view, the problem is to translate this emotional experience into a non-scientific language. We therefore asked the painter Sambonet to help us solve this problem.

This experience has been facilitated by the natural sensibility of the artist, although he had to become familiar with some psychiatric culture. We believe it to be the first experience of psychiatry-painting. Since its roots are profoundly human, we hope for a future collaboration between an abstract science like psychiatry and plastic possibilities of artistic expression. The drawings we are publishing confirm the thesis that this is an essentially human problem based on reality.

Novelli

Pag. 32

Habitat is publishing the recent works of Gastone Novelli, a young Italian painter who has been residing in São Paulo for the last two years. The Brazilian landscape has had a deep influence upon him and led him to a continuous search and progress. His ceramics bear the mark of this emotional process.

Pieces of the Pigorini Museum in Rome

Pag. 36

Continuing the publication started in the previous number of Habitat, we now show other pieces of the Pigorini Museum in Rome: wooden sculptures, fetishes, ritual objects, bone-combs, pottery.

All folk have their particular way of communicating with divinity. Fetishes and ex-votos are the most common devices for it, being the monuments of all religious art of the past and of the present. Fundamental continuity of man reveals itself through those small documents of religious, artistic and historical life. Uncivilized men and animistic cultures in general believe that the spirit resides in telluric realms: divinity in the air, fire, stone and wood. Originally, a mere stone or a piece of wood — were it manipulated or not by man — was the dwelling of deity, of spirits. Woods were a whole population of gods: from stone and trunks of trees rose sculpture. Sculpture was a religious, mystic or magic and animistic fact, always related to mysterious and sacred forces. All masterpieces from Greece to Egypt to Gothic baroque in Europe have their origin in this inherent will to represent and imagine the superior spheres of the spirit. Those idols have been selected from the collection of the Pigorini Museum in Rome: six of them are of "caduvea" origin; the club is of Gês-Tapuya origin. The first six show a more primitive make although it clearly appears a progressive elaboration of sculpture from a primitive emblematical form to an attempt to represent a female figure.

The Gês-Tapuya idol reflects a more developed cultural stage: the symbolic gestures of the crossed hands are signs of symbolic-expressive sculpture.

A third kind of religious and cultural object, the wooden beater, shows at the same time fantastic anatomical geometrical and architectural forms: it has a ritual use and is similar to the objects of the ethnographical zones of Oceania, Polynesia etc.

The manufacture of wood originated those extraordinary archeological and ethnographical Brazilian documents: anthropomorphically figurative pipes for ritual use, of "caduvea" origin. Their contingent relation with the phallic element is clear. Not so intelligible is the hypothesis of the relation between "smoke" — which is the objective of those implements — and the mysterious magic forms capable of healing by means of fetishism. We publish also this arrow, proceeding probably from Amazonian regions. Its curious make shows a human face made with fragments of shells reminiscent of the arrows and lances of New Guinea. We cannot establish any historical relation between those facts, we merely want to stress two different ways of sculpture: the Oceanic one, schematic and symbolical; and the Amazonic one, more swift, more artistic.

Bahia

Pag. 42

Bahia is an everlasting, deep Brazilian sickness, awakening in every Brazilian his fantasy and dreams. Everyone thinks of Bahia, dreams of Bahia and when

possible goes to Bahia. It has an extraordinary appeal and its ethnographical, exotic and pictorial wealth is used also for tourist purposes. Two continents, two stages of different cultures live there together. They do not live like fragments of an isolated world, but with the same freedom and dignity as in human relations. History and pre-history are intermingled as if there were not an abyss between them which humanity is striving to fill with centuries of attempts and work.

It is perhaps this magic atmosphere which attracts so many Brazilian and foreign artists who will never again be free from its magic spell. The richness of Bahia is unexhaustible, there is an aspect of it for each one. Since the time of Debret, artists feel the urge of capturing this secret atmosphere or even only its decorative side.

Of recent, three of them, Carybé and Kantor from Argentine and Plattner from Italy have exhibited their paintings of Bahia and of Brazil in general in a São Paulo gallery.

An experiment with national fashion

Pag. 65

Many people were rather skeptical about the efforts of the Museu de Arte with its experiment in the establishment of a national fashion. Although all of them were aware that the moment had come for such an attempt. It is usually an impelling urge that drives a collectivity to create by itself what it was accustomed to receive from foreign countries. It has happened in Switzerland, in Italy and in the States. We must look at the problem of a national fashion from the point of view of the masses. Not of the few who can choose their way of life independently from the larger phenomenon.

The Brazilian woman cannot dress herself according to the history of the past, she must on the contrary live up to date, in the most modern cities of the world. She is usually very refined and likes everything that appeals to her sense of elegance and womanliness. Women in general will learn to be fashionable within limits of simplicity more adequate to modern ways of life. What still is essential is the necessity of reaching the goal, and objectives change according to necessities, which in their turn are different in every country and latitude.

The efforts of the past to adapt foreign fashion to Brazilian necessity should on the contrary be directed to using local folklore for our national one. It is superfluous to point out the importance of this fact even from an economic angle. For a long time the Museu de Arte has been studying the problem of national fashion and has established for this purpose a school of artistic weaving. Artists of this Institute have designed the dresses which were shown in Venice at the inauguration of the International Centre of Costume. Furthermore, the Museu de Arte has recently started a course for models who were able to participate in the first show of exclusively Brazilian fashion, held in the large gallery of the Museu de Arte. This event has marked a turning point for the problem: commercial and industrial firms have understood its importance and largely contributed to its success. Various artists have designed the dresses and patterns for materials and have even painted some. Many of the materials employed were woven in the Museu de Arte itself. Every simple detail was studied with a new spirit, from the buttons to the shoes and jewelry. The Museu de Arte has thus opened a new path for the fashion of this country which is proud of ranking in the vanguard of young nations.

HABITAT 9

Diretor: ARQ. LINA BO BARDI

NOSSA CAPA: Desenhos de
Saul Steinberg
Hedda Sterne

SUMÁRIO

Por uma enciclopedia
brasileira
Outras arquiteturas do
Convênio Escolar
Residência em São Paulo
Residência em Santos
Uma agência de Banco
Loja em São Paulo
Construir com simplicidade
A localização do Paço
Municipal

FLAVIO MOTTA
L. C.
Saul Steinberg no Brasil
Hedda Sterne e suas
máquinas

E. MACHADO
GOMES
Psiquiatria e pintura

Novelli, pintor e ceramista
Homenagem a Segall
Noroeste mágico
Outras peças no Museu
Pigorini de Roma

O. TAVARES
Imagens da Bahia
Belém
Monumentos de outrora
e agora

A. ARCURI
Forma e monumento
30 anos
O que é um museu?
Pinturas inglesas no
Museu de Arte
"Les baigneuses" de
Manet
Fotografias
Outros fotógrafos
Onde mora Alberto
Cavalcanti
Problema remoto, o da
moda

L. SAMBONET
Uma moda brasileira
Fath no Brasil
Elementos da moda bra-
sileira
O curso de modelos
Tecidos executados no
Museu de Arte
Sapatos e chapéus
O desfile no Museu
Artezanato e indústria
Uma mesa de armazém

ALENCASTRO



Fotografias:
Casa Durand-Matthiesen,
L. Liberman, A. P. de
Albuquerque, Odorico
Tavares, Ernesto Mandowsky,
C. Biagetti,
E. Tanon, Cassius, P.
Scheier, Voltaire Fraga,
Nelson

Propriedade: HABITAT EDITORA LTDA.
Diretor responsável: GERALDO N. SERRA
Rua 7 de Abril, 230, 8.º, Sala 820, São Paulo

Administração e Publicidade:

HABITAT EDITORA LTDA.
Rua Sete de Abril, 230, 8.º
Sala 820, Fone 35-2837, São Paulo

Assinaturas: (4 números anuais)

Brasil Cr\$ 150,00	Exterior US\$ 6,00
c/registro .. Cr\$ 165,00	c/registro .. US\$ 7,00
N.º avulso . Cr\$ 40,00	Exterior US\$ 1,75
N.º agravado Cr\$ 60,00	Exterior US\$ 2,75

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO:
Walter Simoni, Rua Santa Luzia, 799,
18.º andar, Fone: 22-3005, Rio de Janeiro

Papel: Murray Simonsen S. A., Rio de Janeiro, Av. Rio Branco, 85 e São Paulo, R. Barão de Itapetininga, 224, 7.º, s. 73.

Clichês: Clícheria e Estereotipia "Planalto"
Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 153
Fones 33-4921 e 35-4048, São Paulo

Impressão: Arco - Artusi Gráfica Ltda.
R. M. de Itú, 282/284, Fone: 35-5797, São Paulo

Por uma enciclopedia brasileira

A velha sabedoria humana, fundada numa experiência ilimitada e muitas vezes controlada e confirmada, estabeleceu uma regra prática e segura, que se aplica a todos os campos do conhecimento e a todos os aspectos da atividade prática, a saber: que é preciso construir a partir dos fundamentos. Parece que o princípio segundo o qual convém proceder de baixo para cima, é da própria essência da natureza humana, indispensável a qualquer técnica e necessário a todo método. Proceder diversamente, embora fosse possível, seria certamente paradoxal. No próprio âmbito da inteligência e do espírito, aliás, onde, aparentemente, o sentido das direções e o critério quantitativo não deveriam exercer influência alguma, o método eminentemente construtivo e paciente, o sistema de se começar com as coisas menores para alcançar, finalmente, as maiores e mais significativas, se apresenta na realidade como algo de indispensável à própria vida do espírito humano. Poder-se-ia, pois, dizer que o espírito constroi de maneira semelhante à arquitetura, partindo dos fundamentos para chegar, oportunamente, ao telhado. É irremediável que todas as coisas tenham um apoio e uma base, é razoável, por ser racional, que se conservem os pés fincados na terra firme.

Por conseguinte, também a cultura de um país poderia ser considerada segundo uma idealidade arquitetônica, no sentido da construção ordenada metodicamente e com proporção. Temos a impressão, que instaurar uma cultura nacional seja algo de semelhante à construção de um grande edifício, de boa estrutura, indiscutível solidez, oportuna utilidade e estilo correto. Contudo, se fizessemos uma análise, serena e objetiva embora, do estado atual da cultura brasileira, para o fim de, uma vez conscientes do seu aspecto imediato e de suas inevitáveis lacunas, poderíamos refletir acerca das medidas que se impõem no sentido de seu constante aperfeiçoamento, poderíamos desde logo verificar o dilettantismo que reside em muitas de suas manifestações. Aqui não se trata, evidentemente, de fazer críticas gratuitas, mas de procurar compreender, objetivamente, a situação atual, em relação às circunstâncias históricas que a determinam. Neste sentido, podemos constatar, antes de mais nada, uma grave falta do sentido da medida e da proporção, e paralelamente, uma quasi total incompreensão do autêntico sentido da atividade cultural e científica. A ignorância daquilo que vem acontecendo no resto do mundo, no âmbito cultural, faz com que se desconheça, ao mesmo tempo e correlativamente, o valor e a proporção daquilo que se realiza entre nós; em consequência, tudo parece adquirir um caráter fantástico, de sonho hiperbólico, tudo se afirma categoricamente e com enfase inconsciente do seu próprio ridículo; tudo, entre nós, é grande, magnífico, importante, e qualquer realização, em lugar de se iniciar aos poucos, com método seguro, começa imediatamente do alto. Em virtude disso, tudo permanece, bem ou mal, avulso no espaço, sem raízes autênticas que poderiam garantir o desenvolvimento orgânico futuro, e acaba desaparecendo sem deixar traços, moda que passa, moda que surge de um entusiasmo súbito e que logo é esquecida e se dilui irremediavelmente. Longe de trabalhar métodica e conscientemente com o material histórico, afirma-se numa verdadeira inconsciência do que signifique a atividade espiritual,

que a história é desnecessária, que o espírito individual se insere numa cultura por fazer como uma "resposta pessoal", espécie de Deus ex machina que encobre apenas, nos que assim falam, a sua própria ignorância de certos fundamentos essenciais, que, em seu dilettantismo, eles preferem confundir com a mera erudição estéril. Daí também o outro fato, impressionante, de que muitas vezes se comeca por onde outros terminaram, numa ansia de "superar" e "ultrapassar", não sem antes ter, com minucia classificatoria e um sorriso de superioridade e satisfação íntima, definido categoricamente e de maneira totalmente generica e superficial, todas as correntes da cultura, e condenado "ex catedra", como superado, tudo aquilo a que se não atribui importância pelo simples motivo que nunca entrou no próprio... programa de leituras, quasi sempre de segunda mão e certamente de caráter divulgativo. Mas a conversa fácil e o brilho aparente é algo que impressiona extraordinariamente, aqui, inclusive os mais inteligentes e preparados; parece que a enfase categorica das afirmações as mais estapafurdias e a aparência muitas vezes criada artificialmente por habéis propagandistas do próprio círculo de relações intimas sejam os criterios pelos quais se mede a importância e o valor das pessoas e dos acontecimentos, estranho destino esse, que pesa sobre a nossa mentalidade. Mas não é só. Procuraremos esclarecer estas reflexões com alguns exemplos mais concretos, que sirvam para tornar mais evidentes os continuos equívocos e quiproquos em que se baseia a "opinião pública" e a de muitos "homens cultos".

Certos "professores universitários" de Filosofia, arvorando-se em únicos condeadores da matéria, pretendem apresentar-se ao país como modelos de trabalho intelectual, de pesquisa científica, de atividade verdadeiramente cultural. Mas em que consiste, na realidade, a atividade desses senhores? Consiste em escrever um trabalho sobre um pensador alemão pré-renascentista mas, não conhecendo o alemão e o latim, sem consultar nenhuma fonte original ou edição crítica, mas, pelo contrário, baseando-se em citações e traduções de segunda mão. Consiste ainda em se afirmar grande conhecedor da filosofia de Kant mas, não conhecendo o alemão, não podendo servir-se das boas edições de suas obras, basear-se em pequenas e más traduções francesas; ou em criticar "ex catedra" e com toda a possível arrogância a filosofia existencial, mas sem ter lido, pelas mesmas razões acima apontadas, as grandes ou pequenas obras de um Heidegger ou de um Jaspers, e limitando-se a consultar pequenos resumos e abregés franceses de suas doutrinas. Ora, se se tratasse de se formar uma idéia mais ou menos vaga, de conseguir uma informação superficial de certas doutrinas e idéias, para poder discutir com senhoras em salões de chá, talvez fosse suficiente um tal procedimento; mas, evidentemente, ele se encontra numa esfera que nada tem a ver com um critério reconhecidamente científico, com a seriedade da pesquisa que deveria ser realizada num âmbito universitário, constituindo uma amostra da pior espécie de dilettantismo, e de dilettantismo de má fé, porque pretende escamotear-se sob a apariência do grave formalismo escolástico. E o pior não é que existam esses equívocos ambulantes, mas que eles sejam "ratificados" pelo "mundo" oficial e envolvidos pela admiração e pelos elogios da opinião pública, da imprensa e de certos colegas, julgando-se assim, sempre mais em que pesem as próprias falhas, os próprios desconhecimentos, a própria enfase ridícula e a simplicidade impressionante com que superam tudo e todos, ao par das súbitas conversões intelectuais, por que passam, os

maiores, os mais "importantes". Há poucos dias passou pelas nossas mãos um "dicionário" de filosofia, recente, que, entre muitíssimos erros e incompreensões formais e materiais palmares, que não poderíamos enumerar aqui, e que revelam um absoluto desconhecimento de causa, contém coisas como estas: "Croce é autor de várias obras, sendo as mais importantes a "Estética", a "Filosofia da Prática" e a "Filosofia do Espírito" (sic) ou a afirmação de que "análise" (com referência à posição de Kant) é identica a "experiência"... Pois bem: uma tal obra, que demonstra que o seu autor nunca se deu ao trabalho de ler a capa dos livros de Croce, e muito menos consultou a "Crítica da Razão Pura" em original ou em tradução, limitando-se a citar, citações muitas vezes erradas, mereceu o apoio oficial e os maiores elogios... o que não deixará de depor, no estrangeiro, contra a nossa cultura, oficial ou particular. Até aqui a descrição, um pouco realista, do mal que nos aflige, e o diagnóstico que, certamente, contribuirá a instaurar uma maior compreensão da necessidade de um sério tratamento.

Não poderíamos, entretanto, continuar, passando à considerar quais as medidas mais convenientes ao aperfeiçoamento de nossa cultura, sem constatarmos que existem, felizmente, excessões honrosissimas de algumas pessoas verdadeiramente cultas, as quais se dão perfeitamente conta deste estado de coisas e por isso mesmo, sob a liderança de professores autênticos, não se limitam a trabalhar para si próprios, mas se organizam em grupos culturais extra-universitários, publicando revistas, realizando cursos, procurando paulatinamente corrigir os erros e os equívocos de nossa mentalidade, e instaurar uma consciência autêntica cultural. Isto significa que uma cultura brasileira, a pesar dos pesares, existe, pois uma cultura nacional não é algo de mecânica e artificialmente constituído, mas se desenvolve orgânica e qualitativamente. Bem ajam, pois, essas jovens Instituições. A necessidade de uma tomada de consciência da própria situação e de uma séria e vigorosa ação pedagógica, que deve começar por dar uma idéia das coisas básicas, e do critério metódico, já há algum tempo que vem se fazendo sentir.

Ora, é possível que, neste instante de sua história, a cultura brasileira passe a refletir sobre o seu próprio sentido: uma tomada de consciência da situação real levaria imediatamente a cultura para um terreno efetivo e vivo. As condições gerais da cultura brasileira têm sido estudadas, com espírito mais ou menos crítico, e através de uma compreensão mais ou menos clara. Conhecidas são as contradições internas que sempre agitam as camadas culturais em formação. A ausência inicial de fundamentos ideológicos autênticos, o penoso desenvolvimento de uma técnica da linguagem capaz de expressar, diretamente, fôrça das influências culturais francesas, um espírito próprio, são as realidades que tornam tão difícil a afirmação de uma cultura que, em virtude disso, permanece à mercé das circunstâncias sentimentais, e aberta ao contínuo assalto europeu.

Aliás, as próprias relações culturais com a Europa e as influências europeias no Brasil, são descontinuas, e criam um dissídio notável: não se trata, com efeito, para a cultura brasileira, de escolher entre as diversas tendências europeias, mas, pouco a pouco, especialmente nos últimos tempos, a antinomia se torna mais aguda, em três direções: entre europeísmo, tendências e influências norte-americanas e a "Lebensanschauung" indígena. Destarte, toda tendência cultural que se afirma no sentido de uma das três correntes acima mencionadas, acha-se na contingência de dever lutar, ou pelo menos polemizar com as outras. A esta situação acrescentemos outra: a afirma-

ção paulatina mas orgânica, interna, etnológica, inclusive dos fatores mais autênticos que compõem a estrutura, que são a própria anatomia da mens brasileira. Este se nos afigura como o Brasil autêntico, que tem diante de si estes vários aspectos, que devem ser organicamente assimilados, elaborados e sintetizados por ele, é o Brasil autêntico, destinado a adquirir um caráter próprio, expressão de um futuro cultural brilhante e fecundo. Condição essencial, entretanto, para que se possa atingir este futuro, é a instauração de uma mentalidade cultural verdadeiramente seria, abandonando a doença do ensaio superficial, que se desenvolve tóda vez que a alma cultural de um povo se abandona ao vento fácil das improvisações mutáveis.

O problema mais urgente e mais serio da incipiente cultura brasileira, se nos afigura, diante de tudo o que acabamos de dizer, no sentido de uma atitude e de uma posição nitidas a serem tomadas, de uma organização eficaz, e se apresenta resumido na seguinte pergunta: no organismo complexo e relativamente caótico da cultura internacional, como deve comportar-se a organização da cultura brasileira? Aderir aos modelos internacionais que continuamente se propõem, aceitando-os e sofrendo sua influência ou recusá-los com um gesto forte que, muitas vezes, é uma necessidade de legitima defesa? Ou ainda: aceitar seu método e técnica, Enriquecidos com novos conteúdos? Neste impasse, do qual é preciso sair de uma maneira ou de outra, neste fermento geral, na necessária indecisão da escolha e do caminho a seguir, o que nos parece obra inicial fundamental, única capaz de conferir a indispensável unidade a uma tarefa tão difícil, é a criação de uma base informativa segura e autônoma. Uma base que pudesse corresponder a uma completa e original *Encyclopédia Brasileira*.

As reflexões expostas acima acerca da situação atual da cultura brasileira aparecem como outros tantos motivos a confirmarem que no caso presente uma encyclopédia, longe de ser o último ato de um longo processo histórico-cultural, pode e deve ser considerada como o instrumento inicial da organização de uma cultura. Por isso mesmo, perdem sua aparente validez todas as objeções que temos recebido de muitos amigos ao falarmos acerca desta nossa idéia, como, por exemplo: "Não temos pessoas capazes de compilar uma tal obra", ou, "muito cedo, para pensarmos nisso", ou ainda: "seu custo seria tal, que tornaria quasi impossível sua realização".

Uma encyclopédia é como que o congregamento da cultura de uma nação, e mais ainda, da cultura do mundo, vista e entendida do ponto de vista dessa nação, que assim realmente se insere, definitivamente e honrosamente na cultura mundial, ao lado das maiores nações cultas. Ela com efeito supõe a colaboração dos especialistas do mundo inteiro, mas sempre dentro de uma organização típica e autenticamente nacional. Ainda estamos lembrados do entusiasmo que suscitou na Itália o anúncio da grande Encyclopédia Treccani, apesar das dúvidas dos preguiçosos. A Encyclopédia italiana não foi interrompida na metade do caminho, como previam alguns pessimistas, não lhes faltaram nem colaboradores, nem dinheiro. Uma tal obra, com efeito, que para o Brasil seria de uma capital importância, seria uma das mais honrosas daqueles, particulares ou não, que a patrocinasse. E no Brasil, se não estamos enganados, tais possibilidades não faltam.

O senador Treccani, homem inteligente, culto e previdente, escolheu, para dirigir a Encyclopédia, um homem que nunca teria renunciado à sua tarefa: Giovanni Gentile imprimiu a mais rica Encyclopédia até hoje possuída pela humanidade, com o ritmo de um jornal diário, de uma página por dia, e de três em três meses



Toque da alvorada para o despertar da Enciclopédia Brasileira

saiam os densos volumes que sempre constituiam, para todos, uma revelação de novas noções e ideias.

Gentile não era, certamente, um diretor que facilmente ficasse satisfeito, pois sua cultura não era sómente filosófica, mas se extendia a todos os campos do saber humano.

Pois bem, porque não seria possível encontrar, no Brasil, os vintecinco "diretores de departamentos" que saibam promover o "discurso" cultural, e leva-lo à conclusão? Acreditamos que não sómente no campo específico da arte, mas também nos outros âmbitos culturais, existam aqui os estudiosos aptos à organização de uma Enciclopédia, e à coordenação das atividades dos colaboradores nacionais e estrangeiros. O recurso a colaboradores estrangeiros para certas especialidades não seria desdouro algum, isto é algo que acontece fatalmente com todas as encyclopedias, e para convencer-se disso basta consultá-las, a começar da Enciclopédia Britânica.

A Encyclopédia Brasileira, obra científica e informativa, instrumento de primeira importância, deveria ser considerada como uma clarificação definitiva da atual situação da cultura brasileira, constituiria um serio treino no sentido do método e um continuo contato internacional. Com modestia, mas com empenho total, uma tal encyclopédia, como instrumento único e autorizado de informação nacional e internacional, criaria um sistema operante sobre a consciência pública, dirigindo e orientando, além de preparar

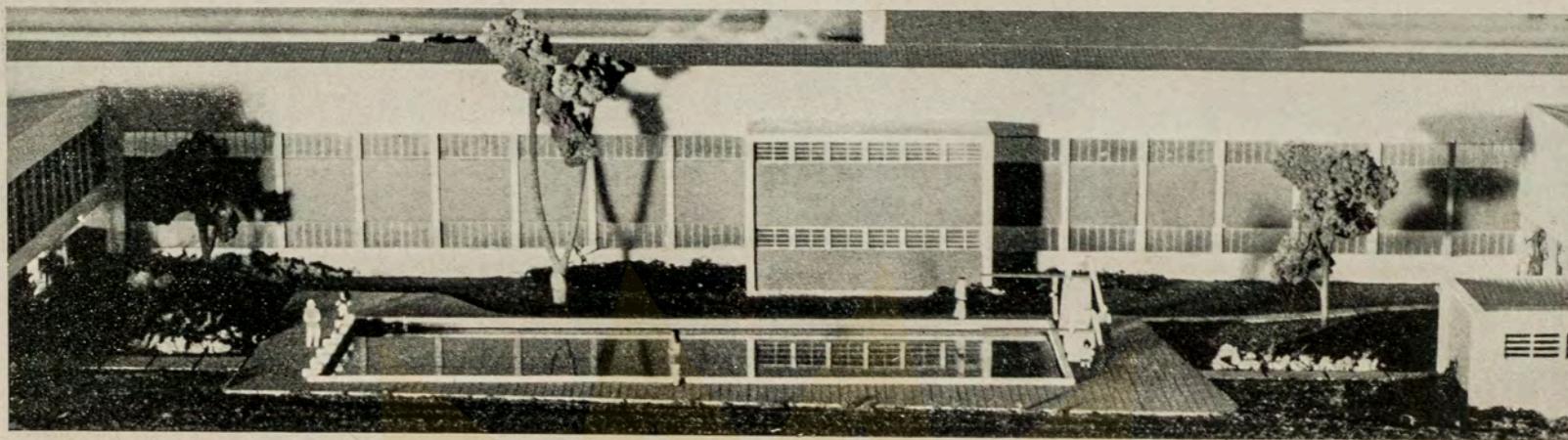
uma categoria de especialistas, aptos para contribuirem diretamente à elaboração de uma cultura. Existem, com efeito, certas operações fundamentais que a preparação de uma Encyclopédia contribui a tornar mais exatas e úteis, com referência ao público culto ou que aspira a uma cultura: vencer a estaticidade, superar o dilettantismo fácil, a precariedade dos fundamentos, tudo o que é ocasional e fortuito na vida educativa.

No Brasil existem homens e nomes de primeira ordem, que figuram dignamente no elenco dos nomes internacionais: filósofos, poetas, cientistas e juristas: mas são as expressões de uma elite, distante da media da cultura nacional; abaixo dêles vive um enorme número de profissionais de nível cultural infimo: ora, histórica e culturalmente, o tom cultural é dado e sustentado pela media dos profissionais da cultura, da arte e das ciências.

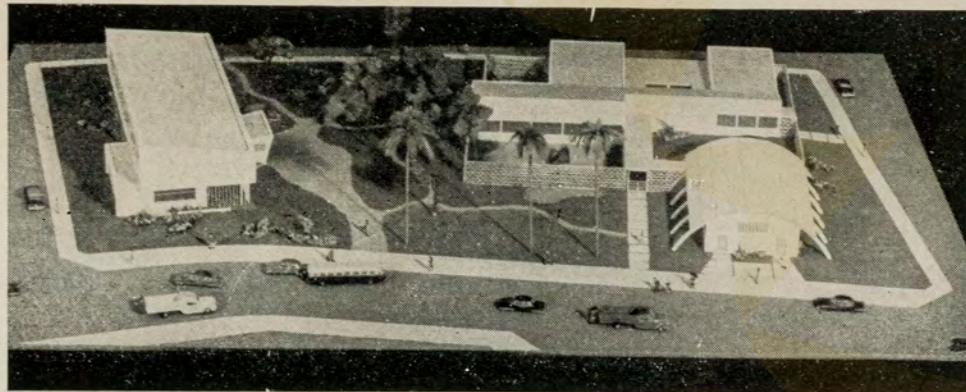
Acreditamos que este seja o momento mais oportuno para iniciar essa obra de orientação das gerações mais jovens, gerações que, felizmente não sofrem dos males exclusivistas e unilaterais. Note-se, aliás, que o mal que significou, para o Brasil, o exclusivismo positivista, se verificou, em parte, também na Itália, com a Encyclopédia Treccani, que citamos como exemplar monumental de Encyclopédia, mas cujo vício de origem foi, em parte, — evidentemente — de haver-se desenvolvido num terreno mais ou menos culturalmente pré-constituido, no terreno do "historicismo". A forte personalidade de Giovanni Gentile imprimiu, a

esse respeito, àquela obra, um caráter inconfundível, dando-lhe uma unidade de estrutura verdadeiramente excepcional. Mas talvez seja uma vantagem a ausência, entre nós, de um tal exclusivismo.

Sem dúvida que as dificuldades próprias de um empreendimento tão vasto, são as mais complexas, e o trabalho requereria, da parte dos moços, um entusiasmo, um espírito de sacrifício e uma capacidade de esforço, notáveis; da parte da cultura já constituída exigiria uma pronta e incondicionada adesão; da parte de todos, enfim, um enorme esforço para superar as iniciais deficiencias do método, que a progressiva experiência, pouco a pouco, faria desaparecer. Enfim, da parte do Estado e do capital privado, seria necessária uma adesão sensível e consciente das exigências vitais que uma obra semelhante seria capaz de preencher. Não se pode construir uma cultura com decretos e verbas, é verdade: mas se um governo representa realmente as condições da Nação e do Estado que foi chamado a reger, deverá empenhar sua autoridade e dar seu impulso. Uma tal encyclopédia se tornaria, no Brasil, uma grande oficina da cultura. No Brasil, seria a maior escola, e também a mais humilde, a mais paciente, a mais desinteressada. Esta não é uma nova "Magna Charta" de uma empresa cultural brasileira. É sómente um conjunto de sugestões que nos parecem úteis: e, sobretudo, capazes de induzir os responsáveis a passarem das ideias à ação.



Ginásio de Sant'Ana, Projéto do arq. Helio Duarte



Biblioteca infantil e de adultos em Tatuapé, Projéto do arq. Helio Duarte



Outras arquiteturas do Convênio Escolar

Voltamos mais uma vez ao tema do Convênio Escolar do qual falamos amplamente em *Habitat N.º 4*. As arquiteturas do Convênio são consideradas por nós um fato muito importante no desenvolvimento da arquitetura brasileira. Acostumar as crianças a viverem em escolas agradáveis, em meio de jardins, em edifícios claros devido ao ar e a luz que entram livremente, com suas paredes brancas e limpas, isto significa cumprir a primeira função da escola: educar o espírito a viver no meio de arquiteturas adequadas e que

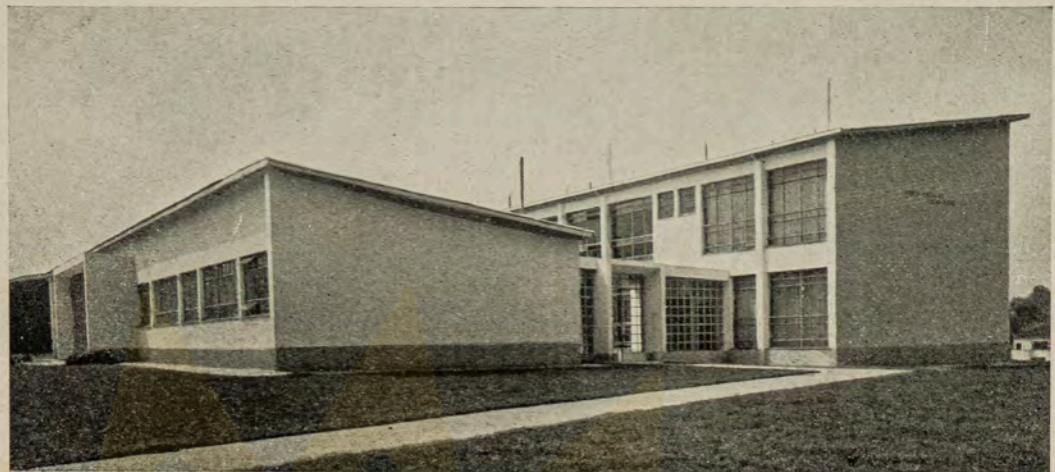
correspondem à época, despertar no espírito dos jovens idéias simples e otimistas, preparando-os para atitudes francas e abertas.

Querendo dar um atributo a essas arquiteturas do Convênio Escolar de São Paulo, dever-se-ia escolher justamente êstes, de arquiteturas abertas, isto é, não limitadas e fechadas. Algo de alegre e convidativo, algo de "não inimigo", exprimem esses pavilhões que Helio Duarte e seus colaboradores estudaram com o maior empenho possível, compatível com o ritmo das construções que surgem em

tempo de record. Tendo as autoridades decidido tarde a construção, foi necessário preparar os projetos com a máxima rapidez. Muitas vezes os próprios desenhos em lapis foram usados na obra: índice esse da extraordinária atividade construtora do País, que parece não ter tempo para perder, querendo providenciar tudo.

Mais uma vez queremos sublinhar o ótimo trabalho do Convênio Escolar da Prefeitura de São Paulo, apontando-o aos nossos leitores e principalmente aos prefeitos de todo o Brasil.

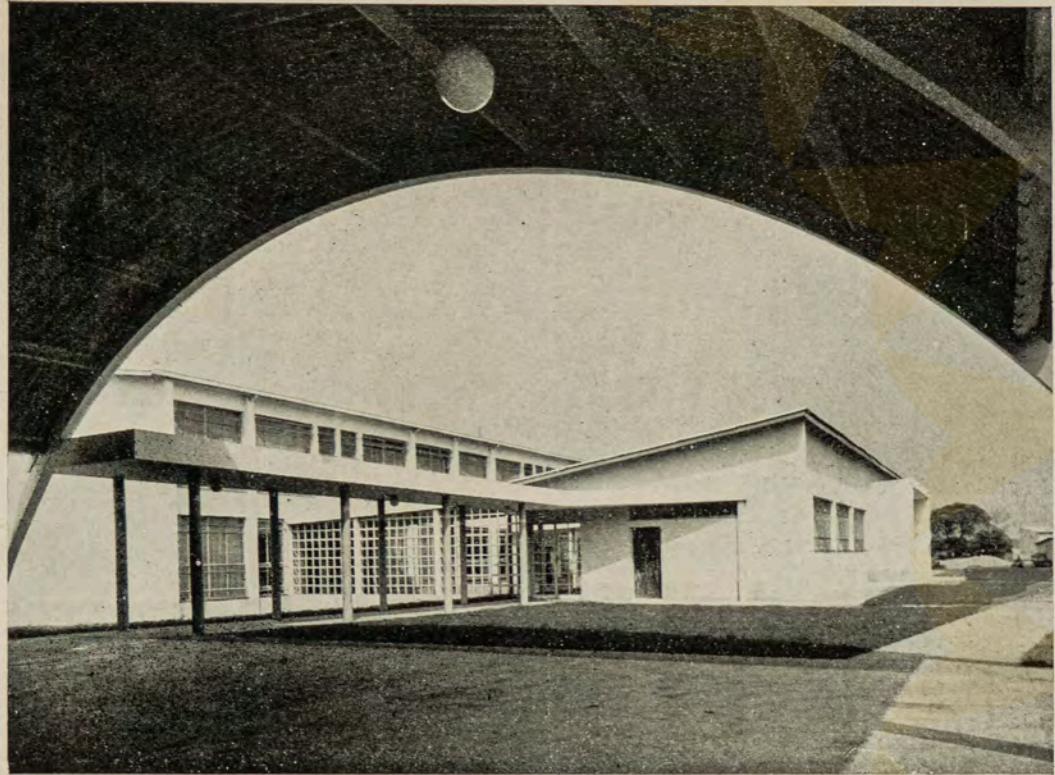
Grupo Escolar "P. Voss", Vista Geral



Grupo Escolar "Pedro Voss", Bloco principal, visto da recreação

Projeto: Eng.º E. R. Carvalho Mange.
Execução: Sociedade de Engenharia
Politécnica Ltda. (Eng.ºs Ernesto Assad
Abdalla e Antonio Jovino)

Grupo Escolar "Pedro Voss"

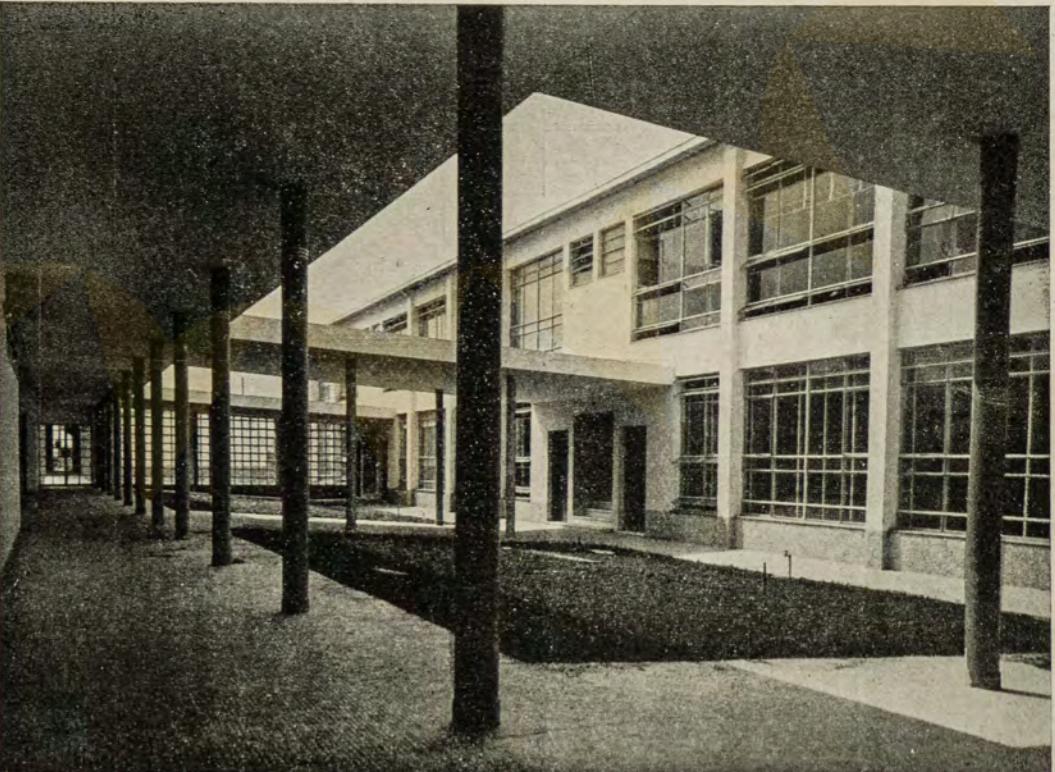


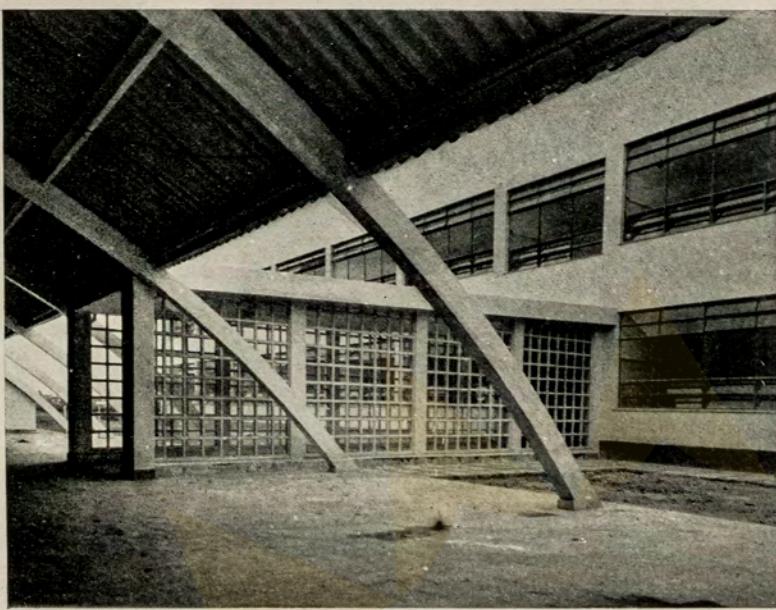
Grupo Escolar "Pedro Voss", Aspecto do pátio interno

A característica dominante do projeto reside no tipo de sala de aula adotado: a — iluminação bilateral; b — conformação próxima do quadrado; c — sanitários para cada sala.

Para obter tais características, o partido adotado trouxe consigo outras vantagens, também importantes: a — ausência dos corredores; b — circulações verticais, servindo a 2 salas apenas; c — ambiente interno verde protegido. O G. E. "Pedro Voss", deve ser encarado como um primeiro passo na tentativa de quebrar a rotina da arquitetura escolar, sobretudo no que diz respeito aos ambientes internos. Visou, particularmente, melhorar as características da "sala" de aula, e eliminar os intoleráveis corredores. As possibilidades plásticas que tal solução oferece, são grandes e poderão ser vantajosamente exploradas.

Outros grupos do Convênio Escolar, são expressões da pesquisa dentro dessa orientação. Nesse sentido, pode-se dizer que o G. E. "Pedro Voss", é um da vanguarda entre nós.



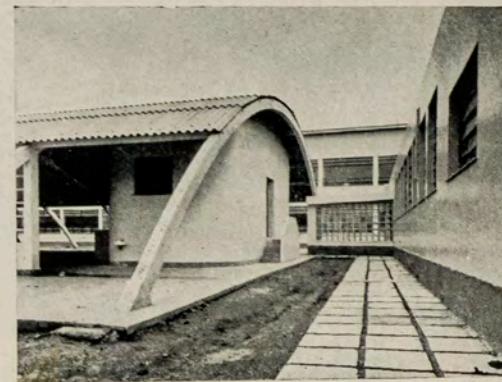


Grupo Escolar "Visconde de Taunay", Passagem coberta entre a recreação e as salas de aula

Grupo Escolar "Visconde de Taunay"

Projeto: Arquiteto Helio Duarte. Construção: Sociedade de Engenharia Politécnica Ltda. (Eng.os Ernesto Assad Abdalla e Antonio Jovino)

Grupo Escolar "Visconde de Taunay", Vista parcial do conjunto



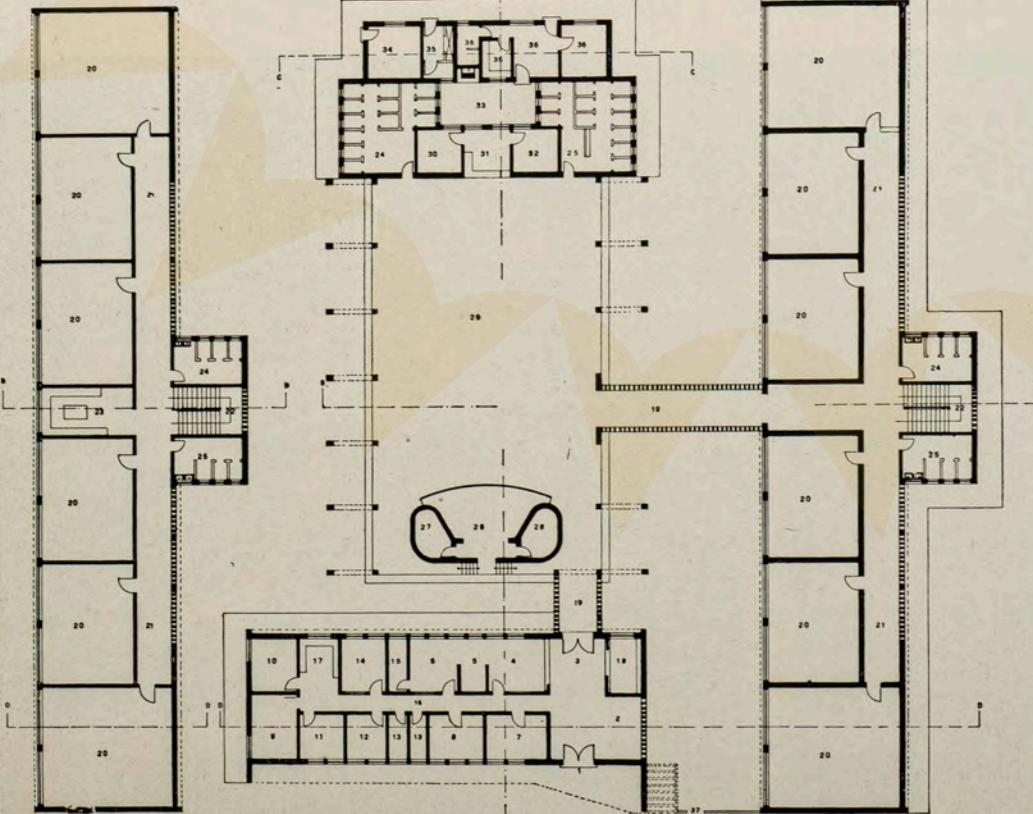
G. E. "Visc. de Taunay", Vista parcial



Pavimento superior

Pavimento terreo

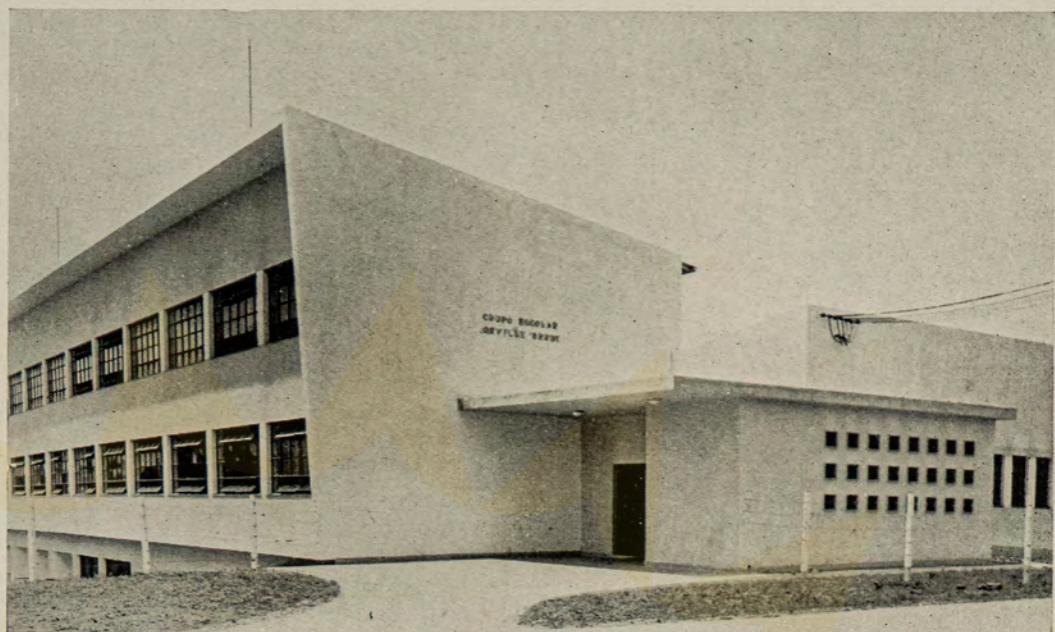
Escala 1:400



- | | |
|----|------------------------|
| 1 | Entrada principal |
| 2 | Museu |
| 3 | Hall |
| 4 | Secretaria |
| 5 | Arquivo |
| 6 | Diretor |
| 7 | Biblioteca |
| 8 | Professores |
| 9 | Medicos |
| 10 | Ass. social |
| 11 | Dentista |
| 12 | Mat. escolar |
| 13 | Sanit. professores |
| 14 | Almoxarifado |
| 15 | Sanit. diretor |
| 16 | Circulação |
| 17 | Sala de espera |
| 18 | Guardados |
| 19 | Passagem coberta |
| 20 | Salas de aula |
| 21 | Circulação |
| 22 | Escadas |
| 23 | Salas de esperas |
| 24 | Sanit. meninas |
| 25 | Sanit. meninos |
| 26 | Palco |
| 27 | Vest. meninas |
| 28 | Vest. meninos |
| 29 | Galpão |
| 30 | Cozinha |
| 31 | Distribuição |
| 32 | Nutricista |
| 33 | Pateo |
| 34 | Deposito |
| 35 | Sanit. serventes |
| 36 | Dependencia do zelador |
| 37 | Entrada p/ o galpão |
| 38 | Pavimento terreo |
| 39 | Pavimento superior |

Grupo Escolar "Orville Derby"

Projeto: Arq. Helio Duarte. Construção: Sociedade de Engenharia Politécnica Ltda. (Eng.o Ernesto Assad Abdalla e Antonio Jovino)



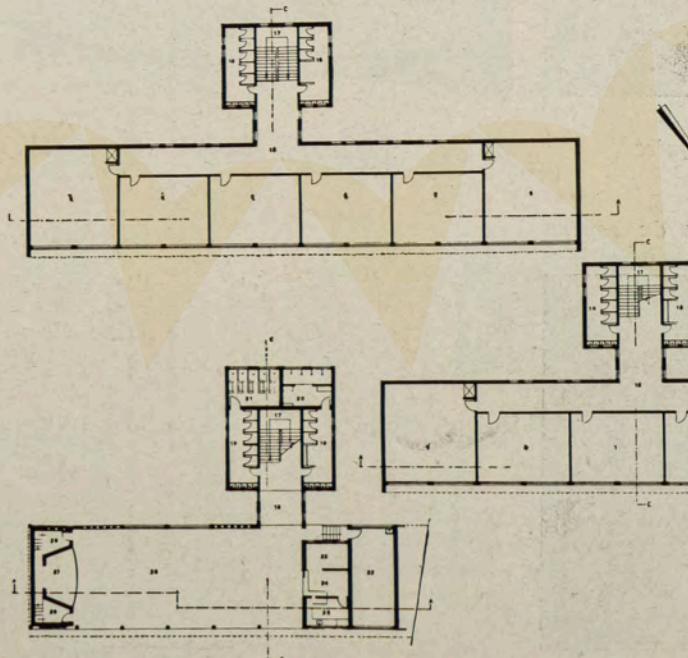
Grupo Escolar "Orville Derby", Vista parcial do conjunto



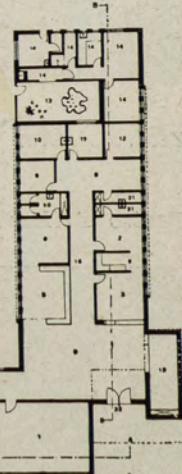
Vistas parciais das novas unidades escolares do ensino primário recém-inauguradas e construídas segundo as diretrizes da Comissão do Convênio Escolar. Ambos os prédios, o G. E. "Visconde de Taunay" no Bairro de Limão e o G. E. "Orville Derby" em Vila Formosa, possuem instalações adequadas para 1.500 alunos.

- 1 Salas de aula
- 2 Diretoria
- 3 Secretaria
- 4 Professores
- 5 Biblioteca
- 6 Arquivo
- 7 Hall
- 8 Sala de espera
- 9 Material escolar
- 10 Médico
- 11 Dentista
- 12 Ass. social
- 13 Pateo zelador
- 14 Depend. zelador
- 15 Guardados
- 16 Circulação
- 17 Escadas
- 18 Sanit. meninos
- 19 Sanit. meninas
- 20 Chuv. meninos
- 21 Chuv. meninas
- 22 Depósito
- 23 Nutricista
- 24 Distribuição
- 25 Cozinha
- 26 Galpão
- 27 Palco
- 28 Vest. meninos
- 29 Vest. meninas
- 30 Sanit. diretor
- 31 Sanit. professores
- 32 Entrada principal

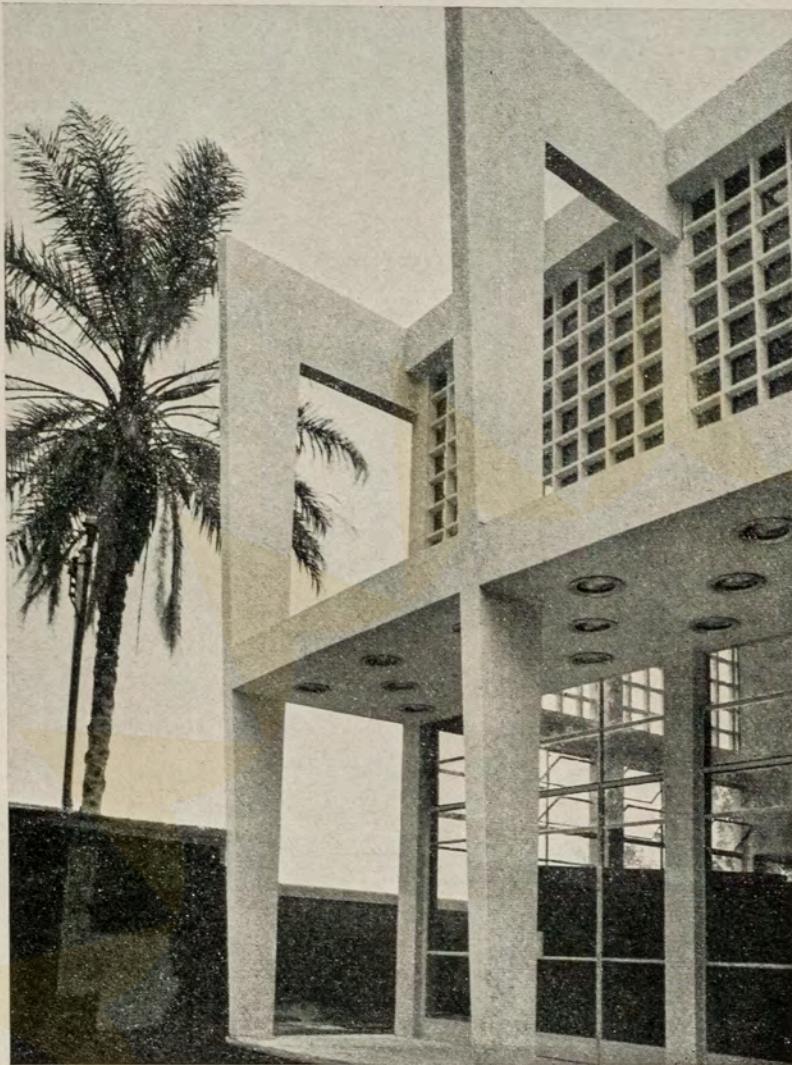
Planta do pavimento superior



Escala 1:400



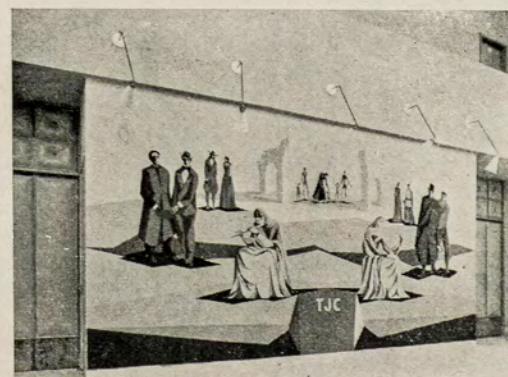
Planta do pavimento terreo



Teatro Arthur Azevedo, Pórtico

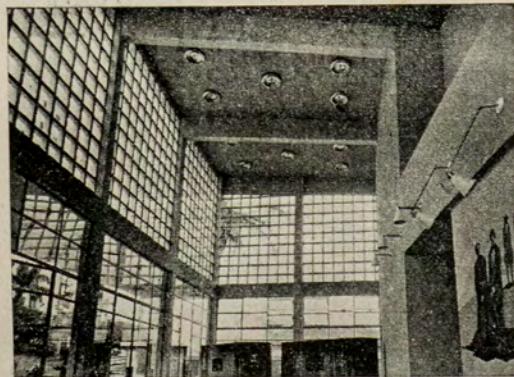


Teatro Arthur Azevedo, Marquise



Teatro A. Azevedo, Mural de C. Graciano

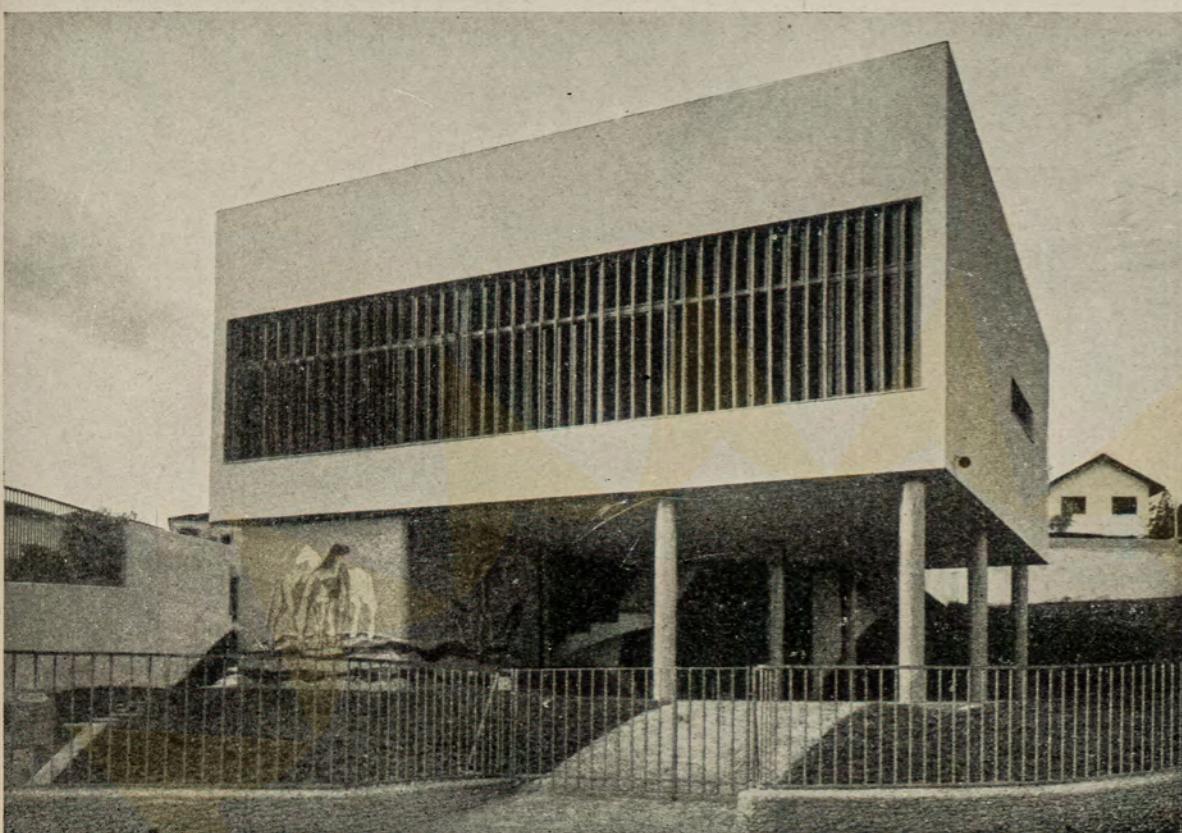
Teatro Arthur Azevedo, Sala de espera



Teatro Arthur Azevedo na Vila Clementino

Projeto: Arq. Roberto Tibau. Construção: Sociedade de Engenharia Politécnica Ltda. (Eng.os Ernesto Assad Abdalla e Antonio Jovino)

O partido geral adotado, extremamente simples, procura apenas ressaltar a estrutura de concreto, que fica aparente na elevação principal. A cobertura da platéia é sustentada por treliças de ferro, e as águas do telhado interceptadas por calhas intermediárias. A fachada de vidro é protegida contra o sol por blocos vasados retangulares de concreto, e por marquise de proteção. As bilheterias são móveis, prevendo espetáculos gratuitos. Orientou o projeto a simplicidade e o uso apenas de elementos estritamente necessários. Capacidade: 600 pessoas.



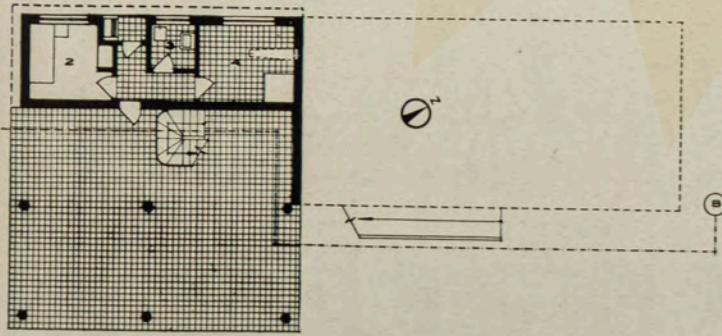
Arq. Oswaldo Corrêa Gonçalves,
Residência no Sumaré

Residência em São Paulo

O arquiteto, neste projeto, procurou aproveitar da melhor maneira o terreno que apresenta declividade para a rua. Assim, na parte mais baixa criou dois pavimentos, enquanto nos fundos, ao mesmo nível do living, colocou os dormitórios. O living, na parte alta, oferece a vantagem de melhor vista panorâmica, havendo um aproveitamento da parte inferior para os acessos discretos bem como um terraço-jardim com abrigo para carro. O terraço-

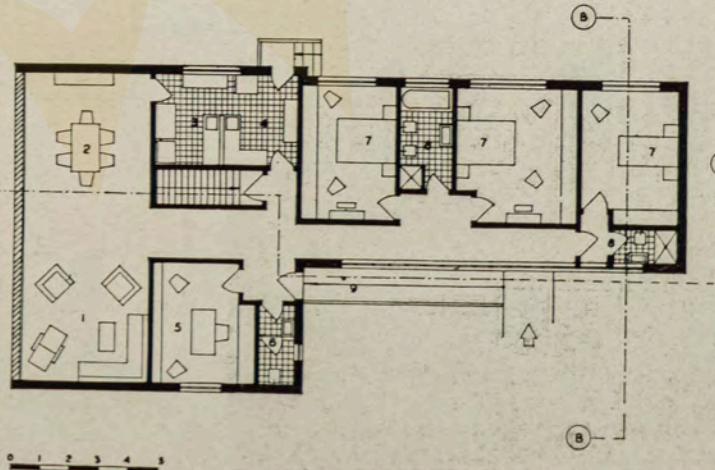
jardim tem como fundo um duplo mural do pintor Clovis Graciano. A fachada simples emoldura um conjunto de quebra-sol de placas verticais em azul que se evidencia como elemento plástico e técnico evitando a passagem dos raios de sol da tarde; ao mesmo tempo serve como vedação do exterior para o interior, oferecendo maior comodidade ao living sem impedir a visão panorâmica. A rampa exterior facilita a chegada pela rua lateral.

Pavimento terreo

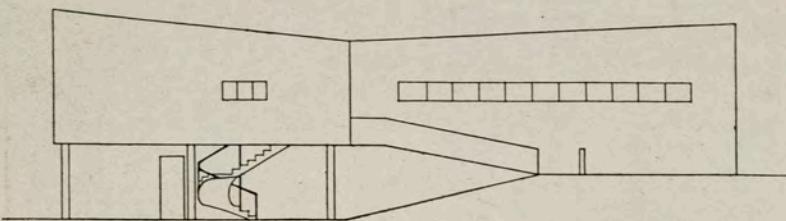


0 1 2 3 4 5

Pavimento superior

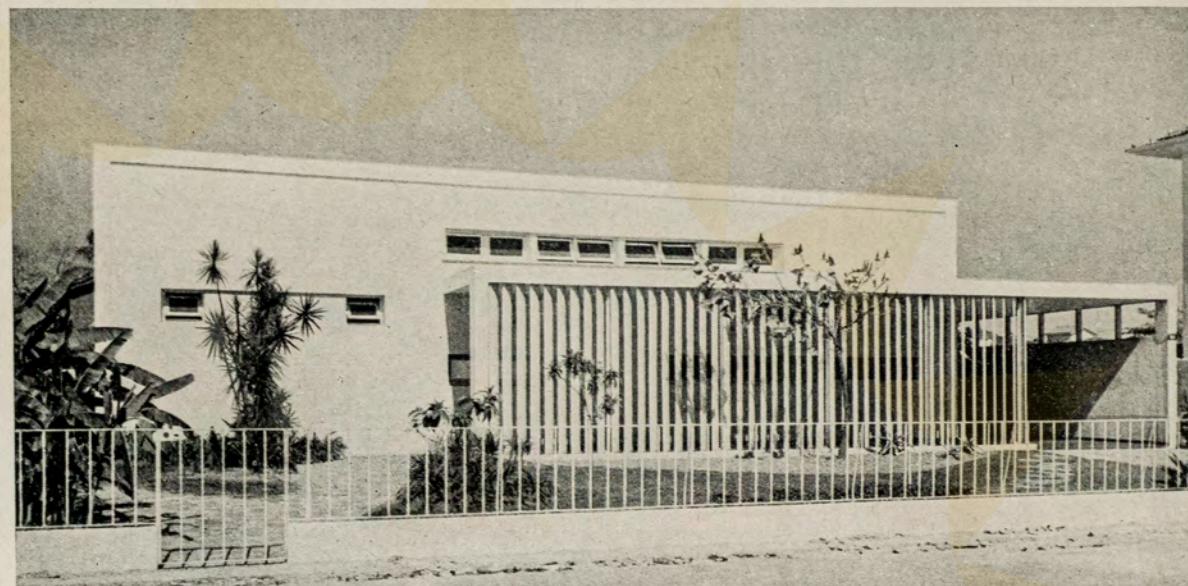


0 1 2 3 4 5



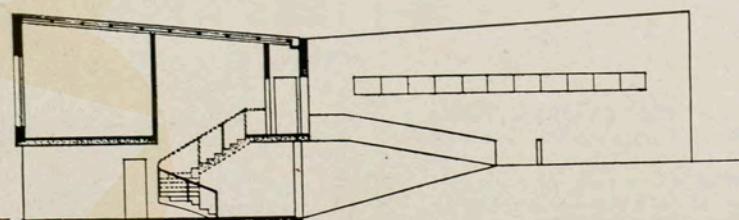
Fachada sul

Escala 1:250

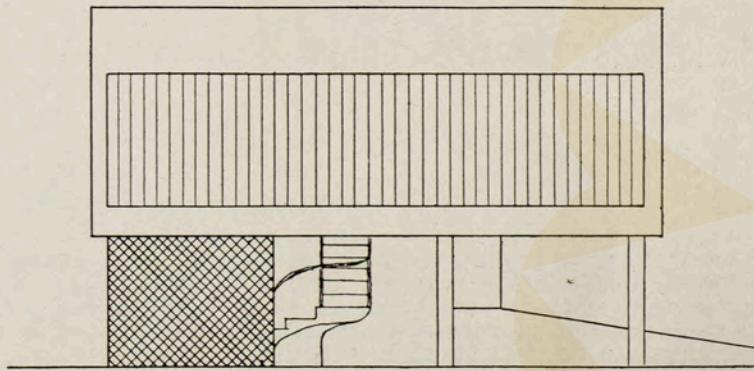


Vista da rampa de acesso e terraço coberto

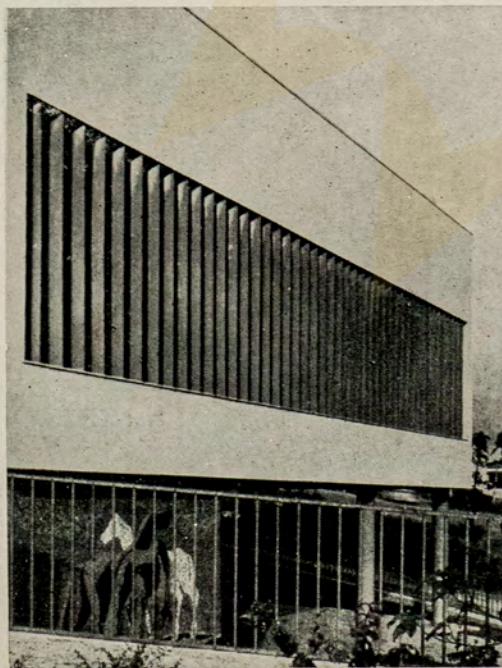
Pavimento terreo



Corte a - a

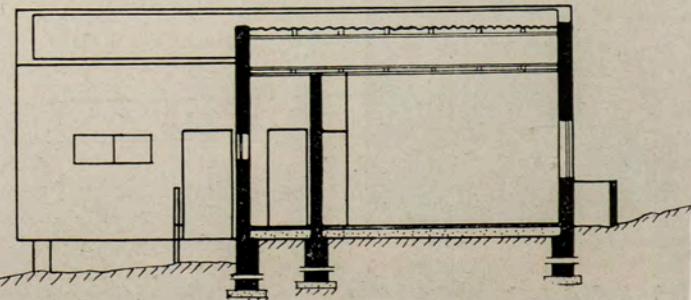


Fachada oeste

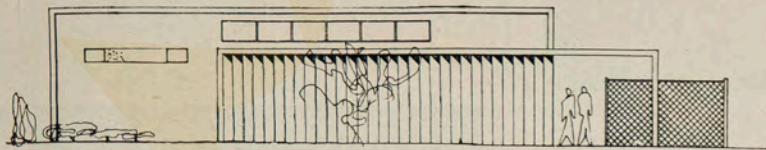
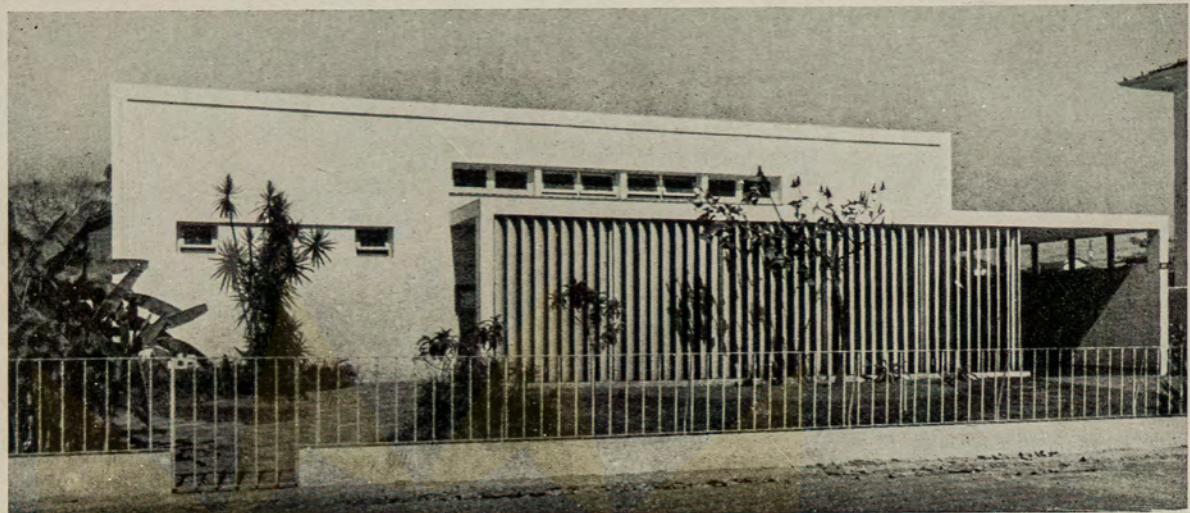


Angulo da fachada

Corte b - b



Arg. Oswaldo Corrêa Gonçalves, Residência em Santos



Fachada norte

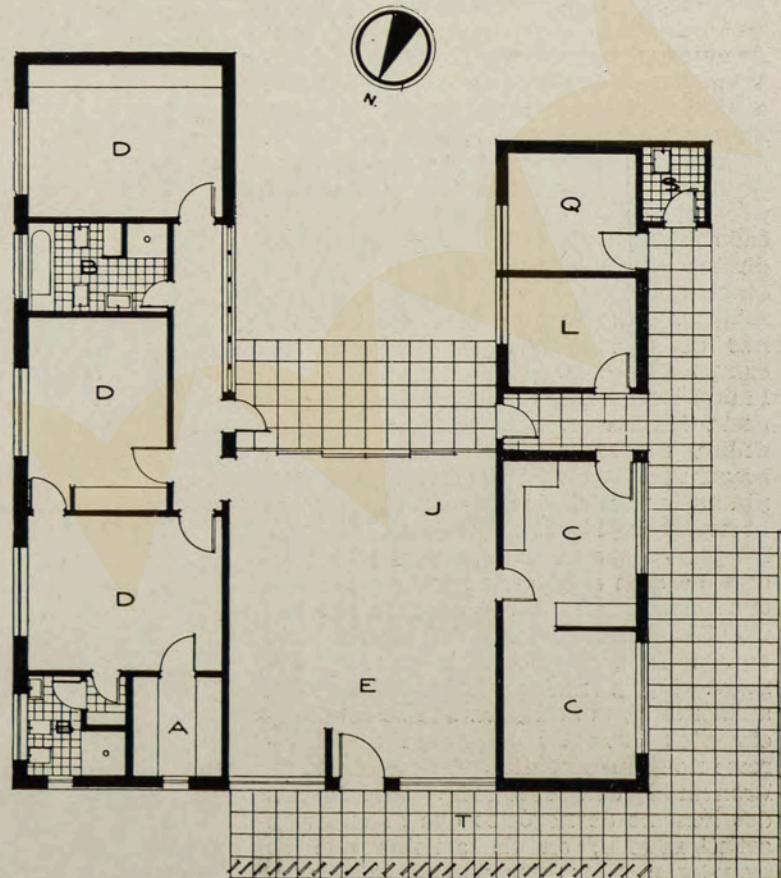
Residência em Santos

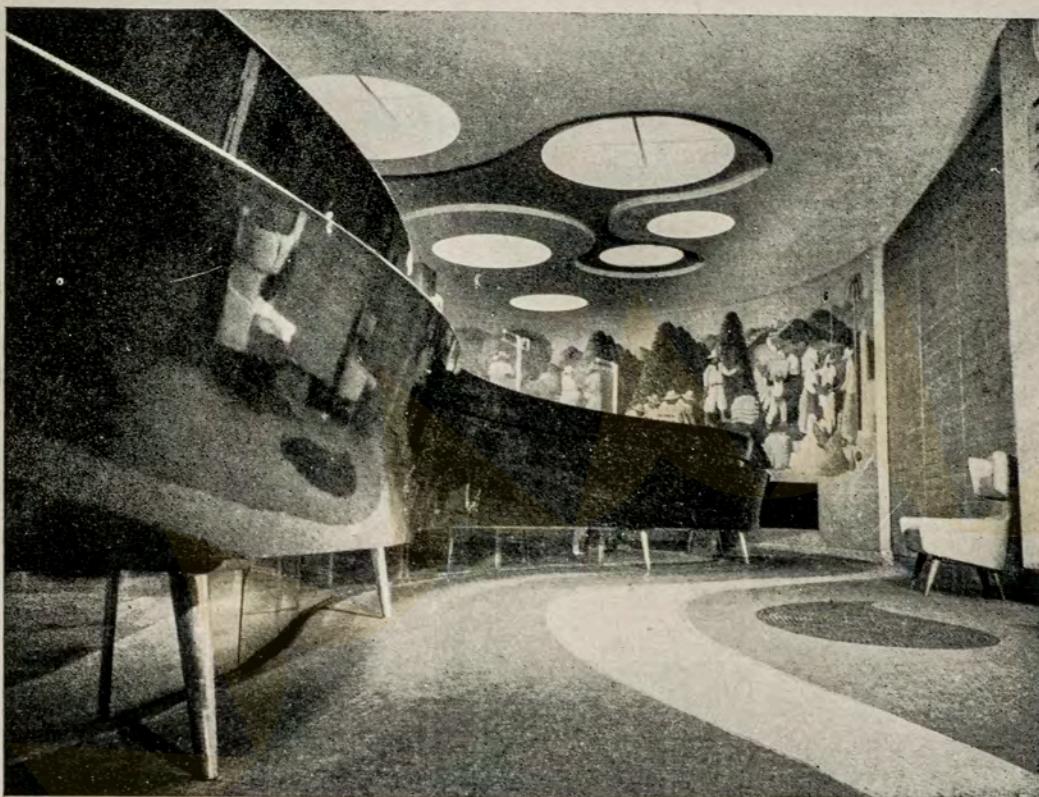
O plano desta residência foi o de colocar entre os dormitórios de um lado e a parte de serviço do outro, o ambiente diário com ampla sala de estar, voltada para um pátio ajardinado abrigado da rua. Na frente da casa, um terraço de entrada é protegido por placas verticais como vedação. O jardim, projetado por Roberto Burle Marx, liga a vegetação à plástica arquitetônica ressaltando sua forma.

Vista interna do terraço e quebra-sol



Planta





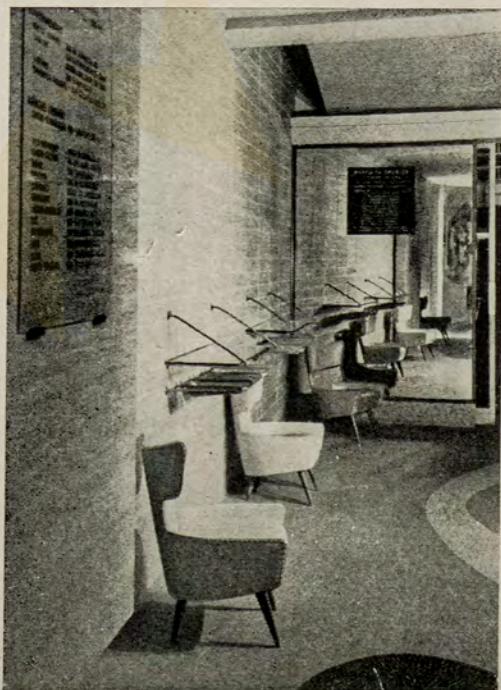
A iluminação, mediante os grandes círculos, consegue mascarar o emaranhamento de linhas de forro

Uma agência de Banco

Eis outro passo para a frente no campo da decoração em São Paulo. Pela primeira vez, uma agência de Banco toma em consideração o fato de que o ambiente pode ser estudado sob um ponto de vista artístico. A Itart, encarregada da decoração, realizou quasi que uma polêmica; no entanto, esse excesso de decoração empresta ao Banco uma nota característica e um tom agradável, próprio da rua Marconi, a rua mais elegante da cidade. A gerência, contrariamente ao costume pelo qual esse escritório está afastado do público, atrás de paredes, foi agora colocado em plena evidência, permitindo ao diretor maior contato com o público e conservando ao mesmo tempo sua intimidade. Paredes de vidro com persianas de aço. Móveis de perobinha do campo e formica.

Eldino Brancante é um dos responsáveis desta instalação. Ele, há muito que se dedica a estudar e colecionar cerâmica brasonada. Escreveu um livro, onde reuniu a maioria das suas importantes observações. Homem de gosto, transferiu para o campo dos negócios uma parcela das suas exigências estéticas. Amante das coisas modernas, Brancante viu que um Banco não precisa ser eternamente aquela coisa solene, de bronze e mármore. Basta maior simplicidade, num ambiente agradável para que os estabelecimentos bancários despertem real interesse no grande público. A experiência de Brancante deu resultado. São coisas dos homens de negócios que se cultivam artisticamente, ou de artistas que se transformam em homens de negócios.

Paredes de mármore travertino polido. Prateleiras para escrever com suportes em metal. Poltronas de couro cinza em dois tons





Painel de Fulvio Pennacchi, representando a evolução da economia agrícola e industrial de São Paulo, e a agricultura colonial. Pennacchi é o autor de afrescos muito admirados em várias igrejas.



Fachada do Banco, na rua Marconi



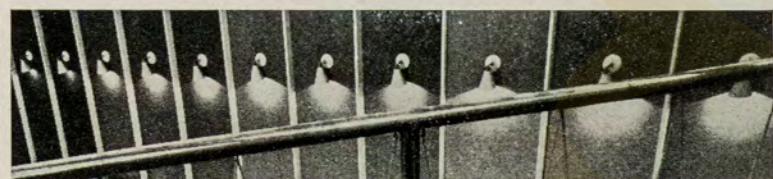
Foi empregada a linha curva para o balcão, adaptando-a às exigências do espaço. Balcão de formica preta. Pavimento de pastilhas de cerâmica



Escada maciça de pau-marfim, parede curva de chapa de aço ondulado



Entrada da loja. Lambris de pinho pintados cinza claro. Bancos fixos engastados no piso. Teto de chapa de aço perfurada, pintada de amarelo



Iluminação da parede lateral com arandelas. Fundo da parede em papel acamurçado de degradé azul, separado por saraços de madeira branca

*Papel acamurçado — Kamurtex Ltda.
Iluminação — Soc. de Imp. Assumpção Ltda.
Chapas perfuradas — Perfuradora de Metais Ltda.
Cristais e espelhos — Vidrasil S. A.*

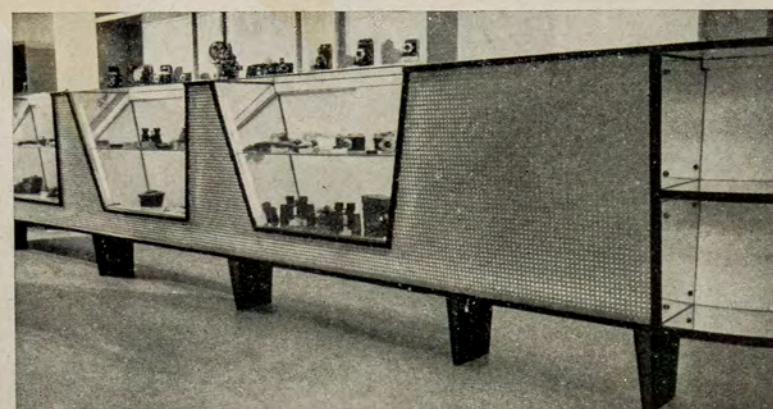
ARQUITETOS GILBERTO M. TINOCO
E IBSEN PIVATELLI

Loja em São Paulo

Esta loja, na rua Marconi, é de autoria dos arquitetos Tinoco e Pivatelli. É esse mais um passo para o progresso estético das lojas de São Paulo. O emprego de materiais de efeito decorativo origina o aspecto de bom gosto e de caráter particular.

Todavia, quantas são as lojas que apresentam elevado tom arquitetônico, numa grande cidade como São Paulo? Uma em mil. E ainda, quando nela trabalham arquitetos dignos desse nome.

Detalhe do balcão em chapa perfurada, iluminada por dentro, com saraços de formica preta





Casa de mestre de obra em São Paulo

Construir com simplicidade

Começamos com uma afirmação de domínio comum, estatístico: hoje, em nenhum país do mundo se constroi relativamente mais do que no Brasil. E não é sómente nas duas grandes Metrópoles, mas também nos centros afastados, nas margens periféricas, no limiar das florestas, nas extensões arenosas.

Esse campo, portanto, poderia ser interpretado como fonte de cultura intensiva para a arquitetura de nosso tempo. Todas as circunstâncias econômicas e ambientais parecem, em muitos sentidos, favorecer a transformação de tantas experiências solitárias e exemplares, feitas aqui ou alhures, numa experiência comum, ou, antes, nacional. Construir a arquitetura moderna, a fisionomia do mundo de hoje. O Brasil pode dispôr, no devido tempo, de importantíssimas lições e hoje não lhe faltam pontos de referência e comparação, a fim de que possa dedicar-se a realizar, com toda a serenidade, a sua arquitetura, tal como o exige tão importante arte. Constroi-se, constroi-se também modernamente. Mas, antes de mais nada, é preciso estabelecer o que é que se entende por "moderno".

Há muitos sintomas alarmantes de que "moderno" acabe por ser treinamento gráfico, preguiça, brincadeira, e muito de extravagância. Ora, se há um terreno em que todos estão de acordo, em admitir que nele não há lugar para a extravagância, em que se deve combater a renúncia a todo esforço intelectual, esse terreno é o da arquitetura. No Brasil, porém, há indícios de que muitos arquitetos, alguns até de renome, fazem um grande esforço, não de inteligência, mas de exibição.

Em arquitetura há coisas indispensáveis, como levantar as paredes, individualizar as funções, dar lugar ao bom senso. E outras há que não vale a pena fazer, porque são perigosas, ociosas, anti-humanas. Entrou em voga a moda de fazer fórmulas, em lugar de construir casas. Ao invés de estudar o emprêgo funcional dos mate-

riais, inventa-se o emprêgo plástico dos materiais, a fim de adaptá-los a garatujas, ângulos, cotovelos, losangos. Isto é ofício para escultores da tardia vanguarda europeia ou mesmo para modeladores de épocas ultrapassadas, de colônias barrocas, de províncias rococó. Plantas e cortes, relévos e perfis são traçados em relação à desenhos abstratos. Em determinado sentido é este um aspecto de baroquismo, desde que entendemos por baroco, não o atributo de grandiosa circunstância histórica, mas o vírus de uma baixa cultura, que convida a viagens ao reino da extravagância, do insípido, do inútil, do incoerente, enfim. Por esse caminho da plástica, chegaremos em pouco às fachadas com aspecto de cabeça de Medusa, às casas em forma de elefante, às plantas com perfil de tartaruga e, para entrar em dimensões humanas, faremos casas anatómicas, como a Estátua da Liberdade ou o San Carlone de Arone, subiremos à cabeça para jogar baralho e voltamos a descer para o ventre nas horas de refeição. Não pretendemos exagerar: mas o fato é que, em pouco tempo, chegariam a tais extravagâncias, mal o gosto abstratista e néo-plástico e expressionista tenham acabado de influenciar a poética. Mas a arquitetura, senhores arquitetos, não é literatura. Nem é pintura, desenho ou escultura. A arquitetura é apenas arquitetura.

Os arquitetos que estudaram com paixão e adesão humana o próprio ofício, sabem perfeitamente quantos erros foram perpetrados no passado recente, em cinquenta anos de trabalho, para chegar a fixar o postulado-base de qualquer construção: no espaço arquitetônico, não é a forma que estabelece os motivos, mas é a função que se traduz em forma. E um princípio de bom senso milenário válido na Grönlândia, em Paris e na Patagônia. O critério da forma bela e da forma não bela é um equívoco deletério. Se os homens que por primeiro usaram a roda tivessem julgado que o retângulo aureo é

mais belo do que o círculo, os homens até hoje estariam se locomovendo com os próprios pés.

Isto porque: o conhecimento da propriedade dos materiais, aliado ao bom senso e ao espírito de observação, desmente sempre quaisquer previsões, quaisquer caprichos geometrizantes; desclassifica as antecipações figurativas e todo o estéril prazer de levantar paredes em triângulo, seções romboidais ou espiraloïdes sem sentido. O arquiteto culto não encontra tempo para ocupar-se com perfis excêntricos, com formas inéditas, cujo gosto, afinal, é muitas vezes discutível. Em todo o caso, fora de propósito.

Afinal, parece inteiramente ocioso que a crítica tenha que bater sempre na mesma tecla. Apesar disso, apesar de repeti-las sem cessar, certas idéias simples não conseguem abrir caminho na cabeça dos arquitetos abúlicos ou caprichosos, que, depois de tanto falar e de tanto dizer, voltam de quando em quando a divertir-se com bombásticas invenções de desconjuntadas formas geométricas, mais ou menos descalibradas, tal como o estão fazendo os epígonos mais do que retardatários do abstratismo pictórico.

Estranhos sistemas! Continuar assim, e dentro de cinquenta anos, este enorme livro que é o Brasil, poderia aparecer como um caderno escolar, onde certo número de crianças brincaram de fazer desenhinhos geométricos para matar o tempo e agradar à professora.

Decididamente, os franciscanos, jesuítas e comerciantes que há cinco séculos aqui aportaram para construir igrejas e lojas, demonstraram maior inteligência e maior habilidade do que muitos arquitetos profissionais de nossos dias. Mais admiráveis. E, no fundo, se bem considerarmos os poucos mas vistosos documentos que sobrevivem, deixaram-nos uma admirável lição de propriedade e perfeição. Não eram pessoas que andassem a caçar borboletas em baixo do viaduto: punham-se a trabalhar e construiam.

A localização do Paço Municipal de São Paulo

"Aproveitamos a passagem entre nós do conhecido urbanista Al. Proud para obter a sua opinião sobre a discutida escolha do terreno do Paço Municipal. Posto não quisesse o distinto profissional se estender em considerações técnicas, dado o pouco tempo da sua estada em S. Paulo, consentiu, entretanto, em considerar para *Habitat* o problema no campo puramente estético". Pareceu-nos, o quanto é possível ajuizar numa rápida inspeção local, inconveniente quanto ao efeito arquitetônico, a construção de um edifício do porte e da importância do Palácio da Cidade, no alto da Praça das Bandeiras. O recente concurso para escolha do projeto veio confirmar exuberantemente o nosso ponto de vista, pois decorre a sua anulação em grande parte das dificuldades suscitadas aos arquitetos pelas consequências do erro inicial, ou seja, a má localização do terreno escolhido. As tentativas que se seguirem continuarão a esbarrar no mesmo obstáculo e toda a construção erigida entre o desgracioso viaduto Jacareí e a Praça das Bandeiras, sempre se ressentirá do mesmo vício inicial.

Disseram-nos que os responsáveis pela idéia, foram buscar desastrada inspiração na Praça da Ópera em Paris. A notícia a ser verdadeira, ocorre muito a propósito para nós, que assistimos justamente em Paris acesa discussão sobre caso análogo. Girou a contenda pouco antes da guerra universal de 1914 a respeito do abuso praticado por certo proprietário, que elevara o Hotel Astória na Avenida dos Campos Elíseos, mais alto do que o permitido. Julgava o edil (Conseiller Municipal) que se insurgira contra a planta, que o pequeno zimbório da esquina poderia prejudicar o efeito decorativo produzido pelo Arco de Triunfo. O incriminado pormenor representava o gosto da época, por sinal, epidêmico, porquanto se repetia em Roma, Lisboa, Buenos Aires, Hong Kong ou Rio de Janeiro, como remate obrigatório de todo edifício elevado em ângulo. Procurou o proprietário se defender das reprovações, alegando que o prédio não atingia a Praça da Estrela, mas a rua de Tilsit, portanto uma quadra abaixo, além da citada Praça possuir tais dimensões, que dificilmente pode ser prejudicada pelas casas da Av. dos Campos Elíseos. Estava com razão; a grita, contudo, fôrça tremenda e teve de demolir um andar para salvar o resto.

Até aí, nada de admirar numa cidade como Paris, zelosa do seu explendor, motivo de ufanía e de renda para os franceses. O interessante para o nosso caso, reside, no argumento que deu ganho de causa aos desafetos do zimbório da esquina. Alegavam edil e seus parciais o precedente erro praticado com a Ópera, construída em local impróprio para receber-a, há pouca distância dos prédios vizinhos que lhe amesquinham as proporções. Atribuíam com veemência a culpa à imperatriz Eugênia, por demais desejosa de sair triunfalmente do Palácio das Tulherias, para assistir a espetáculos de gala, acompanhada por soberanos estrangeiros. Exigia também que o arquiteto Garnier colocasse a Ópera onde ela chamava o

coração de Paris, entre o recém-construído Grande Hotel, então o maior e melhor da Europa, a atual Grande Maison de Blanc e a Av. da Ópera, aberta para ligar o teatro ao paço imperial. O resultado da pressa foi a exiguidade da praça fronteira, defeito que se evidenciou na inauguração do edifício depois da queda do império, quando a imperatriz estava no exílio, tarde demais, entretanto, para emendar o erro. O desgosto dos parisienses ainda permanece vivo, para todo sempre lembrado como exemplo "do que se não deve fazer" em urbanística aplicada a monumentos.

Ora, o que em Paris foi considerado imperdoável, em S. Paulo passou a solução do Paço Municipal. Óbvio dizer, que depois das enormes caixas de sapatos construídos na Praça das Bandeiras, não mais se podia cogitar do Palácio da Cidade naquele sítio, entre dois mostrengos a constituir o que em urbanística se convencionou chamar "perspectiva estrangulada". A única desculpa dos autores da cincada seria o característico de Paris, cidade antiga, carecedora de espaço como em geral as capitais europeias, durante séculos delimitadas por fortificações. Mas este não é graças aos Céus, a condição de S. Paulo, onde com a maior facilidade podemos apontar inúmeros lugares preferíveis a Praça das Bandeiras para receber o Paço.

Um dos que mais se evidencia pela conveniência, é o cruzamento das duas vias mestras de S. Paulo constituídas pela Av. Tiradentes e a futura avenida, da Lapa à Penha, que aproveitará o traçado das atuais ferrovias depois da sua inadiável remoção para as margens do Tietê. Neste cruzamento, possue o Estado o pardieiro da velha Cadeia e a municipalidade o terreno adjacente da Garage Municipal. Ambos formam vasto quadrado entre a Escola Politécnica, Instituto D. Bosco e o Jardim da Luz. Dispõem mais, da reserva urbanística dos quartéis fronteiros da Fôrça Pública, que mais dia menos dia também deverão sair daquele ponto central para a periferia, ou baixada do Canindé, não muito distante e muito mais indicada para o fim.

Reunimos assim, três vantagens; terreno espaçoso e grátis; efeito decorativo de construção elevada na única via triunfal de S. Paulo, na Av. Tiradentes com mais de sessenta metros de largura no ponto da Cadeia, e facilidade de acesso em todas as direções para quem precise tratar negócios com a Prefeitura. Poderíamos acrescentar mais duas; a de não contribuir a construção do Paço na Praça das Bandeiras em manter como está o Thalweg da Bexiga, o qual de há muito deveria ter recebido uma avenida sobre o seu alvéo, medida de urbanística elementar, mormente numa cidade tropical como S. Paulo, sujeita a chuvas repentinas e torrenciais, e tornar possível a substituição do Paço por jardim, extremamente necessário à população do esquecido bairro da Bela Vista.

Uma das piores impressões causadas por S. Paulo ao urbanista, reside na sua impressionante falta de jardins, em meio da floresta de arranha-céus. Ignoramos co-

mo se arranjarão os habitantes desses cortiços, quando tiverem filhos sequiosos de parques de diversões ao ar livre. Sem dúvida, do problema decorrerá mais tarde a maior e merecida censura às atuais administrações pelos milhares de municípios prejudicados. Tampouco, devemos esquecer constituirem os jardins, onde a sábia natureza conserta o erro dos homens, a mais perfeita moldura de uma grande cidade além de valiosa fonte de renda. O zelo dos parisienses pela formosura da sua capital, excelente sugestão para prefeitos, não obedece tão somente a motivos de vaidade fútil. Pelo contrário, inspirase em objetivos de grande alcance financeiro. Apesar de destituída de belezas naturais, conseguiu a velha Paris apesar de judiciosa zonificação, plano geral, limite à fantasia e mau gosto dos construtores e grandioso relevo dos monumentos públicos, de que a Ópera é exceção; a primazia estética entre as maiores cidades do mundo, principal chamariz de turistas, que em 1951 lá deixaram a bagatela de seiscentos milhões de dólares!...

AL.

N.d.R. Já estava composta esta entrevista, quando apareceu no Diário de S. Paulo de 6/11/52, a crônica infra do conhecido escritor José Lins do Rego, que julgamos interessantíssima para o caso em apreço:

"A Prefeitura de Paris, pela sua Comissão de técnicos, considerou fora do lugar e, por isto mesmo, impraticável o projeto para a construção do Palácio da U. N. E. S. C. O. que devia ser construído no Boulevard d'Amiral-Bruix, entre a porta Maillot e a porta Dauphine. Disseram os mestres que rejeitaram o tal projeto, que este não procurou entrar em intimidade com o ambiente, parecendo sua arquitetura exótica que caiu do céu, formas anti-francesas, a entrarem em choque com a paisagem natural da cidade. Tanto assim que executado, conforme as plantas, iria prejudicar a beleza do Arco do Triunfo, destruindo assim o que já é uma tradição da cidade de Paris. Diz mais a comissão: "A U. N. E. S. C. O. não está em causa. Todos nós queremos que ela possua em Paris uma sede condigna. Mas a todos nós repugna admitir que não levem em conta aquilo que a nossa cidade considera a sua particularidade, a sua verdadeira personalidade. Lamentamos que tenham entregue a arquitetos sem espírito francês a construção de seu palácio que deve ser, antes de tudo, uma casa parisiense".

Para os urbanistas franceses o local escolhido não foi o melhor indicado. Poderiam ter tomado para base de estudos outro sítio menos característico da cidade. Para eles o que deve prevalecer é o corpo e o espírito de Paris. Nada de submetê-los a experiências extravagantes. Paris é uma personagem com quem não é dado tirar brincadeiras. A cidade tem dois mil anos. E não se deve tomar intimidades com dois milênios de sabedoria e de gosto."



Saul Steinberg, fotografado no Retiro dos Bandeirantes no Rio de Janeiro, por P.M.B.

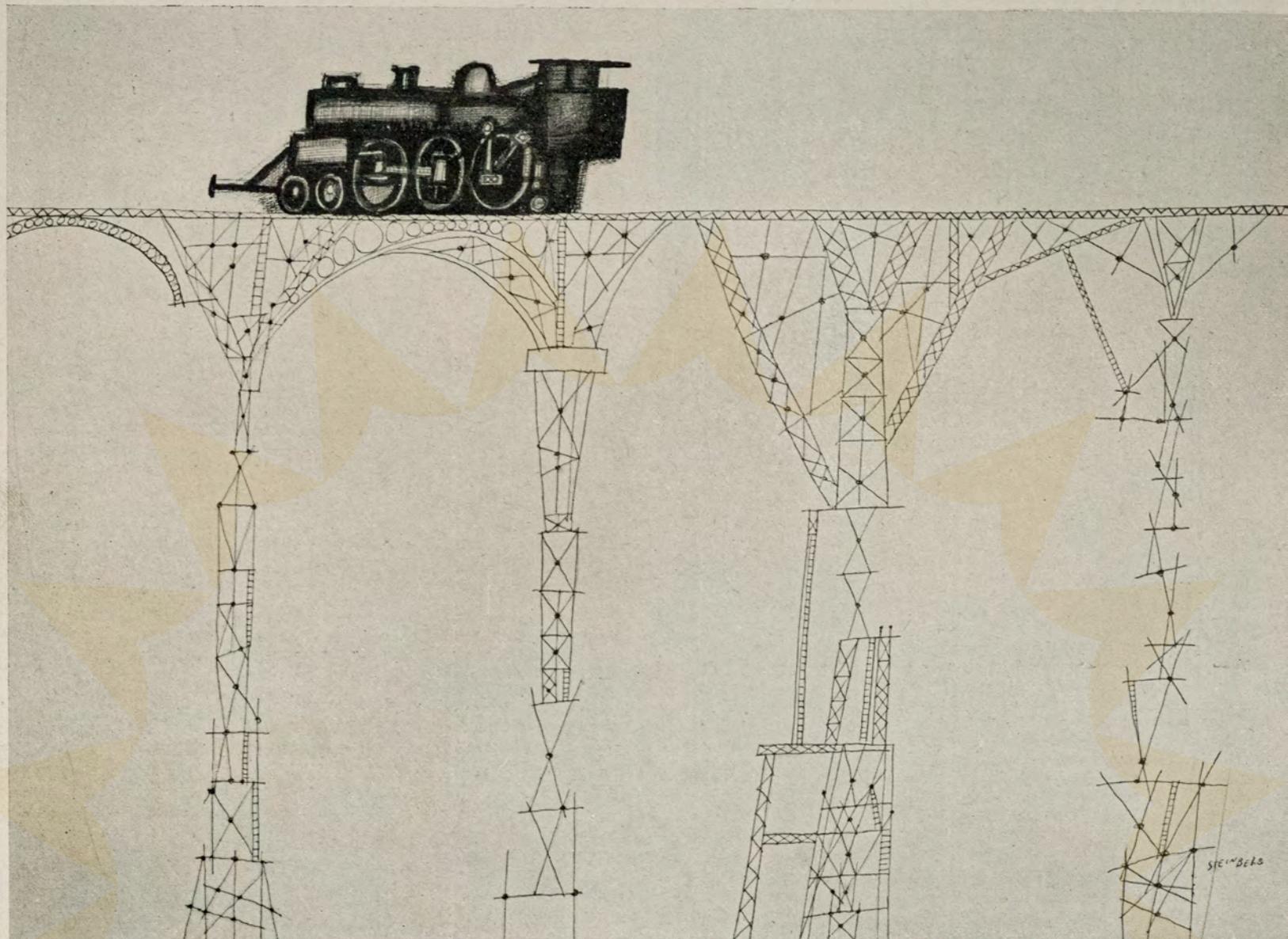
Saul Steinberg no Brasil

Steinberg veio pessoalmente ao Brasil para inaugurar sua exposição no Museu de Arte. Havia uma certa curiosidade em conhecer o homem dos desenhos já conhecidos. Entretanto, há quem julgue dispensável a presença do artista desde que a arte se apresente. É o próprio Steinberg que foge às entrevistas alegando ser "um fósforo". "Naturalmente — diz ele — a minha figura não interessa. Pode levar diante da câmara um fósforo que é a mesma coisa". Mas Steinberg não tem razão. A sua figura, a sua pessoa interessa. Ele é parecido com os próprios desenhos. Os seus óculos de lentes grossas, escondem-lhe os olhos e ele se converte naqueles seus personagens de olhar sem pupila, personagens de olhos vazios, que não vêm nada. Caminha com a mão no bolso da calça e faz do paletó uma espécie de aza. Com os ombros levantados, metido no meio da sala de exposição, a espreitar o público, ele se converte num pássaro. A gente vae pensando assim, naturalmente contaminado pela maneira de pensar do próprio Steinberg. Foi ele que nos ensinou a transformar homens em animais, porque foi ele que fez dos garçons da praça São Marco de Veneza, passarinhos e dos pombos, seres humanos. Steinberg fala pouco. Aprendeu muita coisa na Itália, inclusive aquilo que não usou, como a arquitetura. Mas não aprendeu a falar ou a gesticular. Apenas a sua mão direita, como se tivesse entre os

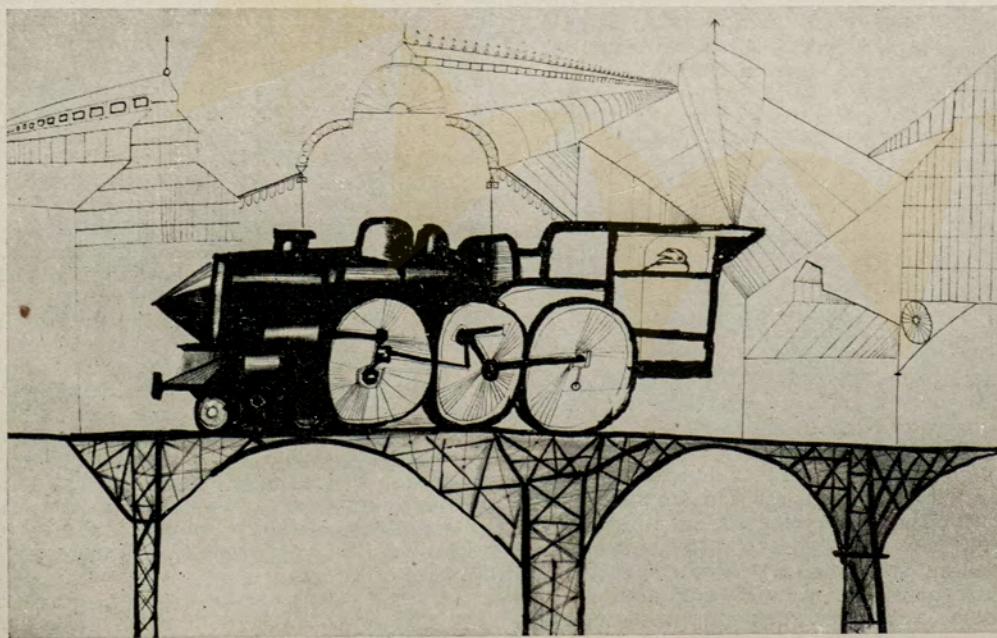
dedos um lápis, é que realiza as únicas tentativas de gestos. Digamos tentativa, porque quando passa a gesticular é porque tem um lápis na mão. Então desenha. O gesto corre, solto, surpreendente. A gente fica sem saber para onde conduzirá a linha. E ficamos a rir da surpresa dos seus gestos, dos absurdos que contém. Ai convertemos em criança brincando de pega-pega. Steinberg se diverte e vae assim, a gesto solto, sem acabar mais, mantendo em constante alegria, nós e o mundo. Consagramos nesse momento aquilo que chamaremos a "hegemonia da ociosidade". Que delicia a liberdade dessas linhas, as invenções desse homem, a irresponsabilidade, — higiênica irresponsabilidade, — dos seus personagens que não levam a sério os heróis, as heroínas e os salvadores da nossa civilização. Tudo e todos são iguais. Tudo e todos tornam-se infantis. Podia ser, até, o mundo de Steinberg, uma espécie de democracia, gerada em Milão e frutificada em New York. Gerada em Milão, porque ali ele estudou. Porque ali, na cidade mais industrial da Itália, viveu os conflitos entre a industrialização e as grandes tradições da antiguidade. Aprendeu apreciar os resíduos de um mundo eminentemente artezanal, com um sentimento que é um sentimento novo e que se chama sentimento crítico ou satírico. É um sentimento milanês, com uma pouco daquela atmosfera das páginas retro-

pectivas, dedicada ao "fin de siècle" que estão se tornando sistemáticas nas revistas tipo "Oggi", "L'Europeo", "Candido". Assim, tentam destruir os últimos resíduos da graça "fin de siècle" ou da epopeia dannunziana. Arrazado o mal-gosto, substituído pelo pavor do decorativo, do pessoal, do temperamental, do romântico, o homem, no caso um milanês, termina seus dias aderindo, francamente, ao técnico, ao impersonal, ao "racional", ao industrial, ao anti-romântico. Chega então em New York: produção em massa, ação pela ação, dinamismo, higiene, linguagem internacional, senso prático, objetividade; vitória do anti-sentimental; vitória do anti-romântico; vitória contra os grandes resíduos da cultura ocidental; vitória do espírito milanês. Por isso que Milão, dizem muito bem os napoletanos, não é a Itália. É o São Paulo da Itália. E São Paulo, não é Brasil. É na verdade, o Milão do Brasil. Somos, no fundo, todos irmãos. E lutamos, segundo esse espírito, por aquilo que até poderíamos chamar de democracia. Steinberg é feliz nesse mundo das linhas soltas. Trabalha sem encomenda. Vive livre, livre como um pássaro, porque encontrou o seu mundo. Nos, naturalmente, nos identificamos com esse sentimento de liberdade e passamos momentos de felicidade. Mas, depois, voltamos para o nosso mundo.

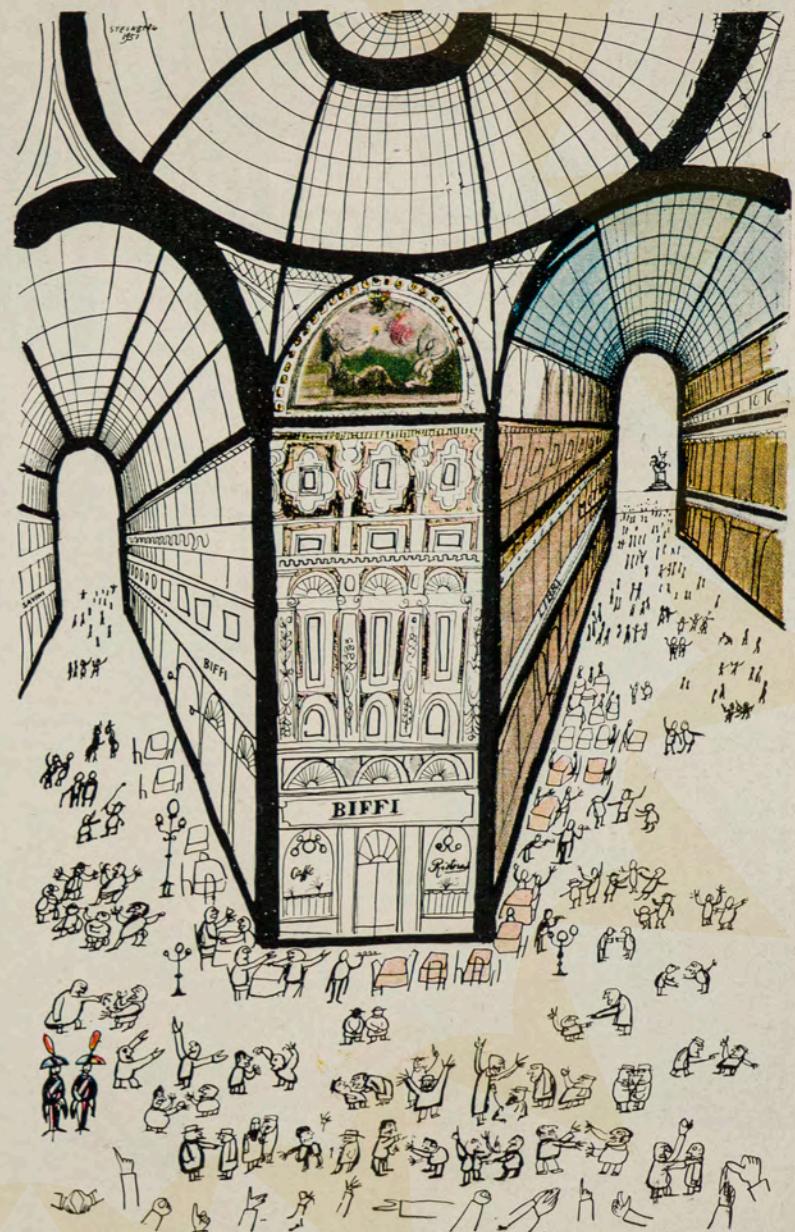
FLAVIO MOTTA



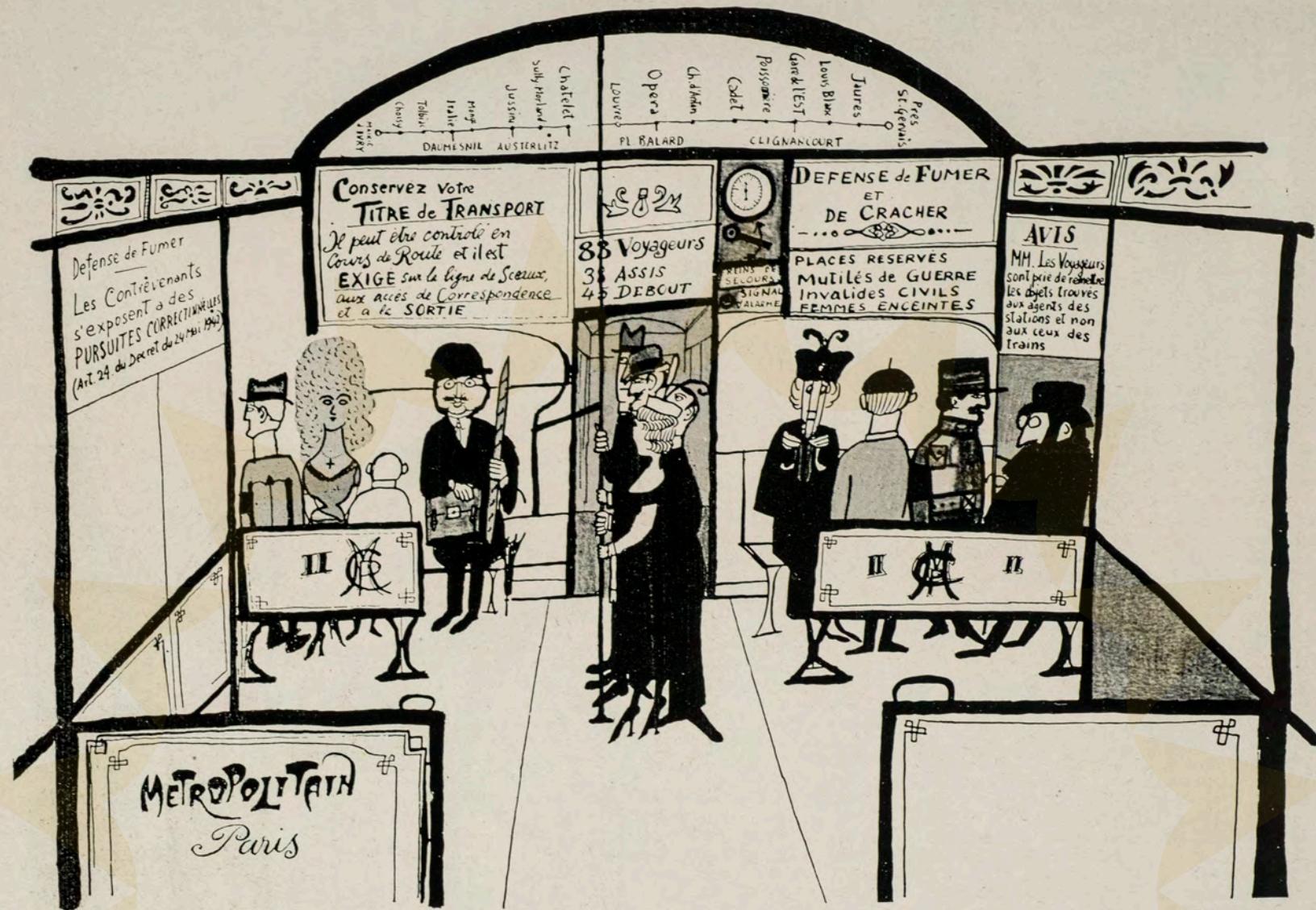
Trens de Steinberg



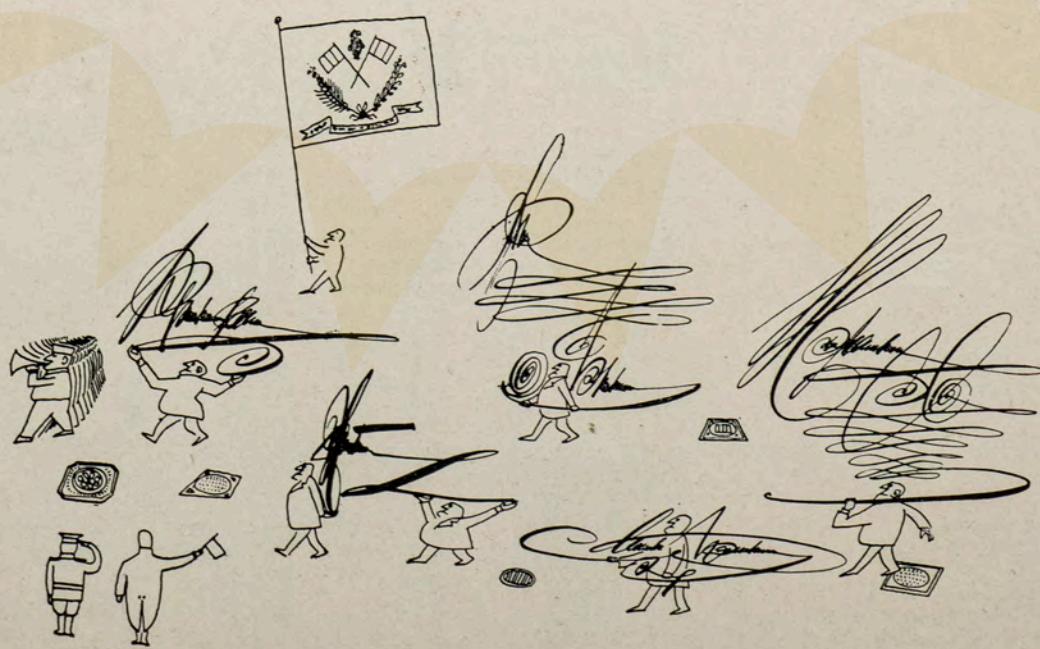
Steinberg, sua esposa Edda Sterne
e Lina Bardi em Aparecida



Steinberg, Galeria de Milão (Exposição no Museu de Arte de São Paulo)



Steinberg, Metrô de Paris



Steinberg, Os carregadores de assinaturas

Hedda Sterne e suas máquinas

O homem, depois de tanto atuar e pensar, ainda não comprehende claramente o que representa, na história dos complexos destinos da humanidade contemporânea, aquêle instrumento incrível e monstruoso que é a máquina. As máquinas têm existido, desde que o homem é homem. Armadilhas, bastões, utensílios para a lavra, tesouras, cunhas, alicates e roldanas, são máquinas. Entretanto, em nossa civilização e especialmente em tempos mais recentes, a máquina tem se tornado um objeto inquietador, personagem dum mundo irônico e infernal. Esse instrumento é talvez o ponto da discordia da mitologia contemporânea. Alguns exaltam-no com frenesi, outros odeiam-no com a mesma intensidade como se odeiam monstros. Esse problema já dura uns cincuenta anos, interessando filósofos e pensadores, estadistas e pontífices de todas as religiões, artistas e industriais; é uma questão, porém, que ninguém consegue entender, ninguém concordar sobre a maneira de se tratar essa criatura. E, no entanto, essa criatura, cresce, desenvolve-se excessiva e febrilmente, ameaçando a própria existência do mundo. Desde a primeira máquina de costura, ocasionadora quasi duma revolução na Europa, até a pilha atômica, a máquina está se firmando como personagem essencial de nossa civilização, mais forte do que o homem, que, em épocas menos infelizes tem se declarado o protagonista absoluto do universo.

Entretanto, se a situação continuar como parece estar encaminhada, o homem acabará sendo não mais o protagonista, mas um insignificante comparsa destinada a dizer sim ou não, ou, no máximo, duas ou três palavras.

Esse, porém, é problema que interessa em outra ocasião. Queríamos sómente lembrar como uma pintora americana, Hedda Sterne, a qual participa da revolução (revolução da inocência, é claro) feita pelos "irascíveis", isto é, pelas mentes mais agudas da vanguarda americana, como essa pintora — dizíamos — tenha escolhido para personagem fundamental de suas telas, justamente a máquina.

Hedda Sterne tem exibido suas telas no Museu de Arte de São Paulo, ao lado dos trabalhos de Steinberg, o maior humorista contemporâneo. Essa exposição foi uma das mais importantes realizadas em São Paulo nesses últimos anos.

Hedda Sterne, dizíamos, pinta a "máquina". Da mesma forma dos "futuristas" de saudosa memória? Não. Hoje já podemos entender que a exaltação futurista foi uma espécie de idolatria, inevitável como a febre malária, mas inútil como todas as manifestações algo esquizofrénicas. Hedda Sterne olha para seu modelo, a máquina; como para uma personagem a ser pesquisada, a ser compreendida em seu conjunto. Com que ingenuidade e sensível melancolia consegue a pintora imbuir à máquina que pinta! Hedda procura equilibrios desconhecidos, luzes irreais, energias não imaginadas, forças que não constam da mecânica, atmosferas absurdas! A máquina vem sempre surpreendida num momento em que se deve dar uma transformação, uma metamorfose, pela qual a máquina poderá tornar-se até um fato biológico. Um

instante de metamorfose impossível. Essa máquina-animal, em estado de tensão pictórica, torna-se puro sonho, meia aventura. Tem sentimento, idéias, alegria melancólica. Essa aventura espiritual, à margem do atrito entre elementos mecânicos e biológicos, deve ser considerada um fato constante da pintura contemporânea norte-americana. Os próprios trabalhos de Hedda Sterne apresentam sinais precisos da internacional norte-americana, a internacional dos "irascíveis". As influências de Gorki, de Pollock, de Matta Etchaurren não deixam, naturalmente, de se fazerem sentir, e quando ver também uma influência de Milão, podemos citar, como relação longínqua, o maquinismo de Munari. E é justamente nesse sentido que o trabalho de Hedda Sterne se nós figura essencial num clima pictórico, trabalho esse incluído, com força qualitativa de primeira ordem, no grupo dos melhores artistas norte-americanos.

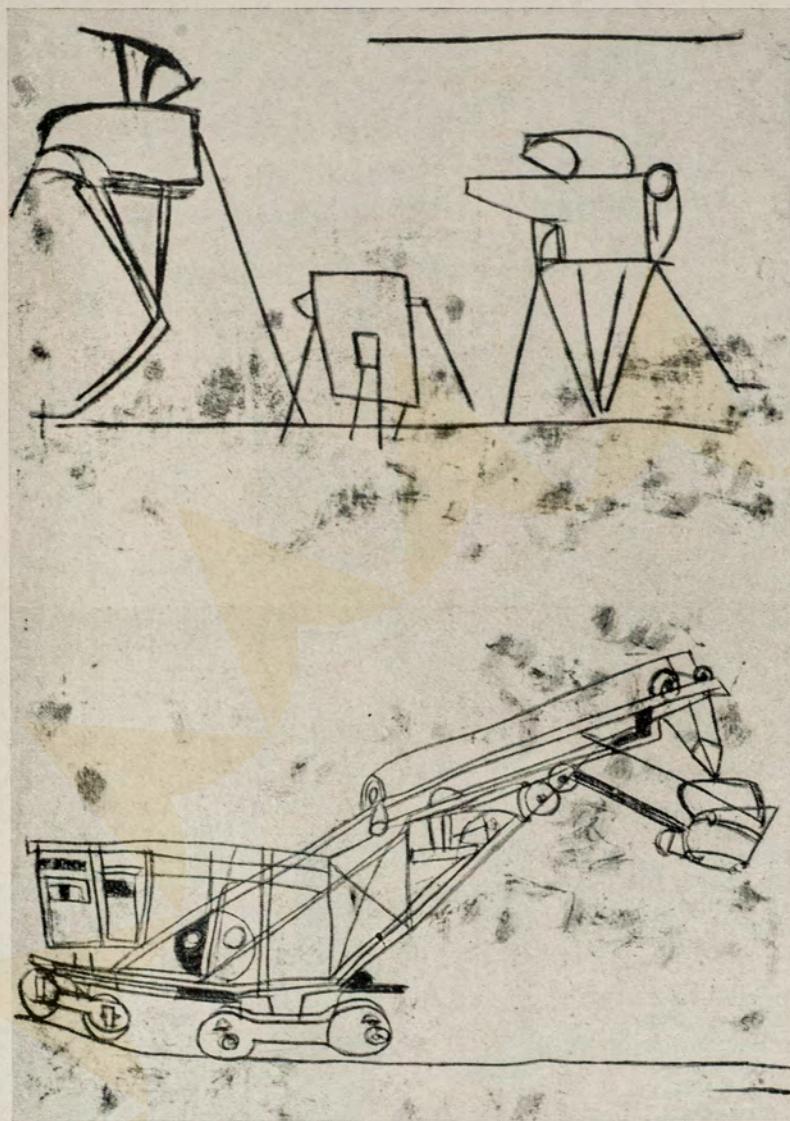
Talvez, não é sómente intenso estro de "vanguarda" que deve ser frizado. Por quê, talvez, o vanguardismo é sómente uma doença grave, tornando-se crônica. Onde os movimentos das poéticas europeias, polêmicas e impulsivas, provisórias e inquietas, conseguiram muitas vezes aderência profunda com a vida, com a psicologia pública, com a realidade, foi justamente na América do Norte. Historicamente é fácil de se compreender como Nova York, com suas associações de instintos pictóricos e poéticos dirigidos a um escopo vital e estilístico bastante claro, venha substituindo lenta mas naturalmente a velha Paris. Na cena de uma hipotética "école de Paris", imagem do tormento e da ironia da Europa, Nova York tem montado sua representação patética e imperiosa duma pintura (e demais artes) que necessita dos estímulos das antigas vanguardas, transformando-os em novas poéticas. Nesse terreno surgiram os "irascíveis": as generosas ficções de novos abstracionistas "biologicantes" de novos expressionismos amargos, de novos surrealismos entrosados com arqueologias museográficas provisórias e efêmeras. Os nomes que mencionamos e que são só uma pequena parte (não incluímos, por exemplo, Tobey e Tangy), esses nomes formam aspectos confusos mas naturais de realidade da América ou melhor de Nova York. Desordem e dôr prematura, exílio e idílio ferzozes: essa é a pintura norte-americana que nem sequer tem recusado ousados contatos com a psicanálise e com os diagramas oníricos. Portanto, a pintura americana é uma realidade da pintura contemporânea. Até mais solene, mais comovedora. Hedda Sterne, parte típica e anagraficamente reconhecível das grandes misturas de idiomas e raças próprias da nova torre de Babel, entrou nessa pintura com simplicidade, precisão e singeleza, tornando-se um de seus elementos principais.

O Museu de Arte de São Paulo, apresentando Hedda Sterne, quiz justamente mostrar uma posição autêntica e qualificada da poética norte-americana.

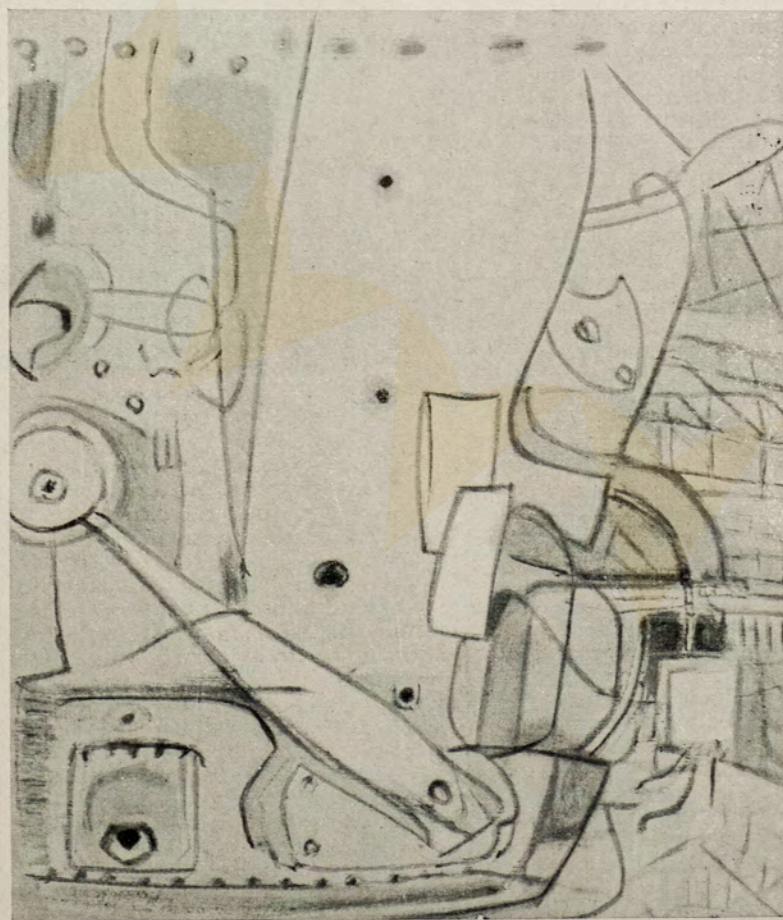
L. C.



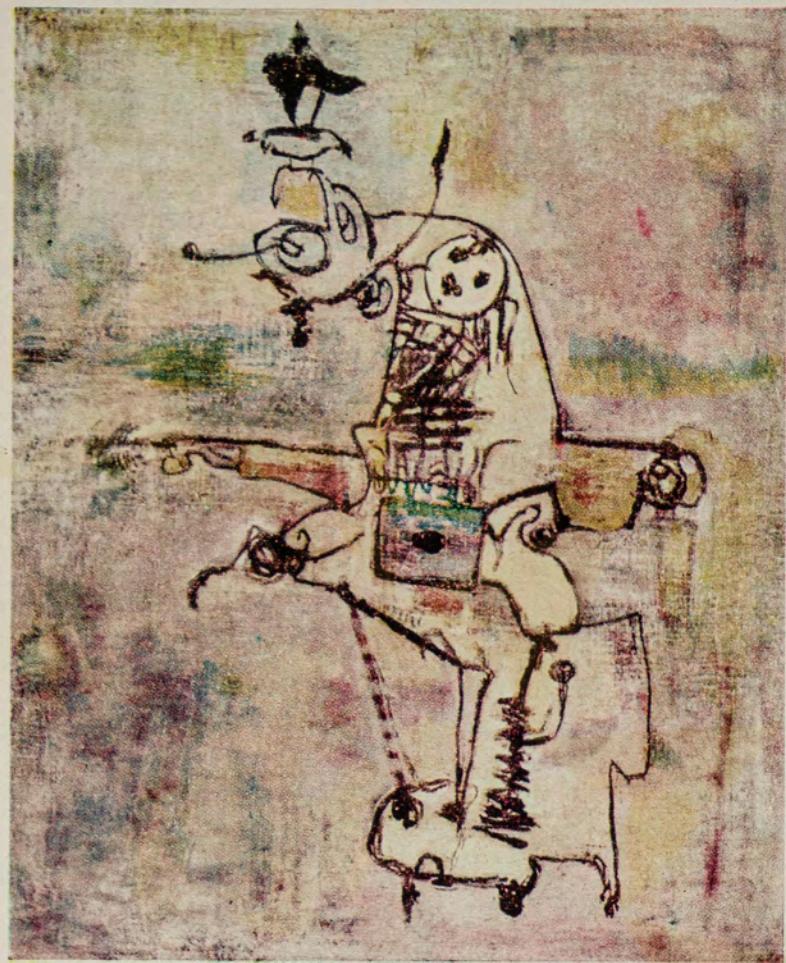
Sterne, Pintura



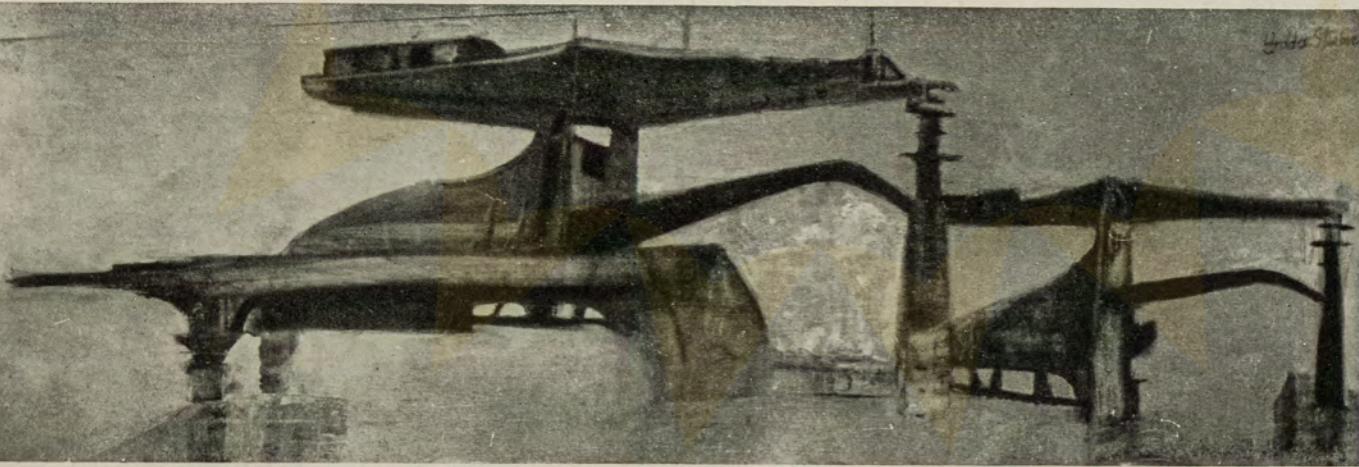
Sterne, Desenho



Sterne, Desenho



Sterne, Pintura



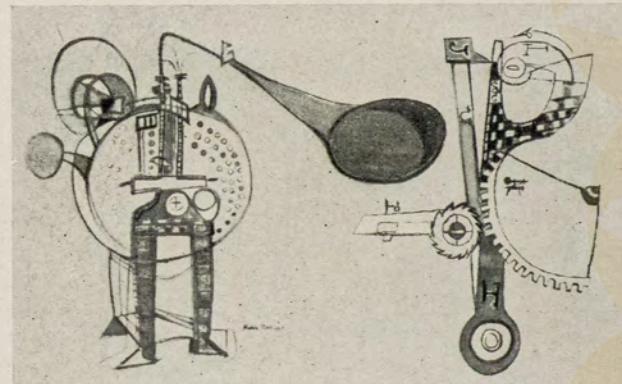
Sterne, Pintura



Sterne, Pintura

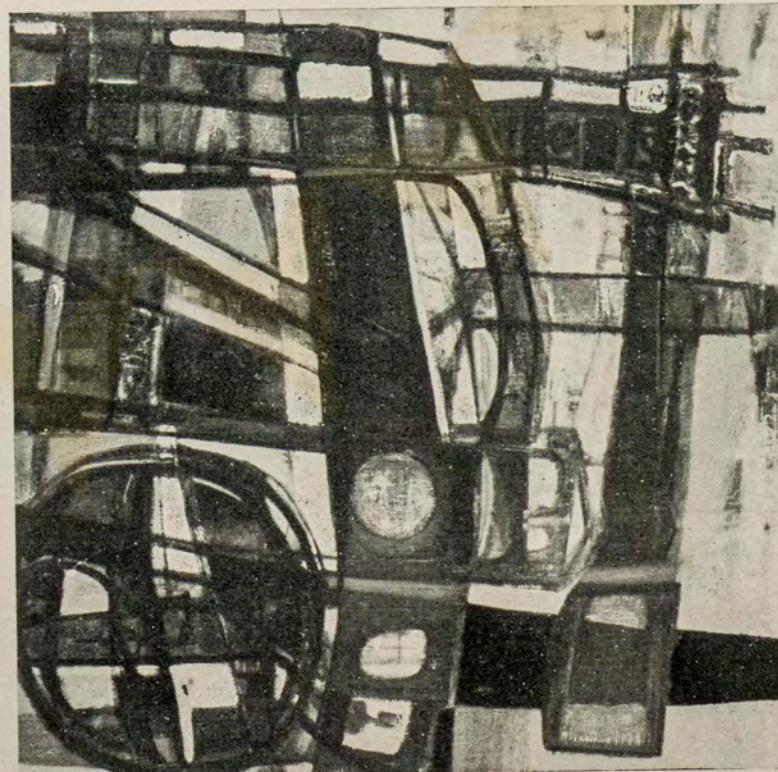


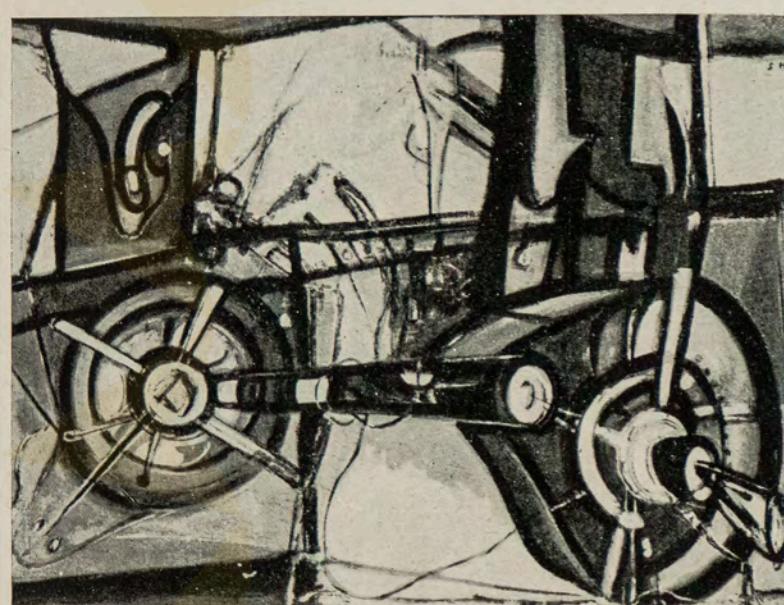
Sterne, Pintura



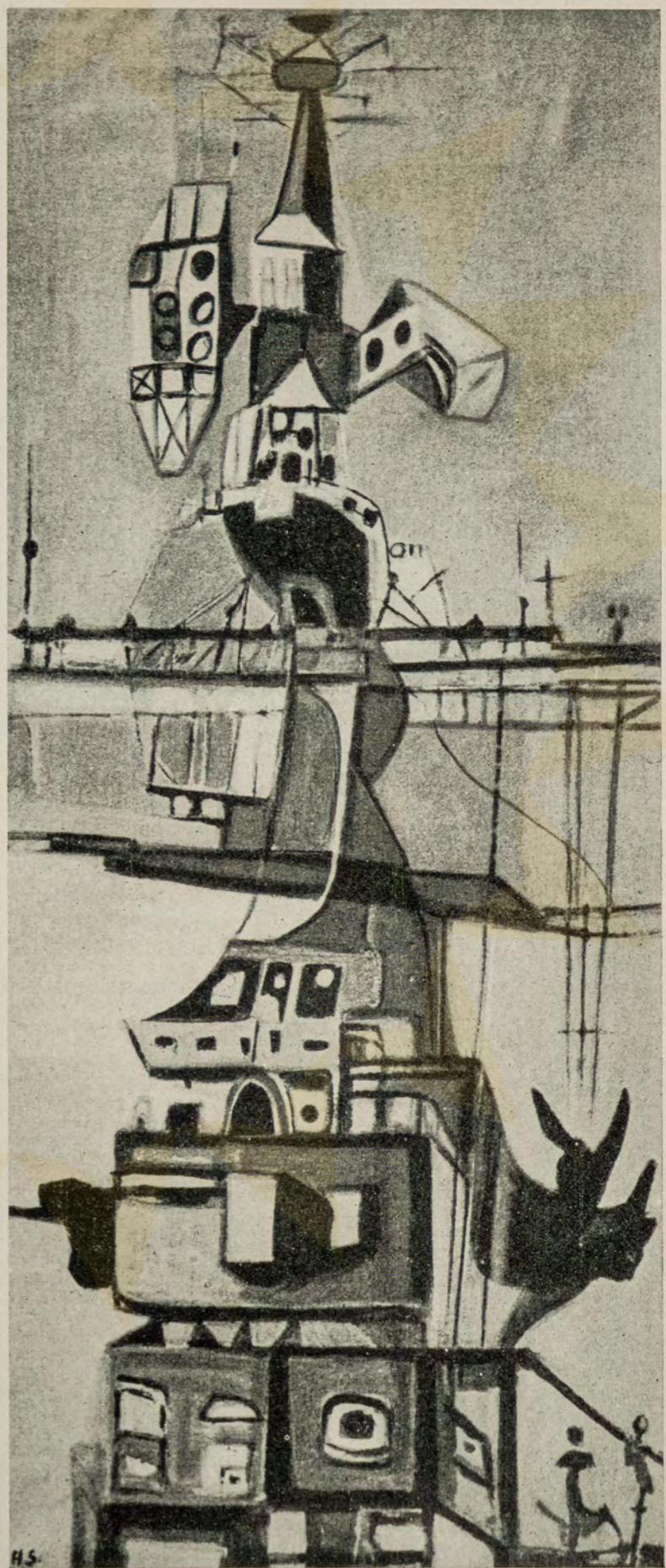
Sterne, Desenho

Sterne, Pintura





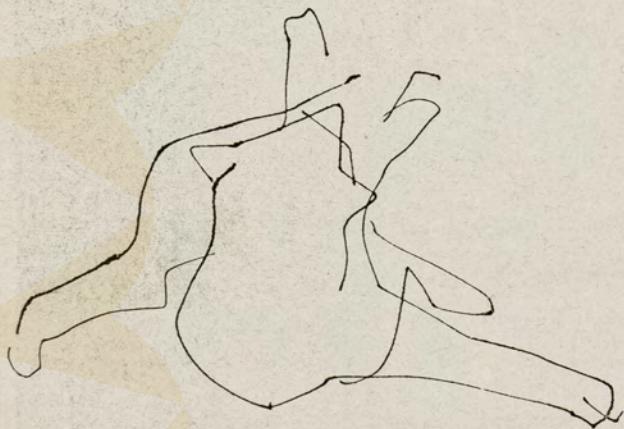
Sterne, Pintura



Sterne, Pintura

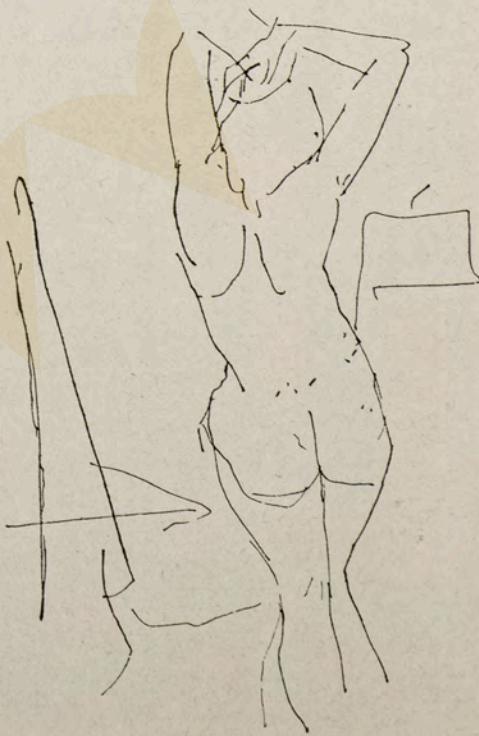


Gatos



Gato

Desenhos de Italo Cencini



Nu



Roberto Sambonet, Paseo de un pavilhão de alienados

Psiquiatria e pintura

A Psiquiatria como método de observação dos processos mentais é, além de aplicação científica, intensa e fecunda experiência emocional.

Esta "experiência emocional" que sofre o psiquiatra, no trabalho rotineiro da observação de seus pacientes, pode tornar-se fértil campo para pesquisas, reflexões e conclusões de ordem intelectual mais geral, não especializada, e pode, talvez, trazer alguma nova e original contribuição ao progresso da cultura.

Vejamos em que consiste esta "experiência emocional". O psiquiatra, ao observar utiliza para dados e informações ao seu raciocínio, de um cabedal científico que a atual ciência psiquiátrica tem à sua disposição. A relacionação dos elementos que lhe fornece o paciente com aqueles que "a priori" possui, leva-o gradativamente a uma série de raciocínios que lógicamente, terminam numa conclusão que é o seu diagnóstico sobre o caso.

Este é como é claro o problema-razão, problema-máquina. Acontece entretanto, que sendo o objeto do seu estudo um ser humano e mais particularmente uma mente humana, a prática constante deste tipo de trabalho, acaba por se acompanhar de profunda ressonância emocional a cada "situação compreendida".

Tal tipo de relação, psiquiatra-paciente, envolvendo um problema de compreensão gradativa das situações humanas da parte do médico, acaba por criar neste, um estado especial de sensibilidade, que é o objetivo do presente artigo.

Partindo deste ponto de vista, o problema coloca-se em traduzir esta experiência emocional em um tipo especial de linguagem que não a científica, por ser esta, como é claro, inadequada. Foi então, quando resolvemos convidar o pintor Sambonet, para que com sua arte pudesse nos ajudar a resolver o problema. Trata-se, na realidade, como se pode ver de uma experiência bastante delicada.

Para que Sambonet pudesse perceber exatamente o que queríamos dizer, teria que sentir ele próprio o mesmo tipo de "experiência emocional", criar portanto, o mesmo estado de sensibilidade.

Sob certo ponto de vista, a experiência foi e está sendo bastante facilitada pela já natural sensibilidade do artista acostumado há longo tempo a apreender os dados da realidade, sobretudo em termos da sensibilidade. Por outro lado entretanto cumpria a Sambonet formar certa cultura psiquiátrica que lhe permitisse mais ou menos o mesmo tipo de observação que a nós outros.

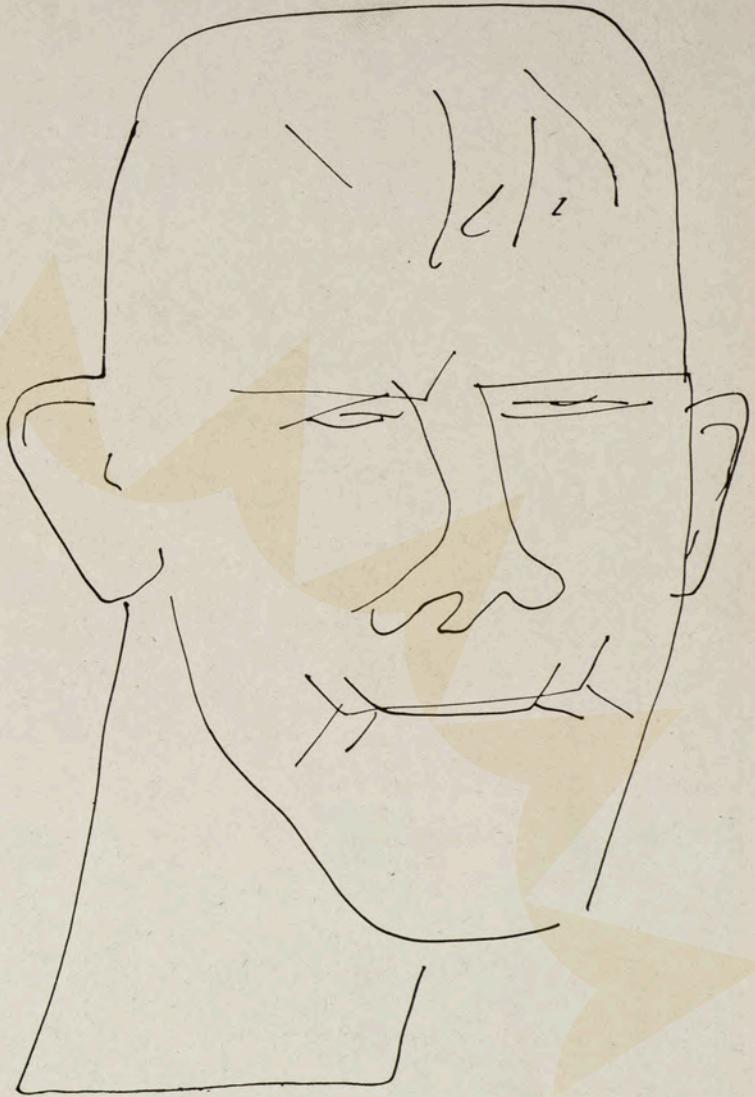
Isto não é tarefa fácil. Mas, dada a capacidade de compreensão de Sambonet, que lhe advém de uma sólida cultura geral e de sua sensibilidade artística peculiar, ele já executou, a partir deste ponto de vista, uma série de desenhos que estão a cumprir o fim que perseguimos. Trata-se acreditamos, da primeira vez que se executa este tipo de experiência "psiquiatria-pintura" no mundo.

Esperamos que esta nossa experiência, dada suas origens profundamente humanas, venha confirmar a possibilidade de contribuição e colaboração entre uma ciência abstrata como é a psiquiatria e o recurso plástico da expressão artística, dando a esta novos caminhos e soluções.

Os desenhos de Sambonet já realizados, vêm dar novo alento e confirmação à tese que esboçamos — que esta experiência emocional é um problema humano de fundo realista, impulsionado todavia, por grande carga afetiva onde um imenso anseio de liberdade cresce a cada maior conhecimento dos limites da Razão. Isto porque alargar as fronteiras da Razão é conquistar mais espaço para o homem.

DR. EDÚ MACHADO GOMES
Psiquiatra do Hospital de Juqueri

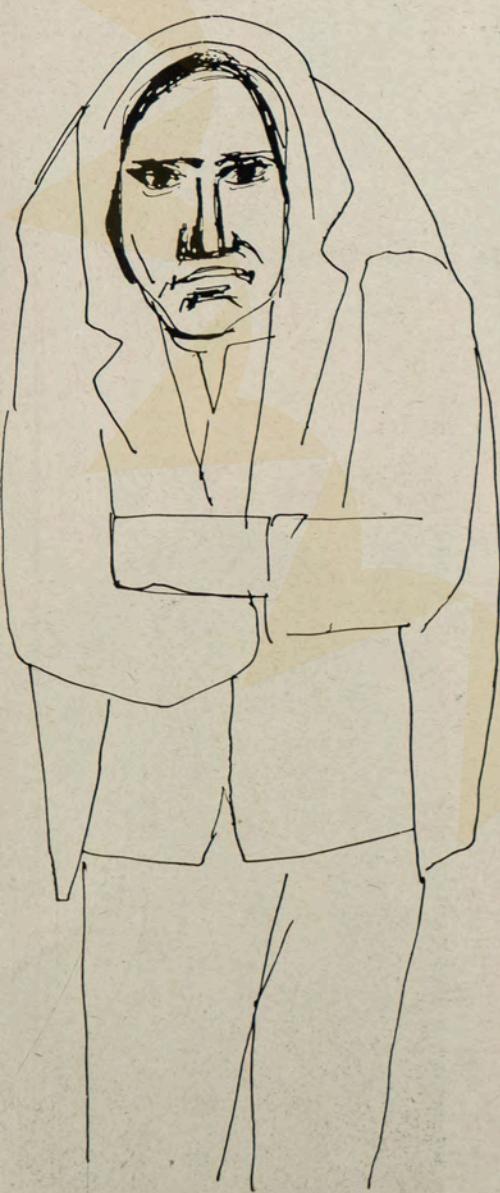
Distinção paranoide

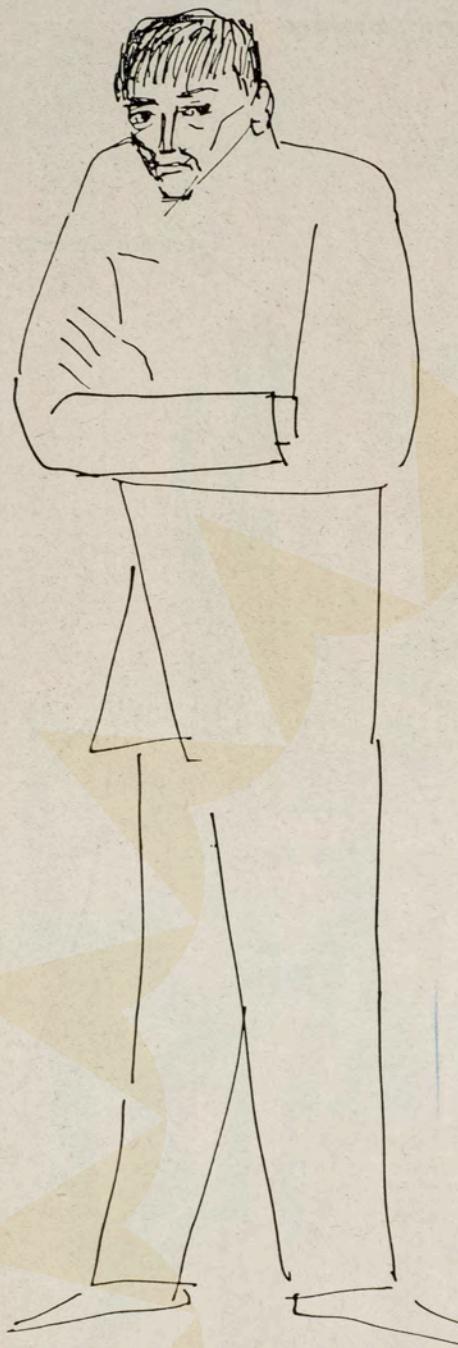
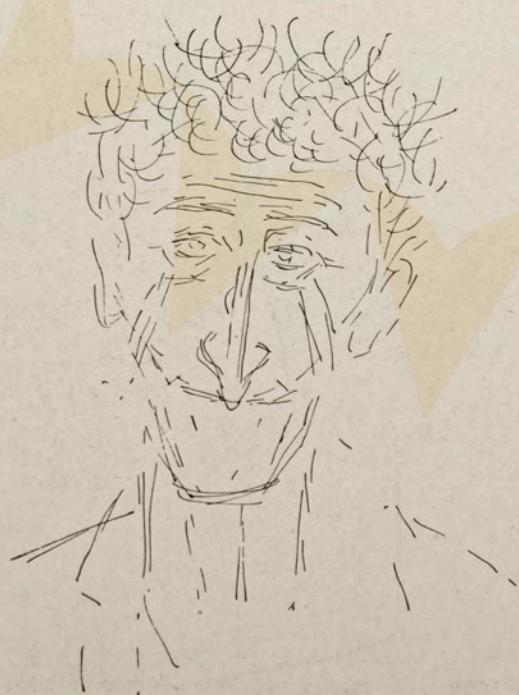
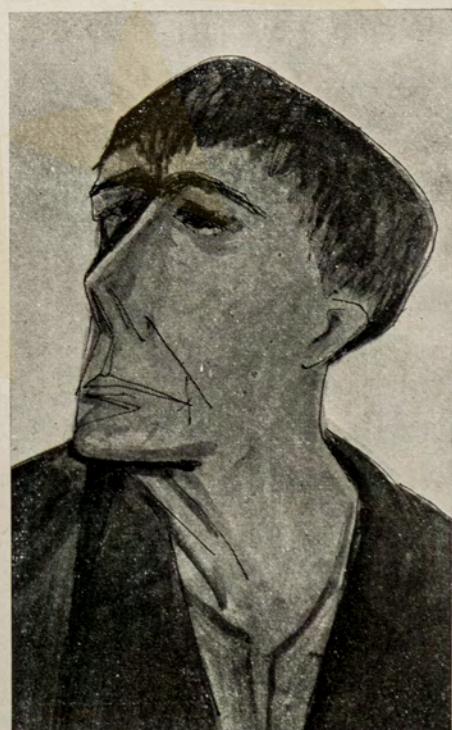


Personalidade sensitiva — paranoide



Epilepsia. Viscosidade e lentidão psíquicas

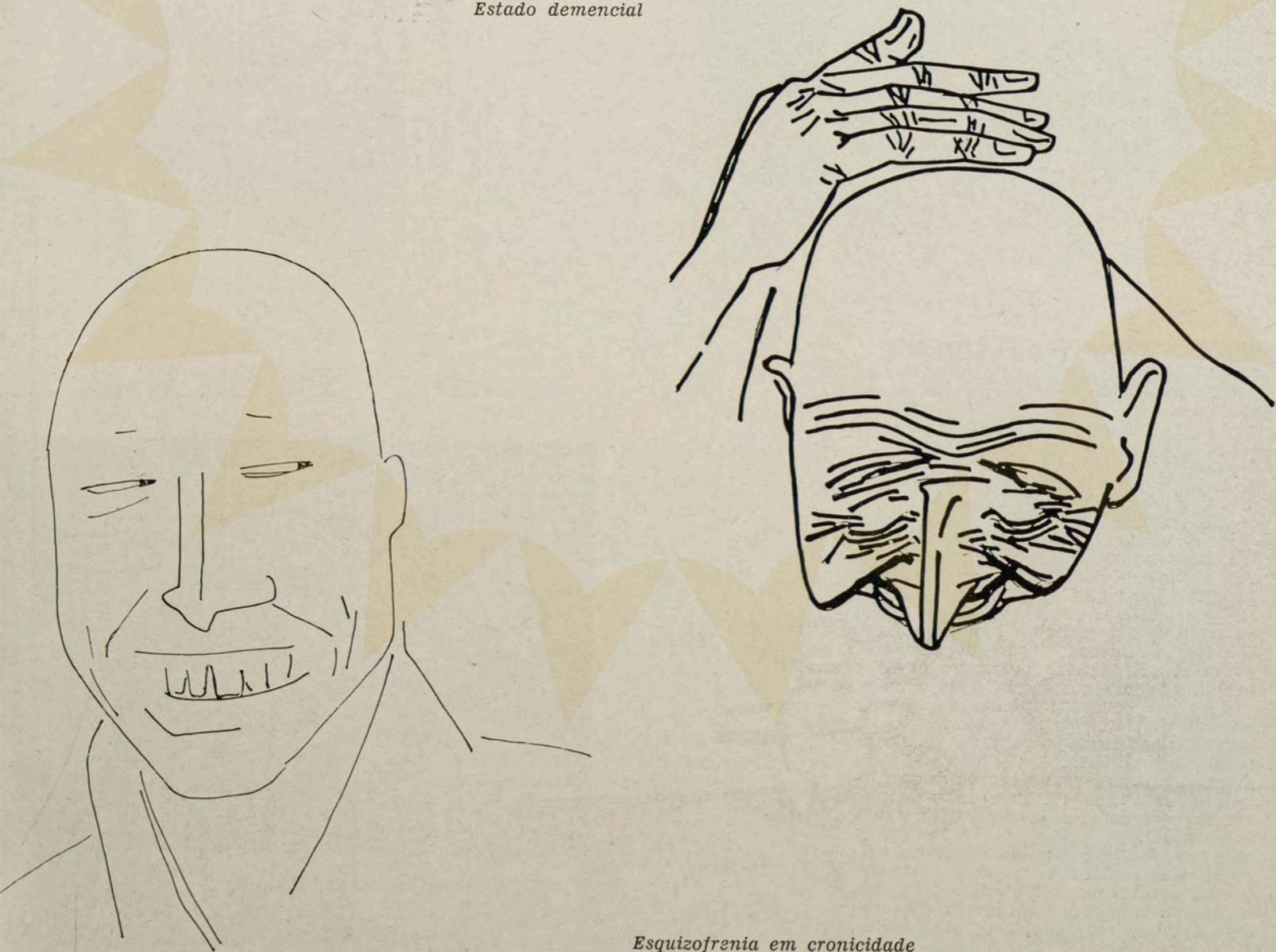
Perfil de epileptico*Marcha amaneirada de esquizofrenico**Sinal do capucho**Facies ironica de esquizofrenico*

Autismo. Interiorização e isolamento*Reação esquizofrenóide, em longilineo típico**Demencia senil**Idiotia*



Boca em fase de coma insulinico

Estado demencial



Esquizofrenia em cronicidade



Novelli, Garrafas, desenho, 1952

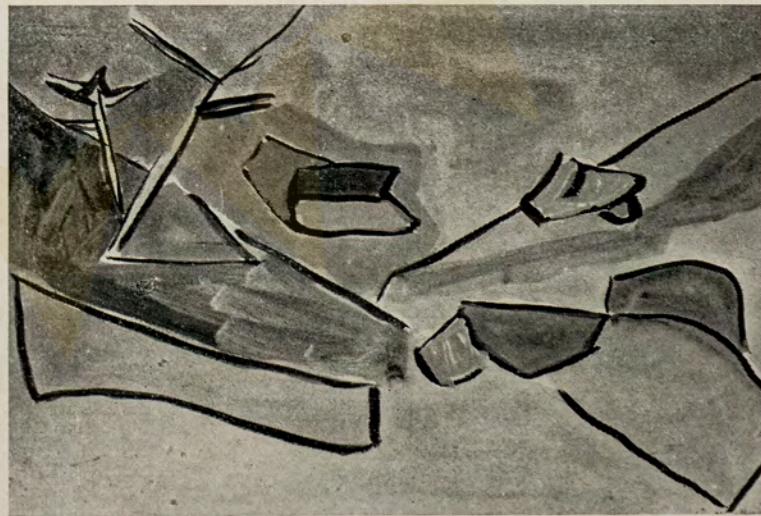
Novelli, pintor e ceramista

Gastone Novelli, saindo das peripécias da guerra como dum tunel, tem-se dedicado totalmente ao estudo, a fim de aperfeiçoar sua mão e dar um estilo a seu talento natural, espontaneamente plástico.

Chegou ao Brasil em 1950. A nova paisagem, lírica e violenta, influiu profundamente sobre sua pessoa: causou-lhe, antes, um sentido de desorientação, como quem dum mundo passa súbitamente a outro; mais tarde, voltou ao recolhimento. Seu trabalho é dirigido à simplificação, à fazer tudo essencial. Com a paisagem brasileira, Novelli elimina tudo o que é eloquente ou, digamos, barroco, guardando só o tear: a intuição pura. Foi assim que, numa simplificação a outra, voltou-se a cerâmica, como a matéria mais simples, melhor, com que seu talento de escultor pode proporcionar os primeiros resultados sem a eloquência própria da escultura maior, a estatuária.

Suas cerâmicas levam a marca dessa força progressiva, conquistada, dessa simples vida formal, popular, inteligentíssima, útil e espiritual.

Gastone Novelli é um dos artistas destinados a deixarem a marca da própria natureza sensível na arte de hoje e na vida cotidiana. Novelli é ainda jovem, mas suas experiências, suas pesquisas, suas idéias, já são bem vivas.



Novelli, Itanhaén, aquarela, 1951



Novelli, Prato decorado



Novelli, Prato e garrafa em cerâmica esmaltada



Novelli, Prato em cerâmica com reflexos metálicos

Novelli, Vaso em terracota vidrada



Novelli, Vaso em cerâmica





Segall, Vacas

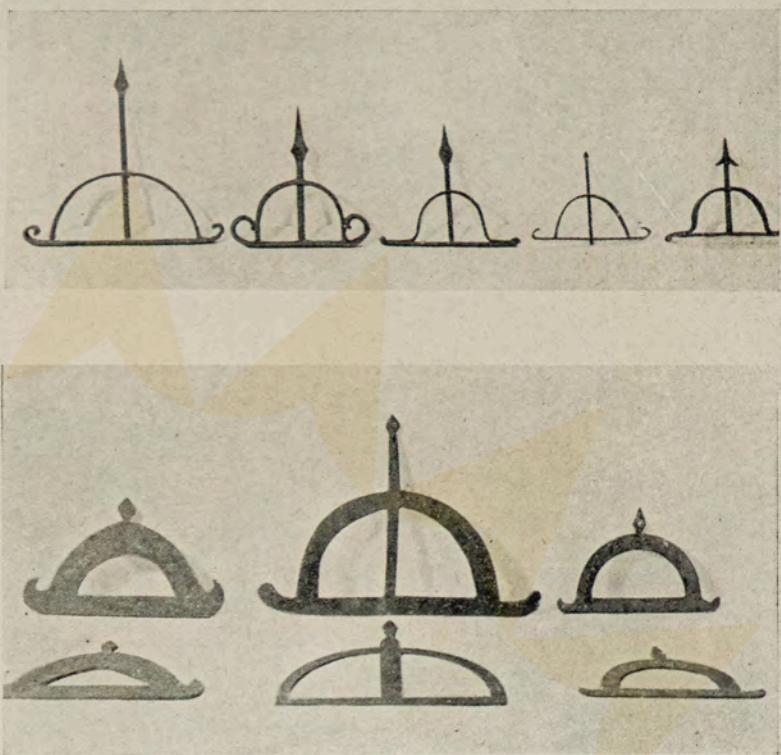
Homenagem a Segall



Entre as publicações que o Museu de Arte consagra aos mais significativos artistas do nosso tempo, inclue-se uma monografia escrita por P. M. Bardi sobre o pintor Lasar Segall.

Quando se pensa que Segall amadureceu em profundidade em plena convulsão artística da Europa Central, chegou ao Brasil numa época em que ainda não havia instituições do gênero das quais ora somos parte, compreender-se-á até que ponto uma homenagem sintetizadora, que evoque e documente os sacrifícios feitos por aquélle artista para criar um protoplasma para a contemporânea arte brasileira, deve ser considerada mais do que justa. O nosso tempo é, de qualquer modo, mais do que oportuno para a avaliação, a constatação que, por ser evidente, será melhor julgada. Tal é o objetivo da monografia sobre Lasar Segall. Não se conseguirá traçar uma exata história da arte contemporânea sem se ter em conta o quanto tal livro evoca e avalia.

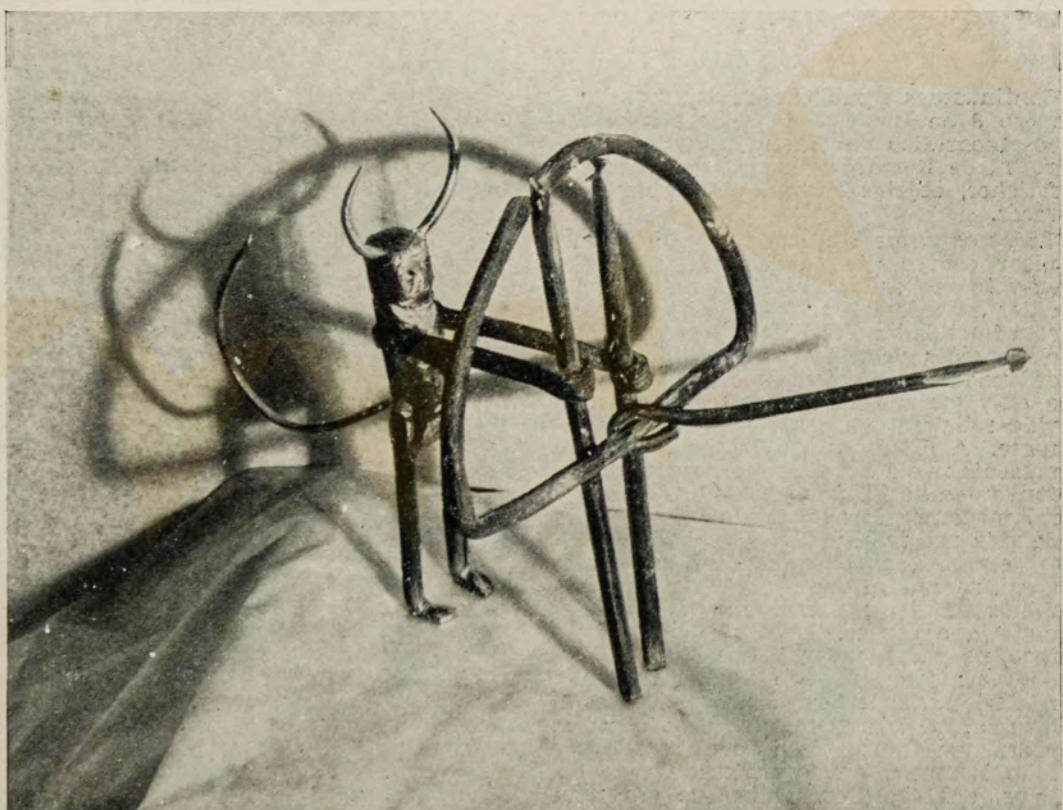
Fetiche em madeira, dos Caduveos, no Museu "Pigorini" em Roma



Insignias do orixá Ogum e do orixá Exú

Noroeste mágico

Fetiche feito por um escultor negro baiano, representando orixá Exú. Feito com peças de ferro em forma de arco-e-flecha, damatá. Damatá (odemató, odumaté, odomaté, odematá) é um objeto ligado ao orixá Odé e ao orixá Ogum. A formação da palavra testemunha um cruzamento dos dois orixás



Candomblé

Ogum já vai já vai
jê vé ai ai
ai maiêbu lua
é ó ia é ai ai
ai maiêbu



Pentes de osso feitos pelos índios caduveos

Outras peças no Museu Pigorini de Roma

Continuamos a publicação iniciada no número 8 de Habitat, do material artístico-etiográfico do Museu Etnográfico Pigorini de Roma: esculturas de madeiras, fetiches, objetos rituais, pentes de osso, vasos.

Todos os povos têm sua forma de comunicar com a divindade. O fetiche e o ex-voto são os instrumentos mais difundidos para esse fim. Sob vários aspectos, com finalidades diferentes e variáveis, com elaborações de conceitos mais ou menos ordenadas num sistema teológico, fetiches e ex-votos são os monumentos de toda vida religiosa, na antiguidade e no presente. A diferença entre o passado e o presente não é terminante, a continuidade fundamental do homem revela-se em geral mediante esses pequenos documentos de vida religiosa, artística e histórica.

O selvagem, as culturas animísticas em geral, acreditam que o espírito resida nos reinos telúricos; povos, homens e coisas, matéria e corpos. Deus está no ar, no fogo, na pedra, na madeira. Num pedaço de madeira reunem-se forças ocultas e misteriosas, superiores à própria força do homem. Originariamente, uma simples pedra, um tronco tóscou ou elaborado por mão humana, era considerado sede de Deus, dos espíritos. O bosque era uma população de deuses, materializada na ve-

getação cerrada, nas fileiras de árvores. Da pedra e do tronco das árvores surgiu a escultura. (O que escrevemos é aproximativo, sem a aprovação incondicional da ciência; é antes intuitivo, deduções de simples ordem lógica). A escultura surgiu como fato religioso, místico, teológico: ou, então, mágico e animístico, sempre porém relacionado com as forças místicas e segredas. As obras primas, grandes e imortais da Grécia ou do Egito, da Europa gótica ou da era barroca, não se originaram talvez nessa vontade ingênita de representar e imaginar as esferas superiores do espírito? A coluna dórica ou a Hera de Samos, a Santa Tereza de Bernini ou um fetiche dos Botocudos, nasceram todas da mesma concepção espiritual, possuindo a mesma intensidade, quando alcançaram os vértices expressivos.

Essa série de ídolos que publicamos, escolhidos entre o material inédito do Museu Etnográfico Pré-histórico Pigorini de Roma, são exemplos indicativos: alguns deles são de procedência "caduvea"; outro, o cabo da clava ou bastão, provém, pelo contrário, da zona dos Gês-Tapuya. Os primeiros apresentam uma elaboração mais primitiva, próxima ao tronco da árvore ou, talvez mais acertadamente, chegada às formas fálicas, estritamente ligadas à concepção da imortalidade do

homem e da fertilidade da tribo, ou da terra e da vegetação. Na série dos seis fetiches de madeira, pode-se observar a progressiva elaboração da escultura, desde a forma emblemática primitiva, a simples forma de cilindro, até as mais detalhadas intuições figurativas. No menor dos seis, pode-se perceber uma tentativa de representar, não o ser humano, mas a fêmea. O ídolo dos Gês-Tapuya (se a procedência indicada nos arquivos for exata: considerando o tipo e estilo da escultura, surge a necessidade de conjecturar uma clara influência africana, apesar de não ser africana a tipologia somática), esse ídolo — dizíamos — é mais perto da escultura, refletindo uma fase cultural sem dúvida mais desenvolvida, mais segura: aliás, o pequeno trabalho parece denunciar um ofício em decadência reportando-se a modelos anteriores mais perfeitos e habilidosos. Os gestos simbólicos das mãos cruzadas, claramente indicados, testemunham uma escultura já em fase simbólica-expressiva. Também as grandes estátuas da antiga Mesopotâmia apresentam a figura de mãos cruzadas, sendo esse o símbolo de alta dignidade e autoridade. Reis, principes, sacerdotes foram assim representados: como também os ídolos de épocas mais antigas.



Pentes de osso feitos pelos índios caduveos

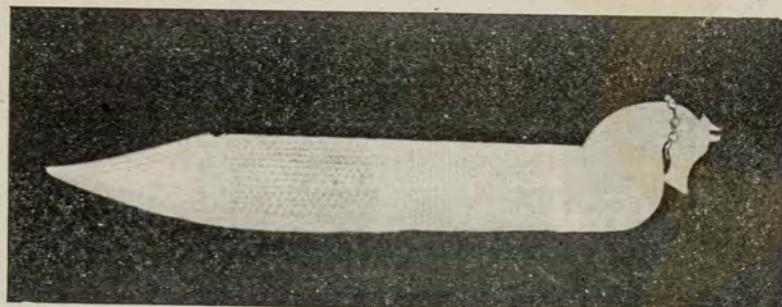
O cachimbo é portanto um veículo de fôrças secretas e mágicas, por meio do fumo. (Além desses cachimbos de caráter figurativo, publicamos também outro tipo de "veículo do espírito" que interessa menos a arte figurativa, do que os problemas etnográficos e rituais). Terão também valor mágico e religioso os pentes de osso, vagamente elaborados, de procedência e feito "caduveos" (conforme os dados do arquivo do Museu Pigorini)? Nas etnografias antigas, sem dúvida, o que era "figurativo" tinha alguma relação com a religião. Tudo quanto era arte não representava um mero prazer decorativo e secundário, mas uma verdadeira prática cultural.

Nesses pentes encontramos a figuração relacionada com a função do objeto. Os animais representados têm a função de cabo para segurar o pente. Entretanto, esses objetos tão decorados parecem ter sofrido as influências da cultura barroca que de alguma forma, encontravam um contato com os símbolos decorativos do antigo caráter mágico.

Notáveis são também as escritas antigas, de valor simbólico "cego", isto é, cujo significado já não era mais entendido, mas que são evidentes resíduos de escritas anteriores esquecidas.

Entretanto, um terceiro tipo de objeto religioso e cultural, muito curioso e complexo, é um batedor de madeira que apresenta ao mesmo tempo formas anatômicas, fantásticas, geométricas e arquitetônicas: também esse objeto, com seu pilão para bater as folhas secas nas caneluras apropriadas, provém da zona dos Gês Tapuya e, através de sua elaboração harmônica e minuciosa testemunha um gráu de cultura anterior muito desenvolvido e em processo de decadência progressiva. A própria forma em portal, parece representar a lembrança de decorações arquitetônicas muito avançadas, das quais, porém, não existem mais provas na arquitetura atual dos últimos resíduos daqueles povos, cuja procedência e passado são quasi que totalmente desconhecidos pela ciência; a qual sómente agora está aperfeiçoando suas hipóteses e deduções sobre o material arqueológico disponível. Na parte superior, o cabo apresenta evidentemente uma sugestão anatômica-fantástica de fetiche. O objeto é de uso ritual; o complexo de seus entrelaçamentos geométricos, que o tornam semelhante a objetos parecidos das zonas etnográficas da Oceania, Melanésia e Polinésia, é realmente admirável.

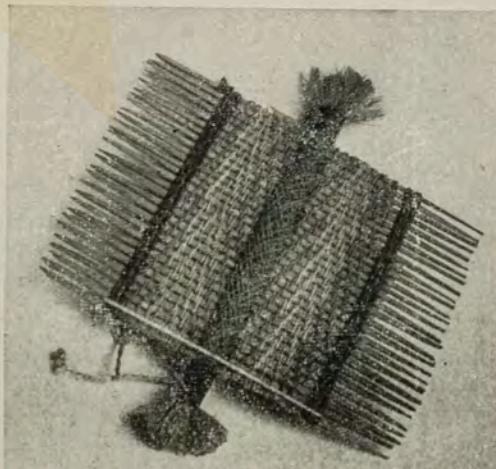
O lavour das madeiras produziu, entre os produtos arqueológicos e etnográficos



Faca ritual em madeira, o cabo representa uma cabeça de cavalo

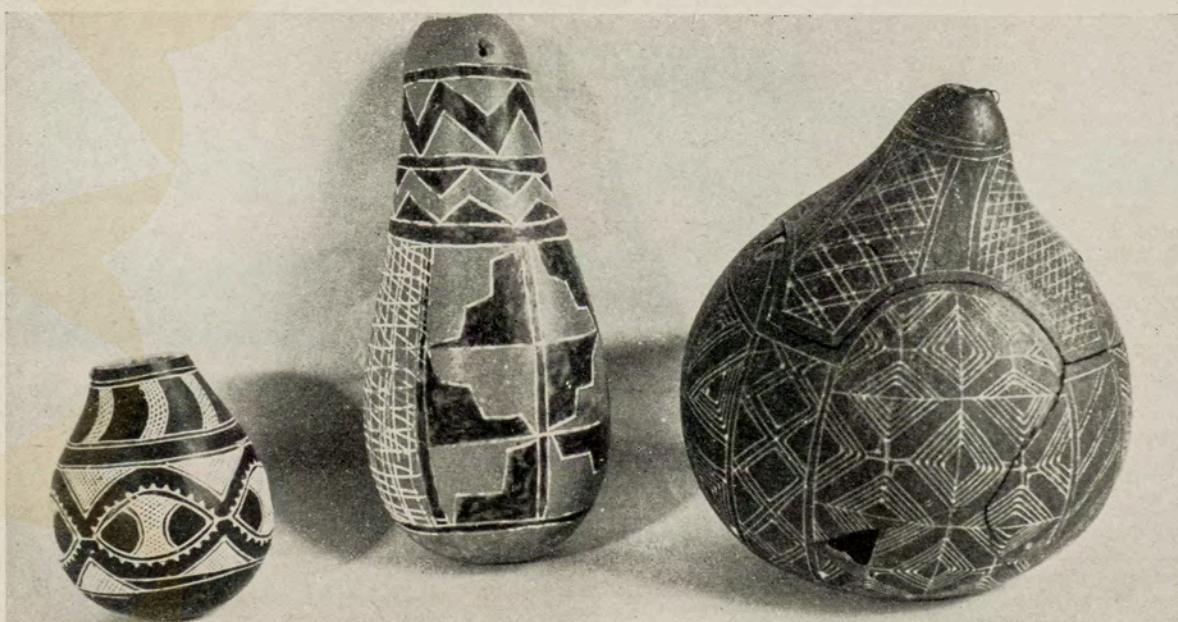
brasileiros, êsses documentos estranhos: os cachimbos de figuração antropomórfica para fins rituais, portanto religiosos e mágicos. Esses cachimbos provêm das tribos "caduveas", sendo provavelmente usados durante as práticas mágico-terapêuticas. As relações de conteúdo com o elemento fálico são evidentes. Menos evidente, e sólamente uma hipótese, é a relação entre o "fumo" que é o objetivo desses instrumentos e as fôrças mágicas misteriosas, capazes de curar a enfermidade por meio de processos de feitiaria. A relação entre o espírito e o fumo existe em todos os idiomas humanos e é o substrato verbal que indica as vozes referentes às manifestações do espírito. Também nas línguas que originaram as expressões mais altas e apuradas da nossa filosofia, o grego, o hindú, o latim, as palavras "alma" e "espírito" são relacionadas à ideia do vento, à imagem do soprar dos ventos; o próprio nome de Deus, théos, é quasi que certamente ligado à mesma imagem. Da mesma forma, a idéia de "fumo" é, no hindú, grego, nas línguas bálticas, célticas e armenas, ligada à idéia sucessiva de "espírito, alma pensamento". Da mesma forma, como a imagem de "farejar, cheirar" originou a idéia de "intuir, compreender, pensar". É essa uma imagem fundamental que remonta provavelmente aos primórdios humanos, sendo documentada na maior parte das culturas etnográficas.

Pente dos Gês-tapuia, feito de osso e entrelaçado de fibras vegetais coloridas





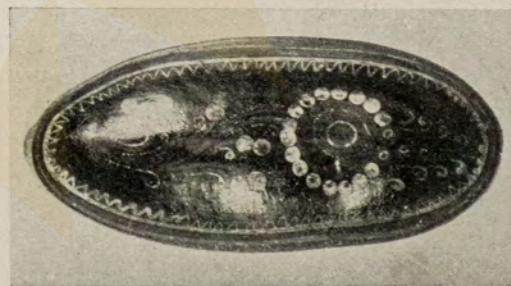
Vasos com decorações geométricas, em casca vegetal, de procedência marajoara. Notaveis as influências incaicas



Cabaças decoradas geometricamente e usadas como vasilhas: procedência marajoara



Um vaso em casca de coco, talvez marajoara



Prato de madeira com decorações floreais



Cachimbo em forma de fetiche

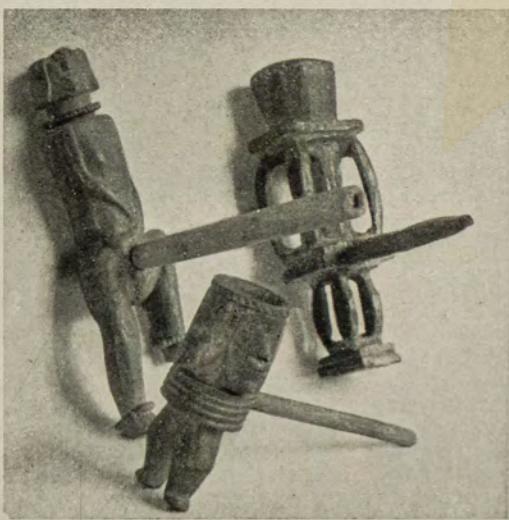


Objéto ritual dos Gês-tapuia



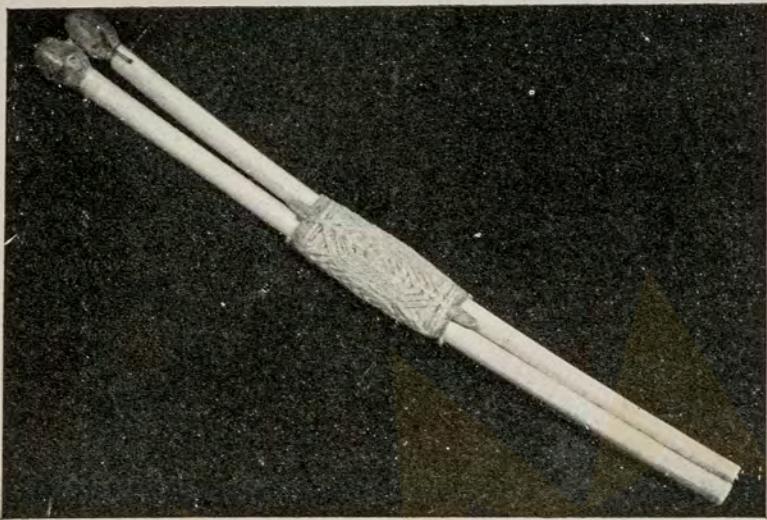
Fetiches dos Caduveos

Cachimbos em forma de fetiche



Fetiche dos Gês-tapuias





Cachimbo dos Mandurucus

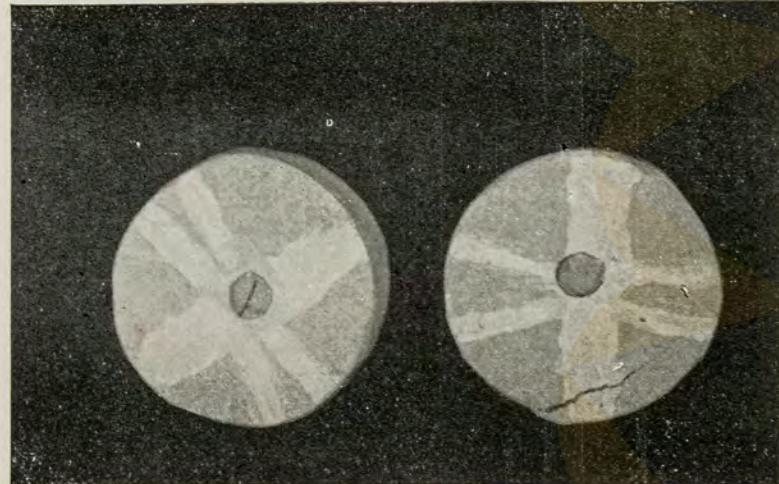
Este cachimbo, de dupla piteira, tem finalidades bastante curiosas entre os Mandurucus, tribo da Amazônia. O indivíduo, depois de ter dado uma aspirada de fumo, volta a soprar a fumaça através das duas piteiras que, em contacto com as narinas de outro, a este transmitem a fumaça expelida dos pulmões. Mas não era propriamente o hábito que tínhamos em vista ressaltar a respeito destas piteiras trabalhadas. Muito fina, por exemplo, é a decoração do centro, feita de cordões entrelaçados, produzindo desenho geométrico de relevo saliente. A técnica do traçado é uma técnica primordial. O primeiro homem, provavelmente, divertiu-se apenas com o entrelaçamento de vimes ou de outros vegetais flexíveis. Dessa atividade nasceu tôda a arte da tecelagem. Certamente, a partir desses rudimentos até chegar ao tear do Jacquard, muito caminho percorreu a humanidade. Apesar disso, tais objetos, tais decorações possuem um encanto, uma beleza que lhes é peculiar, indício da paciência humana, da inteligência, do espírito. Pode-se assegurar que tôda a nossa arte decorativa encontra as suas origens na arte do traçado

Vaso de Pacoval



Vaso de terracota com pintura uniforme vermelha. Proveniente de Pacoval, centro de produção cerâmica de Maraca. Talvez se trata de um ídolo funerário extremamente estilizado. A fabricação em terracota exige agilidade e rapidez de execução, não permitindo ao artesão demorar-se na conformação das figuras. Assim, pouco a pouco, a figura do ídolo, que na origem era figura humana, transformou-se numa forma abstrata, que de humana nada mais tem. Mas em que se transformou? Aquêles relevos cónicos, que significam? Certamente são sinais de augúrio. Ou são, como se diz, "apotropaicos", isto é, contra o mau-olhado, contra os espíritos malignos. É o que sucede em nossas casas, onde penduramos os objetos mágicos da superstição popular, que nada indica estesjam para desaparecer

Brincos dos Apinagés



Não se trata, como poderia parecer, das duas rodas de alguma carroça agrícola, mas de um par de brincos, usados por uma tribo de índios da família dos Gês, dos Apinagés, da Amazônia. Nos museus etnográficos encontram-se semelhantes. Estes são inéditos, por nós fotografados no Museu Etnográfico — Prehistórico "Pigorini" de Roma.

Que vêm a ser os sinais brancos?

Para nós, civilizados, a decoração de um objeto é simples manifestação resultante de um gôsto. Para os povos primitivos, porém, qualquer decoração, qualquer sinal tem um sentido exato que, muitas vezes, encerra concepções milenárias cristalizadas pelo tempo. Mas, que significam êsses sinais? São com tôda a probabilidade, a representação simbólica dos espíritos dos antepassados da tribo e do indivíduo: são os sinais do totém.

O mesmo se dá com os ciuringa das tribos da Austrália. Os ciuringa são seixos trabalhados e pintados com listas e cruzes brancas. Entre essas tribos da Austrália tais seixos são conservados em lugares afastados e misteriosos. Porém, entre as brasileiras, guardam-se em casa e são empregados durante a celebração de alguns mitos, ritos nupciais, a festa do parto. Por conseguinte, são símbolos que indicam também a proveniência de uma mesma raça ou tribo. (Fazemos notar essa relação entre a Austrália e o Brasil àqueles estudiosos que ainda defendem a existência de uma correlação histórica entre os povos australianos e certas populações brasileiras).

Dir-se-á que são noções curiosas. No fundo, porém, não são muito diferentes dos brasões, das armas que os nobres de todos os países trazem no anel ou nas baixelas. A única diferença consiste em que as noções dos selvagens conservam ainda intacto um sentimento originário, um sentimento social e religioso que remonta aos primórdios, à pre-história e, fato, são documentados desde a idade chamada aziliana (na Europa, mais ou menos 15.000 anos antes de Cristo).

Uma flecha, com ponta em forma de larga espátula, amarração de cordões, que simulam um capuz sobre um rosto humano, cuja figuração é obtida por meio de seis fragmentos de madrepérolas. Poucos toques, à maneira impressionista: Os lábios em quatro pedacinhos, os olhos dois círculos perfurados. O todo engastado na madeira. Esta, a seguir, é trabalhada apenas a faca, obtendo uma semelhança de testa, de nariz e o oval. Esta flecha, que escolhemos pela sua curiosidade e raridade de elaboração entre as muitas, inéditas, do Museu Etnográfico "Pigorini" de Roma, provém da Am-

zônica e, talvez, pertença ao Apinagés. Interessava-nos indicar a semelhança existente entre esta maneira de tratar a flecha e a que encontramos em flechas e lanças da Nova Guiné, que também possuem o rosto humano esculpido.

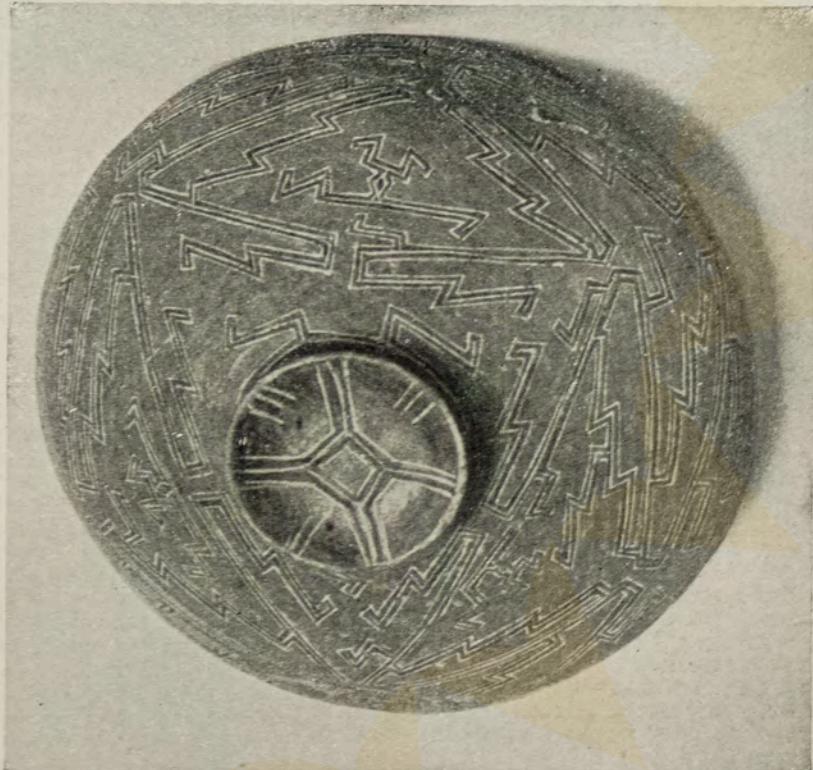
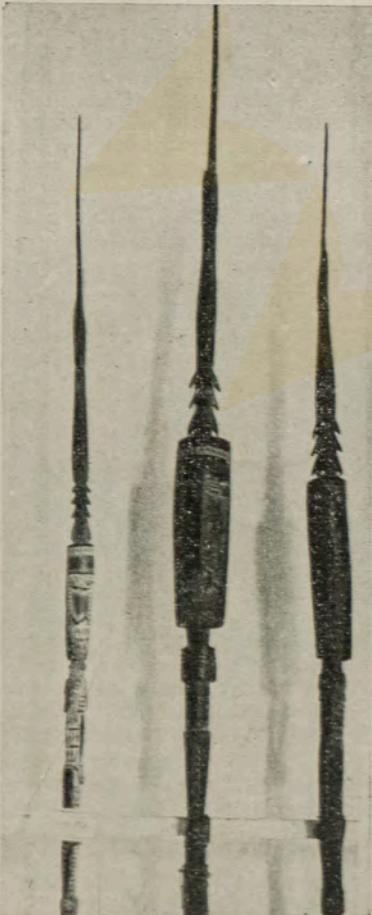
Que relação histórica seja possível estabelecer, dentro da grande confusão de idéias, de opiniões, de hipóteses, não se poderia dizer.

Confirmamos apenas a coincidência e duas maneiras diferentes de esculpir: a oceânica, tôda simbolística, esquemática, geometrizante; e a amazônica, mais sumária, mais rápida, mais artística.



Flecha dos Apinagés

Flechas da Nova Guiné



Vaso de terracota com pinturas vermelhas e decorações geométricas



Trabalho nas pedras de Bahia



Vida econômica cotidiana nas praias de Salvador: balanças de aspecto mágico

Imagens da Bahia

Bahia é uma grande, suelta, célebre doença brasileira. Solene como um mito arcáico, difundida como uma paixão, Bahia desperta a fantasia, o sentimento, o sonho de cada brasileiro. Bahia representa muito mais do que — digamos — a Sicília ou Nápoles para a Itália, ou o vale de Tempe para a Hélade antiga: sem dúvida, muito mais. Existe uma fixação magnética prendendo as saudades nesse sentido. Saudades essas que são comunicadas, quasi sem perceber, a todos os que vêm ao Brasil. É uma oferta mágica, a promessa, a miragem absoluta, o fantasma lírico e paisagista, e mesmo, a isca turística para todos os que chegam ao país. Bahia! Bahia é o enigma, a célula originária, a consciência antiga e nova de uma nação tumultuosa, ousada, juvenil, agitada, rica de esperanças infinitas e ao mesmo tempo convulsa, ninho de arqueologias estratificadas e confusas. Todos pensam na Bahia, sonham com Bahia, evocam Bahia: quem puder, vai a Bahia, atração fabulosa das Américas, cofre de fantasias, de ouros e jóias, de coco e macumba, capoeira e carnaval, terra opulenta e pobre: a de Bahia é uma riqueza pitoresca, etnográfica e exótica, desfrutada — em qualquer país — para fins turísticos, de ambiente local, de exibição folclórica.

Bahia não é sómente isto: aliás, nem é isto. Mas um valor geográfico, conservando em si a aparência da origem de um mundo, rara, aliás raríssima a ser encontrada em qualquer lugar, mas à qual o Brasil deve parte de si próprio e na qual o país se reconhece. Dois continentes e duas fases de cultura diversas vivem heroicamente junto, na Bahia; entretanto não vivem como simples fragmentos

de um mundo isolado, em fase de eliminação progressiva, de extinção. Convivem com o mesmo desembargo e dignidade das puras convivências humanas, como uma grande ordem monástica. Pré-história e história estão pacificamente entrosadas, e como a justiça e a paz, como se entre elas não houvesse o abismo que a humanidade vem enchendo com séculos e séculos, aliás milênios de esforços e fadigas. História e pré-história vivem uma ao lado da outra, na Bahia, nessa terra onde as palmeiras se balançam com a cadêncio buliçosa de amores mitológicos, os claustros dos conventos afundam na sombra como se fosse no mar, monstruosas métopas de pedra dormem à espera da grande metamorfose que as tornará materna nova, inédita.

Também a espera da grande metamorfose, os anjos dourados, as frutas e o ouro todo, anunciam com trompa tininte a iminência do juizo universal ou a exclusão do paraíso terrestre: nas ruas, a eterna preta, oferece seu acarajé gorduroso. Estamos ouvindo, talvez desde sempre, o pulsar da capoeira, da dança enigmática, bestial, refinadíssima dos campeões da luta. O mundo anda vagaroso, num ritmo diferente do nosso: a notícia das cerimônias no dia 26 de outubro de 1952, para festejar a primeira colheita de trigo, parecia-nos absolutamente natural. É justo, lógico, de o trigo brotar depois de oito, dez mil anos que foi semeado o primeiro grão.

Talvez é essa atmosfera mágica que chama a seu redor inúmeros artistas. Também Ulisses, em suas peregrinações, ter-se-ia demorado. Sem dúvida, seus companheiros teriam ficado para sempre.

Na Bahia, antes que na ilha de Calípsos, teria élê encontrado os vínculos encantadores. Muitos artistas, os Ulisses sobreviventes vão à Bahia, formando-se em seguida, quasi que inconscientes de tudo o demais, enleados. Uma saudade mortal ou pelo menos soporífera. Conhecemos grande número de artistas, brasileiros e estrangeiros, que dificilmente conseguem se desprender dessa terra; e, mesmo conseguindo-o, conservam constantemente Bahia dentro de si. Sem dúvida, o material bahiano é quasi que inexaurível: mas para os olhos que saibam ver até o âmago das coisas, procurando os recantos mais escondidos e não se detendo nos aspectos frizados até por guias turísticos. É mister indagar com seus próprios olhos, com sua própria personalidade. Existe uma Bahia para cada um. Mil Bahias. Bastará sabê-las encontrar. A única Bahia inútil é a convencional, isto é, observada com superficialidade, de olhos fechados.

Isto, desde o tempo de Debret, e mesmo antes, pois os Debret já estão espalhados por todas as estradas do Brasil, aplicando-se à paisagem do país com maior ou menor intensidade, com olhar mais ou menos agudo, com a vontade de colher sua atmosfera segreda e inefável, ou sómente seus aspectos decorativos. Artistas que chegam de todas as partes do mundo, para se unirem àqueles essencialmente brasileiros.

Recentemente, vimos três dêles: Carybe, da Argentina, Plattner da Itália e Kantor também da Argentina, exibindo quasi que ao mesmo tempo, seus desenhos da Bahia, ou, no caso de Plattner, do Brasil em geral, numa galeria de São Paulo.



Pescadores na praia de Itapoan

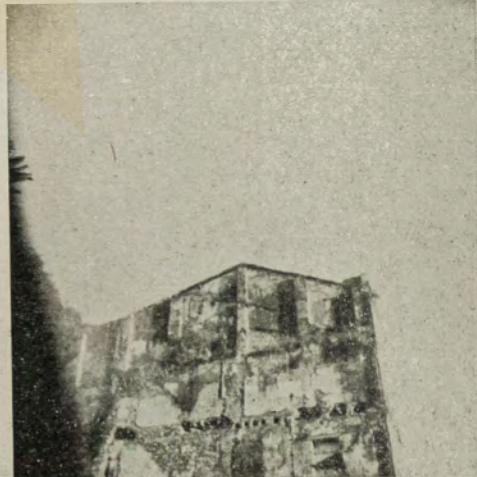


Menino vendendo brinquedos

Fotografias de Odorico Tavares



Casas, igrejas, muros antigos de Salvador





Igreja de São Francisco na cidade de Cachoeira, à margem do rio Paraguassú, Bahia

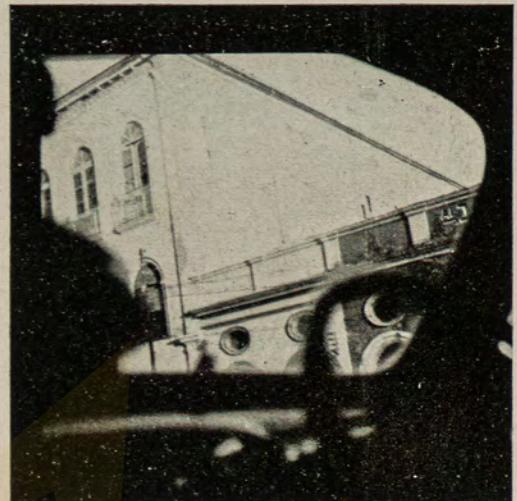


Pedestal de uma cruz, em frente à igreja de São Francisco, em Cachoeira, Bahia

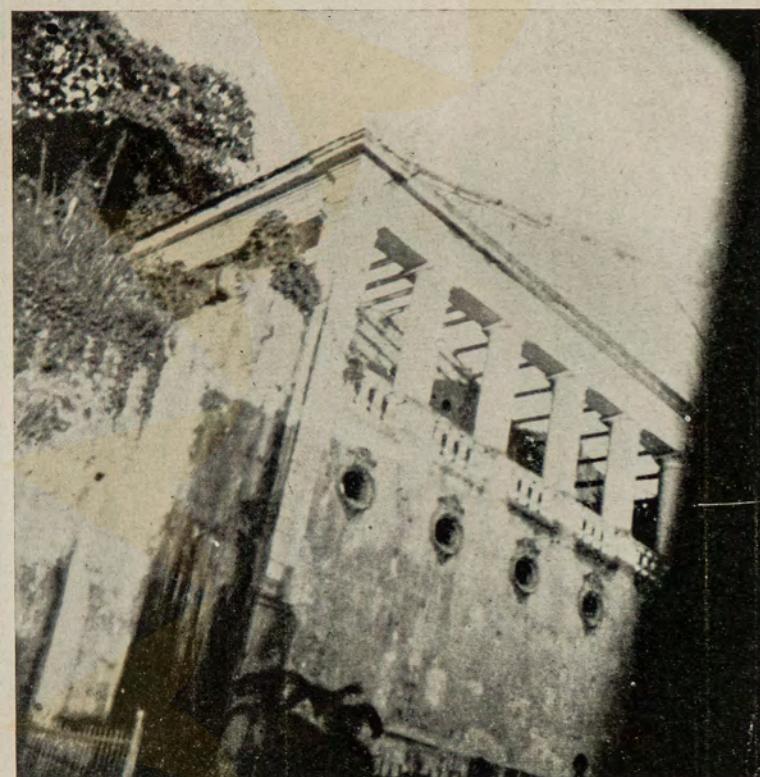


Detalhes do pedestal da cruz colocada em frente à igreja de São Francisco, em Cachoeira, Bahia. Arte do séc. XVII, feita em estilo barroco por artistas indígenas

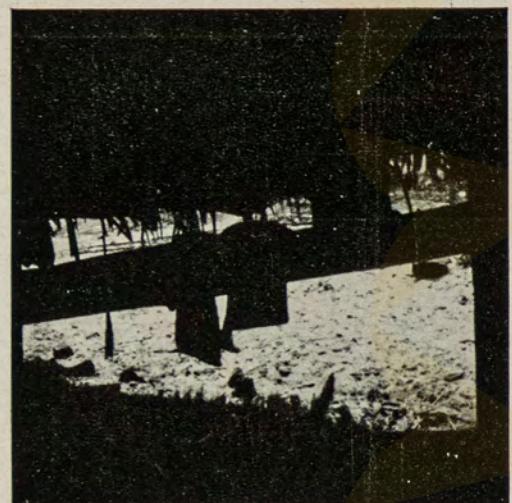




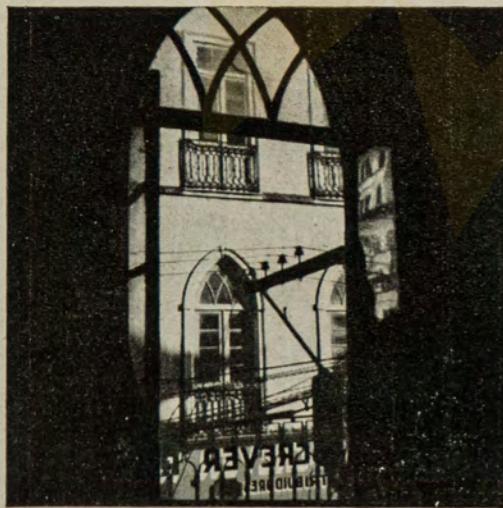
Arquitetura



Janelas vazias, nas ruas de Salvador



Hora enigmática no beiramar. Praia de Itapoan



Tímidas formas góticas no paraíso do barroco



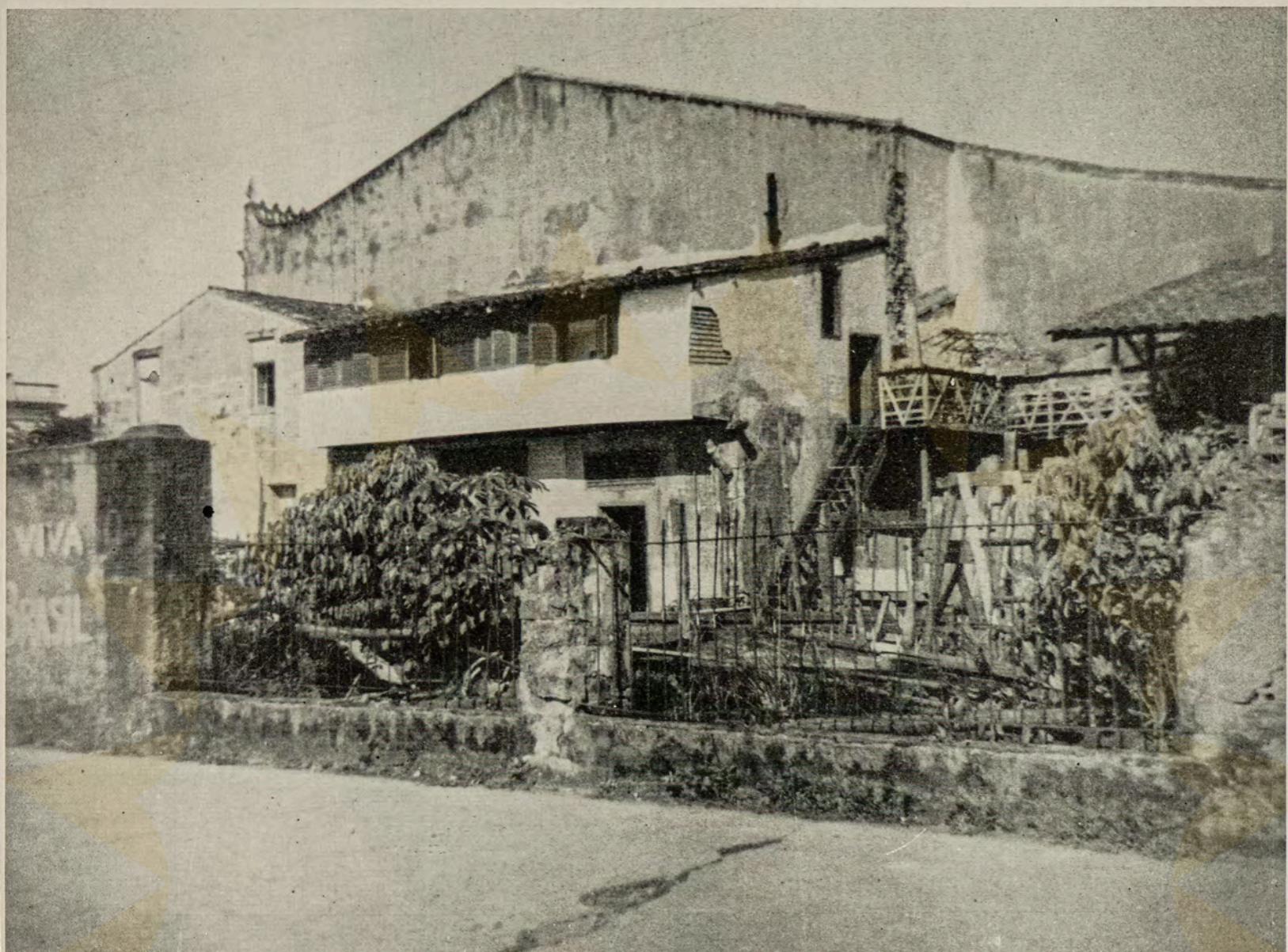
Contrastes bahianos: aspectos da época moderna, esquemas rígidos e retilíneos, na terra da curva e da palmeira ocilante



Igreja colonial do séc. XVIII em Cachoeira, à margem do rio Paraguassú

O andáime sobe, esquelético, na frente das fachadas célebres à espera da restauração





Belém, rua Gaspar Viana

Belém

Ao longo de todas as estradas do Brasil, do norte ao sul, encontramos exemplos de arquiteturas, incríveis por sua simplicidade e pelas soluções ousadas ou não previstas, ou ainda, realizadas com praticidade e intrepides, que podem ser invejadas por arquitetos de renôme. Aliás, os arquitetos inteligentes, aquêles que realmente compreendem os fatos, que levam a arquitetura a sério, como manifestação humana, civilizada, êsses arquitetos não sómente apreciam as iniciativas e soluções espontâneas da arquitetura popular, mas muitas vêzes inspiram-se na mesma, convencidos que justamente a arquitetura popular é rica de conteúdo e dados morfológicos.

"Viva o Brasil", eis o que estávamos vendo sobre um muro da rua Gaspar Viana em Belém, quando do outro lado do portão branco vimos aparecer uma simples casa, apoiada a uma velha construção, daquelas que felizmente ainda se encontram pelas ruas de Belém. A sacada era simples e exemplar, por cima do pavimento térreo, abrindo-se sobre o jardim.

Ao longo de toda a frente, vimos o jôgo das janelas. A entrada, do lado externo da casa, no próprio jardim. A escada de madeira acabava numa varanda, ingenuamente alegre, decorada, quasi que sem saber, pela própria estrutura de madeira clara e escura.

O povo nasce realmente com a arquitetura no sangue. Não é uma simples afirmação retórica, mas o instinto construtivo e um instinto inato



Os coitadinhos estão condenados a essa pose por toda a eternidade

Os nossos homens quando saiam a combater, eram todos fortes e impertérritos. Quando voltavam da guerra, eram todos grandes gentis-homens, simpáticos, bons, intimoratos. Talvez um pouco enfadonhos ao contar suas aventuras de guerra. Mas a nós, crianças, aquelas maçantes histórias agradavam muito. Por isso éramos talvez tão afeiçoados aos nossos homens.

Onde, porém, eles provaram sua falta de fantasia, foi exatamente quando deviam construir um monumento, uma recordação de seus camaradas mortos em batalhas, ou dos generais que os levaram à glória. Então os nossos homens não se recordavam mais do sacrifício e do sangue que custa uma guerra, e das lágrimas derramadas pelas mães, pelas esposas, pelos filhos. Não se recordavam de nada. Pensavam só em melancólicos anjinhos atentos e já aborrecidos, em tristíssimos leões presos em correntes, em coroas poeirrentas, em gigantes fantasmagóricos, em águias ridículamente enfurecidas. Toda esta simbologia sem idéias, sem espírito, sem alma, sem emoção, foi concretizada em bronze, uma fábula eterna e eternamente insignificante. Como, por exemplo, esse monumento à Independência construído na Bahia, e que, como é e onde está, não significa absolutamente nada, além da monotonia dos nossos homens sem fantasia.

Monumento de outrora e agora



Leão condenado a comer uma corrente



Aguia condenada a segurar um rosto entre as garras



Leão condenado a ter um olhar feroz





Marco comemorativo do Centenário de Juiz de Fora, Minas. Projeto: Arthur Arcuri, 1950. Mural: Emílio Di Cavalcanti

obra de arte para conseguir, então, incitar no homem emoções cuja diversidade pode variar desde o êxtase até a estranheza ou surpresa.

Para alcançar tal objetivo, o artista criador utiliza formas construtivas que podem ser simples e puras ou complexas e requintadas. Entre as primeiras, foram usadas as pirâmides, os obeliscos, as colunas e os arcos e as formas conseguidas pelo jogo de massas; a aplicação de elementos decorativos e a estatuária constituem as segundas.

O problema, de maneira geral, consistia, até então, em dispôr, esteticamente, massas no espaço de modo a responder a um tema proposto e o aspecto dessa disposição variou no decorrer do tempo e com a civilização local.

A humanidade conheceu, então, épocas nas quais predominavam o obelisco, o arco do triunfo, as estátuas equestres, monumentos cujos elementos de ritmo são estáticos. Passadas essas épocas, encontramo-nos, hoje, numa outra onde nova tendência de ritmo dinâmico impera e na qual, como expressão de espaço, o conceito *massa* é substituído pelo conceito *volume*.

Surgem deste pensamento estético novas expressões plásticas — construções em espaço — que criam volume, o qual, pela harmonia de sua forma, textura e côntra, comportam em si um valor emocional.

A estrutura — construção pura — torna-se um elemento de valor estético próprio e toda construção passa a se caracterizar pela exaltação da sua própria estrutura.

A expulsão do decorado, do pitoresco, do improvisado e do amaneirado, por um lado, do assunto, da anedota, do dramático e da alegoria, por outro, correspondeu ao desejo dos artistas contemporâneos de não ligar a obra de arte à realidade sensível e os possibilitou a exploração e a valorização de novas tendências plásticas não objetivas, cujo primado passa a ser outorgado ao *essencial* que, no caso particular da arquitetura, corresponde à síntese criadora da estrutura e dos materiais para produzir uma obra adequada à sua época e ao seu próprio fim.

Propõe-se resolver o problema da construção utilizando formas vitais e racionais, a nova arquitetura vence, então, pela exaltação e simplificação da forma, pela sua integração à natureza, pela valorização do material, pela exploração da côntra e pela proclamação da sua função.

Outros não são os propósitos da atual escultura abstrata. Bardi a ela assim se refere:

O desejo de representar a qualquer preço ritmos plásticos, harmonias puras, limpidas de correspondências evidentes, nexos e reclamações sintáticas, simples evoluções formais belas em si e por si e livres de qualquer sugestão a qualquer imitação realista, produziu o efeito de revolucionar todos os conceitos fundamentais da escultura, de mudar toda a prática dos meios plásticos, de reformar toda a técnica: volume, massa, peso, condições estáticas, matéria plástica, condições de visibilidade tridimensional, são fatos e ideias que mudaram de sentido

A existência de formas plásticas em si mesmas possibilitou a união de formas escultóricas e arquitetônicas, constituindo, como consequência, a escultura-arquitetônica.

Por outro lado, a estética arquitetônica e a escultórica se relacionam intimamente com as tendências contemporâneas da pintura abstrata, arte não figurativa.

A escultura abstrata, como a pintura abstrata, suprime a relação técnica e sentimental,

em proveito de expressões plásticas muito próximas da arquitetura, sem, contudo, confundir-se com elas.

LEON DEGAND

As construções de Mies van der Rohe seguem as concepções abstratas e geometrizantes do pintor Mondrian, aquelas mesmas concepções que deram novas formas aos móveis modernos e revolucionaram — fato importante — a paginação tipográfica dos livros e revistas.

O elemento côntra, por sua vez, como em tempos idos, agora não pertence sómente à pintura. Possuindo valor próprio, ele volta a ser "materia" à disposição da arquitetura e escultura.

A arquitetura, a escultura e a pintura se reencontram e dessa feliz reaproximação a humanidade usufruirá da riqueza que aquelas artes, por si e em conjunto, poderão proporcionar aos artistas na solução dos seus problemas plásticos.

Dado o caráter evocativo-emotivo do monumento, é natural e com fortes razões que os seus projetos sigam hoje as teorias estéticas da arte abstrata. Essa se concretiza superiormente na arte do monumento, porquanto ela, como a arte arquitetônica, de modo geral, sempre foi abstrata o que, aliás, nos possibilita conceber uma cabeça que tem para corpo uma coluna de pedra — no caso comum dos bustos erigidos nos jardins — ou um cavalo com seu cavaleiro a trotar sobre um cubo de mármore.

A recente e bela concepção de Niemeyer para o monumento à Ruy Barbosa, coadjuvado por Portinari e o escultor mineiro Ceschiatti, nos oferece um majestoso exemplo de obra de arte elaborado dentro dos novos conceitos estéticos e nos faz antever a imensa possibilidade criativa que eles oferecem e propõem aos artistas de nossos dias.

Ao elaborarmos o projeto para o "Marco Comemorativo do Centenário de Juiz de Fora", foi nosso propósito — e dizemos isso com consciência — responder aos postulados já em nós enraizados da nova estética construtiva.

Após procuras, encontramos para o Marco uma forma simples — uma parede que se curva, se desenvolve e se eleva — e a valorizamos com materiais construtivos de nossa época — concreto, cerâmica, pedra — explorando sua côntra natural.

Foi, também, nossa preocupação uni-lo à natureza, de tal forma que esta fique constituindo parte integrante do conjunto. O Marco nasce nas águas dum lago que, por sua vez, é circundado por um amplo jardim, ambos planificados dentro duma mesma concepção harmônica.

Como uma pirâmide, avião ou ponte pen-sil, a forma própria e vital dessa parede constitue em si um elemento plástico de valor estético e emocional e, atende, assim, à sua função: perpetuar a memória dum acontecimento significativo para nossa cidade — o seu primeiro centenário. Nada, porém, desejamos dizer com o Marco. Pretendemos, sim, através dele permanecer coerentes com as nossas idéias e com o espírito de nossa época. Esforçamo-nos em dar aos pôsteros o nosso testemunho da melhor forma possível para mostrar-lhes que, com aquele amor à tradição de nossos antepassados, procuramos, também, fazer algo novo, algo que ultrapassasse à reprodução comum e à rotina. É natural que a severidade de nosso propósito, ao abolir toda e qualquer representação, mesmo simbólica, não provoque entusiasmo entre aqueles que, não estando familiarizados com os problemas estéticos, ainda estejam dominados pelo conceito anacrônico de que só é belo aquilo que é ornamentado e possue qualidades verossimeis, descriptivas ou simbólicas.

Mas, agindo de outra forma, não teríamos cumprido sincera e lealmente a nossa missão.

ARTHUR ARCURI

Forma e Monumento

Por beleza da forma não pretendo afirmar o que a maior parte das pessoas imagina, isto é, a beleza dos seres vivos e dos seres pintados e sim aquilo que é reto ou circular, as superfícies e os corpos que se obtêm com o compasso, com a régua e com o esquadro. Estes elementos não se referem a algo além do belo, como as restantes coisas, mas são eternos, existem por si próprios e são belos por sua própria natureza.

PLATÃO

O monumento, construção de caráter comemorativo e evocativo, tomou, através dos tempos, formas as mais diversas possíveis, a fim de provocarem ao contemplador uma impressão que correspondesse à desejada.

Naturalmente, desde que o monumento é uma criação humana, além daquela finalidade objetiva-a comemoração ou a evocação — demanda, também, outro propósito, porém, subjetivo: — a contemplação estética. Esta, contudo, para se realizar, exige que a obra seja bela, seja uma



Literatos brasileiros: 1 — Roberto Gomes, 2 — Luiz Murat, 3 — Coelho Netto, 4 — João Ribeiro, 5 — Silva Ramos, 6 — Mário de Alencar, 7 — Olavo Bilac, 8 — Júlia Lopes de Almeida, 9 — Alberto de Oliveira, 10 — Souza Bandeira, 11 — Machado de Assis, 12 — Rodrigo Otávio, 13 — João Luso, 14 — Alcides Maia, 15 — Goulart de Andrade, 16 — Filinto de Almeida



Pintores e escultores brasileiros: 1 — Antônio Parreiras, 2 — Rodolfo Amoedo, 3 — Georgina de Albuquerque, 4 — Lucílio de Albuquerque, 5 — Corrêa Lima, 6 — Aurelio Figueiredo, 7 — Eliseu Visconti

30 anos

Há trinta ou quarenta anos, os intelectuais brasileiros tinham aparência solene, séria, estavam convencidos de suas ideias. Acreditavam no futuro do Brasil e do mundo. Eram uns entusiastas. Agora, o tempo tem inexoravelmente ridicularizado seus aspectos, seus olhos afundaram na sombra. Conservavam então, em seu peito o éco do grito de Ipiranga, as grandes aspirações do positivismo europeu, a ordem e progresso, a pátria e a humanidade. Escreviam, a maneira dos italianos, músicas populares, adaptando-as a enredos românticos, ou então grandes poemas sinfônicos, à maneira franco-alemã, ou ainda "Prométeu", e "Ave Libertas". A pintura demorava serenamente

Musicistas: 1 — Alfredo Oswald, 2 — Carlos Gomes, 3 — Francisco Braga, 4 — Alberto Nepomuceno, 5 — Henrique Oswald, 6 — Barroso Neto, 7 — A. Rudge Miller, 8 — Arthur Napoleão, 9 — Alfredo Bevilacqua, 10 — Nicia Silva, 11 — João Itiberê, 12 — Manuel Faulhaber



Homens de imprensa: 1 — F. Mendes de Almeida, 2 — Carlos Rodrigues, 3 — Fr. Rangel Pestana, 4 — Salvador Santos, 5 — Oscar Lopes, 6 — João de Souza Lage, 7 — Ed. Bittencourt, 8 — Cândido Mendes de Almeida, 9 — Irineu Marinho



nas últimas visões românticas ou nas falsas retóricas da pintura histórica, ou vagueava timidamente pelos labirintos confusos do impressionismo. Os jornalistas professaram fé liberal ou republicana, todos eram honestos. Uma geração de homens honestos, que honestamente criavam seu mundo, suas cidades, feias mas ingênuas, em que toda vez preponderava a cordialidade humana: a época dos bondes. A época das guerras terríveis que afogaram e desmentiram sua felicidade e suas esperanças. Como parecerá, em 1990, o nosso intelectual de hoje? Terá ele o mesmo aspecto honesto? Ou não será antes a imagem do cinismo e da imbecilidade?



Nas grandes salas do Museu de Arte de São Paulo, dedicadas às mostras dos aspectos mais vivos da arte contemporânea (fotografia da exposição de Roberto Burle Marx, pinturas e jardins) alternam-se exposições didáticas, consideradas importantíssimas

O Museu, essencialmente nas escolas de dança, dedica especial cuidado à formação artística, plástica e expressiva das crianças, educando as possibilidades rítmicas do corpo humano

O que é um museu?

Um recanto de memórias? Um túmulo para múmias ilustres? Um depósito ou um arquivo de obras humanas que, feitas pelos homens para os homens, já são obsoletas e devem ser administradas com um sentido de piedade? Nada disso. Os museus novos decidiram abrir suas portas, deixar entrar o ar puro, a luz nova. Entre passado e presente não há solução de continuidade. Nada se detém, tudo continua. É necessário entrosar a vida moderna, infelizmente melancólica e distraída por toda espécie de pesadelos, na grande e nobre corrente da arte. Estabelecer o contacto entre vida passada e presente. Nesse sentido os museus novos, tendo compreendido sua função no mundo contemporâneo, encontraram a coragem de exercê-las, e estão mais adiantados que os mais progressivos organismos educativos estatais. O Museu de Arte de São Paulo é entre os primeiros do mundo que iniciaram ao redor dum núcleo de obras de arte famosas, esse trabalho de vivificação e rejuvenescimento.



A Pinacoteca é considerada, por unanimidade, uma das arquiteturas mais racionais e modernas no campo museográfico



A Pinacoteca do Museu recolhe hoje centenas de obras primas da arte de todos os séculos e países



A grande sala de exposição do Museu, com uma mostra panorâmica da arte gráfica alemã

Uma tela de Picasso





A escola de dança, organizada pelo Museu desde o inicio, é especialmente ativa: o exercício rigoroso, a arte experimentada das professoras, o constante trabalho de seleção, levaram o conjunto de dança do Museu de Arte a um gráu de perfeição, único no Brasil



A dança é especialmente cultivada em seus aspectos "expressivos"



Outros exercícios das classes infantis



A Escola de Propaganda, cujos primeiros alunos completarão o curso dentro de um mês, numa intensa especialização em todas as matérias de interesse do bom publicitário

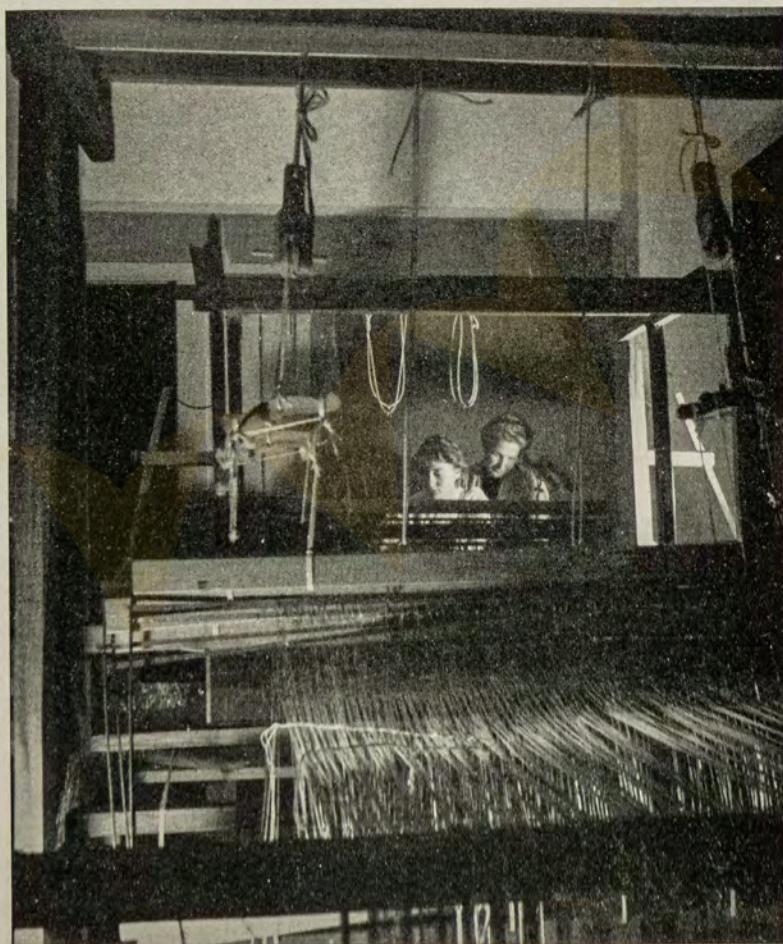


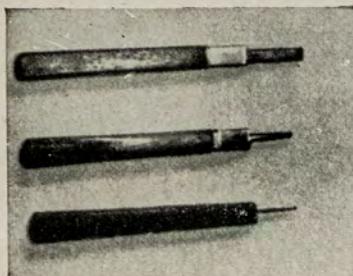
Nos cursos de floricultura e jardinagem, a ciência botânica e o gôsto estético são matéria de educação



Nas aulas práticas de tecelagem a mão, continuam-se as grandes tradições, para a criação de tecidos excepcionais mediante o emprego de materiais novíssimos

Um aspecto do Museum of Modern Art de Nova York: é mister lembrar nessas páginas a grande instituição que foi entre as primeiras a inaugurar os novos "museus", museus êsses num sentido orgânico, que atuam diretamente sobre a formação artística e estética das pessoas





Utensílios da arte da gravura

A arte da gravura, uma arte que tanto participa do espírito plástico de todas as épocas e que está acusando sintomas de decadência, é especialmente cuidada nas escolas do Museu



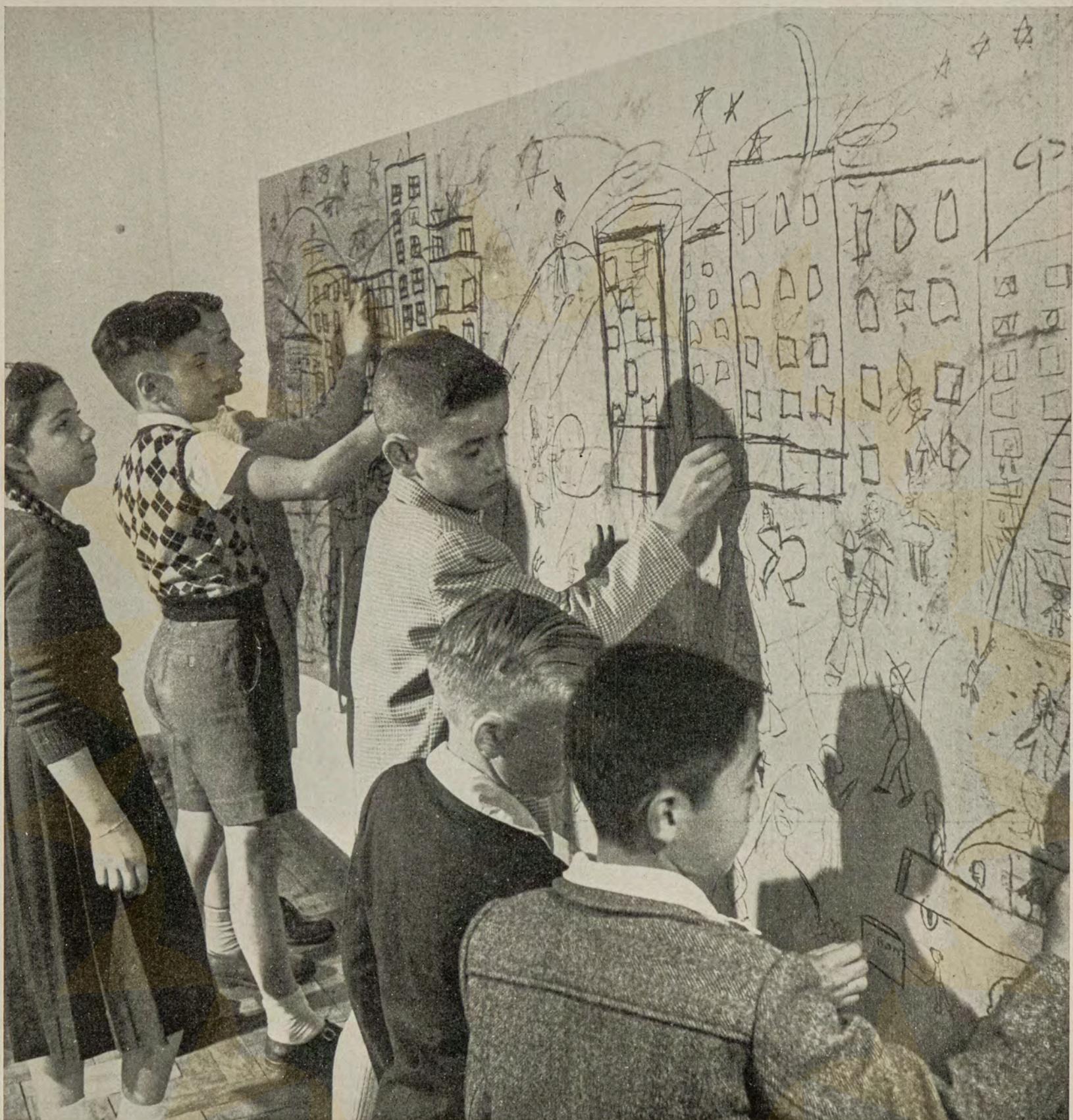
Pranchas para exposição, de alumínio e vidro



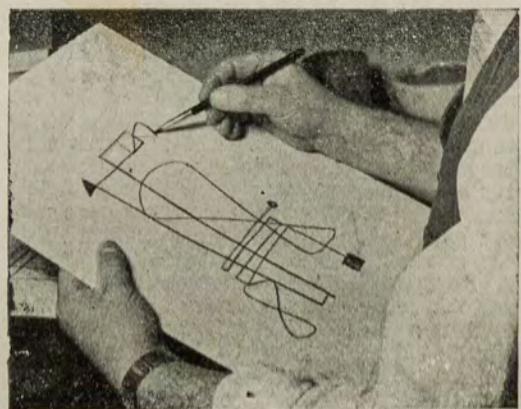
Crianças trabalhando: para as crianças é sempre um prazer seguir sua fantasia

Experiências de trabalho plástico coletivo





Crianças durante as experiências de desenho coletivo. O trabalho em comum desenvolve de maneira extraordinária a tendência "social" da criança, acelerando sua faculdade de coordenação do pensamento





Lawrence, Os Meninos Fludyer



Romney, Retrato de John Walter Tempest

Pinturas inglesas, no Museu de Arte

A pintura inglesa do Setecentos tem representado na Europa um dos aspectos mais profundos da cultura: a grandeza da Europa alcançou o ápice ao findar da era clássica e barroca, justamente antes da revolução francesa levar à cena da história uma nova classe dominante, a burguesia. Esse ápice, muito típico, poder-se-ia dizer, essencialmente inglês. A pintura inglesa, de qualidade elevadíssima e de tom intimamente familiar, sereno, descobriu para o homem uma nova face, uma nova civilização. A Inglaterra parece ter sido então, antes por seus pintores que por seus homens políticos, depositária dumha civilização europeia, que podia se defender somente na grande ilha, em seu esplêndido isolamento.

A Europa tinha-se completamente deixado à retórica da grandeza do passado. Tinha a ilusão de conseguir fixar os cânones da beleza numa beleza abstrata. Voltara-se para os modelos das pinturas e esculturas grego-romanas. A pintura ficou, por consequência, uma pintura sem sangue, quasi que sem côr, isto é sem

alma e calor. Foi então que os ingleses, sózinhos, souberam resistir à onda da moda, e enquanto pintores e escultores da Europa procuravam no passado os vestígios dumha grandeza fátua e morta, os pintores ingleses buscavam as características humanas na vida cotidiana, nos homens verdadeiros, na sociedade, no mundo real, nos sentimentos públicos, nos valores vivos.

Os três grandes pintores daquèle fragmento de século foram: Reynolds, Gainsborough e Romney, aos quais Lawrence juntou-se em seguida. Esses artistas procuraram os elementos para seu trabalho nos modelos de realismo familiar, simples, pacato, e no humanismo da tradição holandesa.

Os ingleses então souberam criar o homem. Dotados de um sentido de pose eloquente, mas auténtico e sincero; de um instinto seguro em colher o aspecto mais significativo dos modelos e elevá-lo a um tom que, embora não de imortalidade, era de verdade — a qual é sempre mortal e imortal.

Esses artistas procuraram criar um estilo profundo, um ideal suntuoso, mas sincero. Os mestres ingleses deixaram-nos retratos de sua época, da vida que fizeram, do espírito com que trabalharam, que é imagem das mais requintadas e quasi que instintivas. Eles fizeram — obedecendo ao gosto de seu público, isto é da sociedade aristocrática inglesa — a arte mais poética e mais aderente à realidade. Sua matéria maravilhosa, transparente e elaborada mediante um "métier" que não devia invejar os maiores gênios de Veneza e da Holanda, seus tons quentes e difundidos ao redor de uma nota dominante, criaram uma espécie de "beleza nacional", na qual não sómente a nação mas a Europa inteira soube às véses encontrar a si mesma. Claros e elegantes, os pintores ingleses ditaram então as leis da beleza, numa época em que as tradições inglesas pareciam expirar, justamente na febre do neoclassicismo e na iminência da perversão romântica.

Manet, *Les baigneuses***"Les baigneuses" de Manet**

O decisivo impulso do Museu de Arte, conforme se verifica através de suas mais recentes aquisições, desenvolve-se na direção da grande pintura oitocentista. Direção não exclusiva, entretanto, mas, com certeza preponderante. O número e a quantidade das obras recentemente entradas testemunham certo empenho crítico, condicionado, naturalmente, à situação objetiva do mercado internacional. O século da grande civilização burguesa, aplicado à criação daqueles valores que agora herdamos, produziu, elaborou, criou os seus aspectos essenciais. As artes figurativas representaram, para os nossos nomes, uma das mais combativas características: uma parte não indiferente da sua alma. Depois de cinco séculos de incontrastado domínio, com o fim das grandes escolas regionais, a arte figurativa italiana não mais estava em condições de alimentar o espírito europeu. A sua direta herança, a sua força de unificação e de universalidade foi empreendida pela França. Durante todo aquele século, assim, de Ingres a Cézanne, a pintura francesa representou, com altíssimo empenho, a inalterável continuidade dos valores. Eduardo Manet foi, justamente na metade daquele século, o homem que tomara com escrupulosa consciência e com mãos trepidantes, a árdua tarefa de elevar a arte da pintura às superiores esferas do estilo europeu.

Por este motivo, unanimamente reconhecido pela crítica, está o Museu de Arte realizando excepcionais esforços no sentido de preencher uma lacuna que se verifica também em muitos museus da Europa. É testemunha, em tal sentido, a recente aquisição de um outro precioso Manet: "Les baigneuses".

Não hesitamos em definir essa obra como uma das mais intensamente expressivas, sob o ponto de vista crítico, do que resta de Manet. Menos célebre do que as suas mais celebradas obras (como "Le déjeuner" ou "Olympia"), este quadro nos revela o grande pintor dedicado aos maiores esforços: os de recuperar o prestígio "clássico" da côr, o de levar a pintura ao risco das imaginações superiores, o de lançar o espírito moderno nos modelos consagrados pela liberdade tradicional.

Pai do "impressionismo", parece mesmo que nesta, como em poucas outras obras, Manet ousa fugir aos reclamos e aos ditames da modernidade, não para renegá-la ou para traí-la, como o teria feito qualquer espírito reacionário, mas para pô-la a prova, para pô-la em crise. Pura dialética do "métier" pictórico que consegue numa solenidade co-



movente. Com espírito juvenil, com popular ousadia, aproxima-se élle dos grandes: dos venezianos, sobretudo; e dos espanhóis que, de Velasquez a Goya, representam uma faustosa coroação.

Estamos em 1876. Tinha então Manet 44 anos. A idade dos grandes pensamentos críticos. O impressionismo, arrojadíssimo, trabalhava cônscio de si mesmo, quase já sem incertezas. Pode-se dizer, já então desenfreado. Manet, ao contrário, encontra uma zona de isolamento, para re-pensar, ainda uma vez, em plena solidão, o grande mistério das cores, o superior instinto, quase a inevitável e solene sensualidade das cores. Eis o seu marron, o seu verde, os seus rosas, que se intensificam, retomando a imponência, a amplitude da côr vêneta, esmaltando-se quase, transformando-se em luz concreta. As brilhantes análises impressionistas são aqui postas em confronto com as antigas sínteses. O próprio tema revela essa vontade: estamos fora, longe do "plein air", estamos numa pura zona de imaginação colorística, achamo-nos no céu do

mito, estamos na atmosfera. O assim chamado "realismo", que se arrisca sempre em transformar-se em forma de expressão "não bela" quando não apoiado pelo estilo, aqui vai pensadamente à procura da forma, situada e protegida por um fundo secular. Aqui as trepidações, os arrependimentos visíveis no quadro, aberto como um diário íntimo, não podem ser senão a própria imagem da sinceridade. A difusão das cores adquire o valor de um rito lento, obstinado, preciso, imponente. O psicologismo está fora de causa. Não as características do real, porque élle vai em busca disso; mas o mito durável. Não a sensação; mas as grandes faculdades de imaginação. Assim, aparentemente, imperfeito como parece ser, o quadro das "Banhistas" possui uma superior carga de energia pictórica. Que, na história de um pintor, diz mais do que tôdas as polêmicas, do que tôdas as fórmulas fáceis. Em poucos outros quadros de Manet ressalta assim a sua força criadora; respeita-se no que se refere aos antigos sentimentos e profundamente deseja os novos.



*Musas no Museu de Arte de São Paulo,
fotografia de Masatoki Otsuka*

Fotografia

XI SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA
ORGANIZADO PELO FOTO CINE CLUB BANDEIRANTE

Composição, fotografia de Sergio Trevelin



Hipérboles, fotografia de André Longère, França



Composição, fotografia de Plínio S. Mendes





Árvore, fotografia de Marcel Giró



O homem, foto de Eduardo Salvatore

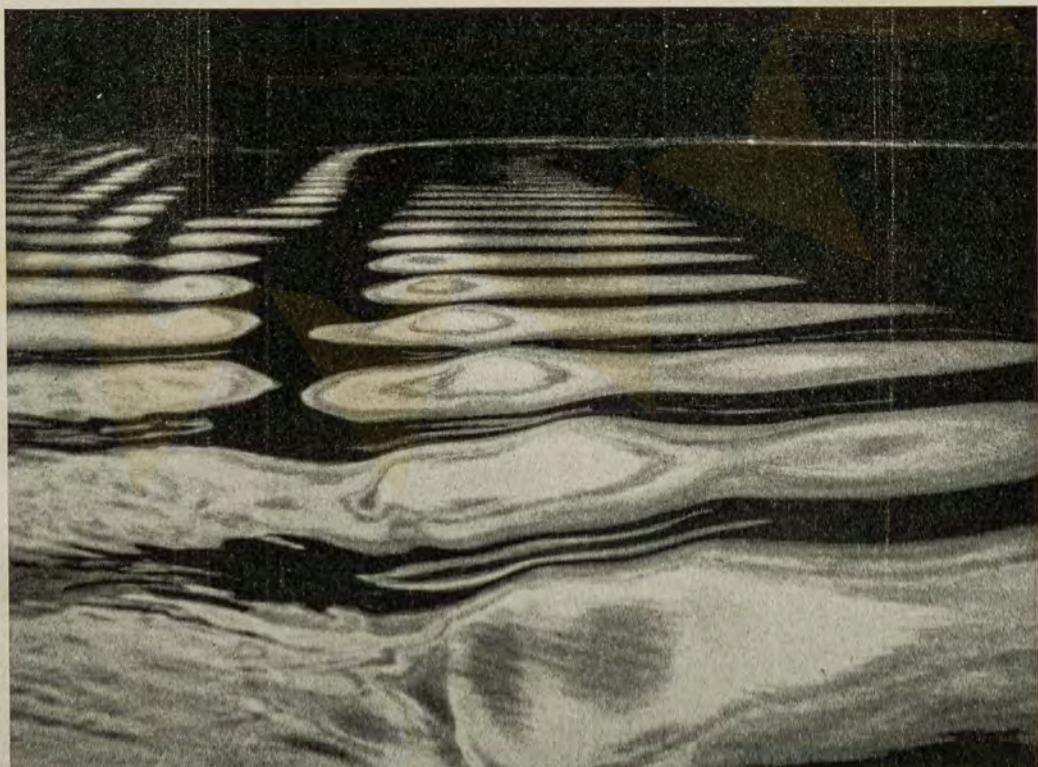
Concorreram ao certame, considerado pelos criticos fotograficos internacionais, como um dos mais renomados, 28 paises, os quais inscreveram um total de 1569 trabalhos, da autoria de 519 concorrentes nacionais e estrangeiros. O juri, admitiu apenas 317 (sendo 58 na secção "Color"), o que diz bem do rigor da seleção. O Salão esteve aberto na Galeria Prestes Maia, até 26 de outubro, atraindo 100 000 visitantes.

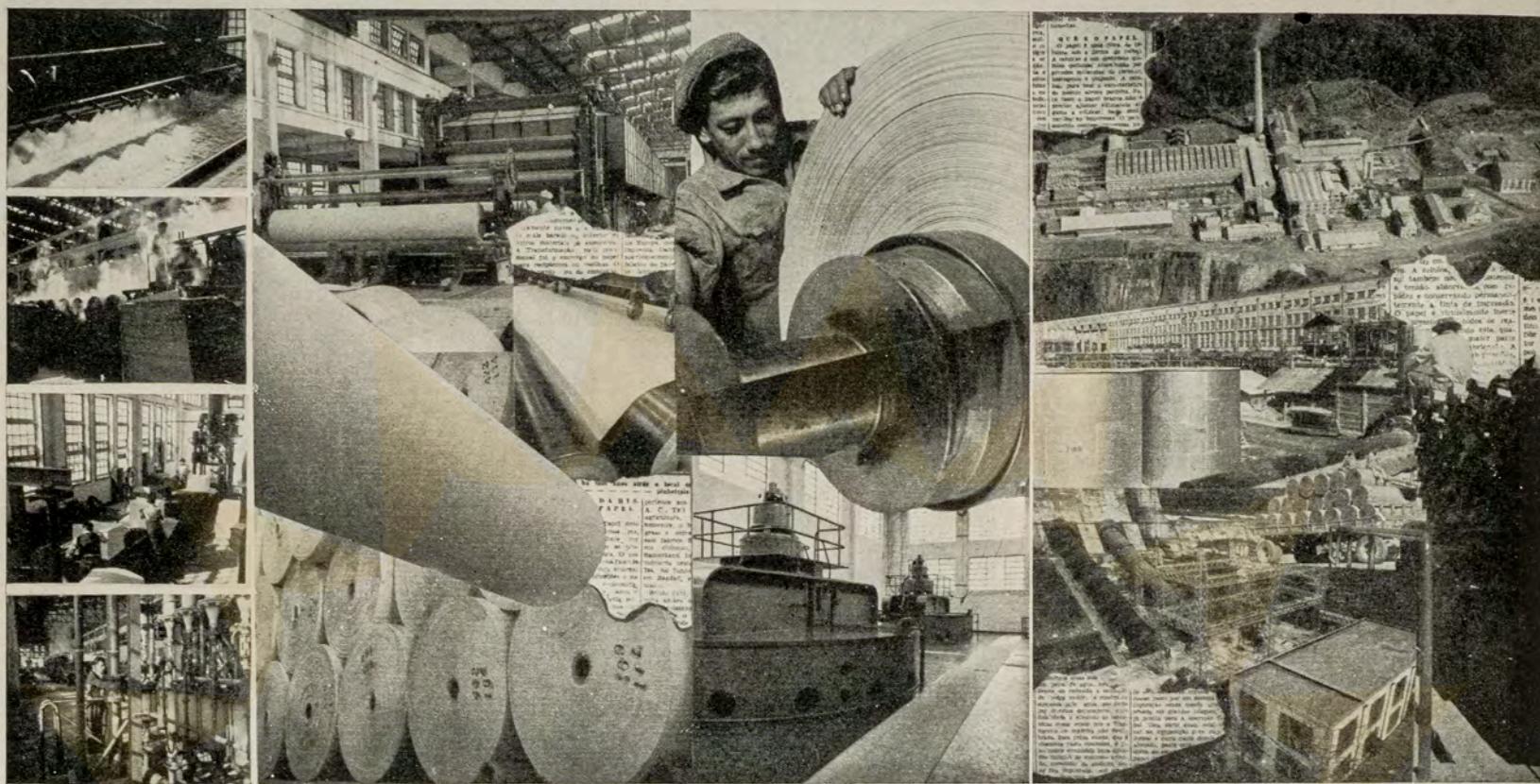
Digno de nota é o grande progresso alcançado pelos autores nacionais, especialmente os de S. Paulo, que sobrepuseram mesmo muito dos mais conhecidos artistas estrangeiros da objetiva, fazendo a critica especializada notar a formação no Foto-cine Clube Bandeirante de destacados valores, cujas pesquisas e estudos fotograficos estão creando uma verdadeira "escola" paulista, definida e com características próprias, libertas do "pictorialismo" que até há pouco predominava e ainda predomina na grande maioria dos salões fotograficos.



Fragmento de doença, fotografia de Buhuslav Burian, Tchecoslovaquia

Onda, fotografia de Tsuyoshi Takatori



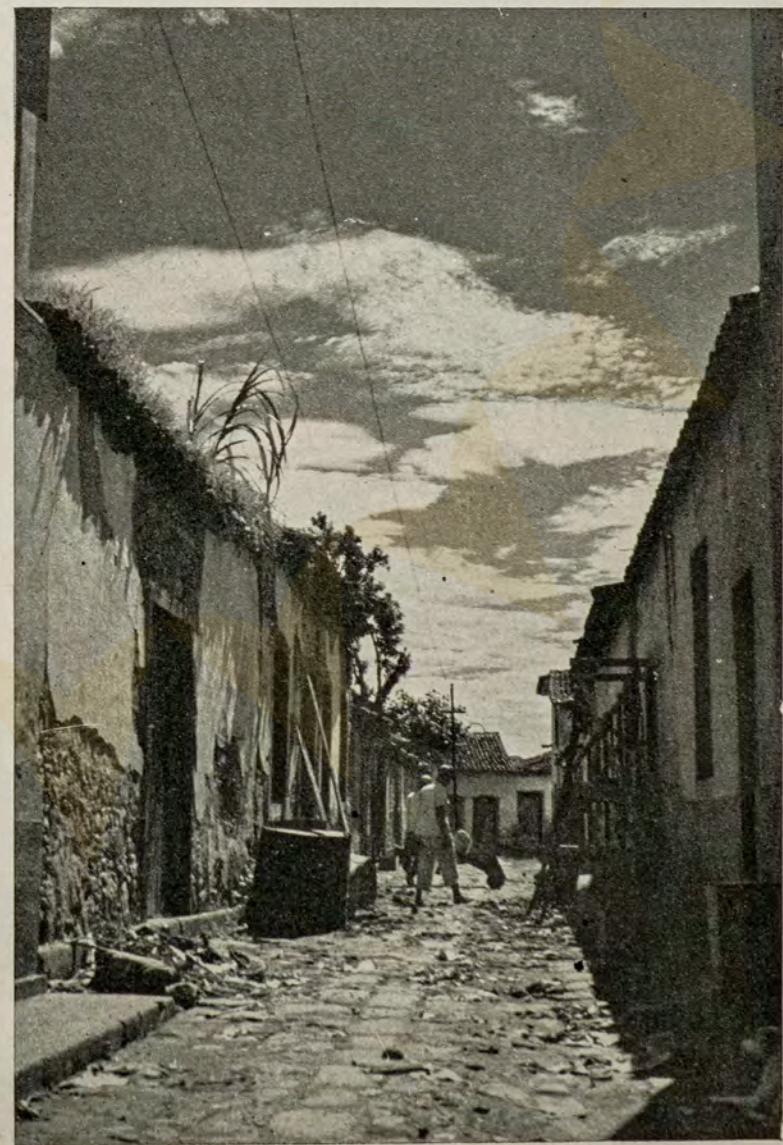
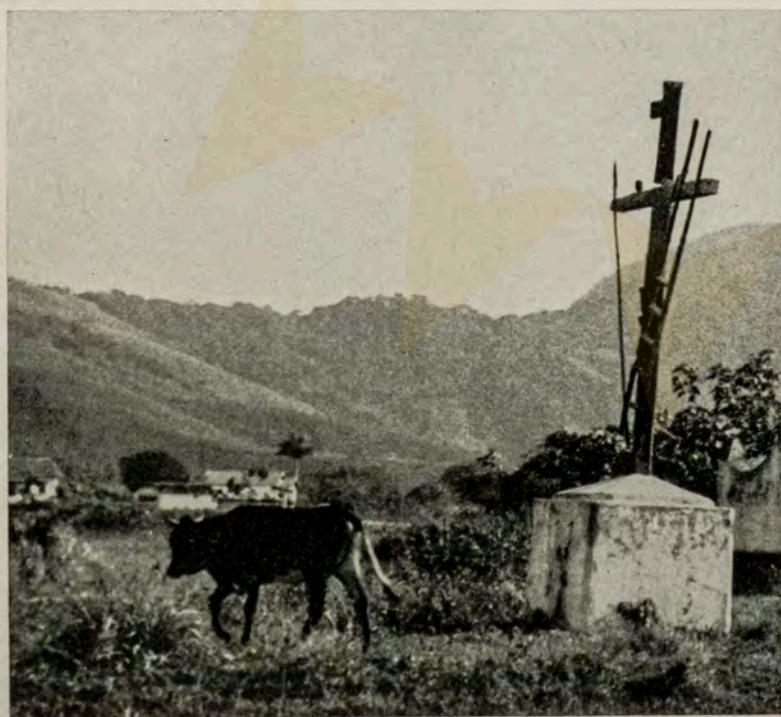


Scheier e Rado, Grande painel fotografico para as Indústrias Klabin; detalhe

Usai, Rua de Parati

Outros fotógrafos

Manoel Francisco Chaves, São Sebastião





No grande móvel holandês do Seiscentos são conservadas pequenas esculturas do Barroco brasileiro; um bonito banco popular holandês; vários tapetes persas



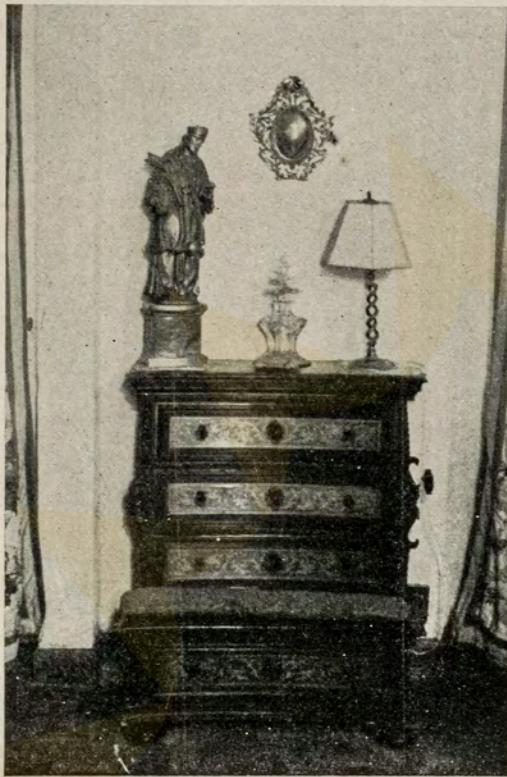
Cama barroca; uma pintura de Henry Epstein; estátua em madeira do século XVIII representando São João Nicodemo

Onde mora Alberto Cavalcanti

Numa casa de São Bernardo vive Alberto Cavalcanti, o grande diretor cinematográfico, grande demais para um cinema feito por cerebros pequenos, como está acontecendo em São Paulo. Achamos interessante apresentar êsses flagrantes porque uma casa, e especialmente a casa de um artista, relata muitas coisas, mais do que seu aspecto ou suas palavras. É essa uma casa, como pode ser visto e como frizamos, cheia de recordações, da Europa, do velho continente esquivo, onde há tanta civilização e beleza, tanto esplendor de idéias e de arte, lançadas depois nas guerras. Cavalcanti foi para aquelas terras há quarenta anos, foi lá que fez a sua aventura, que participou do surgir da mais jovem das artes, dando sua contribuição de juventude, pensamentos e fantasia essencialmente brasileira. Mas o Brasil foi se enfraquecendo aos poucos na sua memória, seu modo de falar tomou inflexões francesas e inglesas. A história é conhecida. Um dia, há quatro ou cinco anos, Cavalcanti voltou entre nós como o filho pródigo, chegou com êsses seus móveis, a lembrança do outro continente, das coisas que testemunharam sua conquista de celebridade; isto é, sua vida de europeu de adoção, aliás, de europeu, porque Cavalcanti é considerado cidadão daqueles países. E é talvez por causa do contraste com seu ambiente daqui, que ele se sente, na sua casa, um brasileiro com saudades da Europa.



O gôsto dos objetos de adorno



O genuflexorio da casa; duas cadeiras do fim da época quinhentista



Outra cama com baldaquim do século XVI; quadro de Kokle; estantes para livros; arca francesa popular do Seiscentos



Sala de jantar com louça de Saxe; cadeiras Luis Felipe; pequena vitrina barroca dourada; biombo e cadeira a "petit-point"



Móvel holandês entalhado do Seiscentos; quadro de Jacopo da Ponte, denominado Bassano; um bonito Capodimonte ao lado de uma pequena estátua napolitana do Setecentos, debaixo do vidro; uma poltrona Luis XV e outra Luis XVI

Problema remoto o da moda

O problema, as paixões, os interesses da moda iniciaram-se em época remota quando Adão e Eva, expulsados do paraíso, precisaram se vestir. São, todavia, dias longínquos demais para nos preocuparmos. No que se refere ao assunto, e mais perto de nós, sabemos que todas as maiores mentes e espíritos têm se preocupado com a moda, filósofos rigorosos como A. Smith e Spencer, grandes romancistas como Swift e Balzac (que escreveu ensaios sobre o modo de se usarem as luvas e de fazer o nó da gravata, e até um livro "Physiologie de la toilette"), e outros como Proust ou poetas como Barbey d'Aurevilly e Giacomo Leopardi.

Preocuparam-se com o assunto os estatistas, Augusto, Carlos Magno, Napoleão, os reis da França, os vice-reis das colônias. Porque a moda — e a psicologia por ela formada e denunciada — está estritamente ligada à própria natureza civil do homem e da mulher, representando portanto um dos fatos artísticos e políticos mais insistentes, mais preocupadores. Quem não estiver familiarizado com a anedótica histórica não poderá intuir esse problema. Luiz XIV não conseguia dormir, ficando horas e horas na mesa de trabalho, para definir a linha de uma sáia ou a forma de um decote, discutindo com seus desenhistas e pintores, corrigindo, mudando e alterando. Um dia, atrevendo-se um ministro a perguntar ao soberano porquê tanto o preocupavam esses problemas secundários e fúteis, Luiz XIV respondeu-lhe: "Um corpinho bem feito pode ter a mesma importância de dois tratados diplomáticos, e uma sáia disforme ou uma fita mal colocada podem ser outro tanto fatais como a derrota de dois regimentos". Sem dúvida, o refinado personagem estava exagerando. Lembremos, todavia, os sociólogos que dedicam a esse problema atenção científica exclusiva. Os teóricos da política, os historiadores, chegaram a ver na moda uma manifestação da luta entre as classes sociais, ou melhor, entre a aristocracia e as massas: as massas, esforçando-se de contínuo para imitarem os moldes das classes superiores, e as aristocracias, obrigadas a uma procura constante de novidades, a fim de não serem confundidas com as massas. Aliás, é fato sabido, que toda cultura típica domina especialmente mediante seus aspectos estéticos da moda. Desde o mundo grego de Alexandre Magno até o império napoleônico, desde o domínio barbárico-bizantino até o nivelamento industrial e burguês europeu, desde as remotas épocas pré-agrícolas até o barroco francês de Luiz XIV, cujos editais mais importantes foram os referentes a moda (mesmo editais referentes ao uso de fitas, nós e rendas, em 1673 e em 1675, um que se referia ao reconhecimento oficial da profissão de costureira, profissão reservada até aquela época aos homens); enfim, desde Adão até hoje em dia, cada época teve a sua moda, delimitada por circunscrições culturais. Parece que as mulheres possuem (não é afirmação nossa, mas do profundo e rigoroso Simmel) pendor natural e vontade irresistível de se vestirem, obedecendo, não a um gosto típico, pessoal, mas conforme modelos de renome. No tempo de Augusto, as mulheres queriam se vestir como as mulheres da Grécia; as vienenses da época

de Napoleão queriam imitar as damas da corte do imperador. Moralistas como Molière e Goldoni, que tinham a capacidade de mudarem em fatos artísticos suas considerações, não hesitaram a ridicularizar, em comédias conhecidas por todos, essa mania do nivelamento da moda; foi esse o primeiro reconhecimento do fenômeno. Mais tarde, aos poucos, foi se considerando que a moda era, consciente ou inconsciente, a revelação, a portadora de realidades mais altas e mais espirituais do que a simples habilidade do artesano. Um indivíduo tornou-se então o epônimo, o símbolo universal do individualismo estético revelando mediante a moda: "lord" Brummel, personagem imortal como os personagens de mitos ou as grandes criações literárias, ao par de Dom João e Casanova, Faust ou Pico della Mirandola. Nas épocas da decadência europeia, a moda, quer dos homens quer das mulheres, tornou-se uma preocupação estética ou quasi intelectual, as literaturas e poéticas foram os elementos determinantes dos modelos. O dandy inglês, o poeta simbolista de Paris de 1870, Oscar Wilde ou D'Annunzio, ou mais recentemente a moda futurista, ou surrealista da Schiaparelli, ou ainda, a última e difundida tolice literária, a moda existencialista das capitais da Europa e principalmente de Paris e Milão, são manifestações literárias e polêmicas de uma revolução da moda, num sentimento mais próximo do individualismo e da anarquia, doença crônica das vanguardas políticas. Um de seus aspectos mais violentos e anarquicos foi talvez a estúpida campanha imaginada por "miss" Landons em 1915, no sentido de encontrar o vestido único, universal. É claro que essa tentativa não podia ter ressonância, da mesma forma como todas as inquietações literárias para uma reforma da moda.

Entretanto, no meio de tamanha confusão, na qual muitas vezes se inspiram — por falta de idéias próprias — os grandes mestres da moda internacional (o grande desenhista de moda é figura típica do industrialismo contemporâneo, aliado a baratas lucubrações literárias e ao mau gosto dos "nouveaux riches", do patriciado de após-guerra, pois toda guerra deixa uma esteira de falsas aristocracias dos que, com o dinheiro, não conseguiram ainda o suficiente preparo cultural e a formação moral necessária) no meio de tamanha confusão, dizíamos, aprendemos alguma coisa. As mulheres — nas quais a moda se origina e confluem, num círculo fechado — mesmo as melhores e as mais inteligentes entre elas, aprenderam alguma coisa.

A história da moda importada fora, infelizmente, uma exigência de países nos quais o artesanato não tinha se desenvolvido por falta de tradição cultural autótona e por falta de condições artísticas originais, capazes de oferecer ao público formas belas e apropriadas. Entretanto, o que os mais inteligentes compreenderam é o seguinte: a moda é relativa às condições específicas de cultura, clima, geografia, e ainda, de estrutura anatômica, de elementos somáticos e mesmo de côr e pele.

Estamo-nos referindo agora, como o temos feito constantemente em nosso afã

de iniciadores de uma tentativa ousada, estamo-nos referindo a uma situação brasileira, onde, naturalmente, ao par de todos os países e ambientes granfinos, a moda de Paris e mesmo a italiana, constituem um ponto de referência, único e fantástico. Quando o Brasil, pelo contrário, seria capaz e deve — como o temos feito — criar sua moda individual. Uma moda, não feita por uma série de idéias espirituosas, de variações engenhosas de modelos vistos em vitrinas ou revistas estrangeiras, ou de desenhos aceitáveis ou de coisas semelhantes. Uma moda que representa, pelo contrário, um esforço racional para se obter uma moda racional, e portanto, autêntica, correspondente ao "tipo brasileiro", à formação típica do país, num sentido cultural e somático: uma moda apropriada às condições específicas da produção brasileira, da economia em geral, além das variações climáticas e de estação. Uma moda conveniente a nossa paisagem, tão rica de inspirações, convenientemente ainda aos hábitos sociais, ao modo de viver, de trabalhar, de se divertir que, embora se nos afigurem "internacionais", aliás, "cosmopolitas" nas grandes cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo, representam — na realidade — uma mentalidade diferente daquela de outros lugares, da Europa ou da América do Norte. Uma moda, enfim, correspondente à complexa estrutura cultural brasileira, formada por camadas substancialmente diversas entre si, mas que tendem e concorrem todas à formação de um aspecto único, que é, justamente o nosso país. O Brasil está inventando sua literatura, sua música (que existe em certo gráu), sua pintura (que existe e é fato reconhecido no campo internacional), sua arquitetura (que além de reconhecida, é também admirada e imitada). Não se entende, então, porque a moda — que pode ser considerada um aspecto, uma manifestação sintética da cultura artística dum país — fique presa às inspirações mágicas e magnéticas de Paris ou da Itália. Perguntamo-nos o porquê, quando, pelo contrário, bastaria estender a mão sobre essa grande mesa que é o Brasil, bastaria abrir os olhos e pensar com serenidade, para colher tudo o que a moda requeria de mais original, próprio, funcional e econômico.

Agora, essa tentativa, que merece ser notada, foi feita pelo Museu de Arte de São Paulo, instituição essa que considera o campo da moda um campo verdadeiramente artístico.

Aliás, os fatos estão concorrendo para animar e continuar esse trabalho, até alcançarmos o que pretendemos conseguir: estabelecer as bases da moda brasileira, estimular as mentes para que inventem, compreendem, atuem sem imitar. A moda, considerada com superficialidade, parece a arte da imitação do próximo! Mas, para os que encarem profundamente o problema, a moda é justamente uma manifestação de personalidade, de educação e estilo. A moda é um fator de arte, ao mesmo tempo individual e coletivo: vestir bem é um dos problemas da civilização. As mulheres brasileiras devem se educar a isto, a se vestirem bem, criando seu estilo, compreensão e personalidade.

instituto de arte contemporânea



*Luiza Sambonet,
animadora da moda
brasileira*

Uma moda brasileira

Talvez uma das mais autorizadas cronistas de moda de São Paulo seja Helena Silveira. Foi ela que iniciou, desta maneira, um artigo, um artigo comentando o primeiro desfile de modelos idealizados e executados no Museu de Arte de São Paulo: "Confessamos que quando o diretor do Museu, P. M. Bardi, disse-nos que dentro da sua escola tencionava criar uma moda nacional, a mais apta possível ao nosso ambiente e a nossa psicologia, fomos um pouco amedrontados... já outra feita haviam tentado empreza semelhante na América do Sul, na Argentina, e o insucesso foi o mais fragante." Tudo nesse artigo revela a forma surpreendente com que a cronista assistiu aos primeiros resultados dos trabalhos do Museu, constatando-se, entre outras coisas, que chegou o momento para enfrentarmos o problema da moda brasileira, porque estámos maduros para isso. Em geral é sempre uma necessidade urgente, aquela que sugere a uma coletividade criar por si aquilo que sempre recebeu como herança ou imposição de outros. Foi o que aconteceu na Suiça para a defesa da indústria de lá, na Itália, de acordo com as necessidades autárquicas do período das sanções, e nos Estados Unidos pelo imperativo de adaptação à vida moderna. Tem sempre um resíduo social que pode isolarse fora do problema, continuar a escolher o próprio modo de vida com todos os pormenores possíveis de maneira absolutamente autônoma; mas nos grandes fenômenos, as pequenas iniciativas não interessam. Torna-se necessário, portanto, no caso, ter sempre em mente o problema da média, da maioria das mulheres brasileiras, das secretárias que vivem nos arranha-céus do centro da cidade, das mulheres da média burguezia, das comerciais, das estudantes, das professoras. A mulher brasileira não deve e não pode mais vestir-se seguindo a história de hontem, mas sim para viver a crônica de hoje, nas suas e mais modernas cidades do mundo. A brasileira é muito "rafinée".

Ela gasta mais do que qualquer outra para os vestidos e o "maquillage" (é mera questão de estatística). Aprendeu perfeitamente a lição francesa; adora tudo que seja delicado e elegante; mesmo na crônica mundana, recorre não poucas vezes ao adjetivo "feminino" aplicado sistematicamente a um certo tipo de vestuário, de decoração ou de atitude, algo suave, vaporoso, esvoaçante, enfeitado de flores onde a linha é mesma daquela graciosa "coquette". Entretanto, o mundo moderno pede um outro estilo de mulher. O progresso, com suas exigências de extrema simplicidade, num esforço constante dirigido num sentido cultural, irão reduzir os elementos do vestuário feminino ao essencial. A mulher será requintada, entre rígidos limites de pureza. Ora, aquilo que é indispensável deve, evidentemente, atingir um objetivo e os objetivos variam segundo as necessidades. Cada país tem necessidades diferentes. O clima inglês ou francês não podem sugerir elementos a quem vive no Brasil. Quem mora sob o céu variável de São Paulo ou está a mercê do sol carioca, tem que adaptar-se ao clima e não pode logicamente se restringir à moda de Paris com suas quatro e bem características estações.

Do ponto de vista dos figurinos, ainda, é inexplicável o esforço até aqui empregado na adaptação da moda estrangeira ao mercado brasileiro. Poderia, toda essa energia, esse trabalho, serem canalizados num só sentido, naquele de tirar proveito do folclore local, não perdendo de vista as possibilidades de criar, no futuro, elementos e exportação. Feitas estas considerações, passemos a analisar a importância econômica de incrementar um dos aspectos fundamentais da indústria nacional, já que no momento a importância de objetos que não são de primeira necessidade, é pouco vantajoso para o Brasil.

Há muito, o Museu de Arte vem se preocupando com a possibilidade de uma mo-

da nacional. Ali foi criada uma escola de tecelagem artística sob a orientação de Klara Hartoch; o Museu forneceu à Casa Vogue desenhos para a execução de vestidos que foram apresentados por senhoras da sociedade brasileira, durante a inauguração do Instituto de Arte dos Costumes, no Palácio Grassi, em Veneza; por iniciativa do senador Assis Chateaubriand, os tecidos brasileiros de várias indústrias de algodão foram utilizados por Jacques Fath numa importante coleção, toda confeccionada em algodão seridó. Há três meses funciona uma escola para modelos, com quarenta alunas selecionadas que estão empenhadas, diariamente, em lições de ginástica rítmica, treinos de movimentos na arte de caminhar e de se apresentar. O primeiro desfile da moda brasileira, assinala um momento da mais alta significação, praticamente basta citar que as grandes firmas compreenderam, imediatamente, que qualquer trabalho nesse sentido só iria beneficiar o alto nível e a maior independência da indústria e do comércio. Entre essas firmas, a que se lançou à liderança desse movimento foi a Casa Anglo-Brasileira. Claravidente, segura, com uma visão exata do problema, essa firma prestou um apoio inestimável. Mas não ficou ai a solidariedade ao Museu. Inúmeros artezãos que executaram os desenhos de acessórios fornecidos pelo Museu, as grandes firmas de fazendas que teceram e estamparam com exclusividade por ocasião da manifestação. Procurou-se acima de tudo, na execução dos vestidos idealizados e confeccionados no Museu, de não ir além do espírito dos motivos tradicionais, de desfrutar ao máximo as possibilidades sugestivas de objetos e motivos populares, tendo, por outro lado, presente, em todos os pormenores dos modelos, a ser finalidade que nunca deveria ser desvirtuada: absoluta originalidade. Quem trabalhou, nesses vestidos, procurou esquecer tudo aquilo que comodamente se relaciona com a moda do passado: em todo o desfile não existe um só babado ou franziado, heranças do século passado; em qualquer um dos cincuenta exemplares não se registra uma só flôr, verdadeira, falsa ou estampada, com reação lógica e atual a bilhões de flores distribuídos, até agora, em quasi todos os vestidos do mundo. Entretanto, por uma questão de honestidade devemos assinalar uma exceção: um anturio estilizado, uma flôr bem nossa, bem brasileira, que nunca vimos reproduzida e que, assim aconteceu, foi uma homenagem à flora nacional. Sambonet, com a maioria de modelos de vestidos, sapatos, tecidos, Burle Marx, com seus inconfundíveis desenhos; Lilli Corrêa de Araujo, com seus linhos de inspiração marajoara; Carybá, com suas figuras de "macumba" a reviver a arte popular bahiana; Lina Bardi com sua aplicação de pedras brasileiras, criou uma série de jóias absolutamente novas. São estes os nomes que abrem a lista, que sem dúvida alguma será longa, dos artistas brasileiros que irão trabalhar para a moda brasileira.

Klara Hartoch está industrializando a sua produção de tecidos a mão, servindo-se da sua grande experiência num campo tão difícil. Gabriela Pascolato desafia a fama do tecido francês em seda pura. As firmas S.A. Ribeiro, Industrial S.A., Lutfalla, colaboraram com o Museu de uma forma notável, num esforço de criação e técnica. Seria difícil transcrever aqui todos os nomes daqueles que auxiliaram o Museu nesse empreendimento.

O Museu de Arte de São Paulo abriu um caminho livre a todos os que pensam que não seja utópica a frase *moda brasileira* num Brasil que se orgulha de estar hoje na vanguarda entre as jovens nações do mundo.

LUIZA SAMBONET



A graciosissima senhora Fath conversando com as duas alunas do Curso de Modelos do Museu de Arte, Irmãs Carolina e Maria Eugenia

Fath no Brasil

Jacques Fath e senhora, homenageados na Casa Vogue. A esquerda, o senador Assis Chateaubriand, sempre o primeiro nas iniciativas que podem alcançar relevo nacional no campo da arte. No fundo, o sr. Paulo Franco, proprietario da Casa Vogue

Quem sabe porquê as mulheres aceitam, sem revolta alguma, com estranha resignação, toda idéia que chega do outro lado do Atlântico. Mesmo quando essas idéias são verdadeiras disgressões, anacronismos evidentes. Os produtores da moda — considerada em todos seus elementos, desde a camisola até os sapatos — gostam de fazer, de vez em quando, uma transposição no passado. Podemos encontrar, hoje em dia, em moderníssimo nylon, as camisolas de puro e cândido linho de nossas bisavós. Isto é um absurdo. Cada material deve encontrar sua forma, e cada forma deve corresponder às nossas exigências, à nossa mentalidade. O gosto do século passado, que provém da Europa, é uma mera tentativa de esconder a falta de fantasia e inventiva, muitas vezes própria dos assim-chamados criadores da moda.

Um dos segredos do estilo, é a simplicidade absoluta, essencial e rigorosa do vestido. Da mesma forma como não conseguimos imaginar uma casa, uma parede recoberta por uma vegetação de estuque, de ouros, de madeiras esculpidas simulando paraísos inúteis e perdidos, das épocas barrocas, assim não compreendemos porquê nossas mulheres ainda usam — quando Paris mandar — aquelas roupas de nossas bisavós.





Clara Hartoch, professora de tecelagem no Museu de Arte de São Paulo

Elementos da moda brasileira

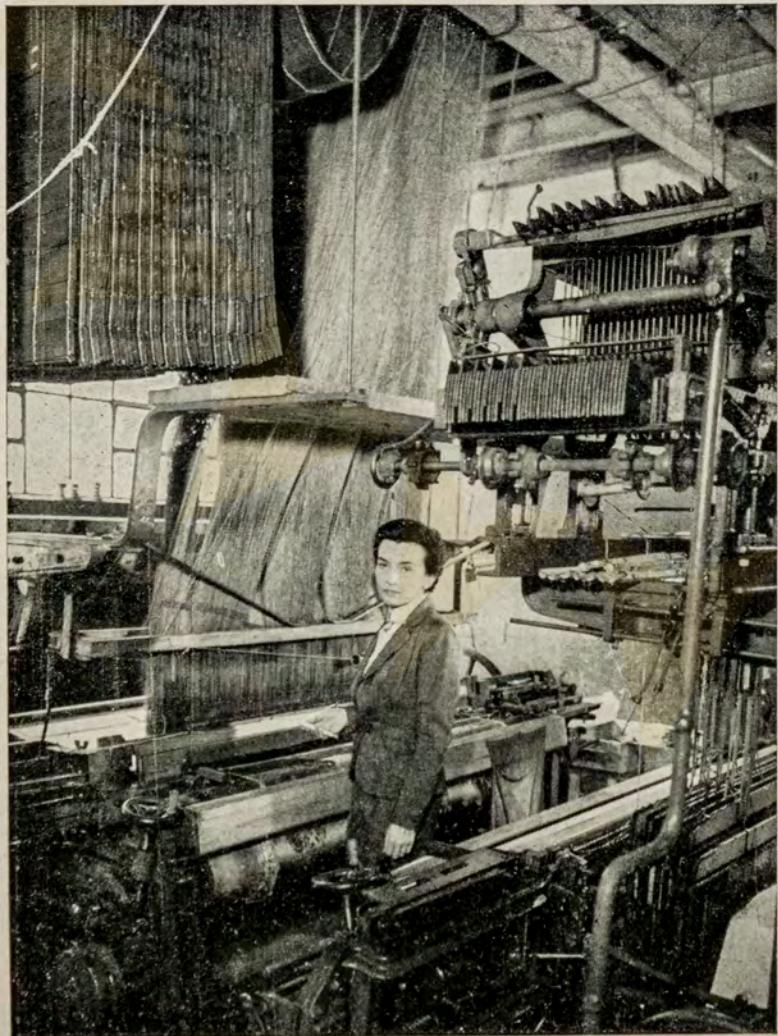


Carybé pintou vários tecidos de algodão



Roberto Sambonet, o incansável desenhista da moda brasileira

Gabriela Pascolato que ajudou muito a experiência do Museu de Arte com sua indústria textil



Eunice Villela contribuiu com seus conhecimentos à iniciativa do Museu



O curso de modelos

Última entre as atividades do Museu, mas não último como eficácia e sucesso, foi o curso para modelos. Uma arte da qual descobre-se sempre mais sua afinidade com a dança expressiva; o Museu reserva seus melhores professores para o preparo de um grande número de modelos

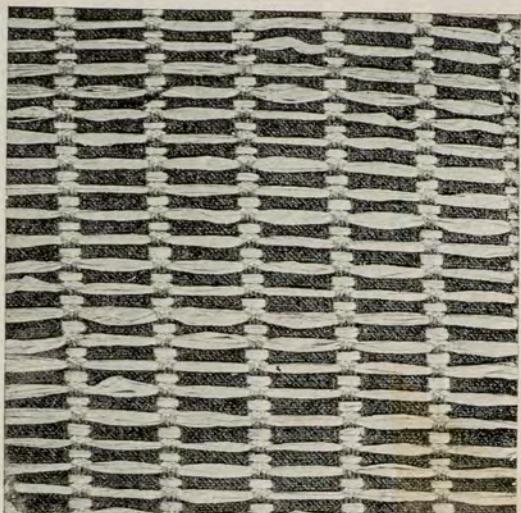


Arte do porte, não só num sentido galante, mas antes de mais nada num sentido expressivo

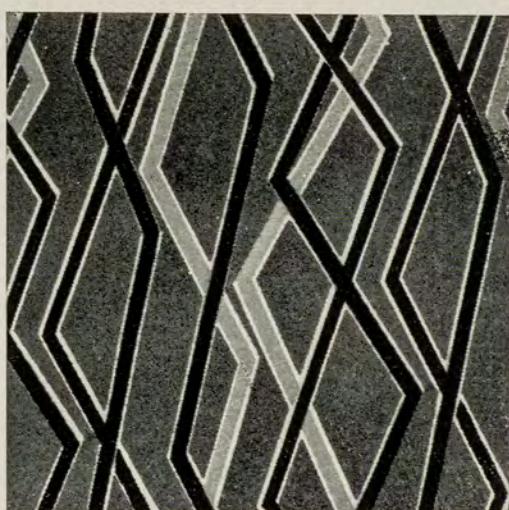


Cada posição, cada pormenor, é oportunamente estudado e ensinado: o corpo deve sempre dizer algo, saber exprimir o que deve exprimir



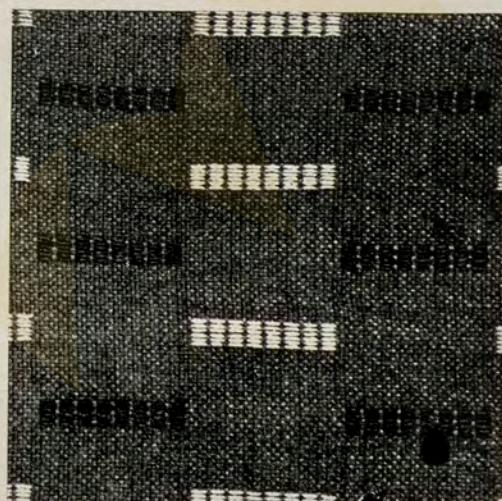
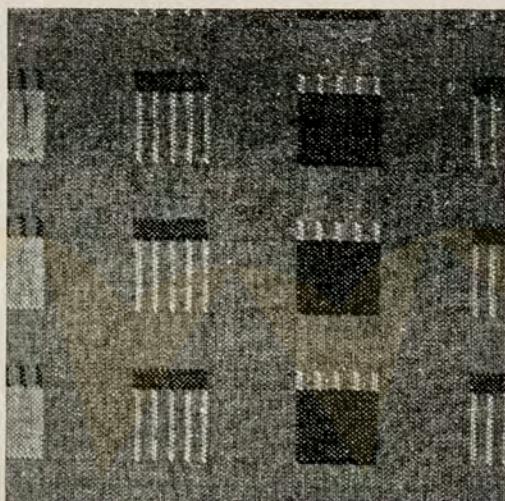
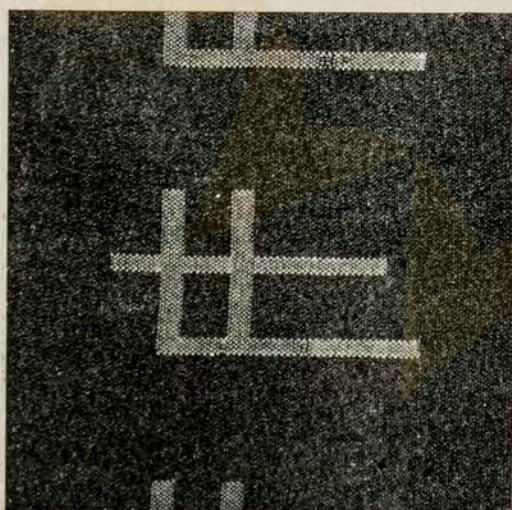


Desenhos e realizações de Klara Hartoch: tecidos em algodão vermelho, laranja, roxo e azul, com trançado em palha; tecido em algodão e "rafia" côn de mel

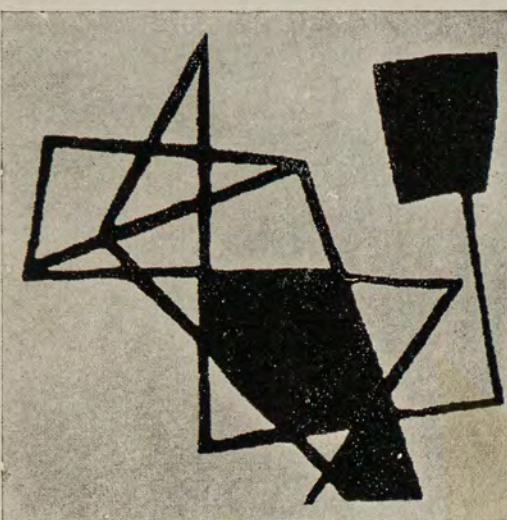


Tecidos executados no Museu de Arte

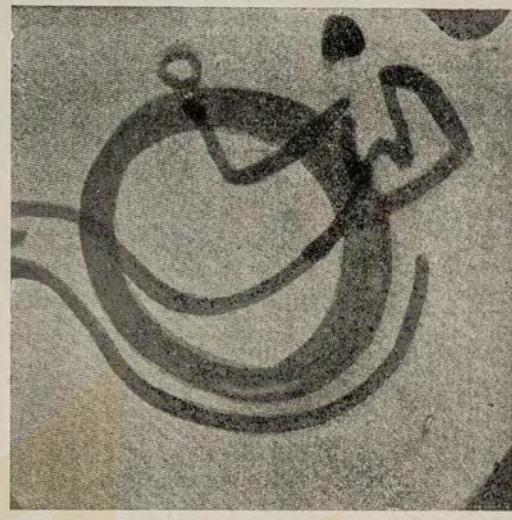
Desenho de Roberto Sambonet e realizações de Ribeiro S.A. Cada desenho é estampado em 6 combinações diferentes



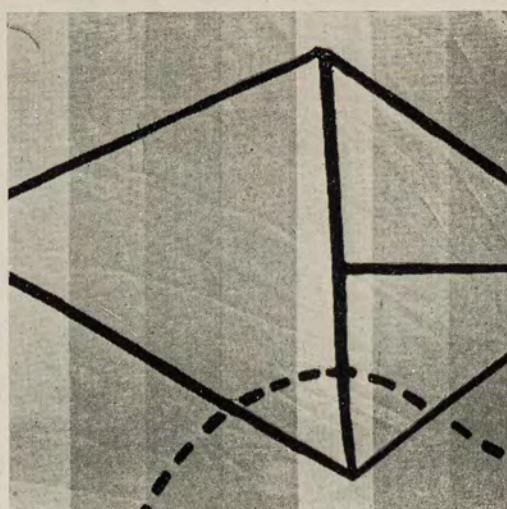
Desenhos e realizações de Klara Hartoch, professora de tecelagem no Museu de Arte, todos de inspiração marajoara. Em algodão preto e grandes motivos laranjas, o primeiro; em 3 tons, de terra e preto o segundo; em verde esmeralda, azul claro e marinho, o último



Desenho de Roberto Burle Marx, realização de Lilli Corrêa Araujo, em côntra-preto sobre linho branco

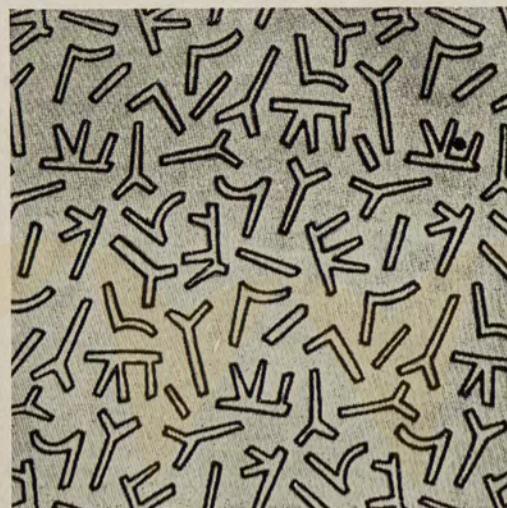


Desenho de Carybé. Padrão inspirado em personagens do Candomblé (Sereia do mar), executado sobre gabardine clara, realização dos Alunos do Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte



Desenho de Roberto Burle Marx, realização de Lilli Araujo. O tecido de fundo é um "chintz" listado em cores palidas, fabricação da Ribeiro S.A., o motivo decorativo consta de grandes "papagaios" em linhas pretas

Desenho de Roberto Sambonet. Flores de "Anturium" em cores vivas, pintadas à mão sobre linho. Realização dos alunos do I. A. C.



Desenhos de Roberto Sambonet, de franca inspiração india (vasos marajoaras e escrituras). Em marron, cinza e preto o primeiro; em linhas pretas sobre fundo cinza palido o segundo. Tecidos em seda pesada da Tecelagem Sta. Constância, estamparia da Beneficiadora Nacional de Tecidos

Desenho de Sambonet, realizado em algodão por Ribeiro S.A. Padrão em 6 combinações



CUNHAMBEBE
para a praia
zefir



VENTO NA VARANDA
para o passeio no campo
suéter em algodão Mercerizado
calças e blusão em gabardine



CADETE
para o esporte
casaco em lã vermelha
calças em lonita

Os modelos no desfile

Desenhos de Sambonet
Confeção no Museu de Arte
Apresentação Mappin



CUICA
para os dias em Santos
lonita e tricoline



JANGADA
para o iate
lonita



PRAIAS DO NORTE
para as manhãs na cidade
linho e tricot



OLARIA
para a tarde na praia
linho



IGUASSÚ
para a tarde na cidade
tecido à mão



FAVELA
para as noite quentes
tecido à mão e tricô



ANTURIUM
para a praia
saia de linho pintado à mão



FRUTEIRO
para o jardim
algodão tecido à mão



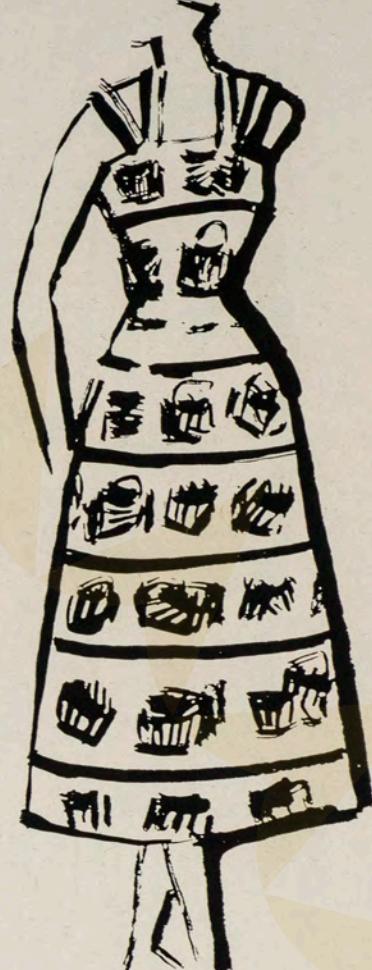
JARDIM EUROPA
para as compras na cidade
2 peças em gabardine de algodão



CARAMBOLA
para as compras de manhã
linão de algodão estampado



BALA DE CÔCO BRANCO
para o baile
palha, shantung-tafetá



PORACÁS
para a canastrá
gabardine pintado à mão



NOROESTE
para a chuva na cidade
duas peças impermeáveis



BALA DE CÔCO AZUL
para o baile
palha, shantung-tafetá



JACARÉ
para a caça
 calça de crocodilo — botas do mesmo



ITAPETININGA
para a tarde elegante
shantung pesado



AREIAO
para a praia
entertela



CARAGUATA
para a praia
cintz



MACUMBA
para o jardim
gabardine pintado à mão



CASCAVEL
para a chuva
duas peças em gabardine impermeável e cobra



ESCOLA DE SAMBA
para um jantar elegante
popeline de seda



Sapatos sem salto em cromo amarelo vivo, cortado em um só pedaço

Sapatos rasos sem salto, côn de mel; a tira fecha com fivela e botão de luva



Sapatos e chapeus

Moda apresentada no Desfile do Museu de Arte

Desenhos de Roberto Sambonet

Chápeus executados por Alberto Gabrielli

Sandálias realizadas por Antonio Parisi

Botões executados por Saulle Rossi

Costuma-se afirmar, e de fato corresponde ao verdadeiro dinamismo do desenvolvimento artístico, que as artes superiores se inspiram diretamente nas fontes populares para seus motivos, conteudos típicos e formas essenciais. Cada cultura revela a presença de motivos populares. A cultura surge num terreno de complexas fontes etnográficas, vivas ou acabadas. Nesse sentido, país nenhum no mundo é outro tanto rico de elementos populares, de formas inéditas, temas que podem servir de inspiração para uma nova moda.



Botões executados à mão em metal dourado



Sandálias em cromo vermelho

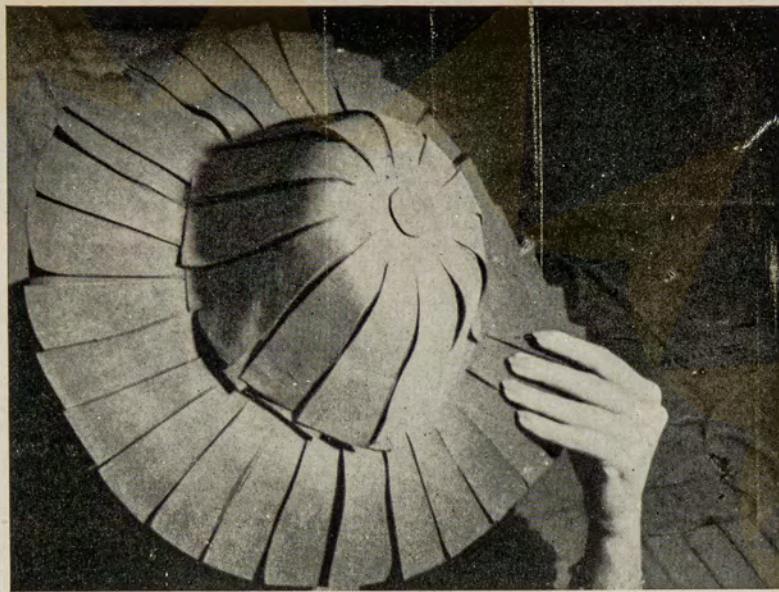
As brasileiras, querendo estar "na moda" e ser mais "modernas" que as mulheres de outros países, têm um caminho: recusar todos os vestidos que, embora pareçam bonitos e cheguem das capitais européias da moda, nada têm em comum com os hábitos, com a forma de se viver, hoje, no Brasil

Chápeu de "piquet" branco com grandes furos simétricos



As cores dos vestidos na Europa, forçosamente, não são as mesmas do que aqui. Aqui necessitamos de outras coisas. Temos aqui outros acordes, outras tonalidades, outras gamas a serem descobertas que harmonizem melhor com a luz e cores de nossa paisagem

A mulher de hoje não tem mais tanto tempo quanto nossas avós, bisavós e outras antepassadas. A mulher moderna não tem mais tempo para dedicar muitas horas a sua pessoa, a sua elegância. Esse é também um elemento que muitas vezes os autores das "modas" não querem tomar em consideração. Nós, pelo contrário, constatamos ser esse um fato importante. A mulher de hoje deve vestir-se rapidamente.



Chápeu de caça; tanto a copa como a aba são recobertas de pétalas de camurça marron

Sapatos muito rasos em pelica beige claro: uma só tira segura o pé acabando em uma fivela dourada; Chinelo de praia em cromo marron, a parte dianteira fecha-se com botões de luva



Sandálias em couro de tubarão; único fecho, um zip



Mil pessoas assistem ao primeiro desfile de moda brasileira, na grande sala do Museu de Arte de São Paulo. Apresentaram o desfile Homero Silva e Alfredo Nagib

O desfile no Museu

O senhor e senhora Paulo Franco em palestra com o diretor do Museu, que foi o idealizador do primeiro desfile de moda brasileira. O Museu convida agora o sr. Franco a continuar essa tarefa, isto é, o que o Museu fez para propôr e afirmar a primeira idéia de Moda brasileira



Antonieta apresentando "Tangerina"



Em poucos meses conseguiu-se preparar um grupo de modelos que animaram e emprestaram brilho ao desfile. Foi esse um sucesso outro tanto importante quanto o da idealização e confecção dos vestidos. A sra. Luiza Sambonet orientou também essa secção



Maria Helena com "Confétis" em rayon

Senaide com "Ararauna"

Nossos cineastas continuam de olhos fechados. Se alguém dêles tivesse assistido ao desfile, teria verificado que o curso para modelos abriu uma mina de possíveis artistas. Artistas essas que sabem pelo menos andar

Linda apresentando "Perequê"*Senaide apresentando "Caraguatá", em chintz*



Museu de Arte de São Paulo: 1º desfile de Moda Brasileira, em colaboração com a Casa Mappin. Da esquerda: Linda apresentando o vestido "Foguete"; Liliana com "Jangada"; Odette apresentando o traje de inspiração índia "Fronteira"



O Senador Assis Chateaubriand examinando o traje para caça, "Jacaré" apresentado por Gloria

O desfile realizado em 6 de novembro no Museu de Arte de São Paulo, ultrapassou toda expectativa. A moda brasileira passava a ser, de mero sonho de alguns, a uma realidade positiva. Nisto está talvez a mais bela iniciativa do Museu de Arte, e sem dúvida a iniciativa que saiu melhor. E agora, imitadores de idéias: continuais!

A fauna e a flora de um âmbito geográfico influem sobre a arte, a poesia, a economia, a vida dum país. Sob esse ponto de vista, o nosso é entre os países mais privilegiados das Américas. Por que esse privilégio não pode ser também uma das fontes da moda brasileira? Quer no sentido figurativo, quer no sentido econômico. Um exemplo: com a pele de animais brasileiros, poder-se-iam confeccionar casacos de pele e outros objetos de feitio primoroso, de qualidade incomparável e de relativamente pouco custo. Bastará trabalhar com fantasia, ter um pouco de imaginação e tomar a iniciativa

Maria Helena apresentando o vestido "Iguassú"



Ziza Girardelli apresentou com muita elegância e desembaraço o vestido "Papagaios". Ziza colaborou com Luiza Sambonet nos trabalhos da iniciativa

Maria Helena apresentando o vestido "Faisca"



Maquilagem do modelo Ruth





Emily, Linda e Odette depois do desfile



Aspecto da oficina de costura no Museu de Arte



Senaida, diante de uma estátua grega no Museu de Arte, exibe o modelo "Bala de côco vermelho"

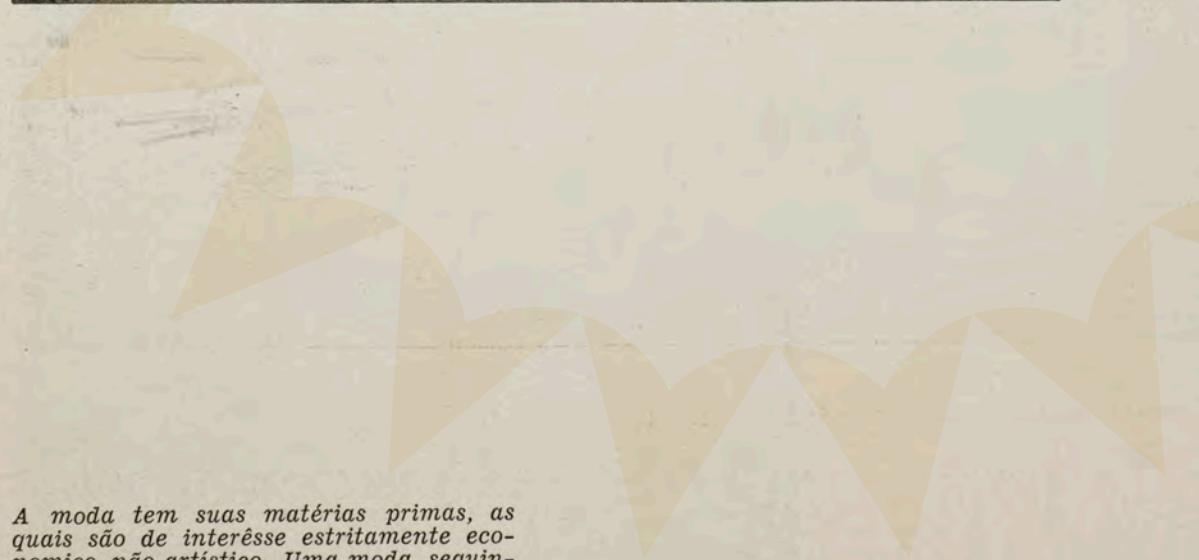


Tecla exibe diante de uma tela de Frans Hals um modelo em tecido preto, denominado "Bala de côco"

Por nosso intermédio, o Museu de Arte de São Paulo (é fato sabido que essa revista é grande amiga do Museu embora não seja afiliada) agradece a todos que participaram da iniciativa da moda brasileira: desde as moças elegantes que serviram de modelos até aquelas que, trabalhando noite e dia no atelier do Museu, aprontaram os tecidos e confeccionaram os vestidos. Especial agradecimento à Casa Mappin que compreendeu o valor da manifestação, generosamente proporcionando os meios necessários para vencer a batalha nacional.



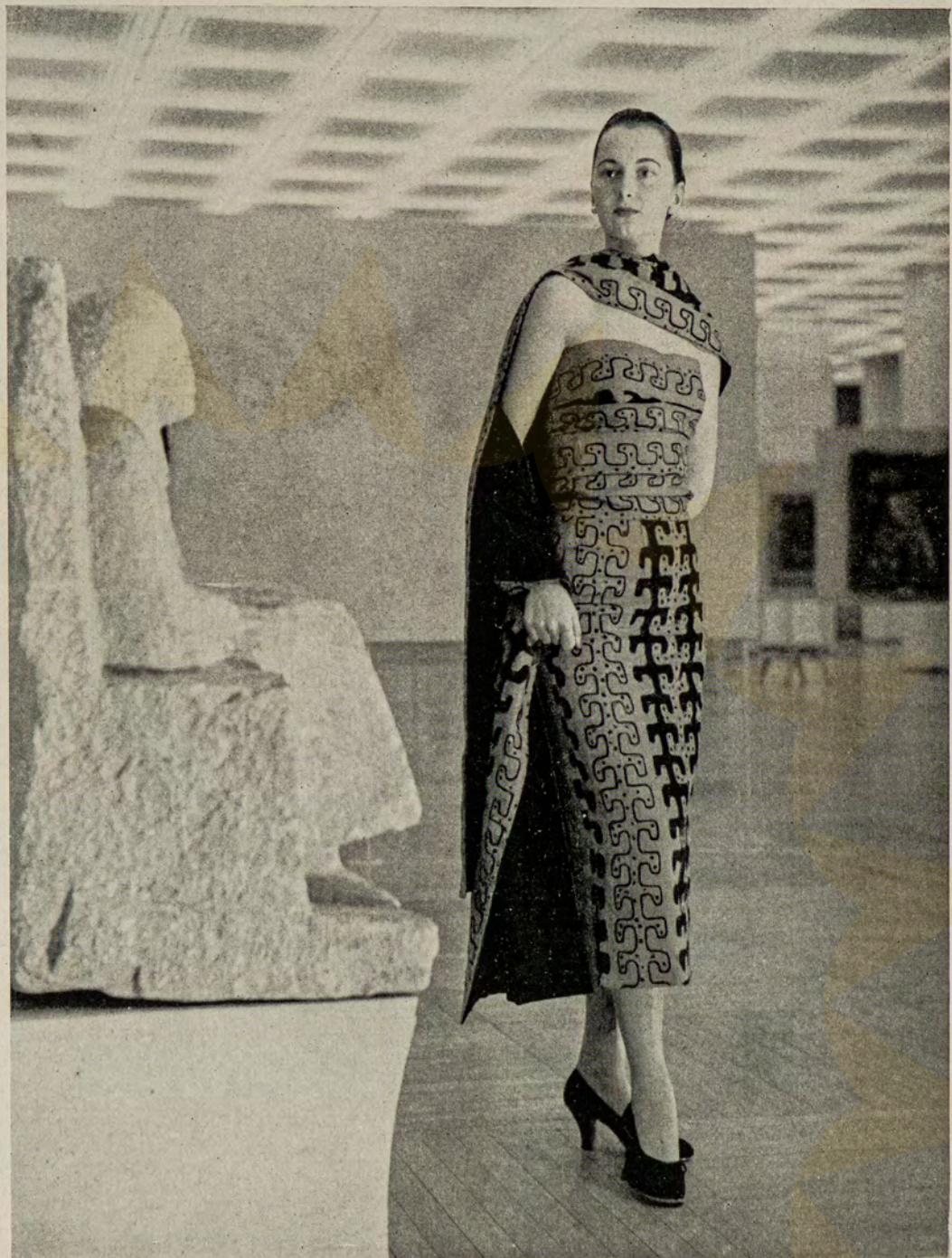
Gloria apresentando o modelo "Balaio". A ráfia foi empregada neste vestido como elemento essencial no talho da cintura. Klara Hartoch idealizou e executou este modelo nas oficinas de tecelagem do Museu, inspirando-se em elementos da nossa cultura primitiva. Gloria posa ao lado de uma tela de Modigliani no Museu de Arte de São Paulo, do artista contemporâneo cuja obra foi tão influenciada pela arte primitiva



A moda tem suas matérias primas, as quais são de interesse estritamente econômico, não artístico. Uma moda, seguindo e obedecendo a êsses interesses, raramente conseguirá ser inteligente, do ponto de vista do estilo. Todas as discessões da moda são devidas a intervenção inopportunamente de exigências econômicas. Pelo contrário, a economia produtiva, tornar-se-ia mais inteligente e mais sadia, seguindo as aspirações da moda. Em todo caso, será necessário estabelecer um equilíbrio entre moda e produção de tecidos, equilíbrio esse, mesmo se frágil, mas definido

Odette desfilou com o modelo "Fronteira", uma belíssima fantasia originária dos nossos habitantes da fronteira com o Paraguai





Lilian apresentando um vestido inspirado nos vasos marajoaras

Sabemos que o algodão não proporciona, para a moda, os mesmos recursos decorativos do nylon. Cabe porém as indústrias textis de progredir até fazer um algodão, flexível e proveitoso como o nylon, e como o nylon crêspo ou liso, prático e leve, que se lava e seca facilmente. Mas o problema não está sómente nisso: o problema é também de forma, de inteligência, de fantasia



Artezanato e indústria

A luta entre o artesanato e a produção industrial é uma luta declarada. Iniciou-se, digamos, há uns oitenta anos, e não parece estar prestes a acabar. No plano teórico, o problema da coexistência desses dois sistemas de produção é quasi que insolúvel, pois o artesanato é uma indústria anacrônica, insuficiente, e por outro lado a indústria, isto é, a produção em série, é uma arte completamente nova, ainda em processo de evolução. Mas é necessário que surgia, porque o mundo econômico de hoje exige seus meios adequados. O vaso de barro da época das palafitas fôrma uma obra-prima do artesão; entretanto, essa peça não poderá resistir, nessas condições, até o dia do Juízo Final.

Existe em toda a parte a mania da peça única, do objeto original, do objeto "artístico": as condições econômicas, porém, fazem-no justamente um objeto muito caro e reservado somente para poucos; e ainda nem sempre apropriado a desempenhar a função para a qual foi feito. Existe, pois, um só caminho, o mais simples e mais óbvio: produzir esse objeto em série, fazer um produto standard, usando a mesma precisão instrumental e funcional com que a inteligência do artesão fabricava seus produtos que, em parte, ficam na história como exemplos absolutos de civilização. Deve-se agora estimular no artesão, ou melhor, no artista, uma mentalidade adequada às exigências industriais e à indagação: criar os modelos perfeitos, ricos de idéias e inteligência que, ao mesmo tempo, possam ser reproduzidos em número suficiente de exemplares.

É esse um problema relacionado à inteligência; os industriais de um lado e os artistas de outro devem encontrar o comum denominador de inteligência, onde compreender é começar. A indústria necessita de artistas capazes de idealizar as formas e os modelos essenciais.

Na América do Norte, centro do industrialismo moderno de que consiste a civilização de hoje, o problema está bem encaminhado para uma solução: a iniciativa das escolas, museus, universidades, para exercitar e acostumar a mente ao desenho das formas belas enquanto úteis, e úteis porque belas; essa iniciativa está em pleno desenvolvimento.

A indústria brasileira que tenciona colocar-se num plano internacional, deve considerar com seriedade esse problema, confiando-o a quem provou e vem provando de saber encará-lo. Nessa situação, talvez a primeira exigência — que no entanto não parece ainda poder ser considerada com otimismo — seria a de estabelecer uma grande escola, preparando assim para essa tarefa uma geração de jovens artistas. Entretanto, não se trata de uma escola de artesanato que é sempre uma manifestação artística quasi que familiar ou, em todo caso, uma produção excentrica.

A indústria não pode trabalhar com os moldes do artesanato: os resultados dessas experiências foram cópias indecoros, não correspondendo em geral às exigências do custo e do material. O que é preciso, é uma escola nacional de desenho industrial, capaz de formar artistas modernos. Modernos no sentido de conhecer os materiais, suas propriedades e possibilidades e portanto, as formas úteis e expressivas que requerem. Novas ligas metálicas, materiais plásticos, sintéticos, es-

tão paulatinamente substituindo os velhos materiais, madeira, bronze, barro. Transferir as formas que dignificaram os grandes materiais do passado, significa traí-las. E continuando pelo caminho antigo, não será possível encontrar o novo. Desde tempo estamos repetindo: não formando, a própria indústria, seus novos artistas, não conseguirá basear-se sobre alícerces firmes e apropriados. O artesanato tradicional poderá, por outro lado, continuar suas atividades isoladas, representando exigências e gôstos particulares, circunscritos a uma pessoa ou uma família. O artesanato não é destinado a desaparecer. Como o teatro que não desapareceu, quando surgiu seu equivalente industrial. Muitos pensaram que o teatro extinguiu-se. Entretanto, isso não aconteceu, o cinema não tomou seu lugar. Pelo contrário, o cinema encontrou sua própria natureza e seus próprios meios expressivos, tendo assim sublinhado os merecimentos típicos do teatro. O cinema não é qualificado "teatro industrial": a indústria produziu uma arte nova.



80



85a



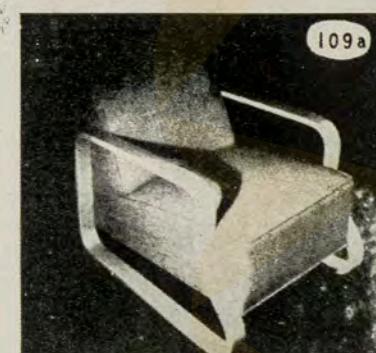
85b



108



103



109a

Akron Institute of Art, USA. Nos Estados Unidos, seguindo a tradição do Bauhaus, vários institutos preparam desenhistas industriais. A arte, a linha contemporânea, penetram assim no cotidiano, nos mais corriqueiros objetos e utensílios de uso comum, da panela à cadeira



Fixação do 2.º quadro, vendendo-se o 1.º quadro já fixado e pequena parte do tampo

A mesa de armazém com tampo de enrolar é constituída por pés de metal que, em forma de quadros, embutem no piso e contém, presas em dobradiças, as guias e suportes do tampo que fixam no quadro anterior.

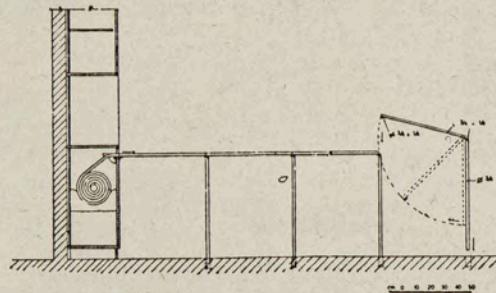
O tampo compõe-se de uma esteira de madeira que se enrola por meio de uma manivela.

Caixinhas especiais de metal embutidas no piso para fixação dos pés e deslizadores da esteira completam o conjunto.

(Projetada e construída por Arthur Arcuri em 1947)

Uma mesa de armazém

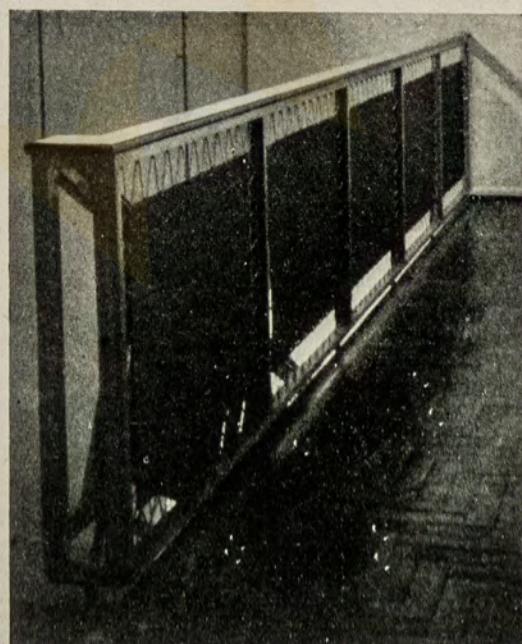
Apresentamos uma boa idéia para uma mesa de armazém no projeto de Arthur Arcuri, executado em 1947 na residência do Snr. Hélio Sirimarcos em Juiz de Fora, Minas Gerais.



Detalhe da mesa de armazém com esteira de enrolar



Ação de puxar o tampo, formado por uma esteira de madeira, sobre dois quadros fixados no piso e presos entre si





O governador de São Paulo, o prof. Lucas Nogueira Garcez, acaba de assinar o decreto que considera o Museu de Arte de São Paulo instituição de utilidade pública. É o reconhecimento de todo o povo de São Paulo pela obra educativa e cultural que o Museu de Arte vem desenvolvendo há 5 anos. Alegramo-nos com a oportunidade que se nós apresenta de saudar o Governador de nosso Estado, personagem simpática e de destaque dedicado a um trabalho construtivo, incansável animador também da cultura paulista.

Mickey

Quem se preocupa com a televisão? Ninguém; temos o mais perfeito caso, a confusão mais absoluta, a mostra da mediocridade, a falta de todo propósito cultural, de toda idéia. Dizem: o público. Mas, justamente o público, o público respeitável, não deve ser ofendido com tanta insolência. E mesmo, se entre o público houver um número de ignorantes, de pessoas sem gosto, não se deve satisfazê-los em tudo, pelo contrário deve-se mostrar algo de bonito, de elevar seu nível. Mas, quem pensa nisso? Dizem: é a publicidade, é a indústria. Muito bem; mas então, por que a publicidade deve ser feita de maneira tão imprópria, e a indústria deve gastar tão mal seu dinheiro? Vejamos só os cartazes de apresentação. Nem mesmo o pequeno artifício de escrever bem as letras. E não falamos em gosto moderno, porque a televisão de São Paulo nunca ouviu falar nisso. Mas bem que teria chegado a hora. Por enquanto, o dono verdadeiro da televisão é Mickey Mouse, mas um Mickey empoeirado e desbotado, que perdeu o brilho do passado, que se exibe agora em filmes gastos e arranhados, conservando no entanto sua eficácia sobre a fantasia das crianças. Assim, Mickey salva tudo: não sabendo o que por no programa, com a ameaça dos dez intermináveis minutos vazios, Mickey é empurrado para a tela e a TV é salva.

Mobiliário

No livro, "As artes plásticas no Brasil, I", a partir da página 179, fala-se em móveis. O tratado sobre esse argumento inicia-se com a afirmação imprudente, antiquada e saudosa do antiquado Guillaume Jauneau: "Pour quelle raison les meubles anciens nous paraissent-ils toujours expressifs, naturels, savoureux et sains, et les meubles modernes artificiels, fardés, compassés?" Bastará considerar esse ponto de vista, como aliás o faz o próprio autor do estudo do mobiliário brasileiro, para compreender a insuficiência desse gosto para antiguidades e antiqualhas. Quem afirma que os móveis antigos são "sadios" e os modernos "artificiais"? Mesmo entre os antigos encontram-se muitos artificiais, feios, insignificantes. Enquanto que, entre os modernos (não falamos agora nos das vitrinas de São Paulo, onde no máximo exibem-se cópias horrorosas de Aalto e Eames) há móveis de importância fundamental para a história do mobiliário. E então está claro que nesse livro o autor não consegue demonstrar coisa alguma, a não ser — baseando-se naqueles princípios francês acima citados — seu pouco conhecimento da história do móvel.

Seriedade e humorismo

Saul Steinberg ficou admirado em constatar a falta de jornais humorísticos no Brasil. Explique-lhe que há bastante jornalismo sério.

Vitrinas

Nas vitrinas duma loja de São Paulo, que vende artigos para homens numa atmosfera "inglesa", aliás, "Prince of Wales" e "Made in England", com carimbos e cachimbos ingleses, os manequins eram, uma vez, guerreiros do Médio Evo, naturalmente de papelão dourado. Desde algum tempo, notamos uma conversão fulminea: as personagens são agora de simples arame e papel colorido. É a moda das vitrinas "abstracionistas". Compreender-se-á um dia que a profissão de vitrinista é uma profissão real, muitas vezes relacionada com a arte, e não privilégio de sapateiros e açougueiros? Essas conversões são portanto duvidosas, de gosto outro tanto infeliz como o das saudades do passado.

Teatro

Está sendo elaborado um novo teatro, dos Estudantes de São Paulo, sobre os moldes daquele do Rio de Janeiro, fundado por Paschoal Carlos Magno. Algo deverá enfim surgir desse fermento juvenil, aliás, às vezes pueril. Uma cidade sem teatro, sem edifícios teatrais, sem atividade teatral própria, revela infalivelmente sua esterilidade. É possível que São Paulo — muitas vezes proclamada o centro cultural do país — não encontre o caminho para sair dessa aridez? Esperamos que essa mocidade seja real-

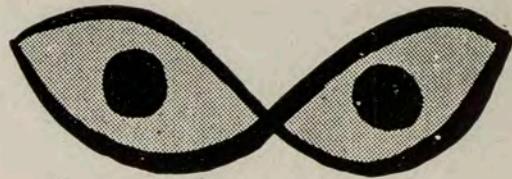
mente o novo fermento e que a arquitetura teatral não se limite às tendas do circo e às barracas de alumínio.

Lothe

André Lothe visitou o Brasil, e os jornais queixaram-se de suas conferências *terre à terre*. Esperavam alta crítica, alta filosofia, o zenite da arte. Mas então, por que convidaram Lothe?

Cangaceiro

Dizem que o filme de Lima Barreto "O Cangaceiro" está se aproximando do fim, depois de nove meses de trabalho; período fatídico esse, depois do qual teremos o novo grande parto. Nove meses. Quantos metros rodaram? Para o famoso "Tico-Tico no fubá", ao qual faltaram não sómente a qualidade, mas senso comum e razão cinematográfica, foram rodados mais de cem mil metros. Custo: onze mil contos. E, no fim, a montanha deu à luz um ratinho, cómico, tolo, insignificante. Acontecerá o mesmo com o filme de Lima Barreto? Dizem tratar-se agora de um filme "verdadeiro", dizem que há cenas emocionantes de cavalos pulando pelas janelas (cavalos verdadeiros e janelas verdadeiras) e mulheres de rosto sangrento. Nascerá outro ratinho? Esperamos de nos enganar, pois seria realmente grave para o cinema, para esse cinema nacional que não quer nascer.



Fotografias

O Museu de Arte organizou os primeiros cursos orgânicos de técnica e arte da fotografia. A arte, naturalmente, é algo que não se pode ensinar; entretanto, a arte revela-se sómente por meio da técnica que é, ao mesmo tempo, "métier" e linguagem. A fotografia é uma arte que se baseia, de maneira indiscutível, sobre a técnica. O meio mecânico é essencial, não há a ajuda do instinto para salvar. A ingenuidade, a inocência de espírito que muitas vezes põem a salvo a pintura, não funcionam no caso da fotografia. O dilettantismo dos fotógrafos diletaentes não tem remédio. Sómente por meio da técnica minuciosa e apurada, a fotografia consegue defender-se como arte autônoma. E a técnica pode ser ensinada.

Vera Cruz

Mais um dos tantos filmes da Vera Cruz está sendo aprontado. Informam-nos que é feito em tempo de recorde. A direção coube a Luciano Salce, outra flor do bouquet daqueles que nunca fizeram filmes, mas, querendo experimentar, começaram neste país. O filme chama-se "Uma pulga e a balança". Lendo o roteiro, percebemos que, quem sabe porque, conheciamos o argumento desde pelo menos dois anos. E não era invenção da Vera Cruz. Seria possível obter informações acerca do autor do roteiro? Pois este tem bastante importância num filme. E, entre todos os nomes não vimos aquele do autor, que conhecemos. Salvo erro, falta ou extranha coincidência.

Sele arte

Apareceu uma nova revista italiana, dedicada desta vez, à cultura, seleção e informações internacionais e que está agora no primeiro número. A revista é publicada por uma grande indústria italiana que, de modo exemplar, não abusa, aliás, nem usa uma página só de sua revista para publicidade própria. É esse um exemplo de desprendimento absoluto. A revista, dirigida por C. L. Raggianti, em Florença, dedica sua atenção ao Museu de Arte de São Paulo, às exposições passadas e recentes. Como de costume, de longe, a gente enxerga, e aqui, a dois minutos da rua 7 de abril, muitos até vendam seus olhos.

Problemas

Escreve-nos um leitor: "Gosto cada vez mais do *Habitat*. Sua agressiva combatividade é maravilhosa num país onde se elogia geralmente tudo, na esperança de ser elogiado. *Habitat* entende fazer dos problemas estéticos verdadeiros problemas e com isto a revista adquire uma importância transcendental."



Anita Malfatti, Retrato de Mulher



Guamé, Anjos

Tarsila, Paisagem



As pintoras brasileiras são talvez mais importantes do que os próprios pintores

Críticos

Fontanes dizia que o crítico Geffroy tem quatro formas de crítica: "dizer, redizer, contradizer e contradizer-se". Os nossos críticos superam — em síntese fecunda — as quatro formas de Geffroy: encontraram, simplesmente, a forma de não dizer nada. Não lhes faltam as palavras, mas, com número incrível conseguem não dizer nada. Zero absoluto.

Princesa Bibesco

A vida cotidiana do Museu de Arte reserva também emoções, patéticas e sentimentais. As vezes basta uma simples visita, um encontro não esperado, ou o reaparecer de alguma visão que desde tempo não despertava mais saudade. A princesa Bibesco chegou a São Paulo, hóspede do Museu: foi esse um daqueles acontecimentos. Um nome tão ilustre, uma personalidade tão ligada a uma época, não podia deixar uma esteira nas salas do Museu e em todas as partes de São Paulo onde esteve durante alguns dias. Uma esteira, como a lembrança da felicidade que a Europa de hoje não conhece mais, mas que ainda alegra evocá-la. A princesa Bibesco é uma personalidade entre as mais vivas do pantheon da inteligência fina, isto é, do "esprit", que escolhe Paris para Olympio, impondo à Europa uma disciplina afetiva, um sentimento profundo da memória, uma vontade inesgotável de fazer

uma poética da vida. A nossa amiga, escritora entre as mais notáveis dessa época, é, num sentido, um diário da Europa: daquela Europa que conserva ainda uma fé, que não foi ainda corrompida pela ironia ou tomada pelo tique do automatismo.

Animais de sela

No "Boletim de Informações" da Embaixada do Brasil em Buenos Aires, lemos esta notícia da Comissão do IVº Centenário de São Paulo: "Reconstrução"

"Os paulistas estão empenhados em reconstruir sua metrópole, durante o centenário, tal como era em 1700. Para isso já foi reservada uma área nos subúrbios da capital. Baseados em documentos contemporâneos, os arquitetos vão reconstruir a cidadezinha de Anchieta em todos os seus detalhes. Até a topografia do lugar será exatamente a mesma. E para que os turistas tenham a impressão absoluta da autenticidade, para se chegar à cidade só haverá um meio de transporte: o da época — animais de sela, cadeirinhas de arruar, berlinda, etc."

Branco e preto

Em São Paulo, à rua Vieira de Carvalho 99, abriu uma nova casa de decorações e de objetos de artezanato, a Branco e Preto, organizada por um grupo de seis arquitetos: Carlos Millan, Chen Y. S. Hwa, Jacob Mauricio Ruchti, Miguel Forte, Plínio Croce e Roberto Claudio Aflalo.

Essa notícia merece realmente ser sublinhada. Numa cidade em que a arquitetura de interior está praticamente monopolizada por simpáticas senhoras, as quais porém não conhecem a arte do desenho, e ainda, por fabricantes de móveis, ótimos em sua profissão, mas que não sabem por onde se começa um trabalho de arquitetura, nessa situação, a iniciativa dos seis arquitetos é um elemento para o progresso do gosto.

Lojas como "Ambiente" e algumas outras já contribuiram para o tom de atualidade no campo da decoração, tom esse que o público está apreciando. Agora, com a participação de seis arquitetos, jovens e conhecidos por suas preferências modernas, o melhoramento será sem dúvida notável.

Sua tarefa, pois, como aliás a de todos os arquitetos que se dedicam à arquitetura de interiores, será dupla: por um lado demonstrar que todos os estilos, digamos tipo "Liberal", são anacrônicos, e por outro lado, que o falso, mal entendido moderno, copiado de várias fontes, tipo "São José dos Campos", é uma ofensa ao bom gosto e senso comum.

Auguramos pois, aos jovens arquitetos, bom trabalho e as merecidas satisfações.

Filatélicos

O Centenário, entre suas inúmeras iniciativas, está organizando uma exposição de filatelia. Pretendem expor, principalmente, os selos da época da descoberta da América.

Honoris causa

Há algum tempo, estivemos num Instituto cultural italo-brasileiro, para assistir a uma conferência, proferida por um alto homem de cultura, convidado aqui, mas não sabemos exatamente, por quem foi convidado. Quem foi? Nem sequer o perguntamos. O fato é que ouvimos uma conferência sobre o tema: "Ulisse in Dante". Fomos a palestra, assim, por curiosidade; talvez porque um representante da cultura italiana (uma cultura que conforme informações certas, existe), nós teria levado à época de nossas leituras dantescas, nós teria esclarecido alguns aspectos da poesia ou mesmo da filosofia de Dante; enfim, teríamos-nos alegrado, espiritualmente, durante algumas horas. O exímio representante chamava-se: prof. Felice Battaglia. Entretanto, o que aconteceu, é incrível. Nunca ouvimos tantas bobagens, tantas coisas inúteis e tão mal faladas. Parecia estar ouvindo as palavras de um dilettante provincial, de um contador que, de repente, na velhice, tivesse começado a ler Dante, e quizesse explicá-lo agora a um público de alunos do primeiro ano. Além disso, falou coisas absolutamente erradas e provou não estar de modo algum, ao par da crítica dan-

tesca. Ademais, errou lendo os versos, nem sequer mostrando saber o que é um verso métrico. O público, delicado, não disse nada, não reagiu e fingiu de não estar ouvindo. No fim só, fez algum comentário com um movimento silencioso da boca, dos olhos. Será que a Itália não tem nada de mais interessante de mandar pelo mundo afóra? Ou então: os responsáveis da cultura brasileira, não podem escolher melhor?

Coisas Gregas

O Teatro Brasileiro de Comédia recebeu, por motivo da encenação da tragédia grega "Antígona", a seguinte carta do sr. George Kapsambelis, ministro da Grécia em nosso País: "Por intermedio de nosso consul em São Paulo, dr. João Leonidas tomamos conhecimento do maravilhoso espetáculo levado a efeito pelo Teatro Brasileiro de Comédia, apresentando pela primeira vez a tragédia "Antígona", de Sofocles, revivendo tão naturalmente e com fidelidade aquela peça. Comoveu-nos sobremaneira essa homenagem prestada à nossa pátria milenar em palco brasileiro. Renovando as nossas felicitações, subscrivemos-nos, etc. (a) George Kapsambelis, ministro da Grécia."

David matando o gigante Golias, quadro do princípio do século XVIII, cópia duma tela análoga de Caravaggio: a cópia da época encontra-se no Museu Histórico da Bahia



Di Cavalcanti está executando painéis: eis o da fábrica Probel

Filosofia na metade do caminho

Os filósofos brasileiros, isto é, um grupo de filósofos brasileiros, de todos os tipos, crenças, existencialistas, neo-kanianos, neo-atualistas, neotudo, tomaram uma grande resolução. Estão se reunindo, desde algum tempo, numa cidade na metade do caminho entre São Paulo e Rio. Pois alguns entre os filósofos são cariocas, outros paulistas. Então, reúnem-se na metade do caminho e ficam discutindo durante alguns dias. Discutem a reforma geral do país. Os filósofos, de todos os tempos e sempre, falarão belas palavras. Entretanto, por sua

"The Architectural Review", a mais importante e rigorosa entre as revistas, ao mesmo tempo antiga e moderna pela autoridade que lhe conferem os trinta anos de vida internacional, dedica uma importante parte de seu número 669, de setembro de 1952, ao Museu de Arte de São Paulo, considerando característico e exemplar, quer como imposição arquitetônica, quer como centro artístico: sob esses pontos de vista, pode ser comparado aos mais importantes e modernos centros artísticos da América do Norte.

Damos essa notícia não só para acrescentar mais uma ficha bibliográfica, mas antes, para observar que as revistas brasileiras que brotam ao nosso redor, fingem de não perceber a existência do Museu de Arte. Saber enxergar é justamente uma manifestação de inteligência.

Crítica

Exemplo da crítica de arte (Guilherme de Almeida. "Diário de São Paulo", 4 de outubro de 1952):

“...Mas num ou outro setor, Fléxor não faz concessões, nem sequer a si mesmo.

“Ali está aquela noiva lirial, sobre a qual, como no verso, de Samain, “il neige lente-ment d’indicibles pâleurs”...

É um retrato clássico? Mas é “de” Fléxor. E ali estão aquelas duas crianças quebradas de langôr, com coisas de anjo na sua mansa postura. É um retrato abstracionista? Mas é “de” Fléxor.

“Neste ou naquêle, em todos esses retratos, há uma mesma religiosidade. Religiosidade que é continuação lógica daquela “Via Sacra” que Fléxor primeiro expôs (faz seis anos...) na galeria Prestes Maia; e daquela sua apaixonante “Paixão” em todos os trágicos trâmites, desde a “Flagelação”, e depois a “Santa Face”, e até a “Mise au Tombeau”.

“E esse tratamento piedoso, com a imagem aplicada sobre aqueles fundos de “puzzle”, há de sempre sugerir a vitral de tons doces e macios, feito, não de partículas de vidro, mas de partículas de feltro. Ah! tornar translúcido o feltro! Milagre?... Mas não é mesmo Fléxor um poderoso flexor da luz e da cor?”

Culpado

O Cinema brasileiro apresentou-se em Veneza com o filme "Areião". Foi um dos papéis mais tristes no campo internacional feito por um país. Temos visto o filme, aqui, em São Paulo. E agora perguntamos: a culpa é de quem manda um filme como esse ou de quem (o juri de Veneza) tem a coragem barbara de aceitá-lo? Antes de mais nada, o filme foi julgado “brasileiro”. Em vários outros já notamos que de brasileiro não tem nada, absolutamente nada. Talvez só um pouquinho de terra vermelha que ficou presa nos sapatos do diretor Mastrocinque. E nada mais. Agora o Brasil, já carecendo de uma boa produção, deverá ser o círeneu dos diretores de outros países? De quem é a culpa? De todos. Desta vez a Itália foi a responsável do papel tolo do Brasil. Mas os produtores do filme são brasileiros, e não teriam podido escolher o diretor entre os bons que existem na Itália?



Enders, Desenho. O Museu de Arte está organizando a exposição completa da série das aquarelas que estão na Biblioteca da Academia de Viena

Cinemas

Parece, nestes últimos anos, que estamos retornando às épocas heróicas dos Stevenson, dos Melville, dos Kipling. A época heróica do romantismo que fascinou a nossa infância. Parecia estar essa literatura abafada pelas aventuras amarelas e policiais, última expressão do romantismo "decadente", que teve as suas origens em Edgard Allan Poe, e que foi tipicamente norte-americana. Agora, nestes últimos anos, parece reiniciada a época dos grandes périplos, das grandes escaladas a montes inacessíveis, da penetração pedestre ao intrincado das jungles e dos caminhos ainda não palmilhados, das viagens rudimentares em misteriosas rotas. E parece que a América do Sul, especialmente o Amazonas e o Brasil tenham sido escolhidos como objetivos prediletos. Organizar o elenco de todas as expedições seria excessivamente longo: teríamos que partir do lendário empreendimento da jangada "Kon-Tiki" para chegar às perigrinações entre os "caçadores de cabeças"; que ir das expedições ao Orinoco-Amazonas, ao assalto do Aconcágua; das viagens aos Galápagos e ao Alto-Xingu às recentes tentativas de raides transcontinentais, como a que estão realizando os italianos Bonzi e Napolitano, e a que, através de todo o Amazonas se preparam para realizar, segundo as últimas notícias, os italianos Meille e Travazzi. E esta não passa de uma sumária relação.

Nós acompanhamos com muita atenção e trepidante interesse o desenrolar de tais empreendimentos. De vez em quando lemos algum livro escrito pelos autores das expedições. E achamos que o espírito que animou os grandes escritores do século passado não mais existe. Desapareceu aquelle fascínio de então. Decisivamente, a literatura e a poesia deixaram de ser favoráveis aos pioneiros. Su-

pomos que tal se dê, acima de tudo, porque os novos pioneiros em lugar de se dedicarem com amor aos cadernos de notas de viagem, deixem inteiramente ao cuidado dos operadores cinematográficos a tarefa de registrar os resultados conseguidos. É ainda cedo para se fazer um balanço dos resultados nesse setor conseguido pelo cinema. Só desejamos que o cinema saiba bem cumprir a sua missão: que consiste em substituir a poesia dos grandes narradores do passado. O mundo autêntico e misterioso em que a aventura é uma verdade e a poesia um documento, fica confiado à inteligência dos operadores cinematográficos. Augúrios!

Carajás

O Museu de Arte de São Paulo recebeu recentemente uma coleção de cerâmicas carajás e de objetos etnográficos como: lorinam (cocar), lori-lori (chapéu de penas), tembetás (adorno para os lábios) e remos decorados. Assume especial interesse nessa coleção, os "litzokó", mais conhecidos como bonecas carajás, verdadeiras obras primas da escultura dos nossos selvícolas. Esse material precioso encontra-se agora exposto, num arranjo provisório, nas vitrinas da Pinacoteca do Museu de Arte. *Habitat*, em seus dois números precedentes, tem publicado as esculturas em terracota, os vasos, as penas: as esculturas, principalmente, suscitaram grande interesse e admiração no estrangeiro, por parte de convedores de arte e etnografia. Inúmeras vezes temos explicado e mostrado nosso interesse vivo, apaixonado, para com a arte brasileira popular, selvagem. Queremos sublinhar que esse patrimônio, hoje quasi que completamente espalhado e em condição de deperecimento, deve ser, pelo contrário, rigorosamente cuidado. O Museu é o único lugar ao qual devem confluir os tesouros da arte brasileira autóctone.



A famosa dansarina Olevana, hoje condessa di Robillant, que foi artista colocada em destaque no elenco dos "ballets" de Diaghilev, mora no Rio. Porém tenciona ir a São Paulo, para lecionar a arte da coreografia

Ofelia do Nascimento, a pianista patricia que está alcançando grande sucesso em Paris, no desenho do pintor espanhol Llebana





Móveis em ferro à maneira do "fin de siècle": também na boa arquitetura muitas vezes alardeam-se móveis feios, tipos de baixa produção artesanal



Crítico de arte

Um crítico de arte, de arte antiga e moderna, dum jornal (que não é de Recife ou de Santa Cruz, mas de São Paulo) que publica quase diariamente um artigo ou uma nota, foi apresentado, há dias, a um amigo nosso. Palavras após palavras, os dois acabaram falando sobre arte. Resultou de modo evidente que aquél crítico nunca estivera no Museu, apesar de cinco anos de vida da instituição. Aquél crítico de arte, isto é, uma pessoa escolhida e destinada a orientar a opinião pública, já pouco orientada em fato de arte, nunca esteve na Europa ou na América do Norte. Nunca viu pintura alguma. E, a mais, toma a liberdade de não ver os únicos quadros que existem em São Paulo. Convidamos portanto esse crítico, a se apresentar logo no Museu, para mostrá-lo alguns quadros.

Canto da saudade

Foi projetado, no Museu de Arte de São Paulo, um filme brasileiro. Afinal, o adjetivo brasileiro não tem sómente valor topográfico, no sentido de o filme ser feito no Brasil; mas o Brasil vai adquirindo a sua fisionomia, junto a um sentimento poético. Trata-se de "Canto da Saudade" um filme que foi produzido, imaginado, dirigido e interpretado por Humberto Mauro, numa pequena aldeia de Minas Gerais. Para nós, e para todo o público que assistiu, foi uma surpresa agradabilíssima. Mais dez surpresas parecidas a essa e teremos a novidade de um cinema brasileiro poeticamente identificado, útil e expressivo. O filme, sob o ponto de vista dos meios cinematográficos, é realmente insignificante, cheio de erros de gramática e sintaxe. Devemos no entanto acrescentar que também os filmes de produção industrial que vimos até agora, nunca se apresentaram com uma forma melhor, aliás, às vezes pior. "Canto da Saudade" possui justamente esse fato importante: sua poesia é tão precisa e autêntica que lhe permite resistir a todos os golpes desfechados por uma técnica insuficiente. Sem dúvida, Mauro devia controlar com

maior espírito de sacrifício seus dotes exuberantes e teatrais. Sem dúvida, também a gramática dos cortes, aberturas etc., devia procurar a lógica, que aqui não existe. A montagem devia ser sensível e não ocasional; seria possível mencionar muitos outros pormenores. Todavia, essa narrativa é tão humana, lírica; encontrou sua realidade figurativa, seu sentimento e visão típica. "Canto da Saudade" apresenta-se como um documento com todas suas grandes intuições ingênuas, e, embora não sendo uma obra-prima, é sempre uma realidade autêntica, como um exemplo de amor, como um ex-voto tóscico. Perante a típica má fé dos mais recentes filmes de produção industrial, "Canto da Saudade" apresenta, sua simplicidade, seu caráter exemplar e bom senso. Saudamos esse filme, feito com a boa vontade e a dedicação de seus protagonistas e produtores, assim como se sauda um acontecimento artístico.

Gatos

Se nossos jornalistas dedicarem a um problema de arte o espaço e tempo que dedicam às questões de gatos, seria o caso de nos alegrarmos e considerarmos esse problema bem encaminhado, ainda que não solucionado.

P. Romans, Desenho



Noite de chuva

Transcrevemos aqui o seguinte artigo encontrado no último número do boletim da E.N.B.A. (Escola Nac. de Belas Artes): "O professor Alfredo Galvão, é incontestavelmente uma das mais brilhantes figuras da Escola. Catedrático de Pintura, por concursos disputadíssimos, pintor de largos recursos técnicos, pastelista emérito, aquarelista primoroso, culto, anatomicista renomado, tendo regido a cátedra de Anatomia da Escola por dez anos consecutivos, escritor, orador aplaudido, conferencista festejado, pesquisador histórico da Escola, aparece hoje no nosso Boletim, em uma faceta do seu talento, como poeta. É uma surpresa para os que não conhecem esta qualidade do talentoso Professor. Não foi sem relutância que o Boletim da Escola Nacional de Belas-Artes conseguiu a produção poética que tem o prazer de publicar, esperando que outros trabalhos poéticos do nosso eminentíssimo Professor, aqui apareçam novamente.

*Noite de chuva
Com o tempo assim tão feio
Eu receio
Perder-me pela rua
sem a lua...
Lamuriante, a chuva,
Qual viúva,
Não deixa de chorar
E soluçar...
Passa, no escuro um vulto
Sem tumulto...
Vai sempre se esgueirando,
Se molhando...
É lugubre o ambiente;
Não se sente,
Da vida, o bom prazer
De viver...
E a chuva vai chorando
Soluçando
Na friagem dos telhados
Alagados..."*

Monumento

Antes morrer que render-se. Vai ser dedicado um monumento ao pintor Almeida Junior: a estátua, de tamanho natural, ou talvez maior, já está acabada e inaugurada com um coquetel, num atelier de Santo Amaro. É evidente, poder-se-ia dizer até inevitável, que o pintor esteja de avental, com pinças na mão, na outra a paleta, com as cores esculpidas. Portanto, se não for a paleta, Almeida Junior poderá ser o farmacêutico dum aeroporto ou chefe de estação ou ainda vendedor de empório. Sómente a paleta, que ele seguirá pela eternidade, debaixo do sol e da chuva, numa praça de São Paulo, será testemunha de ter sido um pintor. Será essa a glória verdadeira? Não é, todavia, isso que nos preocupa agora. Mas: quando vão compreender que uma cidade moderna não é mais o refúgio de fantoches?

Miguel Ângelo

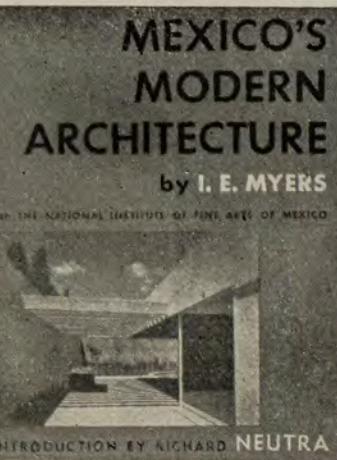
Eis um motivo de regozijo para o Brasil, para a arte e artistas brasileiros: Portinari, um dos gênios autênticos de nosso país, foi escolhido para decorar as paredes da nova sala da Assembleia Geral da ONU, em New York. Sabemos que Portinari já está trabalhando intensamente, com o espírito e consciência que sempre caracterizam sua obra. Auguramos, pois, que o "veredictum" final da Comissão Artística da ONU, seja igual, em espírito, ao valor da obra de Portinari. Único fato, nesse acontecimento, que se nos afigura de publicidade inútil e não apropriada, é sublinhar que o conjunto de afrescos, numa superfície de 280 metros quadrados será "muito maior da área do Juiz Universal de Miguel Ângelo": é um confronto algo estranho, megalomâne.

Bienal

Dentro em breve teremos a nova "bienal" paulista. Todos sabem o que pensamos a respeito do que foi a torre de Babel, capaz antes de confundir as idéias de que declará-las. Em todo caso, no que se refere à dignidade, havia mesmo pouca, num sentido qualificativo. Pretenderam copiar a Bienal de Veneza! Má idéia: copiando nunca se ganha, pelo contrário, perde-se. É estúpido e vulgar. Assim foi que aconteceu o que todos viram. Então, uma proposta: em lugar de copiar a fórmula da bienal veneziana de 1902 ou 1924, os organizadores paulistas não poderiam copiar a fórmula de 1952? Isto significa: escolha, seleção e boa apresentação. Poucos pintores, porém escolhidos e bem apresentados. Nesse mundo não há toneladas de pintores, mas só gramas: por que então insistir para trazer a São Paulo exércitos, armados de pintores? Quem consegue entender algo? Com especial consideração ao fato de a Bienal paulista se realizar por ocasião do Centenário, os organizadores não podem continuar nesse caminho.

Cezarina Riso, num concerto de piano no Rio, consagrou-se como fina interprete de música clássica





INTRODUCTION BY RICHARD NEUTRA

para tornar mais agradável a matéria, considerada por muitos, hostil. Pois, lamentamos que material de primeira qualidade do ponto de vista científico, seja publicado como o horário dos trens ou um livro de cozinha para o interior. Também a ciência têm uma obrigação, um decôr exterior. Estamos prestes a perdoar tudo: mas o que diríamos encontrando — suponhamos — Einstein com sapatos sujos e paletó pelo avesso? Diríamos que também para os cientistas existe o decôr.

Batalhões

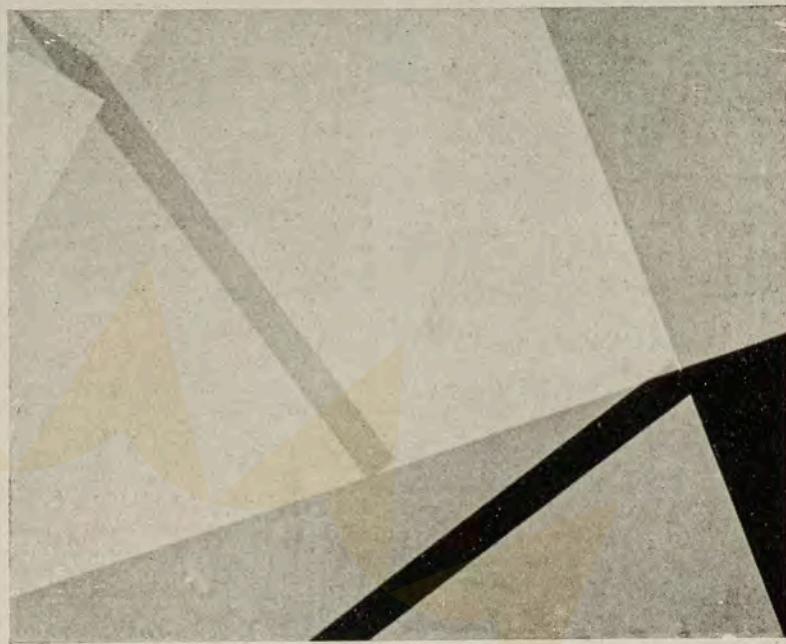
"Mexico's Modern Architecture" de I. E. Myers, é um livro publicado pela Architectural Book Publishing de New York, com o intuito de documentar e divulgar a arquitetura mexicana moderna, em todos seus aspectos. Trata-se dum trabalho de grande seriedade científica, com fartas informações e dados. O aspecto arquitetônico do México moderno apresenta-se assim com exatidão e eficácia visível: desde seus primeiros movimentos, desde as primeiras inquietações (1910), até hoje. Naturalmente, isto não deve interessar nossa revista que se refere exclusivamente a assuntos brasileiros. Assinalamos, todavia, esse livro como exemplo do que deveria ser feito também para o Brasil, aliás, especialmente para o Brasil, cuja arquitetura moderna tem-se desenvolvida, como sabemos, de maneira original, ao ponto de ser reconhecida entre as melhores escolas que existem hoje em dia. No México, o arquiteto Enrico Yanez, chefe do Instituto Nacional de Belas Artes, conseguiu que o próprio Instituto subvencionasse a publicação. Encontrar-se-á no Brasil alguma instituição capaz de fazer o mesmo? Eis nossa dúvida.

Estilo clássico

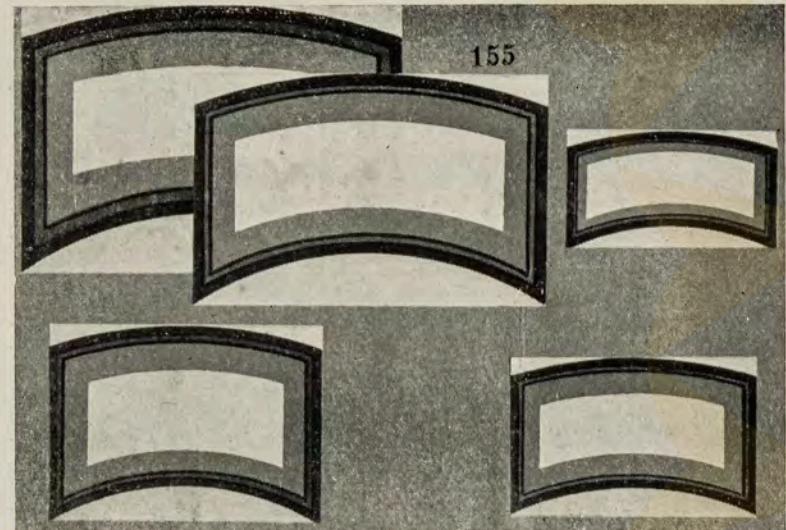
Nosso governo tem organizado um concurso, entre os arquitetos, para a construção dum grande edifício, sede do Ministério da Marinha. O próprio ministro estabeleceu os termos do concurso: soubemos que o projeto deverá apresentar um edifício em estilo clássico ou, pelo menos, neo-clássico. Eis um homem que tem realmente coragem de mostrar suas idéias. Sabe o que quer e o que não quer. Pois, rogamo-o de ser consequente, coerente com seus princípios. Se o ministro encomendar navios, devêrão ser eles em estilo clássico ou pelo menos neo-clássico. E seria uma coisa bem original. Um couraçado em estilo clássico seria, na realidade, um navio de prata, ou ouro, ou bronze, decorado com estátuas de Cellini, devendo ter bancos para os remadores, cinco fileiras de bancos, com remos finamente trabalhados e entalhados. As chaminés (no caso de serem admitidas), serão de cobre trabalhado, e pintado em seguida por Guido Reni com cenas mitológicas e alegóricas; aliás, o navio todo será pintado por artistas desse gênero. Os serviços higiênicos apresentarão também completas elaborações plásticas e decorativas do tipo Renascimento, com enormes capiteis dóricos e estuques dourados com toda fantasia possível.

Arte brasileira

Em lugar de manuals confusos, vagos, genéricos, superficiais sobre a arte brasileira,



Em cima, um quadro abstrato de 1952. Em baixo, um quadro abstrato de 1905 (Catálogo de uma fábrica de rótulos).



155

não seria melhor iniciar, enfim, a publicação dum corpus geral, o mais completo possível, acompanhado por dados filológicos, sérios e comentados, a respeito da escultura em madeira do Brasil? Escultura essa que se encontra espalhada em coleções públicas e, principalmente, particulares. Vimos centenas de fotografias de estátuas, destinadas a perecer ou sumir, ou acabar nas mãos de não se sabe quem. O que permanecerá, será dificilmente recuperado. A nossa escultura em madeira é muito importante. Providenciar-se-á um dia a recolher esse material, a fim de ser seriamente estudado e incluído na história das manifestações artísticas?

atenção ao Brasil. Gilberto Freyre publica nesse número uma análise dos "fatores humanos" que determinam o desenvolvimento de nosso país, em arte, literatura, indústria e reformas sociais. São considerações agudas, ligadas entre si, que dão um panorama bastante exato; junto ao material ilustrativo de primeira ordem, constituem essas considerações uma visão do Brasil, para quem queira conhecer suas faces.

Rogers

Parece que São Paulo está gostando de arquitetos italianos que, um após outro, estão se revezando em suas viagens de estudos, trabalho e visita. Há alguns meses esteve entre nós o arquiteto Gio Ponti que voltará dentro em breve para apresentar o projeto do edifício da Química da Universidade de São Paulo. Agora foi a vez de Ernesto N. Rogers, um dos arquitetos mais vivos de nossa geração, que pertence ao famoso grupo B. B. P. R. O arquiteto Rogers executará vários trabalhos em São Paulo.

Progress

A revista "Progress", dos famosos irmãos Lever de Londres, é uma revista industrial que trata com inteligência aguda dos fatos que se passam pelo mundo; e especialmente dos que apresentam uma idéia típica de progresso, de vitalidade original. O N.º 233 da revista dedica especial

Cardápio

Entre as inúmeras manifestações estudadas para o Centenário de São Paulo, há uma que não podemos deixar de revelar, pela sua extraordinária originalidade: será realizado um banquete em homenagem a cada um dos membros da Comissão.

CARDÁPIO

Consommé de inteligência com batatas fritas
Fillet de cavalo "al burro"
Peixe em lata
Bolo Centenário (com 400 velas que serão apagadas pelos bombeiros)
Abacaxi
Champagne Rio Grande do Sul engarrafado em São Paulo & Coca-Cola.

Editores

A que ponto está nossa indústria editorial? Digamos, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro? É um assunto esse que nunca se esgota. Todavia, queremos saber o seguinte: as pessoas leem? Quantos livros? E, antes de mais nada, quais são os livros que leem? Seria necessário um inquérito muito vasto e uma estatística sempre em dia. Seria necessário um boletim e uma lista de best-sellers. E até um totalizador com apostas e loterias. Seriam necessárias muitas coisas. Conseguindo-as, teríamos uma visão edificante do leitor brasileiro, isto é, da cultura do país? Devemos sublinhar que, chegando a indústria editorial (não confundir com a indústria tipográfica) a semelhante ponto de crise, não se trata evidentemente de bom indício, especialmente por não haver crise

semelhante nas indústrias tipográficas. Perguntamo-nos então: o que estão imprimindo? Unicamente horários de trens, cartões de visitas, rótulos para latas, boletins oficiais, fichas para a polícia, publicidade para os políticos. Isso tudo não faz parte da cultura. Pode uma pessoa, à noite, cansada e desejosa de seguir uma corrente de idéias mais pacíficas, pode, essa pessoa, ler boletins oficiais e horários de trens? Ou, permitiremos então, que leia só o romance "Dôr de barriga de um noivo"?

Cr\$ 0,01

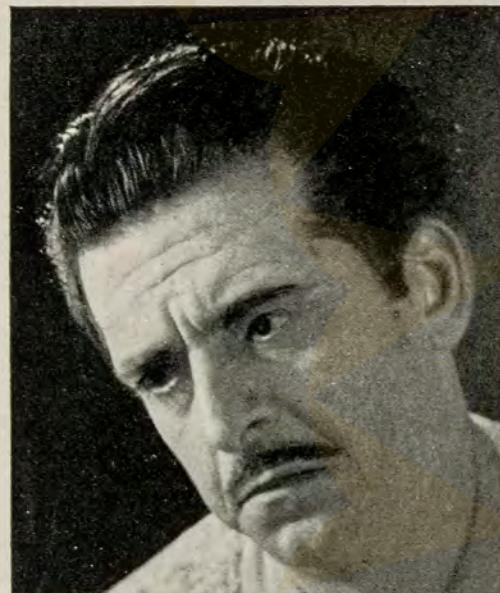
A um célebre historiador, que é ao mesmo tempo pessoa rica, independente, generosa etc., o Presidente da Comissão do IV Centenário ofereceu a conspícuia importância de dois mil cruzeiros, para sua participação do Juri dum concurso para história de São Paulo antiga. Esse historiador deveria ler nada menos de 400 manuscritos de 500 páginas cada, isto é 200.000 páginas, recebendo portanto Cr\$ 0,01 por página. Alegam que a Comissão não têm verba.

Finesse

O mundo, não podemos negá-lo, fala em Jacques Fath. Não considerando o gosto e as preferências pessoais que muitas vezes variam de modo sensível, muitos seguem tranquilamente e cegamente os ditames do ilustre costureiro, considerando desde algum tempo o epônimo dos modos elegantes, do estro e da finesse. Ao par de todos os mitos, sempre de fundamento obscuro e irracional, também o pequeno mito de Fath, apesar de nossa boa vontade, se nos figura inexplicável. Poder-se-ia talvez encontrar sua razão de ser, na falta de preparo do gosto e conceito público, baseados antes na confusão e saudades do passado, do que na própria inteligência artística. Outra explicação poder-se-á encontrar no esforço evidente da economia têxtil francesa para se apoiar em fatos mais resistentes do que uma fama reconhecida, mas agonizante. Fath é realmente um sucesso, um fenômeno. Verificam-se tantos fenômenos em nossa época.

Cubismo

Sómente agora, em fins de 1952, aparece um "manifesto cosmista", alucinado no Rio de Janeiro pelo sr. Onofrio Penteado, em 1951. Trata-se portanto de material sazondado, velho. Como o vinho, em terras onde o vinho é ainda tradição milenária: o bom é engarrafado e deixado assim. Quanto mais velho, melhor. Mas, deve-se engarrifar vinho, não água. A água não melhora com o tempo, pelo contrário, apodrece. Essa parábola serviu-nos para dizer que o "movimento cosmista" é água velha, da pior qualidade, de há quarenta anos. O aspecto mais característico do



Graça Mello, fundadora e diretora do "Teatro de Equipe", além de principal intérprete de seus espetáculos, é um continuador do movimento de renovação iniciado por Ziembinsky com seus "Comediantes", cujo estilo neo-expressionista reaparece nas realizações de Graça Mello, especialmente em "Massacre", sem dúvida um acontecimento marcante dentro do atual teatro brasileiro

A marquesa Campori a mais destacada entre as mulheres regentes de orquestra, regendo em São Paulo



cosmismo é sua atitude "endopática, sintonizada com o universo". Revolução permanente, dinâmico-harmonia, eternização, fluxo total, personalidade criadora, clima democrático, animalismo, despojamento do efêmero, ânsia da eternidade, realidades potenciais, são todas tolices duma fraseologia que sempre possuiu pouco sentido, e agora, mais nenhum. É uma espécie de alabarismo crônico, de que convivemos nossos leitores a se resguardarem. É uma espécie de doença a de falar palavras vagas e genéricas, mas em compensação muito grandes e místicas.

Veneza

No Festival Cinematográfico de Veneza aconteceu o que se tinha antes testemunhado com as artes figurativas na Bienal: nem sequer uma medalha, uma lembrancinha do certame. Temos que perguntar mais uma vez: por que foi enviado a um concurso internacional bastante rigoroso como o de Veneza, um filme pseudo-brasileiro, feito por um péssimo diretor italiano? Melhor teria sido um filme como "Canto da Saudade", em que o público de Veneza teria admirado algo de vivo, verdadeiro, de genuinamente nosso: e não teria faltado uma menção.

Máquinas

S. S. escreve: "Vi em New York, no Museu de Arte Moderna daquela cidade, uma máquina de escrever Lexington da Olivetti exposta como objeto de arte. Tinha visto a mesma máquina também no Museu de Arte de São Paulo. Qual Museu apropriou-se da idéia do outro?". Respondemos: foi o Museu de Arte de São Paulo quem exibiu primeiro a referida máquina.

Letras

"Letras de Província" completou no mês de outubro seus quatro anos. O órgão das casas de cultura de Limeira e Jaú, sob a direção de J. Souza Ferreira, é talvez o jornal melhor orientado e mais em dia dos que conhecemos neste país. Trata-se dum jornalzinho de província, com 4 anos de vida e 46 números. É um recorde, para uma publicação literária.

Napoleão

O gôsto das edições dos "Cem Bibliófilos" está ao gôsto tipográfico como Alencastro a Napoleão.

Salões

No armazém geral da arte, isto é, no Trianon da Avenida Paulista, estão se defogando aqueles do Salão de Arte Moderna. Que saudade lembrando os bailes e a Coca-Cola do passado.

Zenite

As sociedades de "altos" estudios continuam desenvolvendo suas atividades nas regiões do zenite. Também as "altas" interpretações continuam entre o entusiasmo da mais baixa ignorância.

Idéia

Na Holanda, um artista teve a idéia de pintar o retrato da Rainha da Inglaterra que um grupo de industriais oferecerá à Rainha para a coroação. Esperamos que nossos artistas não tenham a mesma idéia.

Bom Pastor

O Presidente do Centenário de São Paulo visitou recentemente a catedral da cidade e, ao par do Bom Pastor levou àquele comitê não uma ovelha, mas nada menos de 20.000.000 de cruzeiros, para a cúpula e o pavimento. Tendo deixado aquele monte de dinheiro nas mãos de incompetentes artistas, o Bom Pastor voltou a seu escritório para estudar outras formas de beneficência, pois o Centenário já não é mais outra coisa de uma associação benficiante, que contempla tudo, desde o funcionalismo até as entidades a serem beneficiadas.

A Bienal também foi beneficiada com Cr\$ 5.000.000,00.

400

De fontes bem informadas sabemos que a proposta de se festejar o ano do quarto centenário de São Paulo com um bolo gigante — iluminado por 400 velas que serão apagadas pelos bombeiros — foi recebida com entusiasmo. Técnicos docentes têm-se apresentado à Comissão; fabricantes de velas apresentaram-se também, enquanto os bombeiros aguardam o acontecimento com enorme entusiasmo.

1908

No Rio de Janeiro, segundo informações da revista "Guaira" de Curitiba, realizou-se um debate no auditório do Ministério de Educação e Saúde, a respeito da "forma da alma humana", isto é, o destino da pintura moderna. O debate foi promovido pela Associação de Críticos de Arte, com o único intuito de fazer alguma coisa. A mesa era formada por Flávio de Aquino e Mário Pedrosa (ala abstracionista), Mário Barata e Quirino Campofiorito (ala do realismo social), Marc Berkowitz (ala da neutralidade) e Oswaldo Goeldi (ala da xilogravura). Como na época de Marinetti. Mas aqueles debates realizaram-se em 1908.



Imagens do teatro folclórico brasileiro: um dos recursos mais vivos do futuro teatro brasileiro. A "Companhia folclórica" obteve um verdadeiro triunfo, em outubro, na "Sá da Bandeira" no Porto. Agora a Companhia está no México

Nova decoradora

Falamos antes, nesta mesma rubrica, que o desenvolvimento das casas de decoração está, em São Paulo, em franco progresso. Seis jovens arquitetos lançarão, dentro em breve, a "Branco e Preto". Mas, entretempo, foi inaugurada uma nova galeria de decoração moderna: Langenbach e Tenreiro, na rua Marques de Itú, 64. Estes decoradores, bem conhecidos no Rio de Janeiro pelos seus trabalhos de mobiliário muito bem acabado, estão agora operando, também, em São Paulo. Todos os parabens de Habitat.

to? Em 1952 não são permitidas publicações como no século passado. O que deveríamos dizer se os filósofos pensassem, em 1952, à maneira de suponhamos, Victor Cousin?

Munch

Foi realizada no Rio de Janeiro uma exposição de pintura norueguesa, na qual não figuravam trabalhos de Edvard Munch. Seria como organizar um exército sem oficiais. Mas no Rio de Janeiro não são exigentes em fatos de arte. A essa cidade falta até um museu de arte.

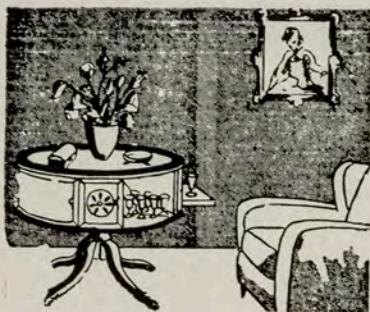
Munch

É costume imaginar que os filósofos, especialistas em pensar, pensem sempre direito, especialmente quando estão errados ou se apoderam da profissão do sr. La Palisse. Pensam sempre direito, e nós não queremos contradizê-los. A elite da filosofia brasileira — isto é, os filósofos do Instituto Brasileiro de Filosofia — é sem dúvida o que há de melhor nesse campo. Estamos vendo o último farrastoso número da revista trimestral desse Instituto. Ótimo, tudo ótimo. Mas, em que queremos contradizê-los é justamente em nosso campo: por que publicam tão mal? Não são talvez as publicações veículos de suas idéias? Porque esse mau gô-



O gótico amazonense





Eis outro conselho das secções femininas para a decoração duma sala

Histórias e contos

Foram estabelecidos em São Paulo cursos trimestrais suplementares para a "expansão cultural".

O significado de "expansão cultural" permanece misterioso. Contudo, esses cursos vão começar com "O mundo grego". Há muitos anos que estamos fazendo justamente isto: ensinar a história da arte. No entanto, o fato de se falar sómente agora, de forma vaga, fragmentária, absolutamente excepcional, em história de arte, é simplesmente incrível. Agora: não façamos coisas fragmentárias, pois nesse caso podemos passar mesmo sem história.

Falar em "mundo grego", sic et simpliciter, sem explicar todos os processos pelos quais o mundo grego é pequeno fragmento da grande nebulosa das culturas agrícolas e fluviais, não adianta nada. Ou a história é a história completa dos processos, métodos, ligações, articulações, ou então não é nada, é apenas um conto.

Microfone

Um acidente fatal privou o Brasil de seu rapsodo elegante, ídolo das moças, da voz que possuia o dom de proporcionar estremecimentos sentimentais, do inventor de melodias, do grande e sincero paladino do

samba. Fomos seus fieis ouvintes, costumavamos procurar sua voz humana, ingênuas, no meio do número exagerado de coisas inúteis da rádio. A morte libertou essa voz do torpor de velhice. A Chico Alves foi permitido — digamos — pelos deuses, de morrer antes que sua voz cansada despertasse recordações saudosas dos que o amaram.

Desde aquele dia, um número incrível de artistas do cinzel, julgando-se irmãos do desaparecido, lançaram-se metaforicamente sobre o corpo de Chico: não existe nesses dias um escultor no Brasil que não sonhe com um monumento a Chico Alves. Mesmo nos jornais, leem-se propostas e contra-propostas.

E todos pensam de retratar o cantor com o microfone na frente. Estranho empreendimento para escultores. Se há algo de não plástico, de não escultural, é justamente aquele aparelho. Os escultores sentem-se aflitos: a razão agora é do microfone não servir para a escultura.

Quem fará o monumento à "úvula de ouro" ou ao "microfone", instrumento fiel de Chico Alves?

Esperamos ver surgir uma idéia, pelo menos uma, para recordar o popular poeta do samba. Não queremos deparar com uma fileira de estátuas retóricas e inúteis, com o microfone na frente da boca.

Arte

A "Instituição Larragoiti", sob a orientação do prof. Leonidio Ribeiro, publicou um volume de 296 páginas de papel impecável, sobre um assunto que, antes de qualquer outro, nós interessa, interessando também vasto público. Público esse que tem o direito de começar a entender essa grande e complexa matéria que é, enfim, parte das mais importantes de seu espírito. O livro "As artes plásticas do Brasil" (Rio de Janeiro, 1952) é uma tentativa para satisfazer uma exigência fundamental da cultura brasileira. Infelizmente, esse manual volumoso, de grande tiragem e generoso financiamento, custa nada me-

nos de seiscentos cruzeiros: um despropósito. Estamos apenas no primeiro volume que, embora confusamente, se refere ao material arqueológico, à arte indígena, às artes populares, móveis, ourivesaria, porcelana e aos "antecedentes portuguêses e exóticos". Contudo, não presta. Se for sómente um livro para passar algumas horas, ainda vai. Mas, se tiver outras razões, então, não. Textos compridos, sem relação alguma entre si, poucas ilustrações escolhidas, em geral, ao acaso, e, temos certeza, não escolhidas entre as coisas mais importantes. Faltam explicações, pequenas notícias, sempre úteis, sobre a natureza, a qualidade, o destino do objeto de arte, que nos comunicam seu espírito. É essa a maneira de se apresentar um livro sobre a "arte"? Depois da capa à francesa, o livro nada num mar de aproximações, faltando-lhe caráter, idéias, bom senso e gosto. Para um trabalho novo, moderno, ou que pretende sé-lo, era talvez necessário usar ainda as velhas ilustrações, as reproduções, os desenhos tirados de antigos manuais ilustrados ou de encyclopedias do século passado? Ou então, feitos pelos próprios artistas com o mesmo espírito escolástico. Não queremos falar no merecimento do livro, que talvez tem valor. Mas a arte brasileira deve ser ainda pensada, organizada, explicada. O problema da arte no Brasil é um problema de competência em matéria de arte.

Cavalos

Um célebre escritor paulista, num jornal da cidade, tem percorrido idealmente a metrópole paulista para fazer sua síntese figurativa. Chegando ao capítulo "Monumentos" achou o escritor serem esses muito bonitos. Mesmo os cavalos horrorosos de mármore e de bronze, que se encontram em todo lugar. Achou-os bonitos porque tem as pernas finas. Achou-os acertados porque no passado se faziam monumentos equestres, lembrando até, a essa altura, o famoso cavalo de Verrocchio. No entanto, o escritor nem sequer suspeita que a equestre monumentalidade é, em geral, uma manifestação do século passado, de pequenas vaidades militares, ou de estupida retórica. Não podemos negar que, no resplandecente céu de São Paulo, os cavalos, com suas formas escuras, criam perspectivas fantasmagóricas de teatrinhos provincianos: possuem sem dúvida aspecto cenográfico, especialmente quando os cavalos se erguem, de maneira inexplicável, por cima de colunas dóricas. No entanto, negamos terminantemente a inteligência desses cavalos: isto é, a inteligência de quem os espalhou pela cidade sem misericórdia alguma. O monumento deve ser manifestação da inteligência e do sentimento dos homens do lugar em que surge. Não bastam os cavalos empinados no ar.



Zilda Medici Hamburger, a nossa melhor cantora de música de câmara, obteve grande sucesso na B.B.C. de Londres. Canta agora com o mesmo sucesso na Itália

Cicero

O pintor Cicero Dias está expondo seus trabalhos. Chega ele, não de sua terra, Pernambuco, mas de Paris. Cicero não pode dizer terem-lhe faltado satisfações em sua carreira diplomática e artística. Amigo de Picasso e de Eluard, da crítica parisiense, colhe elogios, anuências e poemas. Tudo, na melhor forma possível. Quasi que lhe oferecem uma sala individual na Bienal de Veneza. É simpático, famoso, suas exercitações coloridas são publicadas nos dois lados do Atlântico, em *Cahiers d'Art*, *Art d'Aujourd'hui*, *Témoignages* etc. Tem também alguns versos de Eluard. E, enfim, sua exposição está entre nós, em nossa cidade. No meio de tantas "toilettes" exibidas para o acontecimento, no meio de tantos nomes famosos, procuramos ver as telas. O que estava faltando era justamente a pintura. O pintor de *Cahier d'Art* e *Témoignages* não sabe usar suas cores, não sabe estender uma tela sobre o chassis. As cores são sempre sujas, cheias de pelos, de arranhaduras, talvez de cinzas de cigarros. Cicero combina rabiscos ao acaso, sem sentido algum, sem um porque, sem sombra de raciocínio, de medida de necessidade.

Fim do texto HABITAT 9

Esta revista foi impressa em papel couché de Murray Simonsen S. A. — Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 85; Fone: 23-2101 e 23-4574. São Paulo: B. de Itapetininga, 224, 7º, s. 73; fone 34-0707 e 35-6898.



A escultura harmoniza bem com a casa. Residência do sr. Tomás Sandor

Os clichês foram executados pela Clicheira e Estereotipia PLANALTO, Av. Brig. Luiz Antônio, 153, Fones 33-4951 e 35-4048, S. Paulo.

Alfombras sobre trilhos...



PLAVINIL
proporciona
esse clímax
de conforto
em viagem

Um novo conceito de conforto surgiu para o mundo com os tecidos e o couro plásticos! Esses novos artigos — que se prestam a uma infinidade de aplicações — apresentam vantagens extraordinárias, jamais previstas pelo espírito humano... O material-maravilha conseguiu o quase impossível: colocar ao alcance de todos — todos os povos e todas as classes — a magia da beleza, através de deslumbrantes cores, inspirando motivos decorativos... E uma ilimitada utilidade de emprego... quer nos lares modestos ou luxuosos, quer nos setores de atividade... lojas, escritórios, consultórios, hospitais, escolas, clubes, cinemas, etc., e, também, nos meios de transportes — aviões, automóveis, trens, etc.

Senão, vejamos este ilustrativo exemplo: os moderníssimos "pullmans" da ferrovia "Paulista". Seus carros, luxuosíssimos, são dotados de poltronas revestidas de matéria plástica, (couro plástico) cuja textura muito se aproxima do veludo. É uma conquista do progresso e uma vitória da civilização. Impossível, pode-se afirmar hoje em dia, falar em conforto e bem-estar, sem fazer menção, em primeiro lugar aos plásticos, já fabricados em sua variedade de tipos, no Brasil — os tecidos e o couro plásticos Plavinil.



Foto 1

Harmonia e conforto na arte decorativa

Aí está um ponto por todos os títulos difícil de ser alcançado, pois normalmente os responsáveis pelo seu equacionamento sentem, às vezes, dificuldade em harmonizá-los nas tarefas de que são investidos.

As vezes, um artista joga estupendamente com o fator harmonia, calcado nas linhas e no estilo, dando aí largos vôos, mas esquece-se de que o conforto dos elementos que entram na formação do ambiente e do garnecimento da peça, tem a sua parte bem destacada. Difícil, por certo, esta conjuntura, que à miude, aparece diante do artista decorador.

Para o prof. Dinucci, esta esplêndida figura que se tornou responsável pela decoração e conforto de centenas de residências das mais destacadas figuras da sociedade brasileira, o binomio "harmonia e conforto na arte decorativa" é coisa não muito difícil de ser realizado. Seus magníficos tra-

balhos são atestados eloquentes do que acabamos de afirmar. Nestas páginas de Habitat, o prof. Dinucci nos mostra como para ele harmonia e conforto na arte decorativa não é coisa irrealizável.

Nas fotos acima, a primeira e a segunda destas páginas, vemos a grandesa de sua arte bem patenteada. Este living, de uma residência paulistana, nos mostra como Dinucci soube tornar harmonia e conforto uma realidade. Os espelhos, as cortinas, a tapeçaria, os sofás, a mesinha, a lareira muito bem apresentada, tudo enfim, que guarnece esta peça, é motivo de encantamento. Sente-se, mesmo contemplando as referidas fotos, que aí existem harmonia de estilo e conforto.

Nas fotos seguintes, a terceira e a quarta, referente à peças de outra residência paulistana cuja decoração foi confiada

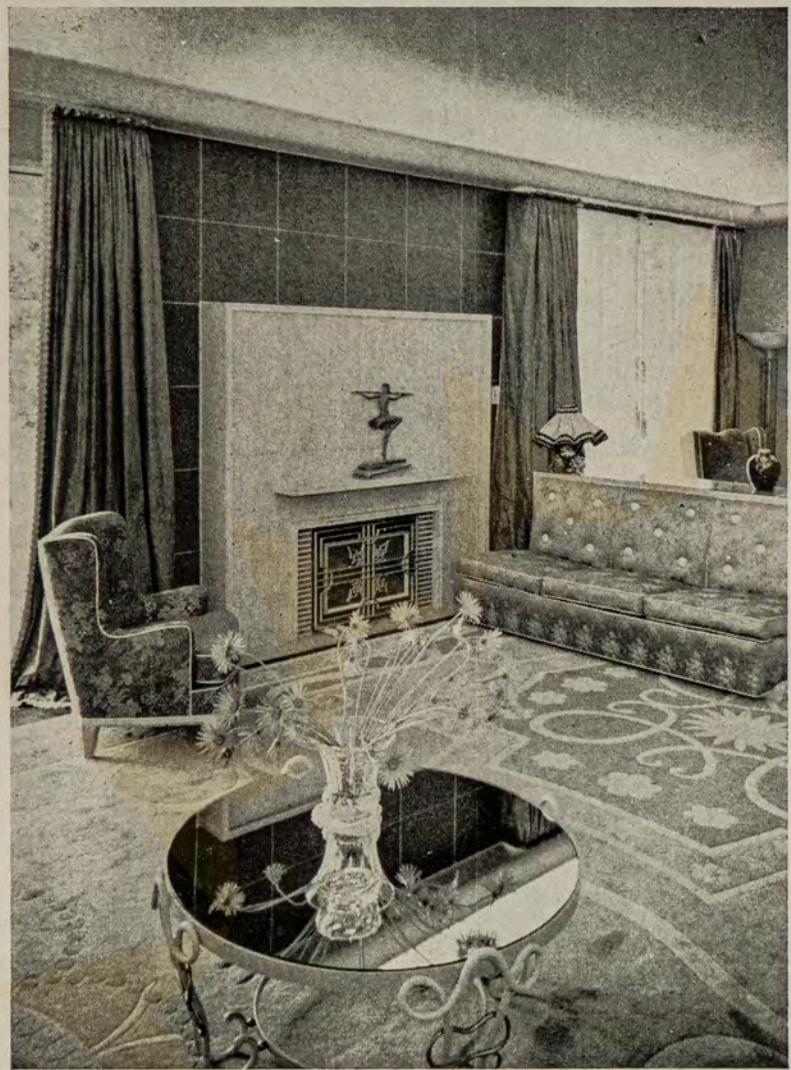


Foto 2

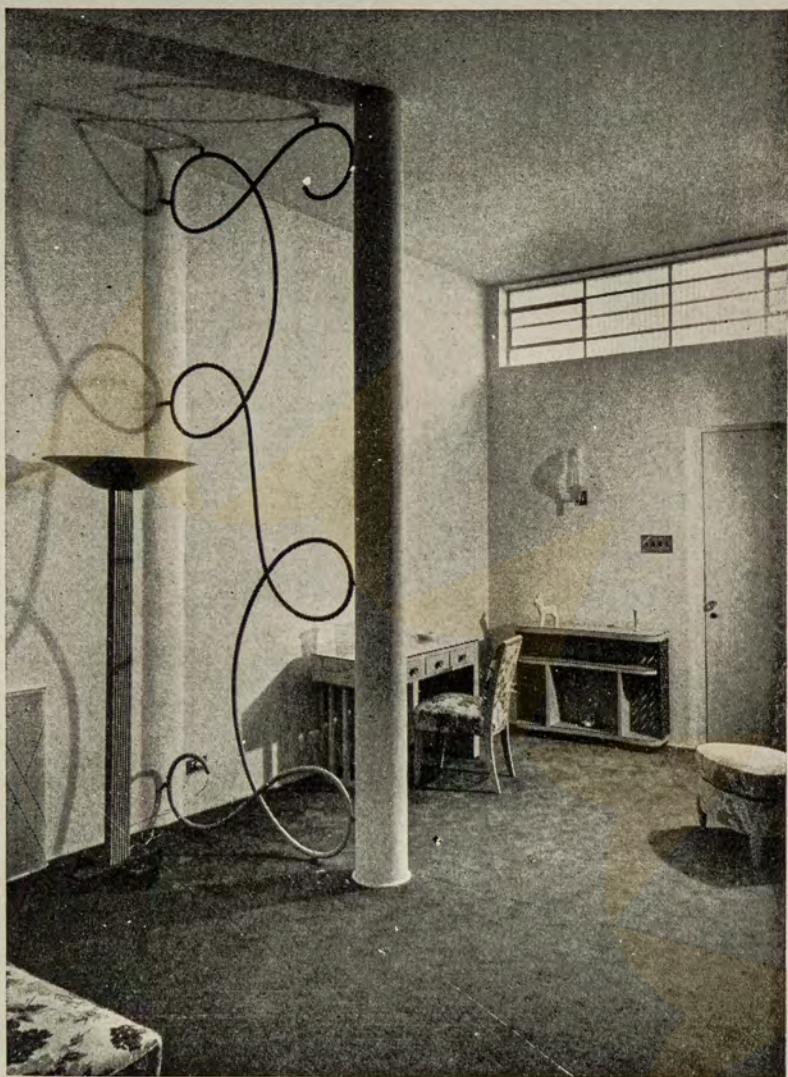
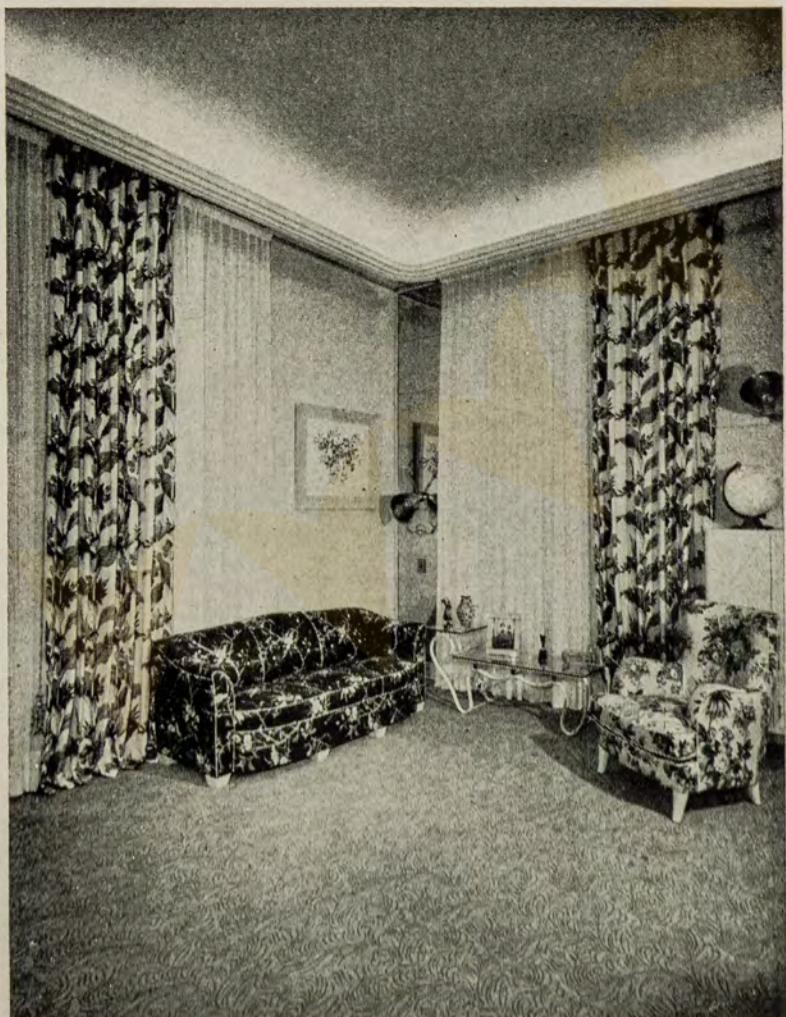


Foto 3

Foto 4



ao prof. Dinucci, também verificamos que beleza, harmonia e conforto não foram esquecidas. Na terceira foto, também um canto de sala, vemos um conjunto simples, mas bem expressivo: a pequena mesa-secretaria feita de madeira clara e de linhas sóbrias mas harmônicas, a cadeira, etc. A coluna à esquerda, com o desenho executado em ferro, confere a este canto de living, mesmo na sua simplicidade, um sentido de harmonia e de conforto. Na quarta foto vemos um canto de living, o qual reúne um sofá de linhas modernas e revestido de tecido estampado, rico de graça e harmonia, os quadros, a mesinha de centro, o tapete, etc. Ao contemplarmos este canto de living, lebramo-nos de um famoso quadro pintado pelo não menos famoso estadista britânico Winston Churchill e que faz parte do magnífico acervo do Museu de Arte. Realmente, o prof. Dinucci é um magno na arte decorativa, pois para ele nada é segredo.

25

ANOS SOB OS CÉUS DO BRASIL

1927-1952

SERVIÇOS AÉREOS

CRUZEIRO DO SUL

LTD

A MAIOR RÊDE
AEROVIÁRIA
DA AMÉRICA DO
SUL



A PIONEIRA DOS SERVIÇOS AÉREOS NO BRASIL



*Detalhe da nova loja
em São Paulo, de
Langenbach & Tenreiro,
Decoradores*

Notável contribuição para a beleza e conforto dos lares paulistanos

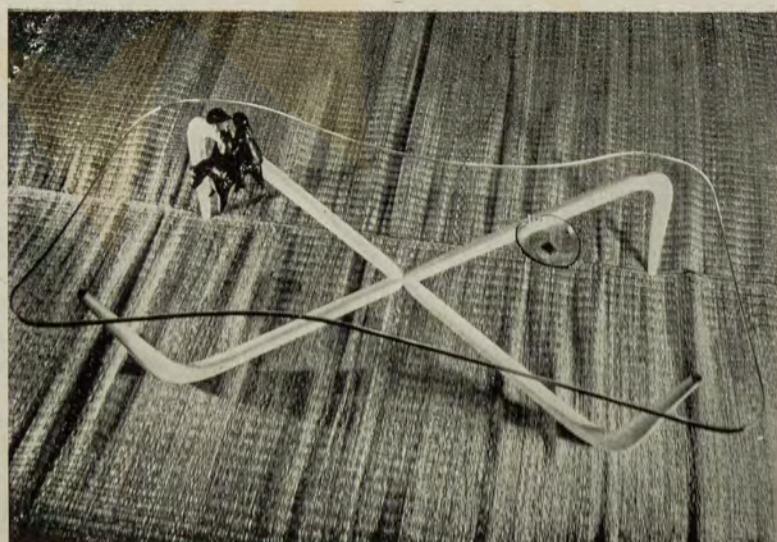
Tenreiro, o tão famoso decorador da sociedade carioca e já conhecido e admirado por paulistas que o conhecem do Rio, veio instalar-se também em São Paulo.

Os seus móveis originais, suas creações perfeitas, completam-se na execução primorosa da firma Langenbach & Tenreiro que acaba de inaugurar uma Galeria de interiores e arte à rua Marquês de Itú, 64, próximo à praça da República.

Para se fazer uma idéia da distinção que Tenreiro imprime a seus interiores, bastará ver essa Galeria, que foge à rotina das casas do gênero e distribui as peças em obediência a um firme bom gosto.

É uma Galeria digna de São Paulo. É uma exposição e uma sugestão constante para o arranjo do interior da residência. É, enfim, uma loja onde tudo está pensado, desde o móvel bem confeccionado e novo, à combinação das cores, à composição do ambiente, até à colocação das obras de arte perfeitamente introsadas no arranjo.

Tudo isto que aqui dissemos será confirmado, sem favor, por cada pessoa que visite essa Galeria que veio ao encontro do bom gosto e dos desejos da sociedade paulista.



Cento e vinte Radialistas, Publicitários e Industriais Cariocas visitaram Belo Horizonte

Elogiados os serviços da "NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS", a emprêsa escolhida para transportar a importante delegação



Dois grupos formados antes do embarque no avião da NACIONAL



Emilinha Borba, Manuel Barcelos e Raul Brunini, ao tomarem o avião da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS

A fim de participar das festividades inaugurais do transmissor de 50 quilowatts da Rádio Inconfidência, esteve no dia 15 de Novembro último, em Belo Horizonte, uma das maiores comitivas transportadas por avião, em nosso país, composta de cento e vinte radialistas, publicitários e industriais cariocas, que prestaram uma expressiva homenagem ao povo mineiro por ocasião das solenidades que assinalaram o início de uma nova era para os destinos daquela emissora.

Entre os viajantes seguiram diretores de importantes organizações industriais do Distrito Federal, diretores e representantes de empresas de propaganda, jornalistas e radialistas, entre os quais os srs. Alvarus de Oliveira e senhora, do Laboratório Eno-Scott; Elieser Burlá e senhora, da Grant Advertising; Lindenberg Cesar, do Laboratório Phymathosan; João Batista Mesquita, de Leão Junior S. A.; Rui do Amaral, do Laboratório Moura Brasil-Orlando Rangel; Eugênio Leuenroth, da

Standard Propaganda; Charles Ulmann e senhora, presidente da Record Propaganda; Manoel Leite e Lee Veloso, da Mc Cann Erickson Corp.; Miguel Fustagno, da Inter-Americana de Publicidade S. A.; Wladomiro Guarnieri, da Glossop S. A.; Arbo-gafido Barreto, da "Ducal"; Manoel Vasconcellos e Genival Rabelo, diretores da revista PN; José Maria Alves Ferreira, da Reprenais; Manuel Barcelos, Cesar de Alencar, Emilinha Borba, Marlene, Radamés Gnatali, da Rádio Nacional do Rio; Raul Brunini, da Rádio Globo; Pedro Cury, da ABI e de "O Globo"; Violeta Cavalcante, Estelinha Egg, Odete Amaral e inúmeros outros cantores, locutores e músicos do nosso "broadcasting". Diversos componentes da caravana, em palestra com a reportagem, manifestaram-se sobre as condições em que decorreram suas viagens.

Manuel Barcelos declarou: "Chegamos bem, depois de uma viagem muito agradável. Não poderia ser melhor o trata-

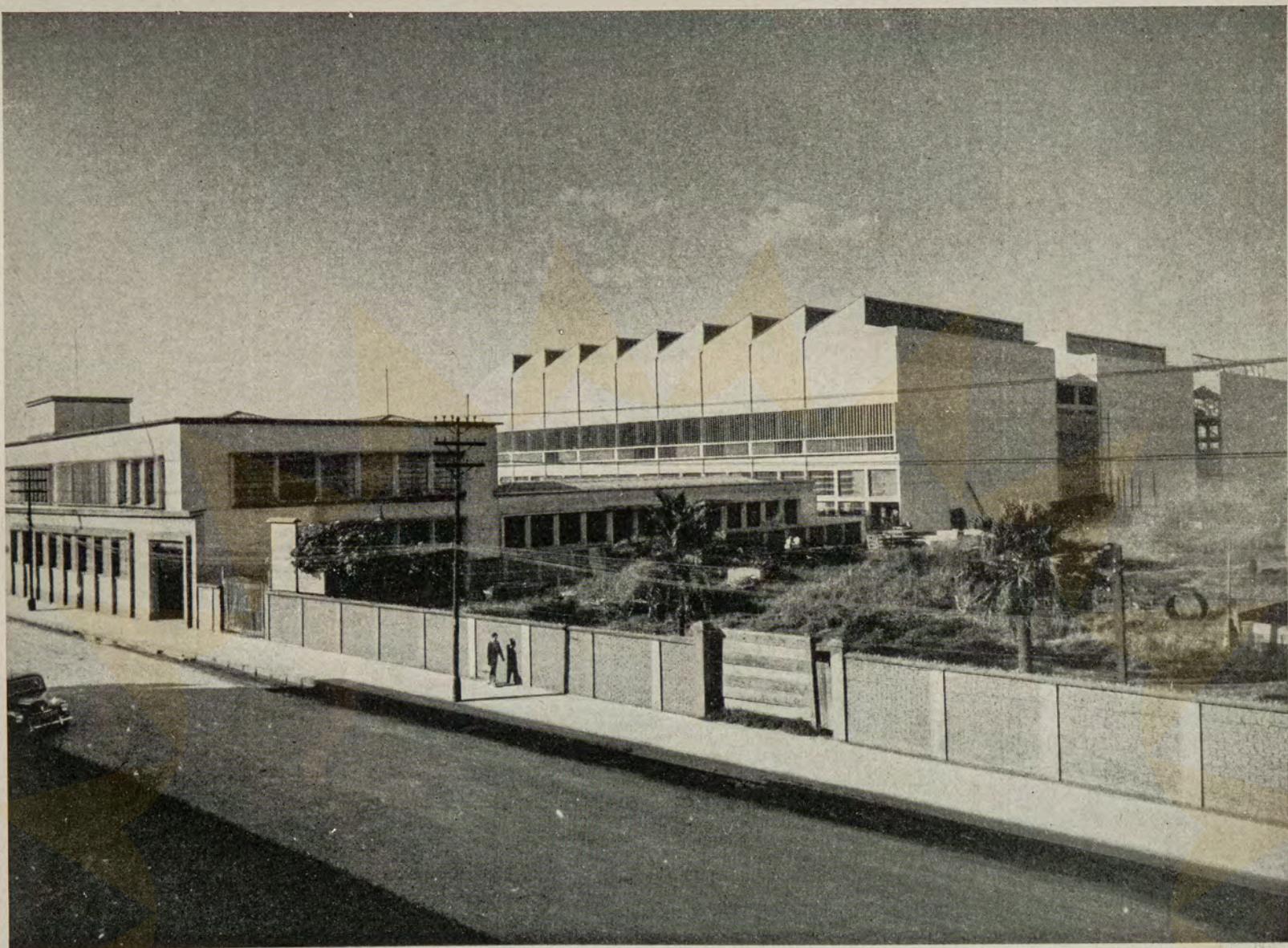
mento dispensado pelo pessoal da Nacional, tanto no aeropôrto como a bordo. Além disso, uma viagem calma, com tudo em ordem".

Eliezer Burlá, da Grant Advertising, afirmou: "A viagem foi muito boa, sem o menor incômodo para os passageiros. Sendo essa a primeira viagem que faço pela Nacional, a minha impressão não poderia ser melhor".

Leonidas Bastos, da ABI: "Tenho viajado inúmeras vezes pela Nacional e venho observando como a Companhia tem procurado aprimorar cada vez mais os seus serviços".

José Maria Ferreira, da Reprenais: "Foi ótima a viagem. Minha impressão foi a melhor possível. Tudo dentro do horário. Viagem serena e muito segura".

Nas fotografias que ilustram esta nota, vemos dois grupos formados antes do embarque, e Emelinha Borba, Manuel Barcelos e Raul Brunini ao tomarem o avião da NACIONAL que os conduziu à capital montanheira.



Manufatura de Brinquedos Estrela S. A.

A luta econômica que o Brasil de hoje trava no sentido de assegurar a sua independência econômica, libertando-se das peias de um inalterável desequilíbrio do seu escambo exterior, tem sido objeto de preocupações não só por parte das autoridades constituidas como também dos nossos homens de negócios. Continuamos a importar mais do que vendemos no exterior, com graves prejuizos para a nossa economia e com profundos reflexos no "standard" de vida do povo.

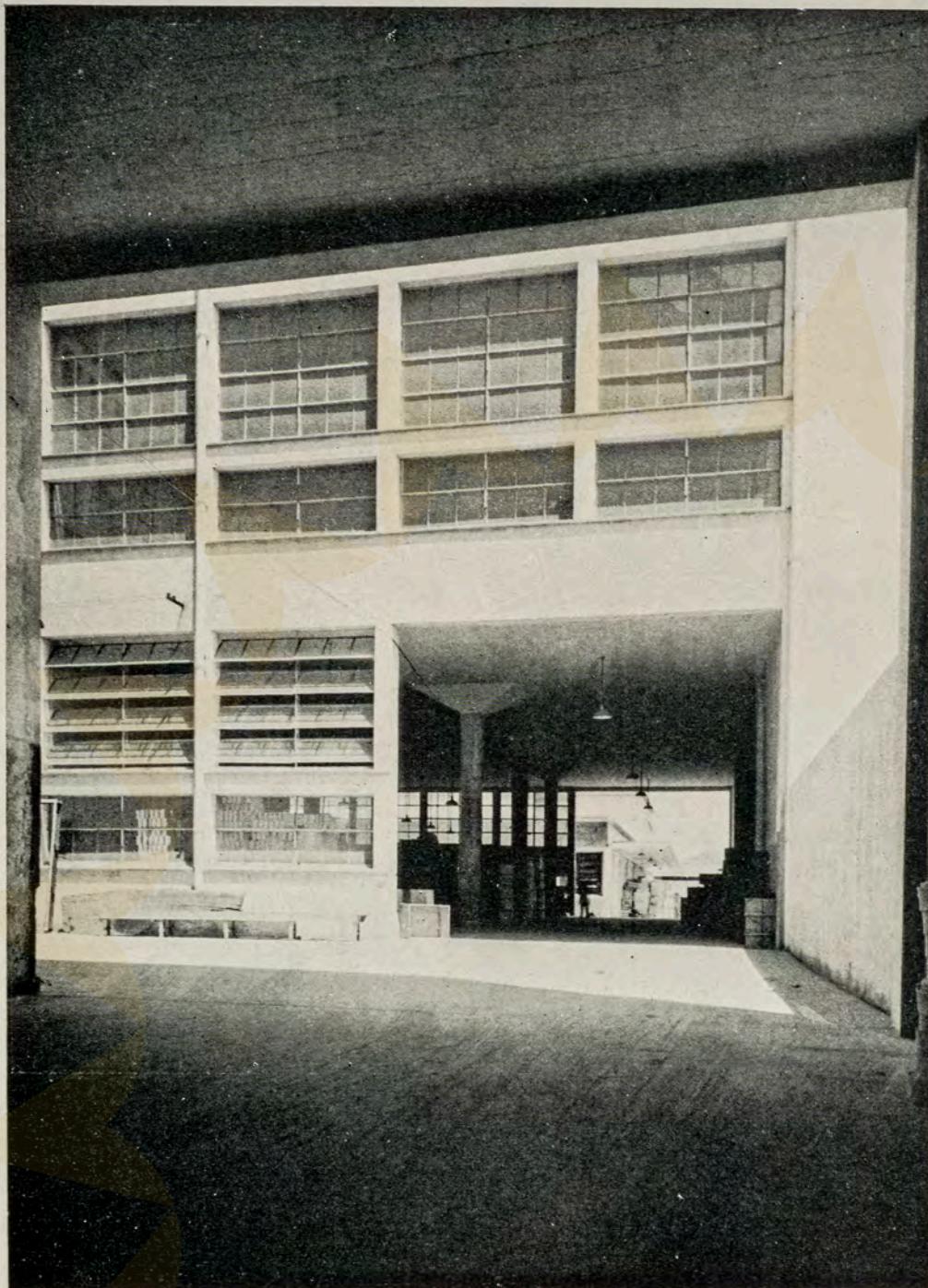
Realizamos, indubitablemente, um grande esforço no sentido de dotar o País de um parque manufatureiro capaz de impedir que magníficas divisas fôssem buscar no estrangeiro o que, na verdade, poderíamos

muito bem aqui produzir. Veja-se, por exemplo, o que acontecia até há bem pouco tempo, com o mercado de brinquedos e mais artigos que fazem a alegria das crianças desta grande terra. Brinquedos e bonecas, até há bem pouco tempo, vinham da Alemanha, da Inglaterra, do Japão, dos Estados Unidos, da França, etc., porque a indústria brasileira de brinquedos ainda, verdadeiramente, não se constituía numa indústria e sim numa espécie de apêndice de algumas fábricas. Assim mesmo, não saía a chamada indústria de brinquedos e bonecas, do terreno do artesanato.

A Manufatura de Brinquedos Estrela S. A., fundada em junho de 1937, portanto, há

três lustros, pode ser considerada, com grande honra, a pioneira da indústria organizada de brinquedos e bonecas do País. A sua história, ou melhor, o desenrolar do seu desenvolvimento nestes três lustros de existência é bem uma eloquente mostra da capacidade da gente bandeirante que dia a dia procuram promover a grandeza do maior parque manufatureiro destas landes colombianas.

Vale a pena contar a história de uma indústria, a vida e o desenvolvimento da Manufatura de Brinquedos Estrela S. A.. Num pequeno local da Rua Santa Clara, na Capital paulista, em meados do mês de junho do ano de 1937, foi fundada a Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda..



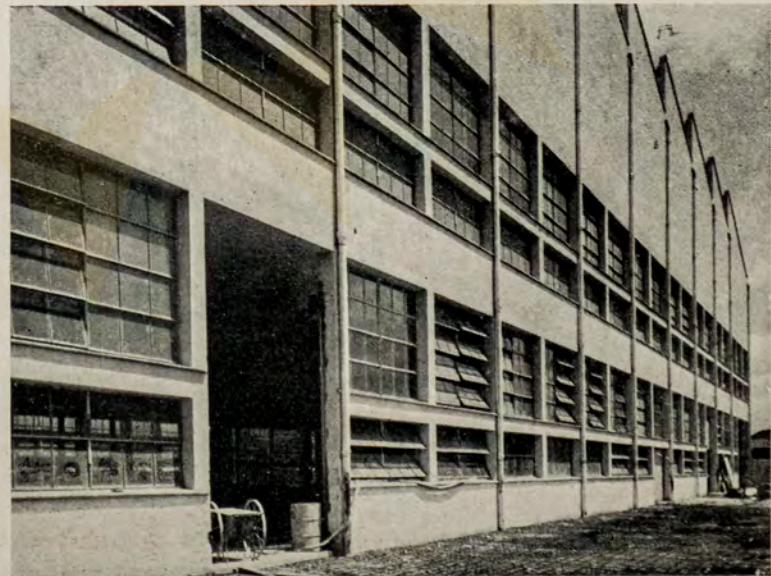
A princípio, o seu equipamento mecânico era constituído de algumas máquinas de costura, as quais iniciaram a produção de alguns modelos de bonecas fabricadas de pano. A produção de bonecas processou-se com tal ritmo que veio criar um problema bastante sério para seus fabricantes: a par da fabricação de bonecas e de outros brinquedos, mistér se fazia criar e desenvolver o mercado brasileiro, pois, como ficou dito acima, o nosso País só consumia artigos vindos de fora. A Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda., passava de tímida iniciativa a produtora em grande escala. E mais: os preços dos seus artigos, bonecas e brinquedos, a par da qualidade e do bom acabamento, eram os menores possíveis, em flagrante e extraordinário contraste com os artigos importados, que, destarte, eram grandes sangrias das nossas reservas de divisas de comércio exterior.

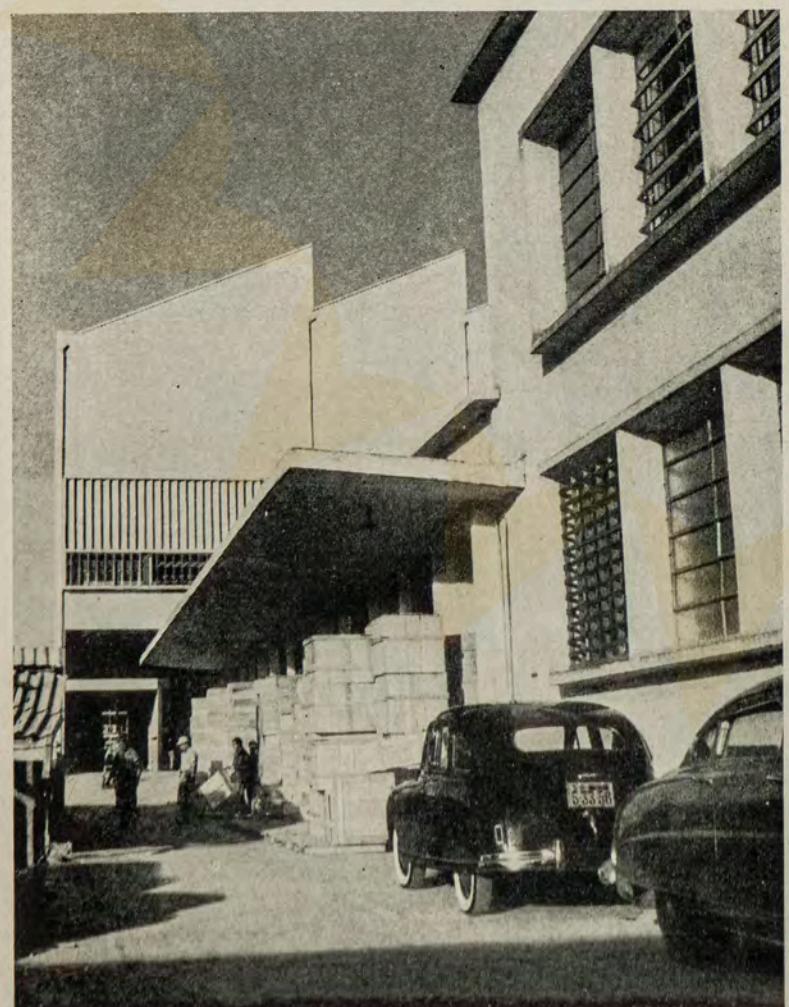
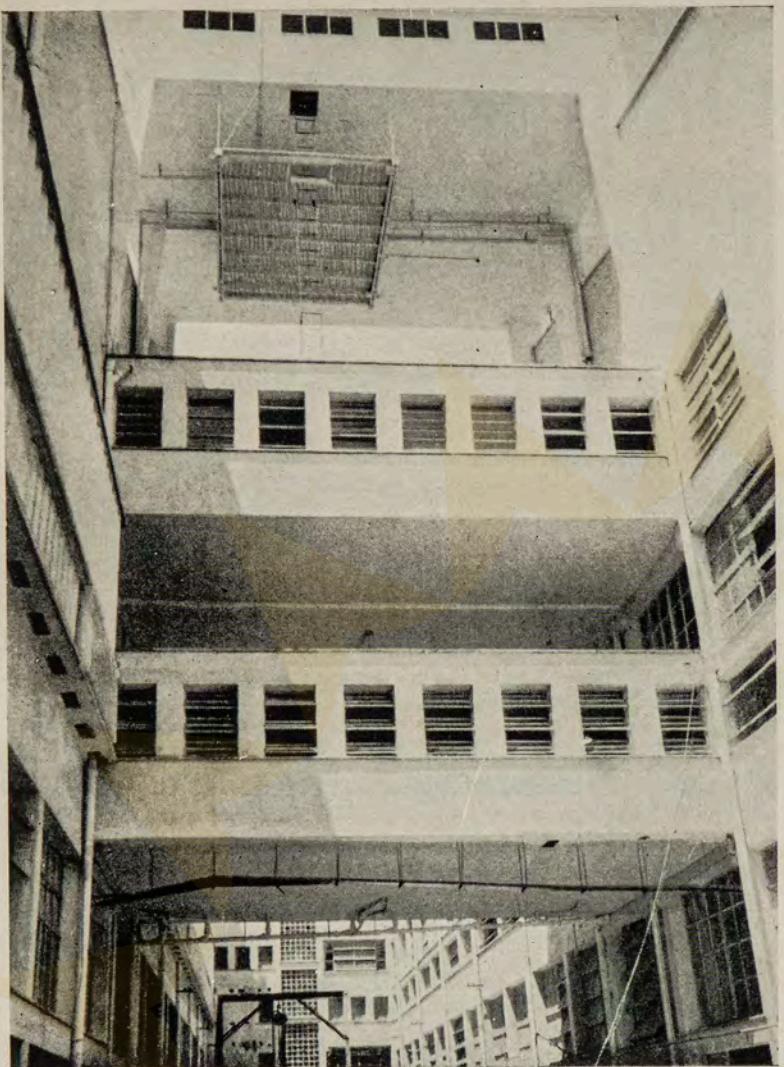
Três meses decorridos da fundação, a direção da Estrela deu-se conta do sucesso da nova e promissora indústria. Em se-

tembro do referido ano de 1937, a Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda., resolveu instalar uma nova seção de brinquedos, fabricando artigos de madeira. O local não comportava mais uma seção, razão pela qual a manufatura mudou-se em fins do ano de 1937 para um novo local, à rua Miller.

Um pormenor peculiar vale a pena ser relatado. Um dos técnicos, hoje chefe da seção de Madeira, vindo da Palestina, trouxe alguns modelos de madeira, modelos ainda hoje conhecidos, e que foram os primeiros Brinquedos de grande sucesso da Estrela. Assim como nos milênios anteriores, da Terra Santa vieram para nós idéias que deram tanta alegria às nossas crianças.

Com estupenda fabricação de bonecas, brinquedos de madeira e animais de pelúcia e com a crescente produção, no novo local, da Rua Miller, novamente criou-se o problema do espaço. A direção da Estrela resolveu, então, tomar também o andar superior do edifício onde se encontrava instalada a fábrica. No andar superior foram instaladas então as seções de bonecas, escritório, vendas e mostruário. A crescente conquista do mercado interno e o dinamismo da direção da Manufatura de Brinquedos Estrela Ltda., são novamente fatores que exigiam maior capacidade de produção. Em local da Rua Oriente foi então instalada a fábrica de bonecas de massa. Num outro local da Rua Muller, ficou instalado o depósito da





já grande organização manufatureira de brinquedos. Numa palavra: instalada em três lugares diferentes, fazendo o possível e mesmo o impossível, a fim de atender às promissoras exigências dos consumidores, a fábrica foi transferida para a Rua Joaquim Carlos, 266. Aí, neste local, foram instaladas a fábrica de bonecas e a seção de madeira. Estamos no ano de 1941. No ano seguinte, 1942, de uma área de 3.000 m², foram aumentadas as instalações, ocupando então, uma área de 7.000 m², construída, e mais um local à parte, de 500 m². Com a necessidade de instalar uma nova seção, a de metalúrgica, bem como outra de cavalinhos de pau, novamente a área de terreno ocupada se tornava pequena.

Prevendo as necessidades futuras, a diretoria clarividente comprou em 1946 um terreno medindo mais de 13.000 m², com larga frente para a Rua Joaquim Carlos e fundos igualmente largos para a Rua Marcos Arruda. Lá, em 1947, iniciou-se a primeira fase de construção da grande fábrica futura, instalando-se nesse primeiro prédio a Rua Joaquim Carlos, 508, a Administração, Depósito e Expedição.

Pensando seriamente no problema da produção bem como no conforto do elemento humano, a direção da Manufatura de Brinquedos Estrela, agora Sociedade Anônima, tomou uma grande iniciativa: resolveu construir ampla e grande fábrica, a fim de abrigar não sólamente todas as seções da grande indústria manufatureira de Brinquedos de madeira, Bonecas, mas também ampliando o seu raio de atividade para fabricar Brinquedos de Metal e de Materia Plástica, como também tem amplos salões para refeitórios, assistência médica, dentária e berçário.

O ilustre arquiteto patrício Rino Levi planejou a nova fábrica da Manufatura de Brinquedos Estrela S. A., a qual ocupa hoje uma área construída de 24.000 m², ou seja, três blocos de três pavimentos, formando com o prédio de administração um conjunto de 30.000 m².

A execução da grandiosa obra arquitetônica esteve a cargo da *Luz-Ar Ltda*. Tudo no novo edifício representa o que de mais avançado existe na arquitetura funcional moderna. Os operários trabalham num ambiente saudável, cheio de luz e com boa ventilação.

Na ligeira sinopse que acabamos de fazer, procuramos traçar o histórico de um grandioso empreendimento industrial, onde a capacidade da gente paulista foi, mais uma vez, demonstrada.

Com o empreendimento da Manufatura de Brinquedos Estrela S. A., lucrou não sólamente São Paulo, mas, especialmente, o Brasil.

As crianças do Brasil hoje acolhem os brinquedos "Estrela" com grande alegria, gracas ao magnífico acabamento e originalidade dos mesmos. E mais, as próprias casas especializadas em brinquedos que até há bem pouco tempo não davam o devido relevo ao produto nacional, hoje são as primeiras a proclamar a excelência dos produtos Estrela. Hoje, os brinquedos "Estrela" não são disputados sólamente por ocasião das festas natalinas. Por ocasião de qualquer efemeride, num aniversário, num prêmio escolar, por ocasião das festas religiosas e por ocasião das comunhões, ganhar brinquedos da "Estrela" tornou-se um hábito na vida das crianças desta grande terra brasileira.

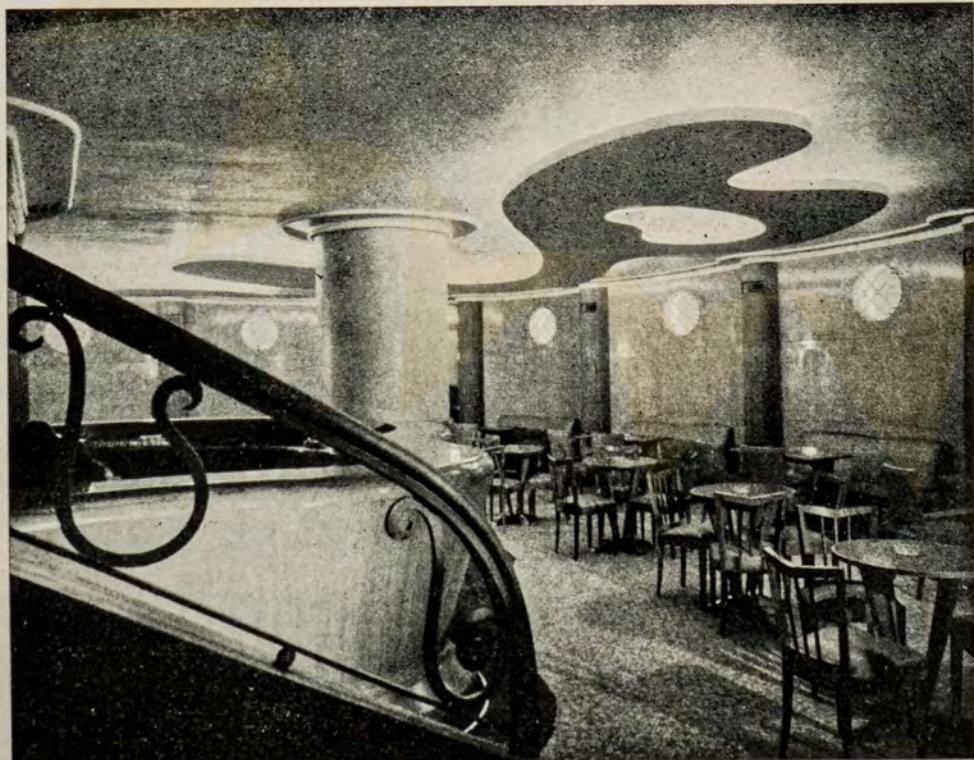
E, uma vez removidas as barreiras que muitos países sul-americanos erigiram contra a entrada de artigos importados, a "Estrela" voltará a exportar suas Bonecas e seus Brinquedos, como já o têm feito anos atrás.

O prestígio da sua marca e a excelência dos seus produtos são a garantia de que os produtos "Estrela" triunfarão também fora das fronteiras pátrias. E com isto, mais uma vez, em mais um setor de sua vida, o Brasil procura sustentar o invejável lugar que conquistou no concerto das nações civilizadas.



Decoração de um Restaurante

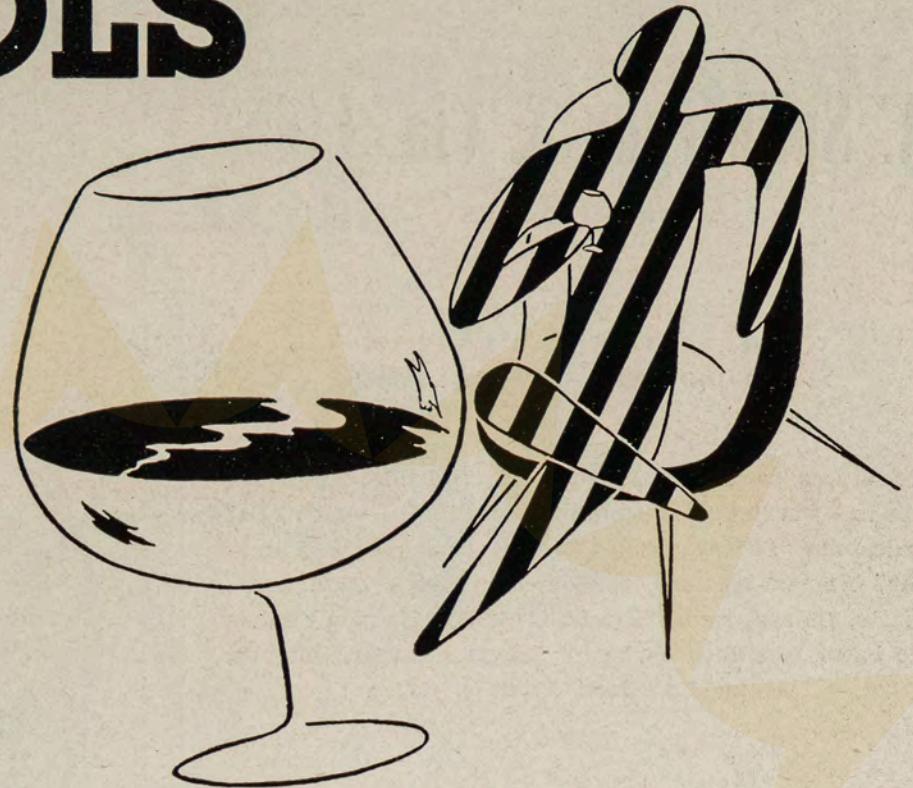
Nova realização de Moveis Teperman



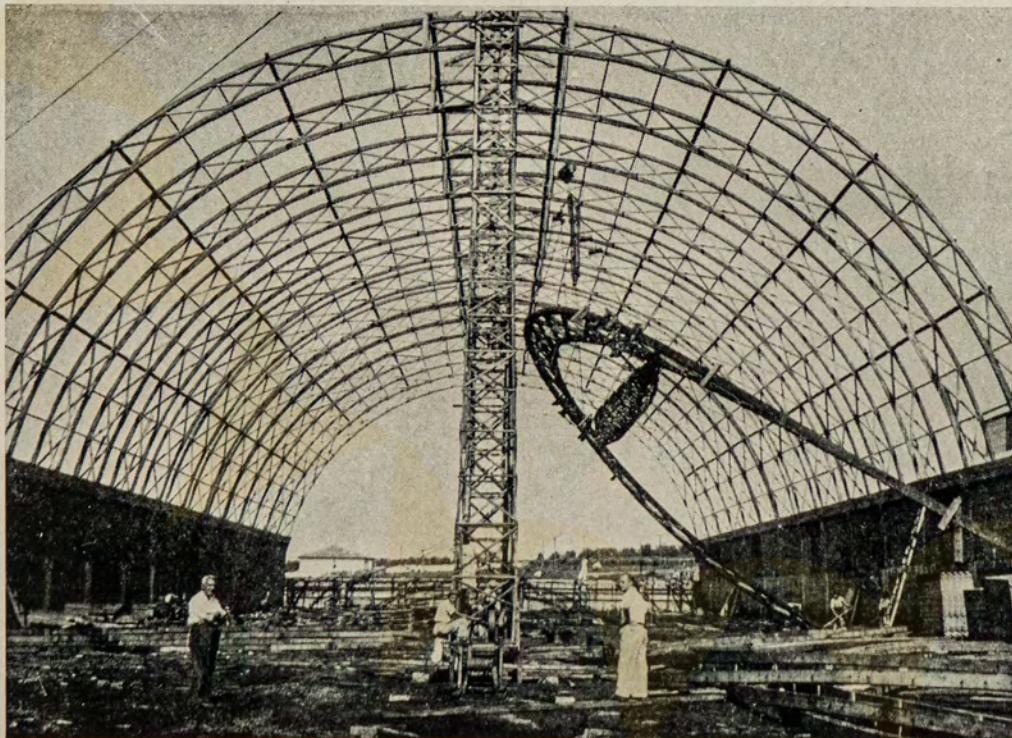
A arte decorativa, nestes últimos anos, deixou de ser um assunto eminentemente acadêmico para se tornar um ponto de acentuada importância. Deixou a arte decorativa de ser um assunto de interesse de poucos privilegiados, para ser de todos os amantes do belo.

Tanto isto é verdade, que os mais renomados artistas decoradores tiveram que se render: hoje estão a serviço não sómente de uns poucos possuidores de fortunas para emprestar a sua capacidade realizadora àqueles que, também, se mostram desejosos de usufruir das vantagens do belo. E a arte decorativa chegou, hoje, a tal ponto, que os nossos homens de negócios, comerciantes e industriais, não podem prescindir, quando pretendem realizar algo de extraordinário, dos artistas-decoradores e de firmas especializadas neste ramo de atividade. A Capital paulista, que ostenta o título da cidade mais progressista das Américas, deve, em muito, de ter alcançado tão lisongeira posição, às iniciativas particulares. Veja-se, por exemplo, o que uma grande indústria moveleira, a Moveis Teperman, vem realizando. Recentemente, chamados a emprestar a sua capacidade e a sua especialização na decoração de um estabelecimento comercial, destinado ao comércio de bar, confeitaria e restaurante, Moveis Teperman pôde dar sua contribuição para que o referido estabelecimento comercial não fosse uma simples casa de pasto, mas sim um local com um ambiente alegre, artístico e festivo. As fotos mostram como ficou extraordinariamente belo o ambiente decorado por Moveis Teperman no referido estabelecimento comercial, a nova Confeitaria Fasano.

Licores BOLS



famosos desde 1575



S. A. Moinho Santista, Ourinhos

Estruturas em madeira para
telhados industriais

Hangares — Ginasiuns, etc.

Concreto Pré-Moldado

Esquadrias

R. Major Quedinho, 96 - 10.º
Fones - 33-4329 e 36-4920
SÃO PAULO

Escritório e Fábrica
Av. Brasil, 9110, Tel. 30-2066
RIO DE JANEIRO

End. Teleg. TEKNO

SOC. TEKNO Ltda.

A. Spilborghs & Cia. Ltda.

IMPORTADORES

Distribuidores diretos da
S/A TUBOS BRASILIT
S/A INDUSTRIAS VOTORANTIM

Estruturas de madeira, Cobertura "Brasilit", Ferro redondo - Via líquida, Cimento "Votoran", Cal virgem, Cal hidratada "Primal", Tubos Brasilit para esgoto e presão, Chapas isolantes tipo "Celotex" para forro e divisões, Caixas dagua "Brasilit", Cimento branco, Telhas de barro, Manilhas de barro, Estopa mealhar, Chumbo, Antimonio, Zinco, Estanho, Cobre.



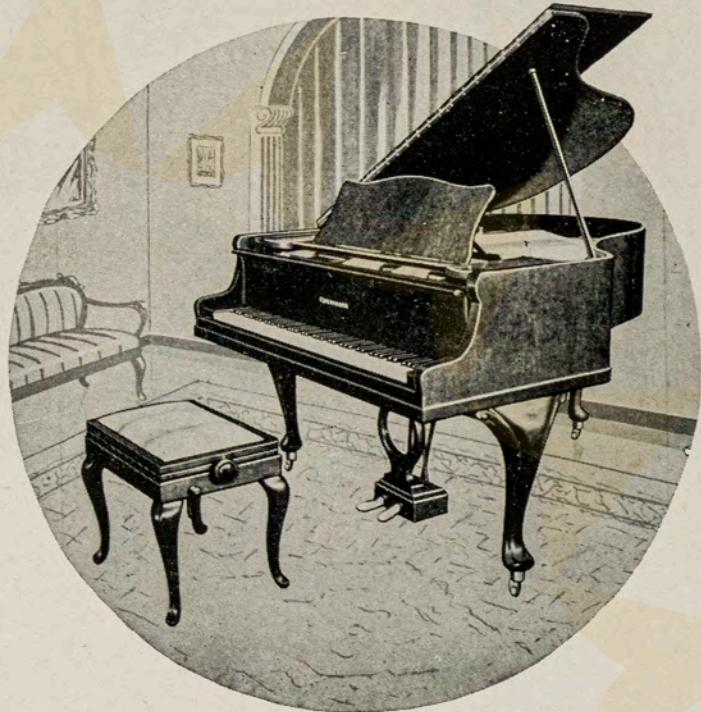
ESCRITÓRIO:

Rua 7 de Abril, 282 - 10.º — Fones: 34-4724 e 34-8849

DEPÓSITO:

Avenida Presidente Wilson, 4609 — São Paulo

Pianos Verticais e de Cauda "ESSENFELDER"



F. ESSENFELDER & CIA.

Curitiba — Paraná

Caixa Postal, 251 — Telefone: 4-5

LANIFÍCIO FILEPPO S. A. fábrica de tecidos belém

rua padre adelino, 685
telefones: 9-2255 e 9-2258 - são paulo

GABARDINES

Tecidos fabricados com as mais finas
qualidades de lã penteada

TROPICAIS

Pela sua textura especial permite uma
perfeita ventilação

APRESENTA:

os melhores tecidos de lã

CAMBRAIAS

Perfeição máxima índice de alta
qualidade

Clássico de absoluta perfeição em azul
preto e marron

K E D L E Y

FILEPPO

LANS EM GERAL

Tingidas com os melhores corantes garan-
tidos em todas as cores

D U M O N D

Acabe com o mau cheiro!



DISPOSALL

(TRITURADOR DE ALIMENTOS)
GENERAL ELECTRIC
A MAIS RECENTE INOVAÇÃO DA
COSINHA AMERICANA

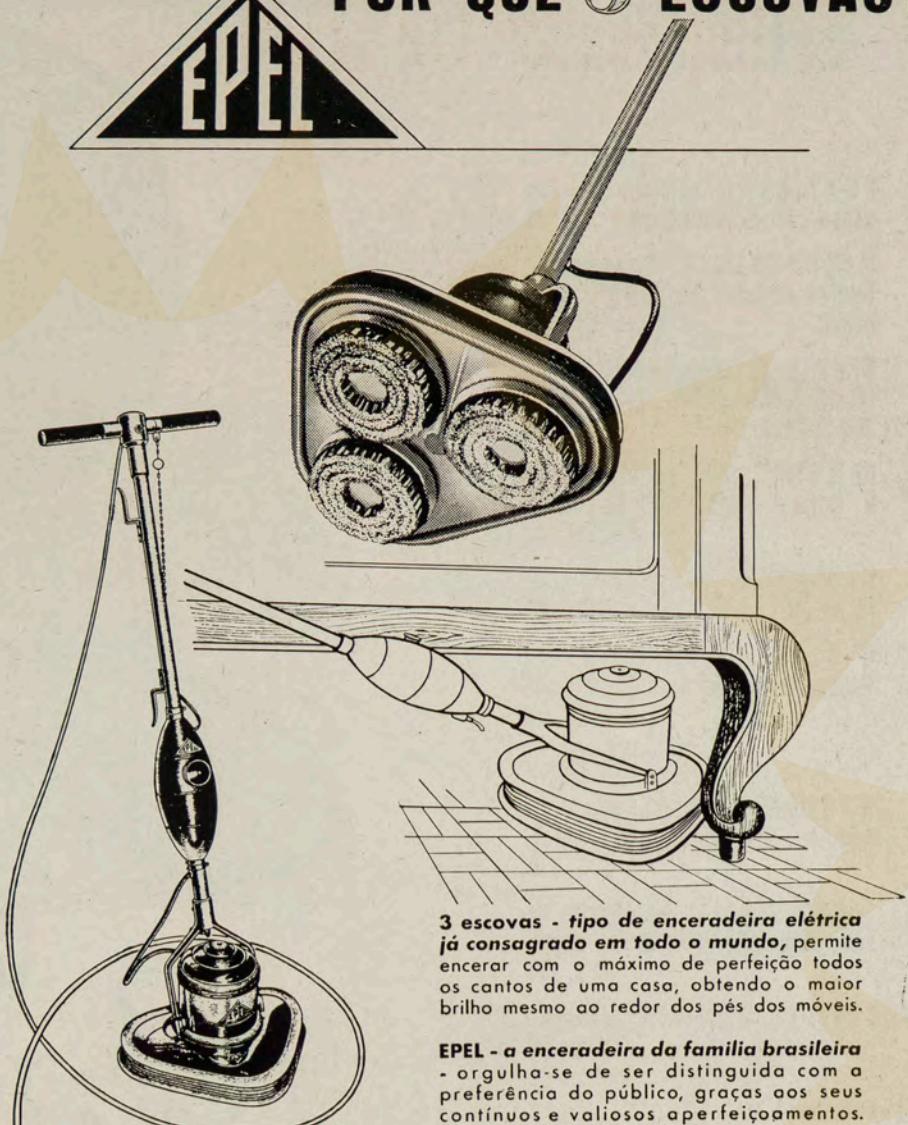
Adatável às pias e ligado diretamente ao esgoto, nele se despejam as sobras e resíduos da cosinha, que são triturados desaparecendo em poucos segundos como por "encanto ou magia".

Dispensa a lata de lixo e consequentemente elimina o mau cheiro.

NATAL ELETRICA LTDA.

R. ANTONIO DE GODOI, 80 - TEL: 35-3377

POR QUE 3 ESCOVAS?



3 escovas - tipo de enceradeira elétrica já consagrado em todo o mundo, permite encerar com o máximo de perfeição todos os cantos de uma casa, obtendo o maior brilho mesmo ao redor dos pés dos móveis.

EPEEL - a enceradeira da família brasileira - orgulha-se de ser distinguida com a preferência do público, graças aos seus contínuos e valiosos aperfeiçoamentos.

CAIXA POSTAL, 1460

EPEEL S/A

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE APARELHOS ELÉTRICOS

SÃO PAULO

FÁBRICA DE LUSTRES

LUSTRES para DECORAÇÃO

Executa-se qualquer serviço sob desenho

CRISTAIIS: Nacionais, da Bohemia, da Argentina, de Murano

ALABASTRO — BRONZE — ARANDELAS
LANTERNAS — PENDENTES p/ dormitórios
GLOBOS — PLAFONNIERES — LAREIRAS

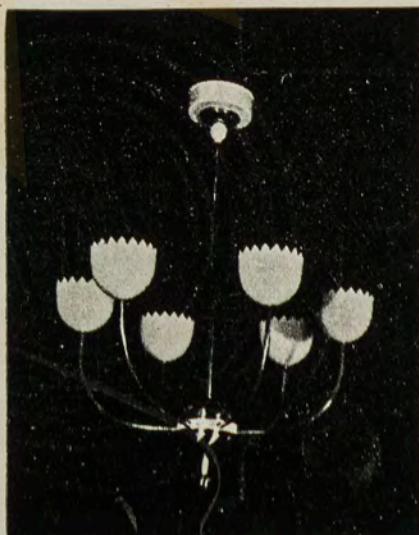
V. RIBEIRO LTDA.

Fabricante — Importador — Exportador

ESCRITÓRIO, EXPOSIÇÃO E FÁBRIKA

R. Galvão Bueno, 30 (Praça da Liberdade) - Fone 34-8597 - S. Paulo

As Segundas e Sextas Feiras a loja permanecerá aberta até às 22 horas



HABITAT
EDITÔRA LTDA.

Distribuidora e editora das
publicações do Museu de Arte

sairam

PORTINARI, catálogo de sua
exposição retrospectiva Cr\$ 15

MASSAGUASSÚ, Paisagens e
figuras pintadas por Roberto Sam-
bonet Cr\$ 80

NEUTRA, Residências/Residences
(português / english), 2.a edição/
2nd edition Cr\$ 40

LE CORBUSIER, Leitura crítica/
A critical review (P. M. Bardini)
Cr\$ 40

VAN GOGH, A Arlesiana (Co-
leção AC) Cr\$ 10

O RETRATO FRANCÊS, do
Renascimento ao Neoclassicismo
Cr\$ 30

no prélo

WARCHAVCHIK, 20 anos de ar-
quitetura brasileira, preço aprox.
Cr\$ 200

LASAR SEGALL, Monografia de
sua obra 1909-1949, preço aprox.
Cr\$ 250

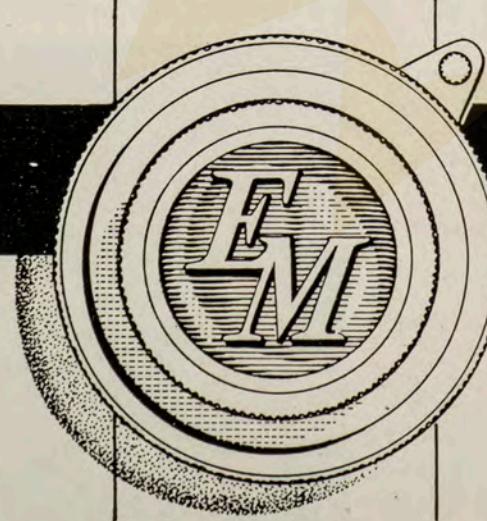
ERNESTO DE FIORI, Monogra-
fia, preço aprox. Cr\$ 150

Pedidos à
HABITAT EDITÔRA LTDA.
Rua 7 de Abril, 230, 8.º andar
Sala 820, Fone 35-2837, São Paulo

ÊTA CAFÉZINHO BOM!



CAFE
Caboclo
COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES



ERNESTO MANDOWSKY

FOTOGRAFO INDUSTRIAL

AV. REBOUÇAS, 1806 -- APT. 1
TELEFONES 8-9368 e 70-5015

ARCHITEKTUR UND WOHNFORM DECORAÇÕES - ARQUITETURA (VOL. 60)

A revista alemã mais importante para o arquiteto progressista

Assinatura anual
(6 números) DM 25. Cr\$ 150.
Número avulso DM 5. Cr\$ 30.

Edições especiais:

HOTEIS - RESTAURANTES - CAFÉS E BARES

303 páginas, 150 ilustrações, encadernação em linho DM 45 Cr\$ 270.

CONSTRUÇÕES DE LOJAS, CASAS COMERCIAIS (Elaboração de interiores e exteriores)

130 páginas, 150 ilustrações, encadernação em linho DM 28 Cr\$ 170.

CAMA E CAMA-TURCA

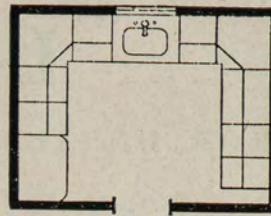
100 páginas, 150 ilustrações, encadernação em linho DM 21,50 Cr\$ 130.

HABITAR HOJE E AMANHÃ

120 páginas, 200 ilustrações e plantas, encadernação em meio-linho DM 12,50 Cr\$ 75.

Pedidos à
HABITAT EDITORA Ltda.,
Rua 7 de Abril, 230, 8.º, s. 820,
fone: 35-2837, São Paulo

tudo conforme



foi idealizado...



...e, agora, sua cozinha responde
cem por cento às exigências do
trabalho, às mais estritas regras de
hygiene, aos modernos princípios de estética
...sim, V. S. precisa de uma

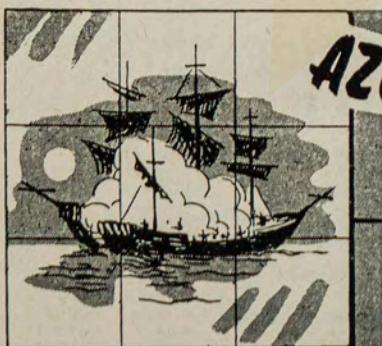
cozinha
planificada

SECURIT

peço mandar um técnico
sem compromisso
para estudar orçamento
da minha cozinha

TECNOGERAL S.A. Rua 24 de Maio, 47, São Paulo
fone: 35-5187 (10 ram.)

NOME _____
RUA _____
FONE _____ BAIRRO _____



AZULEJOS-ARTIGOS SANITARIOS

Copas e Cosinhas Americanas — Exaustores

A.W. KAUFFMANN

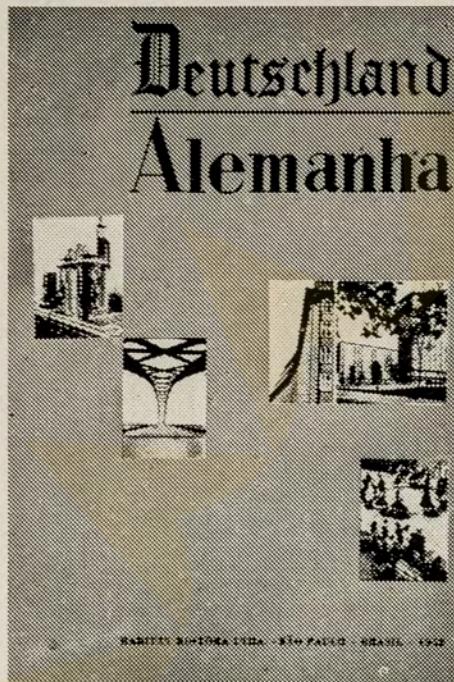


RUA GENERAL COUTO DE MAGALHÃES, 139
Endereço Telegráfico: ARKA — Telefones: 34-5524 - 34-3767

LIVRARIA NOBEL

LIVROS DE ARTE E ARQUITETURA • LIVROS PARA CRIANÇAS

RUA DA CONSOLAÇÃO, 49, (EM FRENTE À BIBLIOTECA MUNICIPAL), TEL.: 35-5612, SÃO PAULO



A ultima edição da
Habitat Editora Ltda.

Formato 23x32 cm., com 224 pags.
em papel couché grosso, com mais
de 200 ilustrações, encadernado,
apresentação de luxo

A Alemanha atual — Política —
Arte — Cultura — Viagens —
Indústria — Comércio, etc.

Preço Cr\$ 125,00

À venda em todas as livrarias
ou na Editôra, à rua 7 de Abril,
230 - 8º and. - sala 820 -
fone 35-2837 - São Paulo

Esta é a minha experiência

1. Meu marido acordava todos os dias antes da hora e cansado...
2. Nem mesmo conversava mais comigo e sua fisionomia denotava indisposição e fadiga...
3. Eis que me ocorreu uma idéia - comprar um Colchão de Molas Lancellotti...
4. Horas depois, chegava à nossa casa o Colchão de Molas Lancellotti...
5. Desde então, dormir tornou-se um prazer e meu marido é sempre o último a sair da cama...
6. E agora, vivemos felizes

COLCHÃO DE MOLAS
Lancellotti
"o seu sonho de todas as noites"
Exposição e vendas:
Rua do Arouche, 84 - Fones: 34-9380 e 36-1641
Rua da Consolação, 630 - Fone: 34-7372 - S. Paulo

C. PUGLIESE & CIA. LTDÁ. FABRICA DE LADRILHOS

Decorações internas e externas em gesso e cimento — Tanques e Caixas d'Água em cimento armado — Mosaicos — Granitina e Terrazzo — Azulejos e Artigos sanitários

Rua Tabor, 123 (Ipiranga), Fone, 3-0481; S. PAULO

Luz dirigida...

Além de altamente funcionais,

os refletores *Pacific* recomendam-se nas

modernas construções pela beleza e distinção que emprestam ao ambiente, assegurando perfeito equilíbrio entre luz e sombra

refletores



6363

ESCRITÓRIO: Rua Quirino de Andrade, 219
5º andar - Conj. 52 - Telefone: 33-5443
FÁBRICA: Rua Niterói, 23 - Telefone: 35-2926

Nas melhores casas do ramo

a sair próximamente
(em língua francesa)

6000 DOCUMENTOS DE ARQUITETURA

Classificados e catalogados de 1946 a 1952

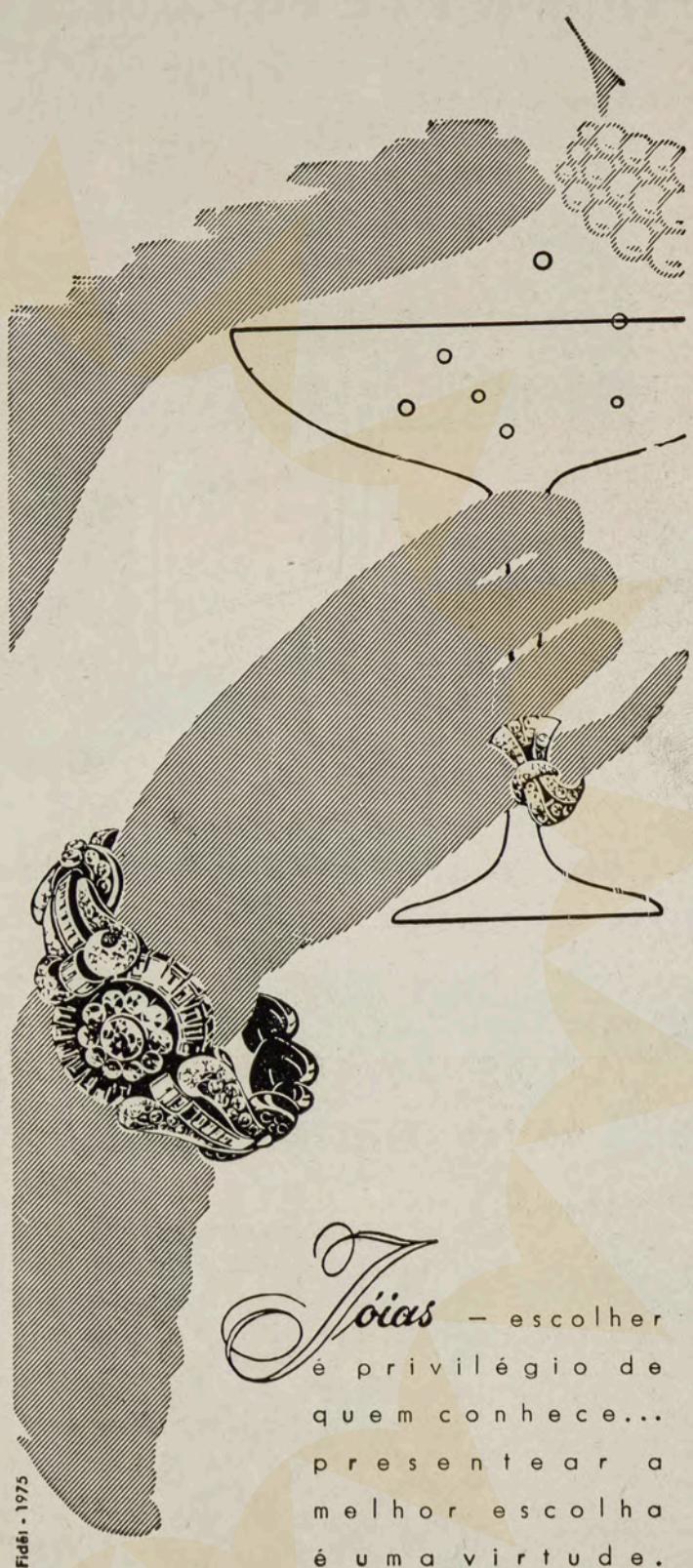
O FICHÁRIO DO ARQUITETO

Assuntos tratados:

Acústica - Aeroportos - Cinemas - Construções industriais - Construções rurais - Edificações administrativas - Escolas - Estações de Estrada de ferro - Estádios e piscinas - Estações de rádio e televisão - Exposições - Garagens - Hospitais - Hotéis - Igrejas - Laboratórios - Lojas - Museus - Prédios de escritórios - P. T. T. - Quartéis e edificações militares - Salas de espetáculos - Teatros, etc.

Subscrições e todas as informações:

INDEX-TECHNIQUE, Case Champel, GENÈVE (Suíça)
Centro Internacional de Documentação e Arquitetura



CASA BENTO LOEB

Servindo a Sociedade Paulista desde 1891

Rua 15 de Novembro, 331 - Fone: 32-1167 - São Paulo

oooooooooooooooooooooooooooo

FOGÃO a querozene gaseificado da famosa marca PHILIPS

Não produz cheiro

Não produz fumaça

Não exige pressão



TODOS MELHORAMENTOS

PRONTA ENTREGA



Revendedores Autorizados:

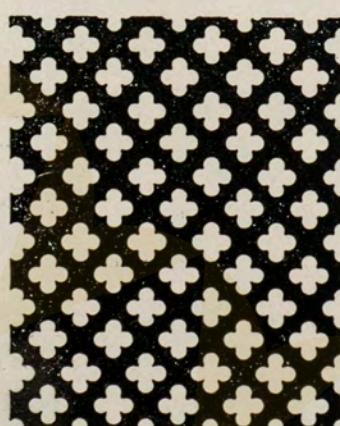
Com. e Imp. NORHER Ltda.

R. Cons. Furtado, 812/828 - esq. Rua da Glória - Fones: 33-1029 e 36-9540 - S. Paulo

PROJÉTOS
HIDRÁULICOS
ELETRICIDADE
AR CONDICIONADO

ESCRITÓRIO TÉCNICO
HENRIQUE G. ZWILLING
PR. DOM JOSÉ GASPAR, 30 209
TELEFONE 36-0673 SÃO PAULO

CHAPAS PERFORADAS PARA FINS ORNAMENTAIS



PERFURADORA DE METAIS Ltda.

R. LÍBERO BADARÓ, 306 - 5º - s/4

Telefone 32-6639

End. Teleg. "PERFURAMETAL"

SÃO PAULO

MADEIRIT

Madeira compensada á prova d'água

LAMBRIS - FORMAS PARA CONCRETO ARMADO - MADEIRA COMPENSADA REVESTIDA DE PLÁSTICO - TELHAS MADEIRIT

INDÚSTRIAS MADEIRIT LTDA.

São Paulo

Escritório

Rua Xavier de Toledo, 264 - Sala 102

Telefone: 36-7020

Loja
Rua do Gazometro, 560

LUSTRES, ARANDELAS e LANTERNAS
DE CRISTAL DA BOHEMIA,
ESPELHOS VENEZIANOS E ADORNOS
DE CRISTAL EM GERAL DAS
MELHORES PROCEDÊNCIAS EUROpéIAS



Vista da nossa loja

GALERIA LANGER

DE M. M. Langer

RUA CONSOLAÇÃO, 2353 — SÃO PAULO



Oficina
de Costura

Oficina de
Estofamento

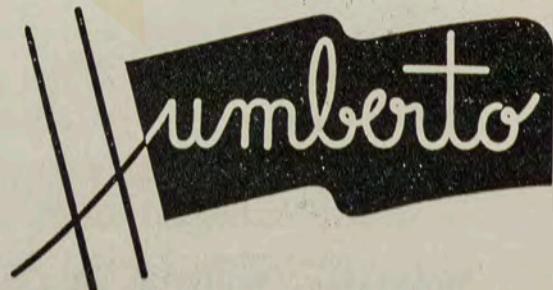


AGORA NAS NOVAS INSTALAÇÕES
COM OFICINAS PRÓPRIAS
TAPETAMENTO POR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS



SORTIMENTO
DE TECIDOS
DE FINO GOSTO

DECORAÇÕES



RUA BARATA RIBEIRO, 247
(Praça Santos Dumont, paralela à Av. Nove de Julho)
FONE 36-2494 — SÃO PAULO

LUSTRES proporcionam



BELEZA

CONFORTO

DISTINÇÃO

Fabrica Metalurgica de Lustres Ltda.

Rua Pelotas, 141 - Tels. 70-4046 e 70-4053

SÃO PAULO

para fachadas, pisos e paredes



**Indústria Paulista de Porcelanas
ARGILEX S.A.**

Rua Nestor Pestana, 47; Fone, 34-8043
SÃO PAULO



não devem faltar os aparelhos sanitários

SOUZA NOSCHESE



Nossos aparelhos sanitários são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos.

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES

Em nossa loja:

Rua Marconi, 28 - Tel. 4-8876 - São Paulo

**SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS
SOUZA NOSCHESE**

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 9-1164 - C. Postal 920

Filiais: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 Santos

REPRESENTANTES:

V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 - RIO DE JANEIRO

ALBERTO NIGRO & CIA. - Rua Dr. Muricy, 419 - CURITIBA



LINDAS CORES



DURABILIDADE



LINHAS PERFEITAS

A FAMA

Para todo Brasil

**VIDROS PARA
VIDRAÇAS E
ESPELHOS**



**VIDRASIL
S. A.**

Al. Barão de Limeira, 1144 - 1152 - 1158
Telefone 52-7568 — São Paulo

Sociedade de
Instalações Técnicas Ltd.
"SIT-LTD."



INSTALAÇÕES ELÉTRICAS, HIDRAULICAS
E MECÂNICAS EM EDIFÍCIOS, RESIDÊNCIAS,
ESCOLAS, FABRICAS E HOSPI-
TAIS — USINAS HIDRO-ELÉTRICAS, LI-
NHAS DE TRANSMISSÃO, SUB-ESTAÇÕES.

PRAÇA DA SÉ, 371 — 5.º ANDAR
SALAS 503/6 — FONE: 33-2097

BELO HORIZONTE

SÃO PAULO

RIO

CARVALHO MEIRA S/A

COMERCIAL E INDUSTRIAL

ARTIGOS SANITÁRIOS
FERRAGENS FINAS

A FONTE

A Fechadura que Fecha e Dura

ESC. E LOJA, RUA LÍBERO BADARÓ, 605
FONE: 33-3197 ; C. POSTAL, 201
END. TELEGRÁFICO - "RODOL"
SÃO PAULO - BRASIL

DR. L. VIDAL REIS

Das Universidades de Madrid e Rio de Janeiro

GARGANTA — NARIZ — OVIDOS

Consultório: Rua Barão de Itapetininga, 120,

5.º Andar, Sala 501-503; telefone 34-4299

Residência: telefone 52-4992, SÃO PAULO

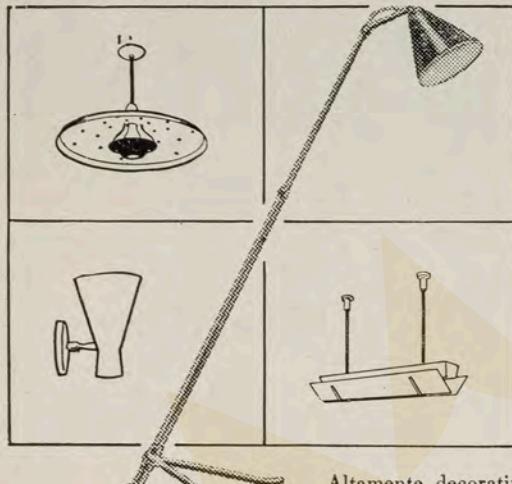
W A R C H A V C H I K

arquiteto

projéto s e construções

escritório: 120, barão de itapetininga, fone 34-7502; s. paulo

a beleza do detalhe



refletores
Pacific

na
harmonia
do
conjunto

Altamente decorativos, os refletores *Pacific* — na parede, no teto ou sobre um móvel — emprestam ao ambiente uma beleza e uma distinção que o tornam mais estético e atraente. Apresentado em diversos modelos e tamanhos, e nas mais lindas e variadas cores, *Pacific* é complemento indispensável na decoração do lar e do escritório. Consulte-nos para resolver o seu problema de iluminação.

À VENDA NAS MELHORES CASAS DO RAMO

SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E REPRESENTAÇÕES

ASSUMPÇÃO LTDA.

Escrifório: Rua Quirino de Andrade 219 - 5.º and. - Conj. 52 - Fone: 33-5443

Fábrica: Rua Niterói, 23 - Fone: 35-2926

PAINéis - DESENHOS E LETREIROS COM PASTILHAS



"dema"

DECORAÇÃO ESPECIAL COM MOSAICOS APLICADOS

RUA DA CONSOLAÇÃO, 1365 - TELEFONES: 35-6071 e 35-0426 - SÃO PAULO

CONJUNTOS DE BANHOS COLORIDOS

DE LOUÇA VITRIFICADA ALEMÃ

KERAMAG



KERAVIT

CÔRES
EXCLUSIVAS

MODELOS
EXCLUSIVOS



NOVA REMESSA RECENTE CHEGADA DA ALEMANHA

OKUSA INTERNATIONAL CORPORATION

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL E DISTRIBUIDORES

„SANITÉCNICA“ S/A

EXPOSIÇÃO E VENDAS:

RUA QUIRINO DE ANDRADE, 217
EM FRENTE A BIBLIOTECA MUNICIPAL



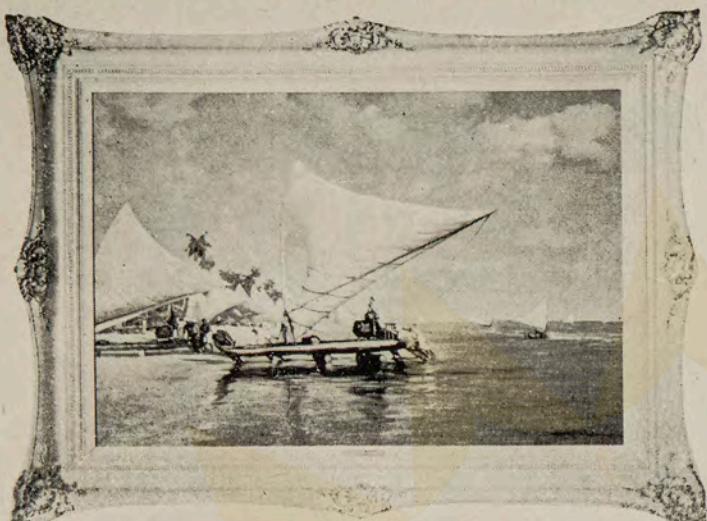
SÃO PAULO

FONE, 36-3620



BRASIL

VISITEM A
MAIS FINA EXPOSIÇÃO DE PINTURA EM SÃO PAULO



"VOLTA DOS JANGADEIROS", do consagrado Carol Kossak

Galeria 7 de Abril

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DOS MAIS DESTACADOS MESTRES DA
ARTE PLÁSTICA CONTEMPORÂNEA

IRMÃOS UNTERMAN
(ORGANIZADORES)

Agora em suas novas instalações á
AVENIDA ANGÉLICA, 548 - TEL. 52-3948
(Entrada Franca)

CERAMICAS

Marty Pole

RUA JOSÉ MARIA LISBOA, 177 - S. PAULO



EXECUÇÃO DE TRABALHOS PARA DECORADORES E ARQUITETOS

PATENTES MUNDIAIS

estudos
e sugestões
para quaisquer
acabamentos.

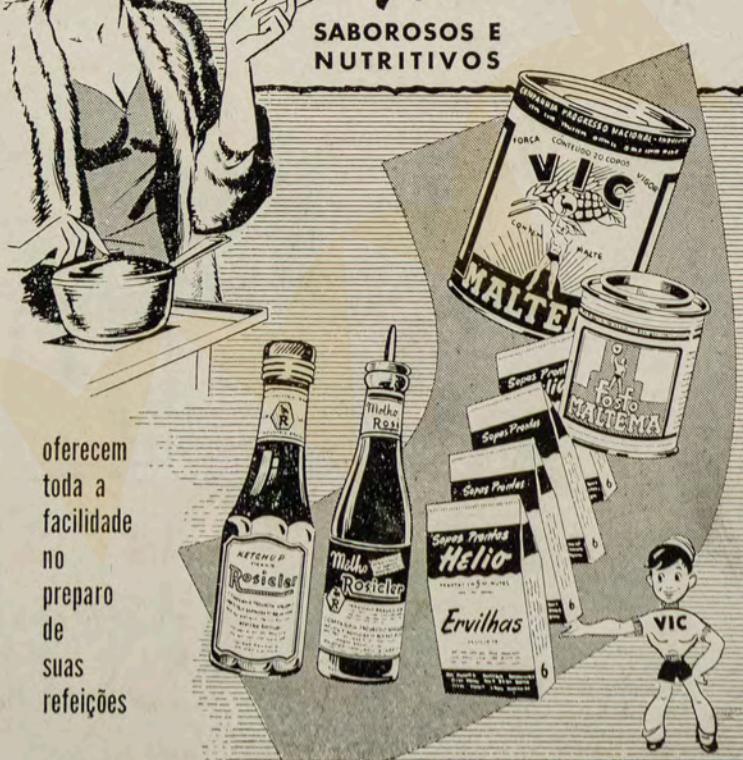
SOCIEDADE INDUSTRIAL
"SILPA" LTDA.
BELA CINTRA, 71 — 36-5998
SÃO PAULO — BRASIL

LETREIROS DESARMÁVEIS

FUNCIONAIS • DURÁVEIS • MODERNOS

Produtos
MALTEMA
ROSIGLER

SABOROSOS E
NUTRITIVOS



PRODUTOS DA CIA. PROGRESSO NACIONAL

RUA JOSÉ PAULINO, 717 - TEL. 51-7277 - S. PAULO

CARLOS BARJAS MILLAN
CHEN Y. S. HWA
JACOB MAURICIO RUCHTI
MIGUEL FORTE
PLINIO CROCE
ROBERTO CLAUDIO AFLALO

a r q u i t e t o s

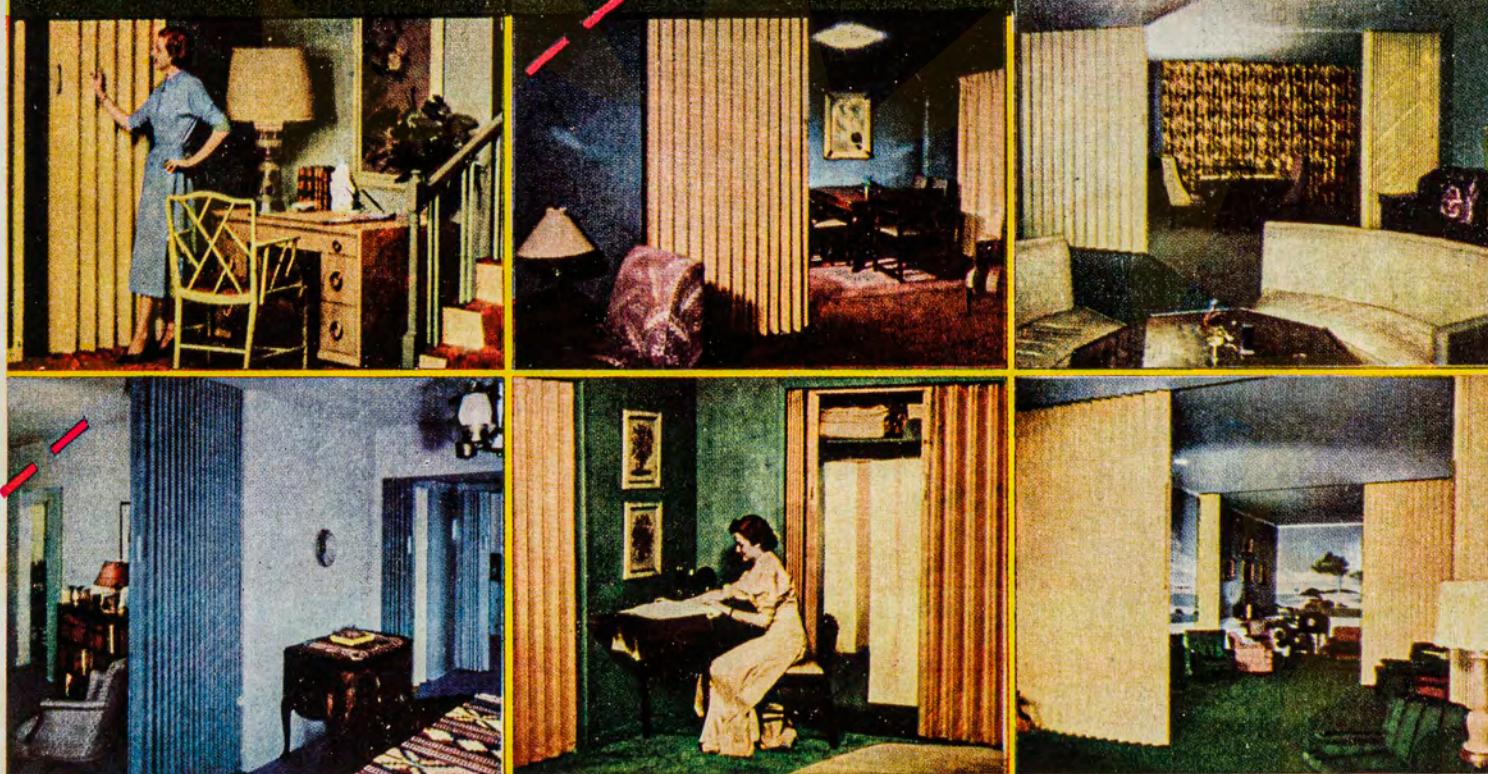
participam a inauguração de sua loja



decorações e artesanato ltda
rua vieira de carvalho, 99

o que é

modernfold



É porta... é cortina... é parede! Feito sob medida, para cada caso, é de metal especial, revestido de Vulkouro plástico, anti-rugoso, inquebrável, lavável. Fixo, lateralmente, corre sobre trilhos apenas pela parte superior, sem contato com o soalho. Funcionando como sanfona, **Modernfold** se estende e se encolhe, parando onde V. quiser.

Em 8 cores diferentes, **Modernfold** pode ser fornecido também em duas cores, uma para cada lado.

o que faz

Separa... Divide... Fecha... Soluciona prontamente qualquer problema de espaço, aproveitando-o muito mais. Substitui com vantagem a porta comum, a parede «morta», a cortina «indiscreta»! Aumenta o número de compartimentos, transformando uma dependência em várias!

MODERNFOLD é ideal - no lar - nos recintos comerciais - nas fábricas e indústrias e nas instituições públicas! Para ter uma idéia mais completa do que é e do que faz MODERNFOLD, solicite a presença de nosso técnico, telefonando-nos ou visitando-nos, sem compromisso!

Peça folheto explicativo

Distribuidores:

INDUSTRIAL MECÂNICA

NOVITAS

LTD.A.

Rua da Consolação, 335 — Tels. 35-6885 e 35-1494 — São Paulo

FECHADURAS E FERRAGENS PARA CONSTRUÇÕES

Molas em
aço inoxidável
"Johnson".

Lingueta de bronze
macizo.



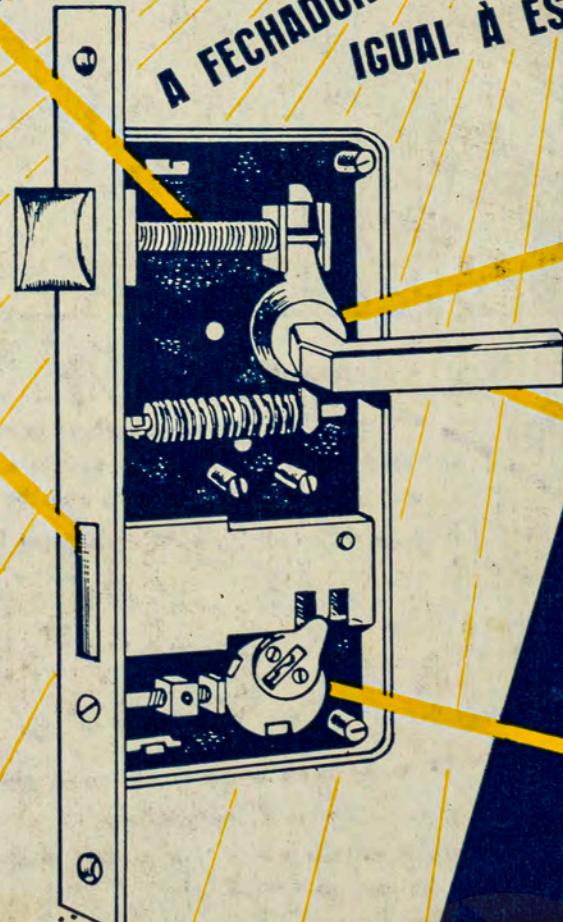
SÍMBOLO DE GARANTIA E SEGURANÇA

A FECHADURA BRASILEIRA
IGUAL À ESTRANGEIRA

Cubo de bronze
fundido.

Maçaneta de latão
fundido.

Segurança na ponta-
cilindro inteiro furado
em forma de "S".



METALURGICA SÃO NICOLAU LTDA.

Fábrica: Rua Silveira da Mota, 1

Fone: 33-1429

Exposição: Av. Ipiranga, 313, 1.º, conj. 10

Fone: 35-8910

SÃO PAULO